

A ÁGUA

Órgão da RENASCENÇA PORTUGUESA

Vol. XIV — 2.^a série

(Julho a Dezembro de 1918)



TIPOGRAFIA DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO — 1918



VI-32,9,27

A ÁGUIA

LITTERATURA

FIALHO D'ALMEIDA

MARÇO — 1903.



FIALHO não é este janota de palio rico, com uma joia tão grande que parece falsa na gravata de veludo. Fialho era outro estranho tipo, intratavel e pobre, com o pêlo ralo e a bocca enorme cheia de sarcasmo. Um principe de gabinardo, que fazia cahir as peças do alto do galinheiro, a um gesto seu irrespeitoso. Seguiu-o a malta atonita de matulas suspeitos e jornalistas de occasião, que deslumbrou de sonho e atascou em sonho. — Fialho! Fialho!... — Esses aplaudiram-no e amaram-no... Esquecidos do frio e da pobreza, não despregavam os olhos d'aquelle sonho desconforme. — Fialho! Fialho!... — Depois sumia-se n'um terceiro andar, ou procurava os pobres que não pedem: só a mão sae da noite e implora. Havia uma velha — nunca mais me esquece — alli á porta do Monte Pio, que fazia parte do muro alto e espesso, e a quem elle, ao dar-lhe esmola, lhe atagava a cabeça... Depois, amargo, feroz, insuportavel, eil-o tornava com sarcasmos, transtornando as figuras decorativas cheias de veneras, que á sua voz desatavam ás cambalhotas como palhaços. Vi-o exasperado, vi-o atordoado de phrases, como quem quer fugir ao proprio fantasma. Vi-o mergulhar n'uma absorpção dolorosa, e desaparecer na noite em correrias que duravam até de manhã pelos bairros escusos ou pelas azinhagas de crime, n'um debate perpetuo de que sahia livido, exaustto, e com a mascara transtornada. Este que fala do seu vinho: — Livros?... O que eu trato de editar é um vinhinho branco lá de Cuba... — este, que vem, de quando em quando, a Lisboa deslumbrar-nos com um novo e horrivel fato, é outro Fialho, que talvez tenha saudades d'essa vida absurda de outros tempos...

Fialho! Fialho!... Pronuncio este nome e diante de mim desfila o assombro, pamphletos, a obscenidade e o genio — farrapos arran-

cados a ferro e tão vivos que mal ousou tocar-lhes — o estoiro d'uma bexiga d'entrudo — ironia e esgares. E logo gritos! e agora gritos!... Ouço a dor, sinto a dor, sinto-a sempre atravez da forma imprevisita, d'uma audacia e d'um ritmo incomparavel, escorrendo sonho, aflicção, miseria, sinto-a até nos impetos de máu gosto, nos pontapés aos leitores surprehendidos e irritados. Está aqui diante de mim aquella bocca enorme, aquella figura de gabinardo e chapéu molle que nas noites de tristeza e abandono me dizia: — O que eu sofri! o que eu sofri!... — Vejo-o sempre invejar o barqueiro louro e sardento, de que fala nos *Gatos*, bello como um ephebo á prôa do seu barco. — Como eu queria ter saude e ser forte! — Deu-lhe Deus o mais rico quinhão que imaginar se pode, a lingua incomparavel para exprimir a chimera e a dor, e esse macaco sem fé, esbanjou-a com o mais absoluto impudor: serviu-lhe para a chacota. Transtornou tudo, engrandeceu tudo, riu-se de tudo. As descripções perderam a proporção, as figuras a realidade, transformadas em figuras de dor ou de grotesco; a propria cidade resurgiu a uma tinta livida de antemanhã, com a casaria a escorrer vicio e aspectos tetricos... É isto sim, mas isto creou-o elle de pobreza e desespero, creou-o de gritos que nunca ninguem lhe ouviu. — É maior! ficou maior! A sua obra só tem outra que se lhe compare, a de Camillo. Exigem-lhe um livro harmonico. — *Os cavadores*. Porque é que toda a gente reclama dos outros aquillo de que elles são incapazes? A obra de Fialho não podia ser senão esta, aos arrancos e enorme. Fialho via os pormenores atravez d'uma lente, e deturpava tudo, deformava tudo, dando genio á propria obscenidade. Nunca conheceu Barjona, nunca viu Barjona, e, com duas ou tres aneddotas, creou uma figura com um relevo que falta ao mediocre Barjona da realidade. Precizou sempre de se exagerar para se encontrar. Sacrificou o seu melhor amigo a um dito, é certo, mas começou por se sacrificar a si proprio. Foi sempre o primeiro a sofrer. Houve tempo em que alguem o definiu em doente com inveja das doenças dos outros... Desatou então a gargalhar com lagrimas nos olhos. Perdeu o pé. Arrancou as azas disformes ao Sonho e rojou-as com maldade no enxurro. — Encharcou-as de lama e empouou-as de estrellas... O vestido ficou mas era o d'um espectro... Não nos podemos medir todos pela mesma craveira. Fialho tem de tudo na alma: a casa de hospedes, a existencia reles d'estudante, a pobreza, as mil saburras, os pequenos nada que gastam, desgastam e transformam, e uma alma vibratil, um feixe de nervos (capaz de tempestades que se domam com uma palavra) ligado a uma enchente de sonho e a um orgulho doentio, como os que sentem dentro de si,

e o suportam, um mundo desconhecido e nunca dantes navegado. Fialho se o virassem, do avêso, escorria ternura... É também um tímido capaz de todas as audacias, e que sae da doença e do isolamento com desespero e escarneo. Esta figura tão conhecida de todos nós, não é a exacta expressão da sua alma. Ainda hoje ninguém se entende...

Silva Telles, por exemplo, conheceu um estudantinho aplicado e mediocre, que se chamava José Valentim Fialho d'Almeida; ha ainda talvez quem se recorde d'um moço de botica reservado e triste; e, o que é mais extraordinario, de outro Fialho respeitoso, que não podia suportar o exagero alheio, e d'outro, noctambulo e feroz, com risadas estridulas de sarcasmo — e de outro, de outro maior, de outro espectro, que vem aqui sentar-se a meu lado na sua tragica mudez. No fundo talvez tudo aquillo fosse dor. No fundo, bem no fundo, quando irrompia n'uma phrase cruel, não era aos outros que dilacerava, era a si proprio que se dilacerava, e tão a serio que todos o viamos sangrar. Reparem: pouco a pouco a figura range de dor. Arfa atravez da sua obra. É o filho do professor d'instrucção primaria, d'aquelle homem severo, de quem dizia baixinho: — O meu pae foi duro! o meu pae foi tão duro! Era um homem sem ternura... — É o praticante de botica alheado e transido, o neto deformado de cavadores, que inveja a sociedade distante, e que só aos impetos se atreve a encher-a de sarcasmos. Que inveja o grande escriptor, o desgraçado Fialho, o homem de genio que passou a vida a fazer chacota das veneras, das academias, das elegancias, dos grotescos cobertos de patacos — que lhe faziam falta? Tanta tinta, tanto desespero calcado e recalcado, tanta contradição e pobreza, e uma lucta de noites e noites de que sae amarfanhado — e com paginas soberbas! Mas tu não vês que no dia em que te roçares por elles estás perdido, como no dia em que a cobra perde o veneno? Vae-se-te o melhor do teu genio... — Não, eu rio-me, eu soffro... — Tantas paginas bellas! — Se soubesses como isso se paga! — Então explica-te... — Não posso, não sei. Até dos idolos postiços que deito abaixo me ficam saudades... Nem eu proprio sei o que quero. — Pobre Camillo, que estoirou a cabeça de desespero, pobre Anthero, exilado e em debate com uma sombra com que não podia arcar; pobre Fialho, pobre cavador de genio, em perpetua discussão com os seus mortos, em lucta consigo e com os outros e no fundo um reverente — foi-o sempre — sahindo em farrapos d'este inferno a que se chama vida!...

Da sua existencia oculta faz parte uma figura de dor calcada e recalcada, sobre a qual outra se encarnaça com desespero. Talvez

seja a verdadeira... Contentemo-nos em fixar duas ou tres apparencias, apontando n'este canhenho algumas anedotas frivolas... Se elle podesse gritar gritava ainda. D'essa figura contraditoria restam farrapos—mas que farrapos! d'essa lucta suprema existem vestigios, que nunca encarei sem espanto... Vi-o algumas vezes ao amanhecer, n'um 3.^o andar do Arco da Bandeira, quando elle cahia exausto sobre a banca de tortura, á luz d'um candieiro de petroleo, com um frasco d'alcool ao lado e o cobertor enrodilhado nos pés. A mascara livida estava de todo mudada. Era outro! era outro! Surprehendido em noites, nos giros sem destino pela Graça, pela Penha, pelo Monte—quando o seu dedo apontava boqueirões de treva, tropeis de casaria, sitios ermos onde duas ou tres oliveiras torcidas se ajuntam para contorcer um crime, ou, peor ainda, nas horas de amargo descalabro, em que, dorido e sem phrases, procurava fugir de si proprio para muito longe. Não queria então que ninguem o seguisse nas caminhadas que duravam até ao dia—elle e a dor, elle e a noite! Amigos, silencio...

—O que eu soffri!—dizia elle.—Tiveram-me preso oito annos n'uma botica alli na Bemposta, ao pé da Escola do Exercito, na idade em que queria viver. Estragaram-me a vida, encheram-me de desespero. Quando me soltaram não imagina a minha alegria! Podia ter sido outro... Ter saude, ser forte!... O que eu soffri! D'uma vez, no *Reporter*, o Martins mandou-me escrever um artigo sobre uma kermesse de fidalgas. Fui e fiz uma troça, e elle rasgou-me os linguadros na cara. Para me vingarem, tirando um bocado ás noites, escrevi um artigo formidavel para publicar em folheto. Era na occasião em que essas peidorreiras arranjavam um bazar para os pobres, que rendeu oitocentos mil reis. Ora eu descobri por acaso um gallego, que se juntava com outros e tiravam todas as semanas meio dia de ganho, para irem ao domingo ao hospital dar cigarros aos doentes, penteal-os, cortar-lhes as unhas, untar-lhes a cabeça com banha de porco. É um velho, de barba de passa piolho, que está sempre no largo de Camões. Homem de poucas falas. Tratou-me mal. Tive prompto o folheto em que comparava essas mulheres, cheias de snobismo, com adulterios e infamias, com esse santo desconhecido... Imagine... Perdi o artigo.

E depois, falando da mulher Oliveira Martins:

—Não era a mulher que convinha áquelle homem. E elle subordinava-se-lhe. Foi ella que o fez confessar á hora da morte. Contou-me o Sousa Martins que a sacudira de ao pé de si ao morrer...

Fala do livro *A Cloaca*, um d'estes livros que se sônham e nunca se chegam a escrever:

O primeiro capitulo está feito: é uma festa da alta sociedade no claustro da Batalha... Aproveito a epoca do Burnay e do marquez da Foz, a lucta da finança, quando o Foz tinha palacios e o Moser carro a duas parelhas. Deram-se festas esplendidas... Tenho as figuras todas, homens de negocio e jornalistas, o Mariano e o Navarro... Um dia alugam um comboio especial e vão dar uma festa no claustro da Batalha. É uma ceia formidavel, com mulheres da grande roda, politicos, literatos, e, dentro do claustro, entre a grandeza e a severidade d'aquellas pedras, caem de bebados e mijam pelos cantos, nos tumulos. O principe tambem lá está, com o conde de Maricas—fedes: no fim do banquete, á sahida, a babar-se, escreve nas paredes monúmentaes esta palavra obscena: p... Os outros riem-se, as mulheres aplaudem. Fora a multidão apupa. Outro capitulo ha de ser a noite em que os jornaes apregoaram em suplemento o escandalo Foz e a sua prisão:—Foi n'essas horas—dizia a marqueza—que os cabellos se me puzeram brancos da noite para o dia.

*

Nunca terminou outro livro *A Quebra*, que chegou a trezentas paginas impressas, no editor Costa Santos. Tinha capitulos admiraveis. Acabou por o inutilisar:—A minha dificuldade é a falta de proporções. Perco-me n'um incidente, e quando mal me percato estou em quatrocentas paginas.—Sei tambem que escreveu alguns capitulos d'*Os Cavadores*. Talvez *Os Celfeiros* pertencessem a esse livro, em que elle queria pegar no homem do campo e leval-o, sempre explorado, desde o baptismo até á morte...

*

Inventou este nome para o conde de Arnoso, a *rainha Draga*, e diz do retrato a oleo que o Columbano lhe pintou:

—O Columbano é tão cortezão que lhe poz um velho olho do Eça de Queiroz.

*

Contemplando o cadaver do Cardia:

—Sô aos quarenta annos é que se sabe o que é isto!
Isto é a morte, á qual tem horror, assim como á velhice.

É falando a proposito do Cardia:

— Eu tambem sou assim... Ha dias em que ninguem me arranca seja o que lór da cabeça. Sinto a mesma impressão de vasio que o Cardia sentia. Depois escrevo por impetos uma pagina, pedaços destacados que me matam de desespero para ligar. E se não escrever logo, passadas horas já não posso, não sei... Varreu-se-me tudo!

Está furioso com a inauguração do monumento ao Eça. No fundo nunca o pôde ver: faltou-lhe o carinho, a consideração — e isso maguou-o muito — que rodeou o grande escriptor dos *Maias*. Elle proprio diz: ganhou sempre a trabalhar menos que um pedreiro. No jornaleco *A Tribuna* escreveu em dois numeros successivos, sem assignatura, as seguintes notas com o titulo

O MONUMENTO

Já noticiamos n'outro numero do nosso jornal com todos os seus detalhes e pormenores, como foi a festa d'inauguração do monumento a Eça de Queiroz. Damos hoje um reflexo do humor da multidão que assistia ao acto. Porque, enfim, a nosso vêr, tudo é documento para a historia.

— *Sobre a nudez forte da Verdade, o manto diaphano da phantasia*. Dizem os amigos que n'esta frase se allegorisa a obra de Eça. Mas olha cá. Estando a *Verdade* completamente nua do ventre para cima, e só rebuçada d'ahi para baixo, o que sob o manto da fantasia se guarda é indecente.

— Ah! está a razão porque a allegoria é flagrantissima.

— Tu, se fosses casado, davas' o *Primo Bazilio* a lór a tua mulher?
— Lá isso não. Mas não tinha a mais pequena duvida em o dar á tua.

— Que lhe parece a *Verdade* do monumento?
— Um calix de *bitter* para fazer bocca ao *Chat Noir*, que fica em baixo.

— Condessa, de todos os cavalheiros que fallaram, qual d'elles é o conde d'Avila?

— O conde d'Avila são todos.

— Este Monteiro Milhões, que inconveniencia! Consentir que das suas cavalariças um burro esteja a interromper os oradores!

— Condessa, é o echo.

— O que eu n'esta consagração sobretudo admiro, é o grande coração do conde d'Arnos. O Municipio devia premiar tão nobre musculo.

— Com uma urna, como se fez ao D. Pedro IV?

— Com uma urna não. Com uma travessa.

— Seria interessante conhecer todos os tramites do trabalho de criação do esculptor, até ao momento da estatua apparecer.

— Ah, eu li'os conto. Primeiramente, o Carlos Mayer, na sua qualidade de judeu, queria uma descida da Cruz, e por isso, o grupo do Eça e da Verdade cheiram um pouco á scena da Paixão. Veio depois o Arnos a lembrar se dessem ao monumento reminiscencias mais contemporaneas, ex.: o Genio perguntando á Verdade quantos dentes queixaes queria tirar. D'esta dualidade d'inspiração resulta o *mysterio*, que faz com que o monumento seja o que v. ex.^a quizer, sendo o melhor — não perguntar.

Apparece no estrado o Conselheiro Antonio Candido.

— Silêncio! Vae fallar o maior orador da Península.

— «... no povo portuguez ainda ha o grande brio dos feitos altos, (*sussuro*). Se amanhã esta Verdade tão nua fôr ter ao Pelourinho, ninguem sabe até onde o amor da Pátria ha-de crescer!» (*ovação*).

Interview com o conselheiro Barahona.

— V. ex.^a leu alguma vez o Eça?

— Ler, nunca, mas conheci-o em Evora, delegado do thesonro, e até por causa d'isso vim ao Principe Real ver-lhe um drama de Ladrões, que estava mesmo escripto ao meu sabor.

— Mas isso não é o Eça de Queiroz, é o Eça Leal.

— O que?! Não é o mesmo? Ah, os meus ricos dois contos de réis!

Interview com o Snr. Monteiro Milhões.

— V. Ex.^a que pensa do monumento?

Penso que tenho de voltar a frontaria de minha casa, para o Theatro D. Amelia.

Imagine que os meus netos estão constantemente a perguntar quem é aquella senhora sem camisa. Já o outro dia lhes disse que era D. Maria II, mas com estes frios, os pequenitos, educados na compaixão, não me largam para que lhe mande dar um cobertor.

—E que impressão faz das suas janellas a barriga da Verdade?

—Aqui entre nós (*arregalando o olho*) é uma daquellas barrigas que está mesmo a glorificar a «sensação nova» (*irritado*). Não era mesmo condizente á minha camoneana, transferirem o epico immortal aqui para o meu largo, e levarem *aquelle senhor* para as proximidades do Bairro Alto?

—De modo que V. Ex.^a, irritado, nem chega á janella?

—Emquanto a Camara não mandar pôr, de roda da figura um resguardo pintado de cinzento.

—Tu ouviste os discursos. Que opinião por elles se pode ter da capacidade mental dos oradores?

—Metade daquelles senhores não leu o Eça, e a outra metade não tem lucidez para o julgar. Isto foi uma festa de «snobs»; o monumento que ali está não foi erguido á memoria do Eça litterato: é a glorificação do conde Reinaldo e da Alfonsine.

—E se o flamejante garoto agora cá tornasse? Mettia-os a todos n'um romance endiabrado.

—Já estão mettidos. Mas o que tu acabas de vêr é os *Maias* em quadro vivo.

Duas guapissimas, na turba.

—*Pero Eça de Queiroz, quien es?*

—*Un caballero que escribió del minuete.*

G... , antigo companheiro de Fialho, sepultado hoje no fundo d'uma biblioteca, diz a proposito da livraria do grande escriptor (1):

«Eu chamo a estes livros as onze mil virgens. São apenas quatro mil volumes ou pouco mais, mas —vae surprehendel-o esta minucia— estão quasi todos por abrir. Ha aqui Balzac e Zola, Eça e Ibañez, os Goncourt e Ponson du Terrail. Fialho tinha muito Ponson na sua biblioteca. Esta litteratura de costureiras e guarda-portões era para as grandes horas amarguradas».

Era. A elle e a outros grandes espiritos basta-lhes o proprio drama para os amargurar. Anthero, nos dias aziagos de Villa do

(1) *Republica*, 23 de Fevereiro de 1915.

Conde, deitado n'um sofá, só lia Gaborieu. Para tragedia chegava-lhe a sua.

«O Fialho tinha uma admiração extraordinaria pela obra camiliana. Imagine que até n'um livro da mocidade poz uma dedicatória a Camillo em que dizia: «acabo de lêr toda a sua obra». E quasi nada lêra a esso tempo... Afora as obras portuguezas, na biblioteca de Fialho só ha volumes em espanhol e em francez. Nos ultimos anos merecera-lhe uma atenção particular a literatura espanhola».

E a proposito de Fialho intimo assevera:

«O Fialho, que tinha grandes rasgos generosos e perversidades femininas—repito-o não era bem o Fialho que se vê atravez dos seus livros admiraveis. Era o *outro*. As suas irreverencias das paginas rubras eram fundamentalmente apenas o odio do plebeu que inveja o fidalgo. Sim, porque ele invejava a sociedade na sua fase demolidora só porque não tinha nela um lugar. Uma infantilidade de homem de genio».

E explica:

«Como se sabe o Fialho não tinha meios de fortuna nem ascendencias nobres. Fez a sua vida ali no «Martinho», vivia de noite e era um *blagueur* incorrigivel, e apesar de valer bem os seis milhões de portuguezes que existem sobre esse solo, a Monarquia, o Paço, os conselheiros, não lhe achavam *qualidades* para triunfar nessa sociedade formalisada e cheia de convencionalismos. Está explicado o Fialho dos *Gatos*—foi a revolta. Meteu-lhes medo—oh sim, um medo terrivel com as suas *blagues* sangrentas—fazia-os passar de largo, mas ainda mais se afastou do *ancien régime*. Entre os republicanos, onde se lançou de alma e coração, sentiu-se depois desconsiderado. O Fialho continuava a ser... o *blagueur*. Nunca lhe deram um cargo de confiança. Que pena teve o Fialho de não ficar na Comissão da subscrição nacional a quando do *ultimatum!*»

E termina com esta nota inedita:

«Sabe que o Fialho era um orador. Nunca ouviu dizer talvez que elle fizesse um discurso? Mas ouvi-lhe em muitos, todos os dias, durante longos anos. A sua timidez invencivel nunca o deixou falar em publico apesar de, como ninguem, sentir a necessidade do aplauso. Muita vez me disse que desejava ser actor, ser um grande actor, para ouvir bem de perto o som das palmas com que o saudariam, para viver intensamente, ruidosamente, uma grande hora de triumpho. Tinha coisas o Fialho... Registe esta nota curiosa pois muito poucos a sabem: era soberbo, orando alucinado para um auditorio de tres amigos intimos no alto da Avenida, ou noite alta, á beira do Tejo».

Á figura que se senta ao pé de mim falta-lhe talvez a rigidez das estatuas. O gabinardo, reparem, está amachucado e encardido, a phisionomia retrae-se no escuro e só a bocca se salienta, enorme e prestes a escorraçar-nos com gritos e apupos. Atravessou a vida: foi injusto, foi cruel por vezes, foi amargo. Desatou a rir para não chorar. Atordoou-se com sarcasmos e phrases. Foi incoherente. Obedeceu ao impulso. Não se pôde furtar a sentimentos que veem do fundo dos fundos e nos deixam prostados, reclamando da morte que nos apavora — enfim! enfim! — o primeiro dia de descanso bem ganho, ao termo desta discussão que nunca cessa e em que nos despedaçamos, sem nos comprehendemos a nós proprios quanto mais aos outros... Toda a sua alma, que deixou fragmentada em varias figuras, em todas as paginas dos seus livros, nos retratos, nos tipos, nas paisagens, no Manuel, em Guilherme de Azevedo ou na manhã do Tejo, se condensa enfim n'esta bocca amarga capaz ainda de nos fulminar de colera ou de acusar bém alto a vida que lhe foi impiedosa... É assim que te vejo ao pé de mim, com detricos, escorrençias, lama, mas tão grande, tão vivo, tão humano, que para sintetisar a tua vida, só me servem as palavras com que um espectador illustre saudá o Hamlet no fim da representação: — Boas noites, meu principe, és um homem, o homem e todo o homem!

(Das «Memórias» a sair).

Paul Brandão

PERFIS

A. D. Miguel Sotto Mayor.

I

A FIANDEIRA



O loirinha fiandeira!
Dá-me o linho de côrar
Com que fias á lareira . . .
Quero fiar!

Dá-me o fuso, que entre rezas,
Ligeirinho rodopias . . .
Quero fiar as tristezas,
Como o linho que tu fias!

Dá-me a terna melopea
Do teu fuso a desandar . . .
Quero a dormir minha idea
No doce lar!

Que suave nos descantes
Teu fuso mesmo ao parar!
Que assobios por instantes,
Quando acabas de o tocar!

Fiandeira, rosa pura,
De roquinha na cintura,
Dá-me as vozes de sereia
Com que o fuso a assobiar
Teus sonhos lindos enleia . . .
Quero sonhar!

Dá-me a tristeza e as esp'ranças
 Que sentes, quando a fiar,
 Quero ser como as creanças,
 Ora rindo, ora a chorar!

Dá-me o perfil de ternura
 Quando fias á tardinha . . .
 Quero esta alma, que é escura,
 Assim purinha!

Dá-me beijos como dás
 Ao repuxar pelo fio . . .
 Quero assim beijos de paz
 No rosto frio!

Dá-me a doçura que aí
 Na casa pões, ao cantar, . . .
 Quero embalado por ti
 Fiar! Fiar!

Fiandeira! fiandeira!
 De fuso sempre a girar! —
 Dá-me a paz dessa lareira,
 Que venho a arfar!

Dá-me o velho e santo uso
 Que eu presinto vai morrer . . .!
 Quero ao som dêsse teu fuso
 Adormecer!

II

TECEDEIRA

MINHA branca tecedeira,
 Dá-me a tua lançadeira,
 Que daqui sinto a bater . . .
 Quero tecer!



RETRATO

De António Carneiro.

A Águia — 79, 80, 81 (2.ª série).

Dá-me êsse oiro das estrigas
E o compasso das cantigas
Do vai-vem do teu tear . . .
Quero fiar!
Quero cantar!

Minha amiga, deixa, deixa,
Que eu tenha assim uma « Queixa »
Egual á do teu tear
A prantear . . .
Quero chorar!

Dá-me os fios prata e neve,
Que tanto cuidas de urdir;
Dá-me o teu dedinho leve . . .
Quero serzir!

Dá-me as florinhas abertas
E os corações esculpidos
Sobre os pêsos com que apertas
Cada malha dos tecidos . . .
Quero entre flores
Que o coração
Gema com dores
Duma aflição,
Ao apertar
A urdidura
No meu tear
De desventura!

Dá-me a graça e compostura
Que o teu rico bem amado,
Entre esmeros de gravura
E entre sonhos de noivado,
Poz na simples contextura
Do teu simples monograma,
'Sculpindo, de arte surpreso,

O fulgor da mesma chama
 Em que o peito lhe ia aceso . . .
 Quero, composto
 De viva graça
 Na alma e no rosto,
 Ir de vencida
 Levando a vida,
 Como quem passa
 Sem um desgosto,
 Em plena aurora,
 Até á hora
 Do meu sol-posto!

Tecedeira, flor da aldeia,
 Dá-me a tua alma clara, . . .
 Quero ser como a tua alma
 Branco de linho de seara!

III

LUA

MINHA doce lua-cheia
 Com novêlos de luar!
 Dá-me a tua branca teia . . .
 Quero dobar!

Dá-me os teus fios de prata
 E os barquinhos de regata
 Na forma do teu crescente . . .
 Quero fiar!
 Quero vogar
 Tranquilamente!

IV

MOLEIRINHA

MINHA alegre moleirinha,
Toda branca de farinha!
Dá-me o grão que te crescer . . .
Quero moer!

Dá-me as mós do teu moinho,
Que não cançam de rodar;
Dá-me as velas de alvo linho . . .
Quero girar!

Dá-me o seio de alabastro
Do grãosinho já moido . . .
Quero ser um novo astro
Embranquecido!

E desfeito em branca luz
Entre as mós do meu martirio . . .
Quero ser outro Jesus
Num casto lírio!

Dá-me a heroica mansidão
Com que tomba cada grão
Entre as pedras de moer . . .
Quero sofrer!

Moleirinha! moleirinha!
Neve em flocos a cair,
Dá-me a alvura da farinha . . .
Quero luzir!

V

PASTORA

PASTORA, linda pastora,
Dá-me a lâ dos teus cordeiros,
E esse ar de Nossa Senhora
Pelos outeiros!
Quero fiar!
Quero rezar,
Dias inteiros!

Pastora, minha beldade,
Lindo encanto, minha flor!
Dá-me a tua liberdade . . .
Tambem quero ser pastor!
E á tua ilharga,
Como um amigo,
Na vida amarga,
Mãosinhas postas,
Andar contigo
Lendo as entranhas
Da natureza
Pelas encostas,
Pelas montanhas,
Pela deveza!

Dá-me o aroma das giestas
E da flor do rosmaninho;
Dá-me o vivo das arestas
Da rocha além no caminho . . .
Quero evoliar-me
Qual fina essência
Pelo infinito!
Quero tornar-me,
Em consciência,
Duro granito
Da paciência!

Dá-me, inocente zagala,
 Teu rebanho, manso e leve,
 Com que o monte se regala,
 Teus cordeiros — noite e neve —
 Nas encostas a correr . . .

Quero morrer
 Crucificado,
 Como Jesus,
 Na doce cruz
 Do teu cajado!

VI

MENDIGA

MENDIGA! triste mendiga!
 De olhos cegos de chorar,
 Dá-me a dor que te afadiga . . .
 Quero penar!

Dá-me o teu chapéu cosido
 Com novelinhos de rede . . .
 Quero na concha das abas
 Matar a sede!

Dá-me a velha capoteira,
 Toda feita de bocados . . .
 Quero embiocar a cegueira
 Dos meus pecados!

Dá-me a tua saia ás tiras,
 De remendos estrelada . . .
 Quero estrêlas e safiras
 Na minha estrada!

Dá-me a tua corcundinha
 De meia-lua perfeita . . .
 Quero ser um corcundinha
 De alma direita!

Dá-me o teu bastão de cana,
 Leve, como a leve pluma,
 Quero livrar-me da lama
 E voar desfeito em espuma!
 Sem um labeu
 De podridão
 Até ao ceu
 Da perfeição!

Dá-me o teu par de chinelas,
 Feito de pódre novelo
 E de farrapos de velas,
 Russos como o teu cabelo . . .
 Quero roçar-me
 Pelos espinhos
 Da vida agreste
 Dessa miséria . . .
 Quero arrastar-me
 Pelos caminhos
 Da luz celeste,
 Da luz etérea!

VII

MARUJINHO

MARUJINHO! marujinho!
 Num casebre á beira-mar,
 Dá-me o nome do barquinho
 Que mandaste a baptisar . . .
 Quero crismar-me
 Como um santinho . . .
 Quero salvar-me
 No teu barquinho!

Dá-me a agudeza da quilha
 Com que vais sulcando as águas . . .
 Quero andar á maravilha
 Atravez das minhas máguas!

Dá-me os remos de remar
Com que remas contra o vento;
Dá-me o triste soluçar
Que lhes vem do movimento . . .

Quero vencer
As ventanias;
Quero gemer
Noites e dias!

Dá-me essa asa de gaivota,
Branca flor do azul do mar!
É de penas minha frota . . .

Quero voar!

Dá-me as linhas dêsse mastro,
Braço erguido á luz dos ceus . . .
Quero erguer-me como um astro
Aos pés de Deus!

Dá-me o tento com que á escota
Vais medindo a viração . . .
Quero ter na minha rota
Sempre vento de feição!

Dá-me o leme que te alinha,
Quer ao norte, quer ao sul . . .
Quero subir na barquinha
Ao ceu azul!

Dá-me as boias de cortiça,
Redondinhas como seios . . .
Quero na água movediça
Dos meus íntimos enleios
Boiar! Boiar!
Como a cortiça
No torvo mar!

Dá-me as redes — puro linho —
Santo arrimo do teu lar;
Dá-me as redes, marujinho . . . !
Quero pescar!

Dá-me o doce balançar
Do barquinho em maré mansa . . .
Quero nas águas do mar
Ver se a minha alma descança!

Dá-me o leito côr de neve
Das espumas a luzir . . .
Nesse leito fôfo e leve
Quero cair
Ao abandono . . .
Quero sonhar
Ao som do mar!
Quero dormir
O último sono
Na clara essência
Dêste meu trono
De paciência!

Joaquim de Aguiar

OS NOVOS TEMPOS E A SUA LITERATURA

XXIV — O TERRIVEL SEGREDO (1)

A vila de X... tinha sido arrancada á occupação inimiga. É certo que as trincheiras alemãs ficam apenas a uns centos de metros de distancia; mas, apesar disso, os habitantes vão regressando á vila e procurando abrigar-se no que resta das suas moradas. Entre as raras pessoas corajosas que nunca quizeram ausentar-se, M.^{me} Jane de A... — mulher do capitão André de A... que ha mezes partira para as linhas avançadas — ficou para velar pela sua querida casa, a que ella dava o nome de Casal venturoso! Era de facto enorme a ventura que esses dois seres, que tão profundamente se amavam, ali haviam gosado desde o seu casamento, ha um anno.

Um vizinho e amigo de sempre, o velho doutor Jarier, que os prussianos restituiram á liberdade, acabava tambem de regressar aos restos da sua vivenda, quando Jane o soube e correu a vê-lo. Desde a sua infancia que esse homem era para ella o medico amigo, o conselheiro e protector; mas nunca lhe foi tão necessario o seu auxilio. Após um abraço affectuoso e a rapida narração das provações por que passára, Jarier olha para Jane e lê-lhe nos olhos uma profunda angustia.

J

ARIER. — Que tem, minha querida filha?

JANE. — Acabo de receber um bilhete de André, no qual me diz que, sendo mandado em missão a Reims, passa cá amanhã algumas horas!

JARIER. — E então?... Torna a ver o seu marido, não é a alegria que mais desejava?

JANE, *em tom mais baixo*. — Era... se não tivesse succedido o que succedeu!... durante a estada desses miseraveis!

JARIER, *indignado, comprehendendo*. — Que succedeu?... pois esses brutos ousaram?...

JANE. — Eram quatro contra mim; ataram-me os braços e deitaram-me em cima da minha cama!... Eu gritei, mordi... não sei que mais... um sofrimento horrivel... a revolta do meu corpo e da minha alma... Desmaiei... Foram dar comigo meia morta!...

(1) Contes du Journal. — L'HORRIBLE SECRET, por Michel Provins, em *Le Journal* de 14-2-1915.

JARIER, *muito comovido*. — Oh! minha pobre filha!...

JANE, *a chorar*. — Eu!... eu... que, desde que me conheço, nunca tive um sentimento, uma idéa, um desejo que não fossem para o André! O meu corpo só tinha sido visto por minha mãe que o creou, pelo doutor, quando me tratava, por ele que o amou e ama, porque só a ele pertence!... E é sobre mim que cai essa nodosa imunda! E quem sabe ainda se a monstruosa prova!... (*Interrogando-o*) Poderá já saber-se?...

JARIER. — Quantos dias ha?

JANE. — Tres semanas.

JARIER. — É cedo por emquanto! Dentro de...

JANE. — Dentro de quê?... se André chega amanhã!... Eu pude esperar até agora, guardando só para mim a tortura desse segredo; mas quando o vir não terei força para lho occultar!... O doutor, que tão bem nos conhece, sabe que entre mim e o André nunca houve o menor segredo; sabe que o nosso amor era feito da mais absoluta lealdade! Viviamos um para o outro, a lér nas nossas almas abertas! Fingir, mentir agora?... Isso pode lá ser! Ainda que eu quizesse, André via-o logo... E depois, como encobrir a infamia, se a trago escrita em mim, de tão mudada que estou por causa dela!... Parece-me que se mete pelos olhos de toda a gente! E ha-de ser ele que não a adivinhe ás primeiras palavras, ao primeiro gesto contrafeito?

JARIER. — Quem sabe?

JANE. — Duvida?

JARIER. — O amor nem sempre é perspicaz como imagina!... sobretudo o do marido! Pede-me um conselho de medico e de amigo; e eu repito... espere uns dias! Não diga nada por emquanto! Se mais tarde se vir na... situação que é para temer, então, perante a gravidade do passo a dar...

JANE, *interrompendo-o*. — Que quer dizer?... Não ha um acto que destroe o passado e em que se pensa antes de mais nada, involuntariamente? .. (*Flitando Jarier*) E no meu caso seria um crime?...

JARIER. — Para si, que é tão religiosa, a religião por certo diria que sim; mas, dentro da simples moral humana, a pergunta é ainda formidanda porque, apesar do atentado inicial, metade da vida do sêr assim concebido, mais de metade dessa mesma vida, vem da mulher, da mãe!

JANE. — Bem sei. Mas ser mãe, ser a creadora sagrada contra vontade?

JARIER. — Isso revolta o sentimento, mas não a natureza! Resta pois o meio scientifico de destruir a sua acção cega.

JANE. — E o snr., como medico, hesitaria porventura?

JARIER. — Como amigo obedecer-lhe-hia; como medico havia de hesitar!... Um medico hesita sempre em suprimir uma existencia e em pôr outra em perigo. (*Gesto de Jane*) Nunca deixa de haver perigo, creia-o, sem contar para a mulher com o que eu chamarei uma ferida na maternidade.

JANE, *desorientada*. — Meu caro Jarier, que abismo de desgraça! Eu compreendo todas as suas razões: as morais e as outras; mas

deante da certeza dos factos, não sei o que fazer... parece-me que endoideço!... (*Concentrando-se*) E contudo, como impôr ao homem que se ama acima de tudo, ao homem que deveria possuir pura, virgem, essa maternidade, deixe-me dizer assim, como impôr-lhe um tal filho?

JARIER. — Se ele nunca o souber?... Que mais se poderá desejar?... O suplicio seria só para si.

JANE, *violentamente*. — É de mais para as minhas forças!... Só de pensar numa tal tortura! Não! não!... nunca! Mais vale dizer tudo, ser sincera!... Não se deve querer mal a uma mulher pela violencia contra a qual ela se revoltou com todas as suas forças, infelizmente muito deveis.

JARIER. — Na verdade assim devia ser... E contudo, se o marido, embora o pense...

JANE. — Que está a dizer?... Isso seria monstruoso! Eu sou uma victima digna de compaixão, e por isso mesmo ainda mais mereço que me amem!

JARIER. — É sempre a historia da cabra que estava comendo silvas gulosamente. Passa um homem ordinario e escarra para cima delas. E a cabra deixa de comer, passa adiante...

Jane não responde. Após um curto silencio levanta lentamente a cabeça.

JANE. — E então?... Que devo fazer?

JARIER. — Aproveitar esse estado de incerteza para bem de seu marido e até de si mesma... visto que não sabemos se está grávida ou não! Esta noite, em vez de deixar partir André, retenha-o em casa!

JANE, *erguendo-se de repente*. — Que diz?... Mas isso seria horrivel!... Uma especie de prostituição!... E eu mesmo até ao fim da minha vida ignoraria?...

JARIER. — Precisamente! Salva o seu amor e escapa ao suplicio que julga superior ás suas forças.

JANE. — Mas a vergonha de um tal segredo e da minha deslealdade para com o homem que adoro acabará por me matar; porque entre nós dois nunca houve segredos.

JARIER. — Respondi-lhe como teria feito a uma filha minha.

JANE, *levantando-se*. — Obrigada, de todo o coração!

JARIER. — Adeus, minha querida filha!... E antes de pronunciar a palavra fatal — a palavra que uma vez dita, faça o que fizer, não volta atrás — reflecta!... reflecta bem!...

No dia seguinte chega André. Após os abraços loucos dos primeiros instantes, etc, sem a menor reserva, abandona-se á alegria de se ver em casa, ao entusiasmo que o impelle para a mulher adorada. Ela, pelo contrario, parece constrangida e dominada por um estado de nervos que acaba por impressioná-lo.

JANE, *chegando-se para o seu peito*. — Não faças caso, meu amor... Sinto-me profundamente agitada pela felicidade de te ter aqui!... Quasi nem posso acreditá-lo!... Mas ao mesmo tempo vejo que vou em breve perder-te mais uma vez!

ANDRÉ, *indeciso*. — Eu poderia talvez ficar até amanhã.

JANE, *com vivacidade*. — Não!... Não!... E as ordens que deves executar?

ANDRÉ. — Não são apertadas quanto ao tempo. O principal é que eu seja bem sucedido na minha missão.

JANE. — Uma demora poderia comprometer-te! Não discutamos o dever. Abandonando-te a ele faço o maior dos sacrificios!... Mas eu tenho de te ajudar a ser forte.

ANDRÉ, *atraindo-a a si*. — Tu és corajosa e eu adoro-te.

JANE. — Não achas que tenho razão?...

ANDRÉ. — Então aproveitemos bem os poucos momentos que nos restam!... Quero-te ainda mais ao pé de mim, querida! Fala-me! Parece que nada temos para dizer!

JANE. — Que queres tu, eu estou tão comovida! E quando assim é, parece que mais coisas se dizem quanto menos se fala!

ANDRÉ. — Mas eu não gosto menos de te ouvir do que de te ver. A tua voz encanta-me!... Vamos, conta-me o que se tem passado! Em carta isso é difícil!... Facto é que eu quasi nada sei do que fizeram esses brutos quando cá estiveram! Como tiveste tu coragem para ficar!

JANE. — Para defender o ninho da nossa ventura.

ANDRÉ. — E dou-te razão, porque o encontro intacto. (*Jane não fala*) Teria eu visto mal?... Que estragaram eles?...

JANE, *em voz sumida*. — Nada, coisa nenhuma!...

ANDRÉ. — Foi um milagre! Porque, em redor de nós, quantas ruínas! Atravessei a vila, é um pavor! Nada ficou de pé! A casa dos Roubels, a dos Certines, já nenhuma delas existe.

JANE. — Fizeram mal em fugir.

ANDRÉ. — E os nossos bons amigos, os Neyrols, que é feito deles?

JANE, *fitando-o*. — Meu Deus! se tu soubesses o que lhes succedeu! Que horror!... Neyrol esteve prisioneiro durante dois dias, como refens; e quando voltou para junto da mulher encontrou-a... violada!

ANDRÉ. — Oh! que desgraça!... que desgraça!...

JANE. — Ela sobretudo é que é a desgraçada!... bem mais do que ele!...

ANDRÉ. — Ah! não acho!... Eles amavam-se tanto!

JANE, *aflictißima*. — E então?

ANDRÉ, *incisivo*. — Então, que queres tu, ele... ele não pode amá-la mais!

JANE, *quasi gritando*. — Porquê?...

ANDRÉ. — Não, de forma nenhuma, não pode mais querer-lhe como até agora, nunca mais. O amor acabou entre eles.

JANE. — Tu que dizes?... Mas por causa do seu martirio deve ele amá-la cem vezes mais!

ANDRÉ. — Isso é o belo teorico dos nossos sonhos de ideal; a

realidade é infelizmente diversa, é implacável. A imagem da violação sofrida persiste no homem, como veneno misterioso que lhe ataca a vitalidade do sentimento e do desejo, inspirando-lhe até em certos momentos, contra a mulher amada, não sei que suspeita odiosa! Quem pode afirmar que, até sob a violência, até em plena revolta, não houve, da natureza fraca como é, um curto instante de consentimento?

JANE, *indignada*. — Oh!

ANDRÉ. — Tudo isto é torpe sem duvida, mas nós não podemos dominar o que se passa no fundo dos nossos instinctos de homem. A razão poderá impor-se na apparencia, mas só encontra ruinas! Neyrol não se matou?

JANE, *empalidecendo*. — Tu achas portanto que ele deveria tê-lo feito?

ANDRÉ. — Antes cem vezes isso do que sofrer uma tal tortura, do que ter entre um e outro, para todo o sempre, a recordação faticosa do irreparavel, sorrindo para não a revelar, e acariciando mais por compaixão do que por amor. E peor ainda: é que do irreparavel pode ficar uma prova viva!... a creatura crescerá entre os dois, separando-os, já se vê!... Ou então, para se furtarem a uma tal existencia, recorrem a um acto de sangue que não fere apenas o corpo da mulher, porque vai despertar na sua alma, como na do homem, susceptibilidades desconhecidas!... Para mim não resta a menor duvida. Neyrol devia ter-se matado; e eu, no seu lugar...

JANE, *com grande vivacidade*. — Não falemos mais nisso!...

ANDRÉ. — Tens razão. Meu Deus, que pavor!... Quando penso que tu, minha Jane, tão adorada, tão minha, podias tambem!... A desgraça esteve bem perto de nossa porta!...

JANE, *dominando a sua angustia*. — A minha felicidade foi ter cá um velho general alemão que não aprovava os crimes dos outros. Foi o que me valeu!... Falemos porém de nós, apenas de nós! (*Muito enternecida*). As horas passam tão depressa!

ANDRÉ, *triste*. — É verdade!... Já está a anoitecer!

JANE, *apertando-o contra o peito*. — Não vás embora!

ANDRÉ, *surpreendido*. — Como assim?... Não me aconselhas tu?...

JANE. — É que agora não tenho a mesma coragem!... Nos teus braços encontro novamente a felicidade de que me desabituei.

ANDRÉ. — Mas tu estás a tremer, minha Jane?...

JANE. — É que tenho medo!... Não me deixes só esta noite.

ANDRÉ. — E o dever?

JANE. — Oh! o dever! E quem sabe onde ele está? (*Corando e escondendo o rosto no ombro de André*) Fica! Peço-te!... (*Em tom mais baixo, com intensão*) Quero eu!

ANDRÉ, *julgando compreender, e sorrindo*. — Adivinhei?... querida esposa da minh'alma... (*vencido*) Como eu te adoro!...

XXV.—O POBRE INOCENTINHO (1)

—É horroroso, meu pae... é atroz... A mamã, ela ao menos... teve a energia... que me faltou a mim! de ir no dia seguinte esbofetear um daqueles bandidos, daqueles oficiais!... Eles mataram-na... mas o seu martírio acabou... Ao passo que o meu... Ah! eu devia ter tido mais coragem, meu pae!... Porque quiz eu sobreviver?... áquilo?...

—Por causa do teu marido... Um pouco por causa de mim também, quem sabe?

—Sim... por ele, ... e por si também... Mas a final, ele... o meu pobre Marc, meu pae!... Ele a bater-se daquela maneira... como um bravo... Quando souber... o que me fizeram... e que estou grávida!!

—Ouve, minha filha... Essas crises de desespero acabarão por te matar...

—Ah! quem me dera morrer!

—Não deves desejá-lo, se amas o teu marido profundamente... Reconheces ou não, Luiza, que eu sou um verdadeiro amigo de meu filho?... e que te acolhi a ti, no meu coração, como filha... e não apenas como nóra?

—Reconheço, sim.

—Deixa-me então falar-te hoje... melhor, aconselhar-te como pai, minha querida filha!... e como homem... que muito reflectiu na tua desgraça... que sofreu enormemente com o teu sofrer... Ai! se compartilhando-o podésse aliviar a victima, juro-te Luiza que já estarias curada.

—Pae, eu sou infeliz de mais!

—Socega... para me ouvires bem... para eu mesmo ter a calma e a força que exige o exame-bem feito... do que apurei, após tanto meditar, para poder dizer-te: Luiza, o teu dever é este!

—O dever pode ser tão duro!

—Mais então nos afeiçoamos a ele!... E provei-o em toda a minha vida. Ela dá-me direito a aconselhar-te.

—O pai foi tão heroico!...

—Não sei. Ser heroico é exceder-se a si mesmo deante da morte... Foram-nos precisos estes tempos em que vivemos — e em que ela está por toda a parte! — para possuímos a escala do herói... Vou dirigir-me á tua razão, Luiza, e ao teu coração e a todo'o teu corpo de mulher... Peço-te pois que tenhas força para abafar os teus gritos, se eu maltratar qualquer cousa em ti, — ou ofender os sentimentos que possas attribuir ao teu homem.

—Procurarei tê-la, meu pae.

(1) Recits de Guerre — LA CHAIR INNOCENTE, por Charles-Henry Hirsch, em *Le Journal* de 22-2-1915.

— Ouve-me então. Dêsse por onde dêsse, tu nunca ocultarias a Marc o acto desses bandidos... ainda quando as consequencias fossem outras... Não! tu não lho ocultarias... Um segredo que se interpõe entre marido e mulher é o primeiro golpe na sua felicidade... Comigo não esperaste vinte e quatro horas, após a tua chegada aqui, para me confessares o horrivel atentado, apesar de só mais tarde vêres que estavas grávida...

— Assim foi...

— Eu, porém, immediatamente supuz possível o caso, por habito contraído de sempre recear os rigores da natureza... É ela, que nós sabemos, a unica forma do destino... e é formidavel pelas suas leis, pelas suas excepções, por tudo quanto ignoramos a seu respeito até ao fim da vida!... Foi ela que quiz, minha filha, que tu recebas da desonra...

— Oh! meu pae...

— ... o fruto que o amor não te havia concedido. Em todo o caso Marc deve saber por que forma o flagelo te imprimiu o seu ferrete. Não é assim?

— É.

— Só falta, portanto, estudar a tua conducta no futuro, quanto á consequencia do crime cometido contra ti e contra o teu lar domestico, não é verdade?

— É sim, meu pae.

— Alguns dizem que a mulher é senhora de suprimir...

— Ah! com certeza...

— Não minha filha, nunca!... A vida humana, desde o seu começo, é sagrada, pertence a si mesma!

— Contudo...

— Não, não! Se contrariares a obra da natureza em ti, vais pôr a tua própria existencia em perigo, sem falar do ser que ela ajuda a formar!... Luiza, tu deves viver para o teu marido... Imagina que ele chegava amanhã e não te encontrava!...

— Morreria com certeza!

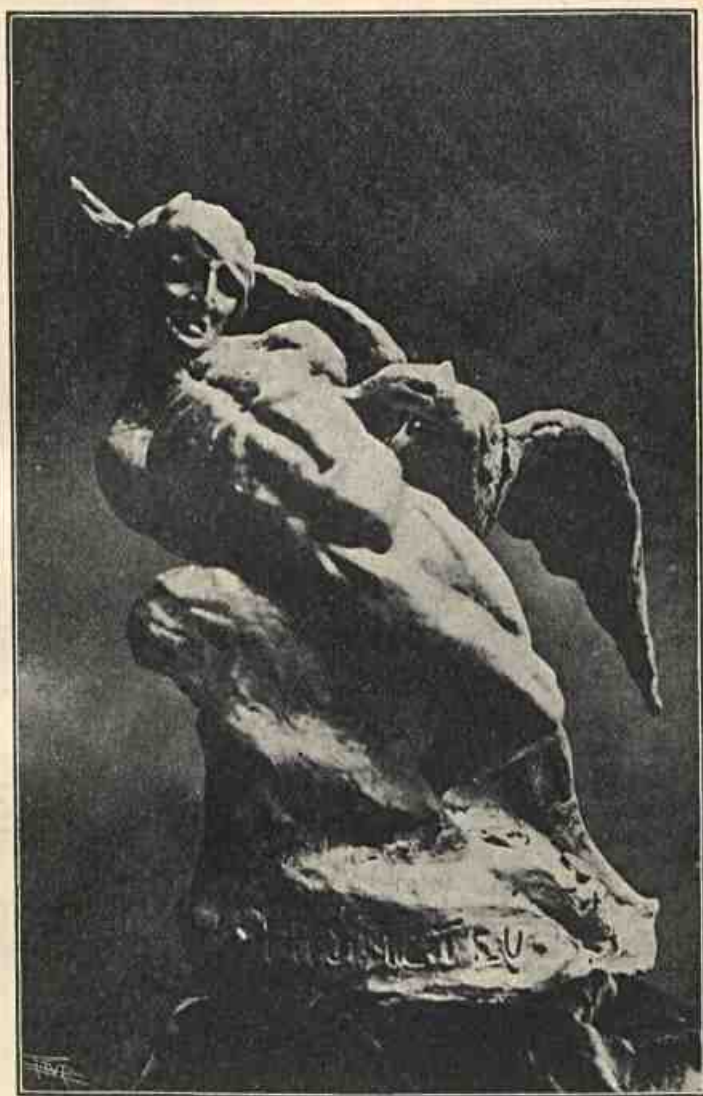
— Além disso, filha, ha ainda o paiz. Toda e qualquer mulher sábia deve-lhe o ser mãe, assim como todo o homem valido ser soldado... A mais completa victoria — que será nossa, podes crê-lo — deixará a França enfraquecida, assolada... Será preciso repovoá-la, robustecê-la... Ainda que o aborto só matasse o germen, nem por isso a mulher que recorre a ele deixaria de se arriscar a ficar esteril para sempre. Ora uma franceza não tem, hoje com muito mais razão do que em qualquer outro momento, o direito de recusar á patria os filhos que lhe deve!

— Meu pae o que...

— Logo te falarei dêle... Por enquanto considero apenas o futuro mais distante... Supondo que o aborto só produz a esterilidade uma vez por mil, nem assim franceza alguma deve correr um tal risco!

— Admitindo... Mas o filho que trago no ventre, eu!... e que é alemão, ele!...

- É francez igualmente, Luiza... por vir de ti...
- Oh! eu não o desejei!... Odeio-o... Quizera arrancá-lo de dentro de mim!
- Minha filha...
- Embora não houvesse outra infeliz como eu para conhecer a imensidade da minha má sorte!... A menor cousa que faço... ele lá está!... Respiro e ele cresce!... Rouba-me o meu sangue! É um inimigo, e vive dentro de mim!... É da raça... dos que podem matar-me o meu Marc... que já talvez o mataram!... e ele cá está... dentro de mim... a alimentar-se do ar dos meus pulmões, da minha carne... da minha carne violada!...
- Da tua carne, minha filha!... O desespero inspirou-te a palavra justa, a implacável verdade: da tua carne!
- Mas eu não o quero! renego-o!
- Já não podes fazê-lo.
- Ele não é de Marc... do homem que eu amo... Logo...
- Desgraçada!... É de ti, qualquer que seja o pae!... Ah! não digas que não, com a tua pobre cabeça!... Tu sabes de mais que esses mesmos gritos que dás contra *ele*, sente-os *ele* confusamente...
- Não diga isso!... Que esse pequeno ser...
- Sim... esse «pequeno ser»... Como outro que pudesses ter recebido de meu filho... continuará durante muito tempo sendo um «pequeno ser»... E de ti é que ele tira toda a sua vida... desde que o concebeste...
- E é porisso também que ele me causa horror!...
- ... e até que o dês á luz!... Se tivesses um filho ou uma filha... de Marc... admitirias por um instante que eles não fossem a continuação de ti, da tua raça, da tua pura linhagem franceza, a entroncar em tua mãe...
- Oh! minha pobre mãe!...
- Não te veio nada dela?... Ah! o ser *deve* á mãe... Durante nove mezes, ela é prodiga com ele até empobrecer... Ele transforma-a... São dois seres distintos e confundidos... De onde quer que venha o germen desse ser, tu tornaste-o *teu*... até na repulsa, no pavor, na inconsciência!... Sim, por decreto da natureza que te impoz a fecundidade, ele tornou-se *o teu fruto!*... um rebento da raça franceza!... Por isso também os meus argumentos premeditados nada valem ao pé deste, minha filha; instintivamente enterneste-te por esse «pequeno ser» quando o estavas amaldiçoando, ou podias ainda desejar-lhe a morte...
- Então... deverei deixá-lo viver?... Querera... E quando ele nascer?
- Luiza... se Marc é o homem que eu desejo que seja... que eu quero convencer-te que é... Marc adoptará o teu filho...
- Que diz, pae!
- Adoptá-lo-ha; vós dois juntos vos ocupareis dele e lhe dareis o vosso *amor*...
- Quem ousará pedir uma tal cousa?



PROMETEU

(PERTENCE À ESCOLA DE BELAS-ARTES DE LISBOA)

Escultura de Severo Portela (Filho).

A Águia — 79, 80, 81 (2.ª série).

— Nascido de ti, da tua carne injuriada, ele ha-de carecer, mais do que qualquer outra creança — sim, talvez mais ainda, esse pobre « ser pequenino » — do duplo amor de vós ambos... Que tremendo encargo para Marc!

— Ah! meu pae, amando-me ele tanto como me ama!

— É com esse amor que eu conto para ele aceitar um tal encargo... Então, rico do teu sangue, Luiza, feliz pelo amor que lhe dèrdes, a creança desenvolvendo-se no calor do vosso lar francez, no ritmo dos nossos costumes francezes e na luz penetrante duma educação franceza, virá a ser um verdadeiro filho da França.

— Custa-me a acreditá-lo...

— E leio-te no teu rosto um pensamento que me ocultas...

— Pae, ... pode abandonar-se a creança á Assistencia publica...

— Só em caso de pobreza!... A fera alemã que matava as creanças pouco mais barbara é, quanto a mim, se o é, do que a mãe, seja ela qual fôr, que é capaz de recusar o amor materno a esse innocente feito da sua carne violentada...

— A sua origem é uma tara.

— A tara vem de um paé que terá existido, para ti, apenas o tempo do seu delicto... Esse pai desapareceu... e nunca conhecerá as consequencias do seu crime... Tu não pensas, suponho eu, em castigar o sclerado... nessa creança nascida de ti?

— Não por certo!... Mas se, mais tarde, a creança revelar uma semelhança?...

— Ela trará, em primeiro lugar, o teu cunho materno, o que já é uma garantia; e graças á tua constante ternura, ao teu amor infinito, chegará a aniquilar as heranças do pae...

— Se Marc aceitasse o seu modo de ver... Eu, depois de o ouvir, já me não sinto a mesma...

— Evidentemente, nesse ponto sobretudo, tu deves a mais cega obediencia ao teu marido. Ele é o senhor indiscutivel de acolher ou de expulsar da sua familia essa creança... Mas não desesperes, Luiza! No pequenino verá Marc o teu filho... Verá um innocente que seria cobardia ferir — da maneira mais vil e mais lenta! — privando-o das caricias da mamã que tu serás para ele... E já que temos a liberdade de escolher, inspiremo-nos na bondade e na justiça... como bons francezes que somos!

— Bem baja, meu pae... Assustam-me agora os sentimentos que nutri... contra o pequenino innocente...

— É esse ainda é feliz, porque nós defendemo-lo antes de ele soltar o primeiro grito a pedir socorro!

— Sim, sim... quantos outros!

— Hei-de conseguilo, minha filha, farei afixar por toda a França estas palavras:

A MATERNIDADE NUNCA ABDICA.

— Se elas soubessem... sim... todas essas pobres mulheres decididas a abandonar os filhos...

— Não digas mais!... Dentro de dezasseis a vinte anos... num qualquer sítio da nossa França regenerada... quando esta guerra tiver produzido frutos tão belos que ninguém mais pranteie os seus mortos, haverá talvez um rapaz, uma menina que chorarão perdidos no meio da alegria da nação inteira, mortificados por tanta alegria! Porque devem a essa guerra não só o seu nascimento, como também a falta do único ser capaz de os aconchegar ao seu amor e à sua compaixão, do ser que os poz neste mundo!... Sim... esses inocentes castigados antes de terem podido errar, sofrerão por causa da guerra que lhes trará dias malditos — muito tempo, muitíssimo tempo depois de terem cicatrizado as nossas ultimas feridas de vencedores!... Que obra magnifica, para um verdadeiro filantropo, não é a de conservar a esses filhos de francezas a mãe natural cujo amor nada pode substituir!...

CHARLES-HENRY HIRSCH.

XXVI.—MADAME BERGE E A SUA CREADA (!)

Naquella manhã, M.^{me} Berge, segundo o seu costume, levantou-se ás 8 horas precisas e, quinze minutos depois, saía do quarto. A exatidão e a energia estavam-lhe no character; e então, depois da guerra, considerava como um dever elementar observar em tudo a mais rigida precisão. De manhã occupava-se dos serviços caseiros, de tarde tratava de outros encargos e principalmente das obras a que se consagrava com uma dedicação estricta e imperiosa que muito temiam as damas protectoras, suas colegas.

Era bastante alta e elegante, mas os cabelos pretos, que usava muito repuxados, davam-lhe um aspecto excessivamente duro; e vestia um penteador verde que não lhe ficava bem. Tão pouco procurava agradar a quem quer que fosse.

Por economia, despedira uma das creadas, a cozinheira; e conservava a outra, a de dentro, por decoro, um pouco também por compaixão e principalmente por lhe não custar caro. Esta dava pelo nome de Maria, porque M.^{me} Berge assim resolvêra. Em sua casa todas as creadas de quarto se chamavam Marias, e as de cosinha Josefinas. A pobre rapariga, tendo apenas dezoito anos de idade, chegada ha pouco da provincia e, além de tudo o mais, timida e sem pratica do serviço, tremia como varas verdes deante da patrãoa quando esta lhe dava ordens, sempre secas e em poucas palavras, e lhe cravava os olhos negros nos seus. «Sentia então vontade de se meter pela terra abaixo», dizia ella á mulher da fruta; e todas as noites, quando se via

(!) Reunem-se sob este titulo dois contos de Frédéric Boutet, referentes á mesma personagem, os quais se intitulam MADAME BERGE e LA SERVANTE, e foram publicados em *Le Journal*, a 10-6-1915 e 9-10-1915 respectivamente.

só e estafada de trabalho na sua agua-furtada, jurava que no dia seguinte havia de mandar ao diabo a patrão e as suas exigencias. Mas na manhã seguinte, e em todas as outras manhãs, submissa e atrapalhada por se achar só numa casa grande de mais, dava-se a perros para merecer uma palavra de reconhecimento, que nunca havia de ouvir; porque para M.^{me} Berge o menor elogio não podia deixar de levar ao desleixo.

M.^{me} Berge mandou a creada á loja do porteiro pelo correio e poz-se a limpar os vidros com uma camurça. Nunca para ela ficavam bem limpos. A rapariga voltou, dizendo que não havia carta do senhor. Ela franziu o sobrolho. Conhecia bem o marido para estranhar a falta; ainda assim não gostou e experimentou ao mesmo tempo um receio que lhe apertava o coração. Mas tratou de o esquecer; não tinha pés nem cabeça. A ultima carta chegára apenas quatro dias antes e, apesar de elle escrever com regularidade, já por mais de duas ou tres vezes ficára bastante tempo sem noticias.

Haviam casado em 1910. Berge, que era architecto, tinha maneiras correctas e retraídas; timido, de facto, ficára devêras espantado da sua propria coragem quando ousou pedir a mão dessa menina cujas virtudes, energia e character autoritario eram de respeito. E mais espantado ainda ficou de se vêr bem acolhido. A verdade é que nunca soube ao certo que sentimentos ela nutria por ele e, passados alguns mezes, tão pouco sabia quais fossem os seus. Desde o primeiro dia, a mulher havia-lhe imposto um regime tão dominador e severo que supunha ter voltado aos tempos da sua infancia, quando andava na aula dum professor que era inexoravel: como então devia agora estar sempre atento ao que fizesse e dissesse, com medo de cometer qualquer falta; e só havia duas differenças — em lugar de castigos altercações, e recreações nenhuma.

Ao partir para a guerra, e embora afirmasse que ia ocupar um lugar nos serviços da segunda linha, a mulher sentiu uma afflicção que a surpreendeu a ela mesma. Mas, como tivesse um horror invencivel ás demonstrações pateticas, conseguiu dominar-se. Não deviam ambos eles mostrar-se fortes? . . . Berge pareceu-lhe porém vê-la chorar, mas não estava certo disso; e afinal ela metia-lhe sempre tanto medo que o pobre diabo experimentou como que um alivio imperceptivel no momento da partida. O que lhe havia dado a medida da sua escravidão.

M.^{me} Berge, depois de verificar que tudo estava em ordem, poz um vestido muito serio, como costumava sempre que saia de casa, e foi ás suas compras, eram 10 horas e um quarto. Isto distraiu-a um pouco mas, num dado momento, acudiu-lhe ao espirito uma duvida que a surpreendeu: se as cartas que escrevia com regularidade ao marido eram bem o que deviam ser. Repeliu porém um tal pensamento, convencida de que nunca faltára ao menor dos seus devêres.

Quando voltou para casa, deu com a creada na saleta de entrada, toda assarapantada, a dizer-lhe:

— Madame, o snr. Berge está lá dentro.

Deixou cair o pacote que trazia nas mãos e correu; Berge vinha já ao seu encontro e ela abraçou-o violentamente, tentando contudo reprimir um soluço que se transformou numa especie de gorgorejo convulsivo.

— Ai! gritou Berge.

— Que tens? balbuciava ela, fazendo um grande esforço para socegar.

— É que fui ferido... oh! levemente... Aqui, no ombro... Não vale nada.

— Ferido? E ocultaste-mo? Porque? Com que direito?

Apesar de aflicta, só manifestou irritação; a voz ia-se lhe tornando aguda e agressiva, como no principio das altercações. Berge olhou porém fixamente para ela, encolheu os ombros e riu-se de uma forma que lhe era desconhecida. E ela calou-se, embaraçada. No seu capote azul-horizonte, muito sujo, Berge parecia mais magro mas solido, as faces palidas dir-se-iam curtidas; o olhar exprimia a resolução serena, e a barba, que de antes usava em ponta, trazia-a agora quadrada e farta.

— Não quiz inquietar-te por causa de uma simples arranhadela, concluiu ele. Fui muito bem tratado... além disso, escrevi-te para te prevenir da minha chegada. Vejo porém que cheguei mais depressa do que a carta.

— O meu logar era junto de ti, replicou ela, despeitada.

— Isso não podia ser, diz ele para cortar a conversa.

Estas palavras causaram-lhe alguma tristeza, senão até ciume; mas de repente, vendo que a creada ficára ali a escutá-los, descarregou sobre a pobre rapariga:

— Que faz vocemecê aqui? E o almoço? Faça favor...

— Por quem és, não grites! atalhou o marido.

Ela calou-se.

Ao almoço Berge deu provas de um magnifico appetite e bebeu vinho tinto, cousa que de antes lhe era interdita. Estava contente. Sua mulher, pelo contrario, seria e correcta, pouco comia e tinha um ar contrafeito.

— Tu tomas café agora? perguntou ela, acentuando a ultima palavra, por não poder de todo evitá-la.

— Tomo tudo, respondeu o marido.

E acendeu um cigarro. M.^{me} Berge, por mera tirania, sempre havia fingido que lhe era impossivel tolerar em sua casa o fumo do tabaco; e agora esteve por um tris a tossir de proposito, como fazia de antes, mas faltou-lhe coragem.

— Então, perguntou ella finalmente, tu bateste-te?

— Parece que sim... e riu-se. Para atirar sou um catita. Nunca falhei um tiro quando apontava sem precipitação...

Ela olhou para elle, arregalando os olhos.

— Então tu... tu?

— Sim, não tenhas medo... e apoiando o cotovello na meza e apontando para o canhão, acrescentou com profunda satisfação: «Estou sargento, não vês?»

Depois, muito á vontade, foi-lhe contando em frases curtas e pitorescas o ultimo recontro em que entrou e fôra ferido; e gabou-se de não ter rival no avanço de rastos. Mudando porém de conversa, passou a ocupar-se dos negocios da casa, aprovando algumas das resoluções por ela tomadas e criticando outras; e fê-lo em tom de quem manda.

A mulher ouvia, agitada por sentimentos opostos, abria a bôca para responder, mas não achava palavras; até que, de repente, levanta-se e diz-lhe, com um nó na garganta:

— Vou buscar um lenço, mas não me demoro nada.

Saiu á pressa e fechou-se no quarto. Precisava de reflectir; e de pé, parada, esforçou-se por comprehender o que se passava. Berge vinha outro, mudára de todo; o que ali estava não era o mesmo que partira. Teve então um assomo de indignação, quando percebeu que ele a intimidava; era loucura, mas era assim e não lhe podia valer: ele metia-lhe mêdo. Nem o reconhecia a ele, nem se reconhecia a si. No meio da sua agitação, teve porém uma idea subita e voltou para a sala de jantar.

Berge estava de pé, a uma janela, olhando para fóra.

— O teu uniforme está bastante descosido, diz ela.

— Eu quero que o uniforme...

E, como o marido tivesse dito isto no tom mais natural do mundo, ficou toda arripiada; e ele, voltando a cabeça para trás, acrescentou muito tranqüilo:

— Perdôa... O habito de ser energico...

— Farias melhor mudando de fato durante uma hora, diz a mulher; a Maria dá-te uns pontos no capote...

— Se isso te é agradável...

E foi para o seu quarto, de onde voltou, passados alguns minutos, de jaquetão.

— Não sei o que isto me parece... resmungou ele.

Acendeu outro cigarro, aproximou-se da mulher e, a olhar para ela, diz-lhe:

— Tu trazes os cabelos muito esticados e esse vestido não tem graça nenhuma; apesar disso és sempre linda.

Com um gesto familiar estende então a mão e, por primeira vez na sua vida, faz festas na face severa de M.^{me} Berge, que parecia de pedra. Sempre havia esperado que, tornando a vê-lo como era de antes, ella mesma tambem não mudaria a seu respeito. Mas enganára-se. Quiz ainda tomar um ar digno, e não o conseguiu.

— Tenho alguns dias de meu, antes de regressar ás trincheiras, diz Berge com amabilidade... Vamos aproveitá-los, não é assim, meu anjo?

M.^{me} Berge estremeceu sob este ultimo epiteto. De antes era ella que, nos seus raros momentos de indulgencia, chamava ao marido com modos protectores «o seu anjinho». Agora só teve para essa caricia um sorriso contrafeito.

— São horas, acrescentou Berge. Toca a passear.

— O uniforme está pronto, limitou-se ella a dizêr.

— Posso tornar a vesti-lo? perguntou o marido, lançando-lhe um olhar ambiguo.

Ela nunca soube se ele tinha compreendido...

— E tu estás pronta? continuou ele, sem deixar de a observar.

— Estou. Um momento, respondeu ela, corando um pouco; vou mudar de vestido e arranjar o cabelo.

Mezes depois, num sabado, dispunha-se M.^{me} Berge para ir despachar o pacote que sempre, nesse dia da semana, enviava ao marido, encargo que não confiava a ninguem. Tinha na vespera comprado o que era preciso, segundo uma lista completa, ampla e minuciosamente organizada. Só nisso é que não influiu a sua rigorosa economia, agravada pela guerra; dominava-a um sentimento mais forte. Verificára tudo antes de se deitar, e deixou o pacote feito como devia ser expedido.

Pronta para sair, dirigiu-se á sala de jantar que lhe parecia imensa desde que lá se encontrava só com a pobre Maria. Olhou para o grande pacote, posto em cima da meza onde o havia deixado e de repente estremeceu: alguém lhe mexera, porque o cordel estava mal atado. Pegou nele e sentiu-o um tanto mais leve; abriu-o e, pela lista, viu que faltavam algumas cousas.

— Ora esta!... Ora esta!... murmurou ela, palida de indignação. Não pode ser senão a Maria, acrescentou ao cabo de alguns segundos.

E ficou algum tempo atordoada, de tanto que isso lhe parecia inverosimil; mas de repente chama pela creada e, com o pacote nas mãos, encaminha-se para a cozinha. Não a encontrando lá, pensou que talvez tivesse saído a qualquer recado e poz-se a procurar nos armarios e nas prateleiras a vêr se encontrava alguma cousa. Ao principio não deu com nada; mas, por fim, numa das gavetas do fogão onde se guardavam as escovas do calçado, descobriu lá no fundo um pequeno embrulho enrolado num papel roto. Abriu-o e viu quatro pastilhas de chocolate, uma lata de sardinhas, uma empada e um pacote pequenino de biscoitos secos. Estas tres ultimas cousas tinham com certeza sido tiradas do pacote destinado ao marido. M.^{me} Berge reconheceu-as.

Nesse mesmo instante abria-se a porta da cozinha e entrava a Maria. Baixa e delgada, com os seus cabelos loiros repuxados, olhos garços e sempre espantados, a rapariga parecia muito pobre e muito moça. Vinha radiante mas, atentando no ar terrível de M.^{me} Berge e no embrulho aberto, mudou rapidamente de côr e ficou sem pinta de sangue, petrificada.

— Que vem a ser isto? perguntou a patrãoa com ar severo, apontando para os objectos subtraídos.

Maria poz-se a tremer e não respondeu nada.

— Vamos lá cima ao seu quarto, diz sêcamente M.^{me} Berge. Quero-lhe revistar a mala antes de a pôr fóra. Devia-a mandar prender, porque vocemecê é uma ladra.

— Oh! minha senhora... oh! minha senhora... por quem é... balbuciava a rapariga, com o rosto todo transtornado.

— Escusa de negar, é inutil. Aonde foi buscar aquilo?

Mas de repente a creada, rompendo num chôro convulso, ia cair quasi aos pés da patrãoa que recuava.

— Ah! basta de comedia e de lagrimas. Vocemecê não tem vergonha, continuou ella, animando-se cada vez mais. Pois então o snr. está na guerra, exposto aos perigos, a fadigas, a privações, e você tem o descaramento de roubar o que eu lhe mando? E já não é a primeira vez, tenho a certeza. Porque fez isso, sua gulosa? Então eu não lhe dou bastante de comer?

— Eu não pude deixar de o fazer! gritava a creada toda sufocada; não pude, não. Ele não tem nada! Ele só me tem a mim, e a mais ninguém!

— Que quer isso dizer? exclamou M.^{me} Berge.

Mas sem lhe prestar a menor atenção, a rapariga continuava:

— Acredite, senhora, ele só me tem a mim! E perdoe... porque ele não tem familia, só me tem a mim... Ninguem lhe manda nada... só eu... e agora não podia, não tinha nada para lhe mandar... Ele é pobrel! Não pôde comprar nada! E é soldado como o patrão...

— Que está você para aí a dizer? interrompe M.^{me} Berge num movimento de colera. De quem quer falar?...

— Ele chama-se Bernardo... responde a creada no meio das suas lagrimas.

M.^{me} Berge mordeu os beiços.

— É o seu noivo?

A pobre rapariga estava tão aflita que nem pode inventar uma historia qualquer.

— Não somos noivos! mas é como se fossemos... Que quere?... Eu estava só em Paris, e ele só de todo neste mundo. Conhecemos um domingo; á tarde, seis mezes antes da guerra...

— Desgraçada, pobre desgraçada, diz M.^{me} Berge. Você, que eu fui buscar á sua familia... que eu mesmo trouxe para cá... Foi Paris que a perdeu.

— Havemos de casar mais tarde! gritava a creada. Foi então que veio a guerra, e ele abalou. Nos primeiros tempos ainda eu tinha algum dinheiro guardado e arranjava-me; mas agora, que já não tenho nada porque mando a soldada a meus pais... E não posso deixá-lo assim, abandonado de todos, isso faz-me muita pena! Quiz arranjar costura para fazer de noite e ganhar alguma cousa; mas não sei coser bem e estragava a obra. Depois ando tão cançada, que ficava a dormir com o trabalho na mão. E porisso ha mais de um mez que lhe não mandava nada e andava muito triste. Tentou-me então o pacote do patrão, abri-o e tirei um tudo nada do que lá estava. Cuidei que não se daria pela falta, no meio de tanta cousa. Mas não foi para mim, eu nunca roubei nada a ninguem. Tinha apenas dez centavos para tabaco, acabou ella por dizer desfeita em pranto.

E, mostrando um pacote escuro que trazia no bolso, acrescentou:

— O chocolate, tirei-o ao que faço de manhã.

«É por isso que ele agora era tão fraco», não pôde deixar de pensar M.^{me} Berge.

Estava um pouco embaraçada diante da rapariga lavada em lágrimas. Considerava os objectos furtados por ela para esse soldado desconhecido que se batia e arriscava a vida da mesma forma que seu marido; sem querer, comparava o pacote pequeno, mesquinho — as quatro pastilhas, as duas latinhas e os biscoitos dentro do papel roto — com o pacote opulento destinado a M. Berge e que não parecia ter diminuído de volume. E, de repente, arripiou-se toda pensando na dôr horrorosa que teria se, por falta de dinheiro, não pudesse fazer essas remessas preparadas com tanto amor. Apoderou-se então dela um sentimento, que não confessou a si mesma, dum nivelamento singular sob a influencia das privações e dos affectos mais dôces; e perguntou sómente:

— Ele escreve-lhe muitas vezes?

— Quando pode. (*O rosto da rapariga iluminara-se*). Ainda esta manhã recebi uma carta.

— Pois foi você mais feliz do que eu, disse M.^{me} Berge muito baixo. Maria corou e estremeceu.

— Veio também uma carta para a senhora!... Esqueci-me de lhe dar com esta historia. É do patrão, acrescentou timidamente.

Apesar de acostumada a dominar-se, M.^{me} Berge arrancou-lhe de subito a carta das mãos e abriu-a febrilmente; percorreu-a com os olhos, teve um suspiro de suprema ventura e releu-a outra vez. Ergueu depois a cabeça, e tão alegre estava que não pôde conter-se sem perguntar á creada:

— O seu também não foi ferido, não é verdade?

— Não, minha senhora, balbuciou Maria.

Seguiu-se uma pausa. M.^{me} Berge caíra de todo em si.

— Pois bem, diz ela em tom severo, tudo isso não impede que vocemecê tivesse andado mal. Devia ter dito o que se passava consigo... Vamos, porque espera. Dívida em dois o pacote do sr. Mande a metade ao seu noivo — e acentuou a palavra. Ande mexa-se, que são horas de ir despachá-los e voltar para o seu serviço.

— Sim, minha senhora, replica a pobre creada.

Mas, na sua alegria e atrapalhão, poz-se a tremelicar, não conseguindo atar os cordeis. E foi M.^{me} Berge que fez os dois pacotes.

FRÉDÉRIC BOUTET.

XXVII. — A APOLOGIA DE KADIR BAKCH (1)

Kadir Bakch era *khitmatgar*, isto é sargento, num dos regimentos sikhs que combatiam no Yser em 1914. Ha tempos o comandante mandou um dos officiais da sua companhia, o tenente Robinson, en-

(1) CONTE DU JOURNAL. — L'APOLOGIE DE KADIR BAKCH, por Pierre Mille, em *Le Journal*, de 24-6-1917.

tregar um officio ao batalhão francez que se encontrasse mais perto d'êles, e disse a Kadir Bakch:

— Tu vais com o tenente e, se ele morrer, pegas do papel e leva-lo ao seu endereço. É uma cousa muito importante.

— *That is good talk*, isso é que é falar, respondeu Kadir Bakch num inglez da sua lavra, o unico que conhecia.

Ora succedeu que o tenente Robinson foi morto de repente por uma bala de shrapnell, que lhe entrou pelo olho esquerdo e saiu pela nuca, enquanto Kadir Bakch ficava com um ombro despedaçado; isto porém não o impediu de pegar no officio, como lhe ordenaram, e de o levar ao batalhão francez. Eis a razão por que este sargento sikhi, apesar de pertencer ao exercito inglez, foi recolhido alguns instantes depois, sem o ouvirem, numa das nossas ambulancias: julgeram-no em estado muito grave para poder regressar ao seu corpo. E aconteceu darem-lhe por vizinho de cama um francez que falava inglez, Adrien Vermot.

— É inglez bom de mais para mim, confessava o khitmatgar, é inglez de *gentleman*, mas não faz mal.

Perguntou depois ao vizinho o que é que ele tinha, curiosidade natural entre todos os feridos, até quando veem da India.

— Vou morrer, respondeu-lhe Vermot sem a menor agitação.

— Ah! exclamou Kadir Bakch, com simplicidade.

Parecia-lhe naturalissimo que se morresse na guerra, e a resposta do francez pouco o impressionou.

— Tenho uma bala na espinha dorsal, continuou o ferido; já nem posso mexer as pernas. E depois isto vai subindo; estou certo... dentro de cinco ou seis dias. Mas não soffro; só queria ver minha mãe...

Levou com effeito cinco ou seis dias a morrer, e delirava de quando em quando. Mas, como falasse francez nesses momentos, o outro não podia entendê-lo; e ainda quando pudesse, pouco mais teria sabido. Adrien Vermot chorava a perda da vida como uma creança. Tinha vinte e dois anos! Dizia tambem que não comprehendia a morte, nem porque morria, nem para que servia que ele morresse. Desejava saber se tinha vencido e se a França estava victoriosa; saber na verdade se a sua morte não serviria para cousa alguma, horrivel pergunta que os homens ainda por muito tempo haviam de formular.

Kadir Bakch pensou que talvez pudesse socegá-lo, cantando-lhe a meia voz longas melopeas indianas; e fê-lo ao principio sem grande compaixão, porque o enfadava ouvir queixumes numa lingua estrangeira. Afinal acabou por se afeiçoar ao moribundo: «É um *sahib*, pensava o velho soldado, tem a idade de meu filho». E Kadir Bakch era amigo do seu filho.

Ao cabo de um certo tempo, Vermot, que ia perdendo as forças, mas conservava toda a lucidez, perguntou:

— Que estás tu a cantar?

— Historias! respondeu o khitmatgar, historias da minha terra. Lá cantam-nas sem as entenderem bem; a ultima é assim: «Era de uma vez Buda, Buda e todos os seus discipulos; tinham-se sentado

no chão, e os discípulos escutavam o mestre que lhes estava revelando o caminho.

— O caminho?... perguntou o moribundo.

— O caminho para a aniquilação: para termos a suprema ventura de não tornar a viver... Percebes? De repente apareceu-lhes uma imagem terrível, Siva, o grande deus, o meu Deus! Olha. Tenho na testa a sua marca tatuada. Era Siva, o inefável, Destruidor e Gerador do mundo inteiro: a guerra que mata e a reprodução dos seres e das cousas pelos enlaces do amor. Macho e fêmea, com os seus tres olhos e o pescoço azul desde que se ia envenenando por beber o mar, o mar todo! a cintura cercada de crânios humanos e a cabeça coroada pela lua, a lua fecunda.

«E todos os discípulos ficaram cegos; nunca mais viram e perderam-se na noite. Perderam-se todos na noite menos Vradzahani, o sapientíssimo, por causa do seu saber. E todavia ele não compreendia tudo; via esse Deus magnífico e terrível, mas não sabia quem fosse.

«Voltando-se então para o mestre omnisciente, para Buda, disse-lhe: «Eu conheço todas as estrelas e todas as divindades que são tantas como as áreas do Ganges; mas não vi em parte alguma este ser glorioso. Quem é ele?»

«E Buda respondeu: «És tu mesmo!»

— Como? interrogou o moribundo.

— Sim, era ele mesmo, explicou Kadir Bakch, com ar solene. Todo o homem contém em si a morte e a regeneração. Nenhum o sabe. Só o iluminado é capaz de o saber... Quando viu Siva e concebeu que Siva e ele eram um só e mesmo, Vradzahani entrou desde logo na ventura suprema. Quero eu dizer que morreu para não mais ser reencarnado, para entrar na alma do mundo. Assim diz a historia».

Então os olhos de Adrien Vermot, que ia morrer, suavizaram-se e, pouco depois, rebrilharam.

— Tu, oh! Índio, diz ele, — não posso lembrar-me do teu nome — tu, oh! Índio, olha que eu não compreendi tão bem como tu, mas compreendi! É a França que se revelou a ela mesma nesta guerra atroz e encarou-a de frente e não se ofuscou. Encarou-a de frente e reconheceu-se a si mesma. E reconhece-se em mim, em mim que vou morrer, em todos quantos morrerem! E agora posso ir-me para sempre, já sei!

— Sahib, pergunta o velho Khatmatgar, Sahib tão parecido com o meu filho, queres ver tua mãe mais uma vez?

— Sim, queria, respondeu Vermot muito calmo. Repetir-lhe-ia isto... Que extraordinária cousa disseste! Creio porém que lhe não avalias o alcance.

— Eu? É possível. Nem todos sabem o sentido das orações que todos rezam. Mas o sentido existe nas orações... Sahib, queres que eu chame a mulher-de-blusa para te dar a picada que faz dormir?

— Quero, diz o ferido, resignado.

E morreu quasi logo.

PIERRE MILLE.

(Tradução de ANTONIO ARROYO).

“OS ULTIMOS,”

DO VISCONDE DE VILLA-MOURA



COM o senhor Visconde de Villa-Moura de dar á estampa o seu romance «Os Ultimos», que é a expressão definitiva do seu talento e a confirmação de que o seu estylo tende cada vez mais a ser individual, proprio, adentro dos limites do seu assumpto de arte, a historia romantica dos «Ultimos», dos que um fogo de amor e alma queimou na vida e no destino. O prosador illustre da «Nova Sapho» onde a sua alma de artista ao mesmo tempo pagã e decadente, soube encontrar uma expressão de forma que marcou como simbolo da sua maneira; o contista moderno dos «Doentes da Belleza» onde as paginas admiraveis do «Delicto de Amor», dos «Humildes» e da «Casa das Sombras», lhe deram o principado das coisas subteis, manchadas de um estylo de oiro-vivo, adolescente, escorrendo um brilho tenue de imagens veladas e doentes, e o novelista dos «Bohemios» fazendo-os passear a sua tortuosa via de vicio e ruina pelas sombras viciosas de Paris, evocados pela sua imagem de pintor de almas, servindo-se da sintese de Fialho «o assumpto é que dicta o estylo», vem-nos no seu ultimo romance, focando a historia romantica de dois personagens, contar das suas paixões, dos seus desvairios, e das suas tristezas. A sua prosa torna-se fluida, de tons leves, quando mancha a paisagem do crepusculo aguarelado, deixando-a extatica, como se procurasse ouvir o drama das almas que lhe são envolventes e continuas. E o personagem romantico que um fogo de illusão levou a raptar a sua amante dolorosa, presa ao seu destino por um laço de paixão, vem no seu romance, ora em mysticos alheamentos de poeta apaixonado, ora seguindo o seu destino absorto e doente, levado por passos incertos, sem mãos guidadoras. A maneira de arte do auctor dos «Ultimos» bastantemente revelada, cinge-se ao assumpto, dá-lhe a tinta que elle requer, a imagem que o apaixonava, o sentido que elle namora. Assim a «Nova Sapho» é um romance consequente da sua visão pagã e ardente, das paixões da carne aliadas a um grande incendio de arte, em tintas fortes, dolorosas, fulvas, apaixonadas e ao mesmo tempo d'um psalmo fundo de magua e destino constricto, na «Elegia da Morte», funda emoção onde a sua visão de artista o levou a esculpir imagens que ficam para sempre nas suas melhores paginas e paginas que encerram as suas melhores imagens. Nos «Doentes da Belleza» os personagens todos vestidos pela tinta da sua tendencia artistica movem-se a um destino constricto, sereno, de paixões intimas que passam alheias ao mundo. Afora os seus trabalhos de emoção inter-

prete sobre Antonio Nobre e Fialho d'Almeida, o livro «Os Ultimos» pelo alargamento sentido e sincero dos personagens, pelo estudo da paisagem que vivê no drama, como se humanizada fosse, pela cavalheirosa maneira dos bandidos românticos e também pelo estudo das suas descripções, é um livro marcante, e dos livros definitivos da moderna prosodia portuguesa.

A arte do Visconde de Villa-Moura é elle proprio, arte—símbolo da sua emoção externa, que vê as almas na verdade dolorosa do seu drama. Os artistas de exilio, os que mais vivem o seu intimo do que a tortuosa e falsa emoção d'uma forma de figurino—são os mais representativos pela sua serenidade e pela sua confissão. A sua arte empresta aos assumptos a tinta que elles requerem e as imagens, os símbolos, os caracteres que lhes são mais condizentes. O artista traduz pois a sua consequencia intima e dá-lhe a traducção condizente á sua visão intima. Carlos Parreira, esse bruxo maravilhoso da escripta, cuja arte parece ser feita de febre de côr, de crepusculo agonico e de sangue, no seu estudo sobre o artista dos «Bohemios» soube ver bem o seu sentido d'arte porque lhe interpretou a visão esculpida em sombras e em imagens, das suas paginas mais expressivas e individuaes, perante o palco onde o artista reflecte a sua galeria de constrictos.

A focação romantica dos seus typos deu-lhe uma comprehensão sincera do momento que elles viveram, plenos de alma, apaixonados pela indole ambiente do momento, farçantes-sinceros, dolorosos, d'um drama que era quasi comum, soffrer de amor e consequentemente viverem o destino d'esse amor intimo. Assim «os Ultimos» realisam o atestado vivente d'uma das epochas mais curiosas, mais vincantes, mais caracteristicamente portuguezas dos nossos tempos. Antes do realismo iconoclasta, nos seus processos de analyse, viveram os românticos a sua sincope, transmitindo em si tudo, a extatica dormencia d'uma paisagem feminina, a paixão de corações dolorosos, a elegancia velada, fragil, triste, mussetiana das mulheres, vivendo as suas dores nos romances, madonas de lagrimas, indo na vida como sombras errantes, presas a um sol distante e sempre vago, sempre longinquo, fugidio. O estudo moral d'essa epocha estava por fazer e essa realização conseguiu-a plenamente o Visconde de Villa-Moura dando-nos um romance onde as paixões vivem a sua epocha, e os caracteres embora distantes, se animam com a sua linguagem propria, á sua expressão logica. Os personagens no romance só vivem a sua belleza exterior e intima, se forem personagens interpretativos, actores propios das suas consequencias intimas na vida, como no destino. O Visconde de Villa-Moura realison pois uma obra de distancia, vista atravez do seu temperamento moderno, preciso, de artista, mas que soube moldar o tempo romantico com a feição certamente propria da sua maneira. A expressão camilliana do romance é até n'elle mais perfeita porque o drama da paisagem comparticipa melhor, mais humanamente do doloroso drama que elle vê, com olhos sempre longinquos e perdidos, nas almas que vivem no seu regaço.

Algumas paginas sobre essa paisagem duriense, a descripção

do rapto, a descripção do envolvente panorama á casa onde viveram os fugitivos, o palco florido onde os bandidos do José do Telhado vinham prescrutar a presa que lhes cahiria nas mãos, tudo se veste de verdade e imagem, pela sua plastica expressiva, melhor pela sua prosa elançada e serena, de onde a onde apaixonada pela imagem, quando o artista dá um pouco logar ao romancista. A maior verdade do romancista é comungar o meio ambiente, para que a sua expressão seja um romance de almas-simbolos, vivendo a sua farça em a sua dor, e não um romance escripto em vagares de noites anónimas. O artista é o simbolo expressivo de si proprio. Para que as almas vivam o seu ambiente é necessario que o intimo vidente do escriptor, lhes dê a dramaturgia ou a comedia de emoção, que elles encerram. O artista acompanha depois o escriptor, quando elle proprio reconhece ser necessario á esthetica da obra, uma tinta mais febril e mais bella, na imagem, e um estylo mais subtil, mais artistico, no conjunto, que é o ambiente. Assim o comprehendeu o Visconde de Villa-Moura na evolução logica dos seus personagens sobretudo Antonio de Mascarenhas e Valentina, os dois personagens vincantes do drama, n'elle esculpindo em attitudes e posturas, as suas dores, os seus contrastes e o seu conflicto.

O que «Os Ultimos» teem sobretudo é um conflicto logico e uma acção natural sem artificios estudados. A acção como consequencia do conflicto decorre ao sabor do destino. É elle que prepara o rapto, que faz dolorosa a doença moral do marido enganado, é elle que une dois temperamentos mais tarde exgotados de febre e carinho, distantes na vida, separados por um filho professo na religião, mas ainda sob a mascara de Deus, sabendo comprehender a febre que os uniu e o destino que os separou. Esta consequencia directa é tão sincera no romance de Villa-Moura, que elle realisou até o inventario psicologico de duas almas, representativas do romantismo, um poeta sincero, vivendo no mundo a sua tristeza, a sua dor e o seu alheamento á vida, e uma mulher esvelta, pura de emoções, pecando por amor, soffrendo por amor, caminhando, vivendo, comprehendendo, sentindo tudo, pela verdade da sua paixão e do seu fundo amor. O escriptor realisou a dramaturgia velada e constricta de duas almas, indo no mundo sem rebeldia, comprehendendo-se, agitando-se sem febre dolorosa, representativas pela acção e pelos seus conflictos intimos, da epocha romantica, cavalheirosa, ardente de desejos, mas sincera de fé, onde tudo tinha mais um destino de morte ou de religião, como consequencia dos anteriores desvarios, do que a finalisação estudada dos romances em voga. Portanto uma das admiraveis qualidades do talento de Villa-Moura foi estudar duas monographias á luz do seu ambiente e do seu meio, para as fazer viver, culminantes de contricção e amor, fé dolorosa e paixão ardente. É pois um livro admiravel como romance e como estudo de almas, vendo eleita e realmente sem artificios, antes á luz verdadeira d'um ambiente natural, sincero e logico, a sincope de dois destinos, ao mesmo tempo unidos e distantes, vergados a um amor deshonesto e criminoso. A sua arte sendo uma arte de visão, no seu romance, de perspectiva distante,

tem uma definida, segura e ritmica emoção de verdade. A verdade emotiva é a melhor pedra de quilate d'um talento artistico — pela expressão revelada da sua forma. Ora o livro eleito de Villa-Moura pela consequencia directa d'estes pontos de vista é o mais seguro, mais ordenado, mais previsto e mais ductil dos seus livros d'arte, pelo seu ambiente natural, pela aqua-tinta esfumada das suas paisagens durienses, pela nobreza dos caracteres e sobretudo pela forma, mais plastica, mais ritmica e mais artistica até, do que nos romances apressados, da phase meramente romantica de Camillo Mascarenhas é bem o simbolo representativo do homem superior do seu tempo vergado a uma dor, pezaroso e triste no seu destino de alma, escriptor de ternuras e de coisas admiraveis, vãs e futeis, recolhidas pela sua emoção nos seus livros anonymos, mas revelantes do seu sonho interior, crepitando, incendiando-lhe o intimo de paixão e sofrimento. Os seus gestos quasi passivos, expontaneos, dizem bem a indole romantica, quasi feminina de sobresaltos e imprevistos, indole que elle reflecte admiravelmente como simbolo e que o escriptor admirou e pintou como mestre, senhor proprio dos seus plenos recursos de imagem, pintura, descripção e confictio moral. O seu drama no romance é pois altamente humano, pela indole typica e universal dos seus caracteres, o mesmo se dando n'outro admiravel escriptor Aquilino Ribeiro, revelando n'um livro recente, a mais bella das emoções artisticas do momento litterario, precisamente dentro d'estes pontos de vista. A *Via Sinuosa* d'este escriptor, define-o tambem, como um regionalista universal, tendendo a crear uma universalisação artistica, adentro do nosso ambiente intimo e moral. Ora o escriptor Villa-Moura realisou com plenos recursos este admiravel ponto de vista. A sua acção é romantica pela indole consequente dos seus personagens, mas a forma, a expressão que a sua linguagem e o seu confictio revelam, fazem d'elle um escriptor universal, plenamente senhor d'uma plastica de lingua, só vivendo a sua belleza maxima em raros prosadores contemporaneos.

O meio que o artista pinta na leve imaginação da sua efabulação no romance, é perfeitamente concorde com a acção que os personagens crearam para o seu fim e para o seu epilogo. Mascarenhas pela maneira como procede sacrificando-se pelo amor, vendo n'elle o seu simbolo a soffrer, deixou-se ainda levar pelo abraço romantico da illusão, vendo as coisas e as paixões, atravez d'um sentimento que o meio moral justifica plenamente. Valentina é a figura martir, madona romantica, chorando as suas horas esquecida de as ver passar, face perlada de lagrimas, a dizerem a sua sinceridade apaixonada e dolorosa. As outras figuras como o marido e o pae, mesmo o filho, são accidentes que no entanto emprestam á acção a sua emocionalidade vital e logica. Por ser humana e mais do que tudo evidente, a efabulação d'aquelle drama amoroso, já dentro duma epocha a cahir na descrença realista, é que o auctor lhe chamou e bem o fez portanto — «Os Ultimos».

Decerto elles pelas suas qualidades marcantes e pelo seu fim conduziram o seu destino para a logica romantica. O desfecho é a

consequencia do conflicto. A conversão religiosa de Valentina, séla a face de Deus o seu remorso. A morte do marido crispou-a de fé para remir os seus erros, melhor as fatalidades do seu drama. O seu erro não existe se estudarmos a psychologia morbida, que levava a ser natural uma tendencia anti-religiosa na epocha. A razão dava lugar ao sentimento, suficientemente nubloso, para não ter a realidade forçada e logica d'uma visão funda. E o fim descrente de Antonio Mascarenhas, vivendo a sua morte entre sombras, agitado por uma idea de quasi remorso, dá-lhe a expressão dolorosa, pensativa d'um poeta queimando o seu sonho d'arte, para seguir a vida nos seus tramas, nos seus alheamentos, tão alheio á realidade, como as alegrias são alheias á noite.

Vistos assim os personagens do romance de Villa-Moura, é logica a verdade da sua acção e o desenrolar accentuadamente humano do conflicto. O filho quebrando aquella união e seguindo a vida religiosa, é o proprio destino que se humanisa, que se personalisa, para remir, religiosamente dois destinos em erro, unidos por um amor, a caminho do seu fim. O remorso no drama romantico era substituido pela fé — e foi ella que se tornou real em todos os actos de Valentina e Antonio Mascarenhas, amantes que um forte cunho de emoção levou a selarem os seus destinos, n'uma vida perseguida e accidentada, como se um crime lhes enchesse as noites de visões funebres. Todo o ambiente acompanha a paisagem. O artista deu-lhe a visão humana, que ella empresta a todo o drama. Os personagens de segunda plana tem verdade, character, lealdade, um brio que mesmo nos bandidos tem as suas honras. Era a verdade romantica a dar-lhes realidade humana aos seus propios actos. A dor constricta dos personagens dá ao romance a verdade suprema, da sincope romantica nos seus ultimos dias. E os ultimos romanticsos vivem já no prestio do romantismo, por isso realçam mais typicos, mais perfectos, mais vinculados á nossa visão contemporanea.

O proprio estylo do artista, mais plastico, mais ductil do que o estylo meramente romantico de Camillo, justifica-se pela verdade velada das suas imagens simbolicas, pela indole da sua belleza pictorica, vendo as imagens como simbolos intimos a reproduzir.

O estylo deslumbradamente artista dos «Doentes da Belleza», não é o estylo humano, enodado de tinta e sombra do vicio errante dos «Bohemios», nem o estylo do simbolo que o assumpto dicta, expressão imaginativa em arte ou interpretativa da visão unica de Fialho, o nosso mais surpreendente, bizarro, lascivo, escritor contemporaneo. O escriptor comprehendeu que a maneira romantica exigia d'elle uma admiravel verdade pictorica, de paisagens veladas e personagens reaes, fallando a sua propria lingua com ambiente, e não a linguagem forçada, febril de imagens, do momento em que se escreve. Isto é, o romancista creou á sua visão uma verdade ao mesmo tempo distante e presente, porque via a distancia com a sua propria realidade. Demais a psychologia dos seus personagens é bem vital e humana, para que se lhes note uma grande intuição de sinceridade intima a abrir-lhes o caminho do destino e da

razão: E o seu proprio estylo mesmo na belleza d'esta phrase tem bem o simbolo presente, da sua belleza plastica e do seu todo scenico. «Intimamente, o edificio era uma espectacular ruina e principalmente o salão, onde, nos intervallos dos quadros — uma dezena de telas de familia — pendiam dos apainelados farrapos de setim moido; em dois angulos do espaçado compartimento linham chovido seguidos invernos, apodrecendo parte dos estofos e destrajando dois tremós D. João V, sem telas; finalmente o tecto ostentava n'um confuso desenho um labyrintho de guarnições que antes o esquartelavam e agora pendiam soltos ao longo das almofadas, comidas de bolor». Eis bem nitido o estylo velado em aguarela de sombras, a dizer a propria verdade ambiente. O artista disse o proprio ambiente, dentro da sua verdade e não dentro da sua ficção de estylo. É esta qualidade que nobilita extraordinaria e talentosamente o seu romance, admiravel reconstituição emotiva d'uma epocha onde o amor levava á loucura e á fé, e o character era uma expressão corrente. Bernardo Lopes é uma figura admiravel de verdade, até no seu orgulho plebeu, e o pae de Valentina vive a tendencia propria do seu sangue e da sua maneira. Demais o descriptivo n'«Os Ultimos», tem paginas admiraveis como a descripção da festa em casa de Bernardo Lopes, do rapto, do encontro do pae de Valentina com Bernardo Lopes, da carta de Mascarenhas á amante, que o definem como um escriptor na plena posse, no apogeu, na expressão definitiva do seu talento superior e do seu valor de élite. O proprio artista tem no seu livro a joia orgulhosa d'esta phrase, que é ainda um corolario ao seu valor de criação artistica, porque «Os Ultimos» sendo um romance de evidencia plena de um escriptor, e de um artista, completos, deram-lhe uma visão de perspectiva distante e de criação. — «Ha alguma coisa maior do que a arte! É a dor que tem o fecundo poder de crea-la». Esta consequencia de analyse é bem intima, para os artistas que o são pela sua tendencia de arte e pelos seus motivos de belleza. Reabilitada a dôr do artista creador, evidente é que a sua criação de arte, lhe deu a unção dolorosa de sentir e crear o seu drama, que é dos grandes livros a ficarem no actual momento litterario, como prova e evidencia de um escriptor de eleição, na posse plena dos seus recursos de lingua, imagem e pintura.

A sua expressão de arte demais é a propria justificação do seu valor que ficará na litteratura, fóra das consagrações vulgares e anonymas, a definir um grande talento e a comprovar a excellencia emotiva de um artista consagrado adentro da fallencia mental da actual epocha litteraria. Demais o artista é elle proprio e elle proprio tem a sua justificação na sua obra presente, que ficará, decerto, como um simbolo representativo a perdurar, para sempre. Já que Villa-Moura a escreveu e realisou com beleza, com carinho, com uma grande confiança e com uma ilimitada fé.

Lisboa, 1918.

Conde de Albuquerque.



PAX

De Pedro D. Costa

AS ESTRÉLAS NAS POESIAS DE CAMÕES

1.— Os conhecimentos astronómicos de Camões revelam-se não só em numerosas estâncias dos *Lusiadas*, como em muitas das suas outras composições poéticas.

O trecho mais importante, resumo formosíssimo da teoria ptolemaica, como não há em nenhuma outra língua, é a fala de Tetis quando mostra a máquina do mundo, no Canto X. Pergunta-se: porque introduz Camões no poema esta bela lição de mecânica celeste?

O chamado *Regimento de Munich*, cuja publicação em fac-símile é devida ao Sr. Joaquim Bensaúde, faz-nos saber como eram, na época dos descobrimentos, os manuais náuticos dos nossos navegadores, os quais, na frase bastante citada de Pedro Nunes, partiam — mui ensinados e providos de instrumentos e regras de astronomia e geometria —. A uma parte, propriamente prática, contendo o regimento do astrolábio e quadrante para se determinar a latitude do lugar pela observação da altura do sol, o regimento da estrela do norte para o mesmo fim, uma lista de latitudes e um calendário com as longitudes e declinações solares para cada dia, juntava-se um *Tratado da Esfera do Mundo*, tirado do latim em linguagem, que constituia a parte destinada a instrução teórica. Este tratado era a tradução portuguesa do livro *De Sphaera*, compêndio de astronomia, escrito no século XIII pelo frade inglês João Sacrobosco que foi professor na Universidade de Paris. Desta obra de Sacrobosco publicou, em 1537, nova tradução portuguesa o Dr. Pedro Nunes, com anotações marginais que corrigem o texto primitivo segundo as ideias dos astrónomos do tempo, sendo a modificação mais importante o acrescentamento de mais uma esfera às nove de Ptolomeu.

Tetis, apresentando aos mareantes portugueses o transunto reduzido da máquina do mundo, permitia-lhes verem «com os olhos corporais» os movimentos dos orbes celestes, descritos nos livros que traziam nas naus. Camões, porém, corrige o sistema do mundo do texto de Sacrobosco já com as modificações apontadas nas notas da tradução de Pedro Nunes.

Os nossos navegadores não se contentaram com os conhecimentos colhidos num tratado de astronomia, applicando-se a acrescentar novos capítulos a esta sciência, pela observação directa dos astros. Os portuguezes, ousando cometer o grande mar Oceano, «descobriram novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos, e o que mais é: novo céo, *novas estrêlas*», como diz Nunes no *Tratado em defensam da carta de marear*. A uma destas novas estrêlas, ou constellações, se refere o poeta nos *Lusiadas*:

Já descoberto tínhamos diante,
Lá no novo Hemisfério, nova estrêla
Não vista de outra gente,

e em uma das suas *Elegias*:

Debaixo estando já da estrêla nova
Que no novo Hemisfério resplandece,
Dando do segundo axe certa prova.

Foram os navegantes portuguezes que destacaram no firmamento o grupo que cognominaram Cruzeiro do Sul, estudando-o e acabando por formular o *Regimento do Cruzeiro*, para a determinação da latitude geográfica. Assim, observando atentamente as estrêlas do novo hemisfério, apontaram aquele claro sinal para a navegação nas regiões austrais, ensinando a maneira de o utilizar.

Quando Tetis expõe, aos olhos encantados do Gama e seus companheiros, a máquina do mundo com todos os seus complicados movimentos, está fazendo a consagração do valor scientifico dos portuguezes que, pelas necessidades das suas empresas marítimas, foram cultores da astronomia e ensinaram os outros povos a navegar no mar alto, longe do arrimo das costas, guiados pelos astros em todas as latitudes. Não canta o poeta só os actos de espantosa ousadia e admirável heroismo guerreiro. Aqui celebra êle o amor dos nossos pela sciência dos astros, o qual frutificou em grande incremento da arte náutica, que êles tiveram de aperfeiçoar para poderem romper através dos mares desconhecidos.

2.— No sistema ptolomaico todos os corpos celestes eram chamados — estrêlas —, e classificados em estrêlas fixas e estrêlas erran-

tes, ou planetas. As fixas consideravam-se embutidas numa estera diáfana que era o oitavo céu, ou firmamento, guardando distâncias invariáveis uma das outras. Entre este oitavo céu e a Terra, moviam-se as sete esferas dos planetas antigos. Por cima, a sétima era a de Saturno; no meio, a quarta era a do Sol, o «lúcido planeta»; a mais baixa era a da Lua.

Assim a lua ocupava o primeiro orbe cristalino, a contar da Terra, como o poeta diz num dos seus sonetos:

Diversos dões reparte o Ceo bento,
E quer que cada uma alma um só possua;
Por isso ornou de casto peito a Lua,
Que o primeiro orbe ilustra cristalino.

Na *Écloga I*, em que lamenta a morte do príncipe D. João, pai do rei D. Sebastião, a Lua é indicada pela mesma circunstância:

Forém qual a eclipsada clara estrêla
Qu'entre as outras o Ceo primeiro habita:
Tal coberta de negro vejo aquela
A quem só n'alma toca a grã desdita.

O pastor Umbrano compara a princeza viúva, coberta de luto, á Lua, a clara estrêla que o Céu primeiro habita, quando escurecida pela sombra da Terra.

Da mesma maneira é designada a Lua, quando nos *Lusiadas*, V, 24, se descreve a chegada á Bahia de Santa Helena:

Mas já o planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes, apressada,
Agora meio rosto agora inteiro
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,
Quando da etérea gávea um marinheiro
Pronto co'a vista, «Terra, Terra!» brada.

Esta estância levantou uma questão gramatical. Com que substantivo concorda o adjectivo *apressada*? Concorda com o nome feminino *lua*, subentendido pela perífrase — o planeta que no céu pri-

meiro habita —, como explica o mestre de gramática Bento José de Oliveira quando, entre as figuras de sintaxe, define a silepse:

«SILEPSE (concepção) dá-se quando o adjectivo ou verbo concordam, não com o substantivo ou sujeito que está claro, mas com outro, mais geral e nobre, que se tem *oculto* na mente. Há silepse de género, de número, e de género e número juntamente.

1 Silepse de género.

Ex.: *Mas já o PLANETA, que no céu primeiro
Habita, cinco vezes APRESSADA...*

Isto é: mas já *a lua*, o planeta que no céu primeiro habita, cinco vezes *apressada*.

Nos tratamentos políticos concordam, por silepse, os adjectivos com o género da pessoa a quem se dirigem semelhantes tratamentos, e não com o género dos substantivos que se costumam empregar, como *magestade, alteza, excelência, senhoria*, etc. Ex.: *Vossa Magestade foi SERVIDO* (sendo rei), ou *foi SERVIDA* (sendo rainha)» (1).

Na Gramática Portuguesa que serve de introdução ao *Dicionário* de Moraes encontra-se a mesma explicação de concordância naqueles dois versos (2).

Assim fica perfeitamente esclarecida a questão. O Snr. Dr. Adolfo Coelho, porém, na edição dos *Lustadas* do Gabinete português de leitura do Rio de Janeiro, publicada em 1880 para comemorar o 3.º centenário do poeta, emendou no texto do poema, por ele revisto, o primeiro verso da estância atrás transcrita, pondo «a planeta» em vez de «o planeta», com a seguinte explicação no *Glossario* (pág. XCII):

«PLANETA; feminino em V, 24, como prova a concordância com *apressada*, apesar de as 1.ªs edições trazerem *o planeta* no primeiro verso daquela estância, e as edições modernas repetirem o erro».

Restava porém demonstrar que *apressada* concorda necessariamente com *planeta*, para se corrigir o suposto erro das primeiras edições.

Egual emenda introduziu a Snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vas-

(1) Bento José de Oliveira, *Nova Gramática Portuguesa*, Coimbra, 1875, pág. 117.

(2) A. de Moraes Silva, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, nona ed., p. 26.

concelos na edição de Strasburgo, que faz parte da «Biblioteca Românica».

Em terceiro lugar vem o Snr. Dr. Mendes dos Remédios, que, na sua edição dos *Lusíadas*, Coímbra, 1913, adopta também a lição

Mas já a *planeta* que no ceo primeiro
Hábta, cinco vezes, apressada,

fazendo o seguinte comentário:

«No 1.º verso desta estância as 1.ªs edições trazem o *planeta*, como traz também o Snr. Epifânio, *Lusíadas comentados*, I, 280. O Snr. Adolfo Coelho, *Lusíadas, ed. do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro*, a Snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Lusíadas, ed. de Strassburgo*, preferem a lição que também adotamos».

Temos assim mais duas edições com a emenda do Snr. Adolfo Coelho, embora sem exposição de motivos. O professor A. Epifânio da Silva Dias é que rejeita tal emenda, citando um caso análogo, de silepse, na *Odisseia*.

Segue-se depois o Snr. Francisco de Sales Lencastre, com nova publicação dos *Lusíadas*, Lisboa, 1915, preferindo também «a *planeta*» naquela estância, com a seguinte justificação:

«Nas primeiras edições «*planeta*» aparece no género masculino; explicava-se, por silepse, a falta de concordância com «*apressada*»; para alguns escritores antigos, era de género feminino».

Encontra-se, com efeito, o nome «*planeta*» como feminino em escritores dos séculos XV e XVI. Assim aparece, por exemplo, em Azurara, *Chronica do descobrimento de Guiné*, acabada de escrever em 1453. Citaremos algumas linhas do capítulo final em que Azurara, seguindo Alberto Magno, desenvolve os «tres graaos do entendimento perque se ha em conhecer Deos»:

«E o primeiro compara a as aves que voam de noite, assy como murcegos, curujas, e outras semelhantes, cuja vista per alguu modo

nom pode sofrer a clareza do sol;... E no segundo faz comparaçom das outras aves que teem o sentido mais esforçado, e soportam a queentura do sol, mas quando sguardam seu splendor, trememlhe os olhos aficadamente... A terceira vista teem as aguyas liindas, que podem oolhar com vistoso sentyr a esplandecente roda *daquesta planeta*» (1).

Na farça de Gil Vicente *O clerigo da Beira*, representada em 1526, lê-se, no colóquio do moço Almeida com a demoninhada Cezília:

ALM. Do Vedor he necessario
Saber a planeta sua.
CEZ. Sua planeta he a lua
O sino he Sagitario.

Os *Lusiadas* foram editados, pela primeira vez, em 1572. Camões, em cujas poesias tantas vezes aparece a palavra *planeta*, atribue-lhe sempre o género masculino, como lóra já fixado na nomenclatura astronómica por Pedro Nunes, o nosso grande mestre de Matemática do século XVI, no seu *Tratado da Sphera*, publicado em 1537, obra que foy uma das fontes do poema. Ahí aquele nome é sempre masculino. Transcrevemos do capítulo quarto, intitulado—*Dos circulos & movimentos dos Planetas*—, as passagens que servem para o nosso fim:

«... Cada *hum dos planetas* afora ho sol tem tres circulos .s. equante ou igualador: deferente & epiciclo... E *todo planeta* tirando ho sol tem epiciclo. He epiciclo hum pequeno circulo pella circunferência do qual he levado ho corpo *do planeta*... E quando *ho planeta* estiver em qualquer destas estações diremos que esta *estacionario*. O arco de cima do epiciclo ante as duas estações: chama-se direyção: & quando *ho planeta* nelle estiver diremos que esta *direito*: & ho arco debaixo do epiciclo ante as duas estações chama-se retrogradação: & estando nelle *ho planeta* diremos que esta *retrogrado*» (2).

(1) Pág. 459, da edição do Visconde da Carreira, Paris, 1841.

(2) Este trecho pode vêr-se, mais completo, no nosso estudo *Astronomia dos Lusiadas*, Coimbra, 1915, pag. 65.

Este mesmo capítulo é assim anunciado no princípio do livro, nas últimas palavras do «Prohemio do autor»:

«... Em o quarto (capítulo) se dirá dos circulos & movimētos dos planetas: & como se causam os Crises».

Na sua anotação marginal desta mesma página, acrescenta Nunes:

«... amostrāsenos estas estrellas (as fixas) sempre per hūas mesmas figuras & guardá o mesmo sitio as quaes cousas nã ha nos planetas».

Já no *Tractado da Spera do mundo*, primeira tradução portuguesa conhecida da obra de Sacrobosco, que acompanha o *Regimento do estrolábio* de Munich, o nome *planeta* aparece masculino. Na página interior da última folha, que serve de capa, lê-se, em volta da figura do sol que resplandece sobre a cabeça do astrónomo Alfragano:

«Demde o soll proçede has claridad aos signos et aos planetas asy aos superiores como aos inferiores. Ca he alma do mundo».

O sol julgava-se então a única fonte de luz celeste; e tendo seu movimento próprio ao longo da eclíptica, era considerado como estrela errante, isto é, como planeta. Por isso o poeta lhe chama «o lúcido planeta», na primeira estância do Canto II:

Já neste tempo o lúcido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobriendo.

Nenhum dos quatro autores acima citados alterou, nas suas edições dos *Lusiadas*, o primeiro verso para

Já neste tempo a lúcida planeta.

Atribuíam-se aos planetas, na astrologia judiciária, variadas « influências » sobre pessoas e coisas, sobre paizes e cidades. Nas poesias de Camões encontram-se expressões com esta origem astrológica. É o que succede na descrição de Espanha do Canto III, 19:

Tem o Galego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Espanha e senhor dela,
Betis, Lião, Granada com Castela.

Tambem nenhum daqueles quatro autôres fez aqui mudança para

Tem o Galego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez a sua planeta.

Da influência de planetas fala o poeta no soneto que Faria e Sousa conjectura ter sido feito a seu avô Estacio de Faria, amigo de Camões e, como êle, poeta e soldado:

Agora toma a espada, agora a pena,
Estacio nosso, em ambas celebrado
Sendo, ou nò salso mar de Marte amado,
Ou n'agua doce amante de Camena.

Cisue sonoro por ribeira amena
De mi para cantar-te é cobçado;
Porque não podes tu ser bem cantado
De ruda frauta, nem de agreste avena.

Se eu, que a pena tomei, tomei a espada,
Para poder jogar licença tenho
Desta alta influência de dous Planetas;

Com uma e outra luz deles lograda,
Tu com pujante braço, ardente engenho,
Serás pharo a Soldados e a Poetas.

Os dous (e não *duas*) planetas são, naturalmente, o «bravo Marte» e «áureo Apolo».

Na sentida Canção que começa:

Que é isto? Sonho? ou vejo a Ninfa pura
Que sempre na alma vejo?

põe Camões este formôso fecho:

Se a luz de meu Planeta
Não me aviva, Canção, branda e quieta,
Qual flôr, de chuva em breve consumida,
Verás desfeita em lágrimas a vida.

Supômos que não se deverá alterar o primeiro verso para

Se a luz de minha planeta . . .

O poeta fala aqui de seu planeta, como, noutras poesias, de sua estrêla. Assim nos versos — A uma dama que lhe chamou diabo, por nome Fulana dos Anjos —:

Mas já que foi minha estrêla
Ser diabo, e ter tal nome,
Guardae-vos, que vos não tome.

Note-se que também o nome *cometa* é masculino para o poeta, como se vê na estância 90 do Canto II, em que se descrevem os festejos nocturnos no domingo de Páscoa, dia da chegada a Melinde:

Não faltam all os raios de artifício,
Os trémulos cometas imitando;
Fazem os bombárdeiros seu officio,
O céu, a terra e as ondas atroando.

Enfim Camões emprega sempre o termo *planeta* como masculino, seguindo o professor Pedro Nunes, cujo *Tratado da Sphera* é

se comprazia em lêr. Não há motivo para alterar o género deste nome, nem necessidade disso na estância V, 24, cuja construção grammatical tão simplesmente explicam Bento J. de Oliveira e A. de Moraes. Conservem-se pois os versos:

Mas já o planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes, apressada,

como estão na edição *princeps*, de 1572, da qual o nosso ilustre mestre, Snr. Dr. Gonçalves Guimarães, está dirigindo, com sua alta competência, a bela reprodução que vai sahir da Imprensa da Universidade de Coimbra, prestando assim um relevante serviço à literatura portuguesa.

(Continúa).

Caminha, Setembro de 1918.

Luís Pereira da Silva

ENTALHADORES DE LISBOA

(SÉCULOS XVII-XVIII)

PARA A HISTÓRIA DA OBRA DE TALHA EM PORTUGAL



ESTUDO das obras de azulejo e de talha, reveste, em Portugal, uma excepcional importância, porque foi nestes dois ramos da arte decorativa que os nossos mestres se notabilizaram entre todos, e porque é ainda constituída por trabalhos de azulejo e de esculturas em madeira a parte maior da riqueza artística do país.

Infelizmente, estes dois extraordinários filões da arte portuguesa estão quasi por explorar, sendo poucos os investigadores, historiógrafos ou criticos, que tem lançado os seus olhares, ou concentrado a sua atenção, sobre os trabalhos em barro esmaltado ou madeira que enriquecem e enobrecem os edificios religiosos da nossa terra. Essa falta, porém, será, tarde ou cedo, preenchida.

Durante a colheita de materiais para o livro «O azulejo em Portugal» deparei, frequentes vezes, com referências e documentos respeitantes a mestres entalhadores. Acho interessante e de certa novidade publicar os nomes de alguns destes artistas, cujas obras e vida, trabalhos posteriores, porventura, virão esclarecer.

Do século XV e ao gosto do gótico flamejante ficou-nos, em Coimbra, o retábulo monumental da Sé Velha, obra do mestre Uliver, framengo, e do seu parceiro João d'Ypres, os quais em 1508 deram a obra por concluída.

Embora dirigissem a factura do retábulo esses dois estrangei-

ros, decerto trabalharam nele alguns artistas de Coimbra. E do mesmo modo trabalhariam no belo cadeiral de Santa Cruz, único dos monumentos manuelinos dêsse género que conseguiu chegar até nós, pois o de Tomar foi queimado pelos franceses, o do Carmo ficou destruído pelo terremoto, e o de Alcobaça desapareceu.

Ao passo que uns artistas se esmeravam nestas obras delineadas segundo os preceitos da arte gótica, muitos outros, cingindo-se às tradições peninsulares, iam lavrando a obra mourisca do allarge, de que nos ficaram restos em Coimbra, no palácio velho de Cintra (capela) e no convento do Varatojo (adro coberto da igreja). Embora de origem oriental, este trabalho do allarge lançára fundas raízes na Península e a sua influência prolongou-se entre nós até ao século XVIII, como proficientemente o demonstrou, nas *Notas sôbre Portugal*, o ilustre crítico de arte sr. Joaquim de Vasconcelos.

O estilo gótico em que haviam sido delineados os grandes retábulos como os da Sé Velha, e os pequenos fundos de altar, como o da Faniqueira, foi um dia posto de parte, e o puro Renascimento que o substituiu, legou-nos êsse maravilhoso cadeiral dos Jerónimos, que não tem parceiro no mundo.

A influência dos escultores espanhoes, alguns célebres como Berruguete, desenvolveu o gôsto pelos altares de madeira, e, lentamente, a partir do fim do século XVI, começaram a erguer-se, invadindo todos os templos, essas armações vistosas de colunas torcidas e arquivoltas folhudas, que a decadência do estilo do renascimento consagrara como a mais distinta criação artística.

Na primeira metade do século XVIII, êsse trabalho em madeira, impulsionado pelas correntes artísticas vindas de Itália e de França, cria novos alentos e alcança uma situação inconfundível. É a melhor época da nossa obra de talha. Bem lançado, elegante, faustoso, o trabalho em madeira, caminhando de acordo com o seu tempo, participando da magnificência real, marca na nossa história da arte, ao lado do azulejo, um lugar glorioso.

*

A relação que vai ler-se consta de 48 nomes de entalhadores que viveram nas freguezias de Santa Catarina, Santos e Mercês, da cidade de Lisboa, nos fins do século XVII e primeira metade do XVIII. Se muitos não passavam de simples artifices, outros foram verdadei-

ros mestres da sua arte, e deixaram numerosas e valiosas obras que ainda hoje, Deus louvado, podemos admirar, e que eu um dia espero, fazer desfilar gráficamente documentadas, perante os olhos do leitor.

Eis os nomes, acompanhados das moradas e do ano da data do documento onde colhi a informação:

- António de Martins Calheiros*, entalhador (1711).
António de Paiva, aprendiz do mestre entalhador Manuel João, morador ao Vale das Chagas (1697-1700).
António Luiz Januário, entalhador (escultor), morador à Calçada do Duque, em 1728, e à Bica Duarte Belo, em 1731.
Antonio Martins Barbuda, entalhador, Rua de João Braz — 1741.
Baltazar dos Reis Couto, entalhador, morador na Rua das Partilhas, em 1714, e na Rua dos Mouros, em 1718.
Bartolomeu Antunes, entalhador, morador na Rua do Caldeira, em 1727.
Braz Ribeiro, entalhador, Rua d'Atalaia — 1693.
Domingos da Costa, entalhador, Rua do Vale — 1741.
Domingos Vieira, marceneiro, Vale das Chagas — 1741.
Feliciano de Azevedo Reis e Silva, entalhador, Rua da Cruz — 1751.
Felix Adauto da Cunha, entalhador (escultor), Rua do Vale — 1725 e 1741.
Francisco Caetano, ensamblador, Rua do Vale — 1741.
Francisco de Oliveira, marceneiro, Vale das Chagas — 1741.
Francisco Ferreira Rodrigues, entalhador, morador às Olarias — 1740.
Francisco Martins, marceneiro, Santa Catarina — 1741.
Francisco Roiz Mendes, entalhador, Rua de Pedro Dias — 1741.
Francisco Xavier da Costa, marceneiro, Rua Direita das Bernardas — 1743.
João Auvens Pedroso, marceneiro, morador às Cruzes de S. Francisco — 1714.
João Simão, aprendiz do mestre Francisco Caetano, Rua do Vale — 1741.
João Vicente, entalhador, morador «Junto à Irmida de S. Pedro e S. Paulo dos Missionários Ingleses» — 1712.
Joaquim Joseph Ferreira, escultor, filho de Pedro Ferreira da Cruz, Rua da Portuguesa — 1741.
Joseph Caetano, entalhador, Rua da Cruz — 1731 e 1751.

- Joseph da Sylva Froes*, marceneiro, morador aos Peaes — 1741.
- Joseph dos Santos*, aprendiz do mestre Manuel João, Vale das Chagas — 1697-1700.
- Joseph Feliciano de Fontes*, entalhador, Rua de Pedro Dias — 1741.
- Joseph Freire*, entalhador (escultor), morador ao Moinho de Vento — 1718-1728.
- José Gomes*, entalhador, morador a Santa Catarina — 1737.
- José Roiz Ramalho*, entalhador, morador junto à Ermida das Almas (Mercês), 1696.
- Joseph Roiz Pereira*, entalhador, morador ao comêço da Cruz de Pañ — 1741.
- Manuel da Fonseca*, entalhador, morador na Rua da Roza das Partilhas — 1693.
- Manuel dos Reis*, entalhador (escultor), morador à Boa Hora — 1697.
- Manuel Ferreira*, entalhador, 1713.
- Manuel Francisco*, entalhador, morador à Fanga da Farinha — 1698.
- Manuel Freire de Mendonça*, entalhador, morador na Rua Formosa, — 1740.
- Manuel João*, entalhador, morador ao Vale das Chagas — 1697-1700.
- Manuel Machado*, entalhador (escultor), morador na R. do Almada em 1691, na R. do Cabral em 1700, na Travessa do Cabral em 1711.
- Manuel Mateus*, sambrador, morador na Rua da Trombeta — 1693.
- Manuel Roiz*, entalhador, morador na Rua do Vale — 1730.
- Manuel Roiz da Fonseca*, marceneiro, morador ao Chiado — 1714.
- Manuel Roiz Leitão*, entalhador, Rua do Sol — 1741.
- Luis Chivaldem* ou *Xivaldem*, entalhador (escultor), morador ao Vale das Chagas — 1697-1700.
- Onofre Correia*, entalhador, morador na «logea do escultor» da Calçada do Combro — 1741.
- Pantaleão Machado*, entalhador, Peaes — 1741.
- Pedro Antonio e Sylva*, entalhador, Rua de Marcos Marreiros — 1741.
- Pedro Baptista* imaginário, Rua do Sol — 1741.
- Pedro Ferreira da Cruz*, entalhador, morador na Rua da Portuguesa — 1740.
- Santos Pacheco*, entalhador, morador na Rua Direita da Esperança — 1739-1743.
- Vicente de Sousa*, entalhador (imaginário), morador na Rua da Cruz, em 1722-1731, e na Rua das Parreiras, em 1741.

Muitas vezes, ao compulsar os documentos e os livros por onde anda dispersa, em capítulos isolados, a nossa história de arte, ou percorrendo os monumentos da nossa terra, me saltou aos olhos a enorme, a profunda decadência da escultura e da estatuária durante o século XVII e a primeira metade do XVIII.

Percebi um dia a razão do facto. Os escultores não faltavam, mas tinham todos passado a trabalhar em madeira; entalhavam. Por isso, com a decadência da escultura em pedra coincidia o florescimento da escultura em madeira. Deixára-se a pedra e trabalhavam-se o castanho, o carvalho, o pau santo e o angelim. É na obra de talha que temos de procurar os élos perdidos da longa cadeia que vem de tempos ante-históricos, das estátuas dos guerreiros lusitanos e dos javardos ibéricos, até aos melhores estatuários dos nossos dias.

Só por isto vale a pena, creio eu, que se tente a sério o estudo da obra de talha portuguesa...

Setembro, 1918.

Tejido Correia

MUSICOS PORTUGUEZES

III

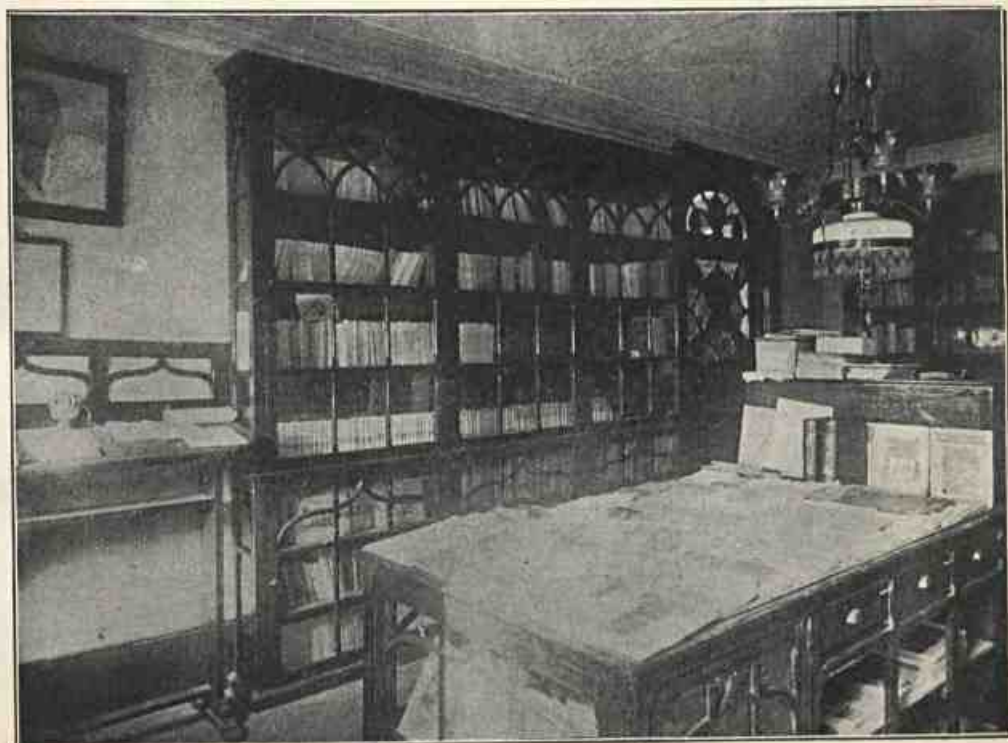
ALMEIDA (FR. ANTONIO DE S. JOAQUIM)

RELIGIOSO dominico, filho de Jeronymo Caetano de Almeida, e irmão do P. Ignacio Antonio, de quem adiante fallaremos. Nasceu na cidade do Porto, ignoramos em que anno. Foi musico distincto, tocando varios instrumentos, e com especial perfeição o orgão e o piano, leccionando este ultimo durante muitos annos no Porto e em outras localidades. Dizem que fôra para elle o primeiro piano vertical, que de Londres viera para o nosso paiz. Posto conste que elle composera muitas peças sacras, e que ainda hoje se conservam em varias casas particulares musicas por elle feitas para piano, não podemos até agora obter a este respeito noticias mais circumstanciadas, sabendo apenas que se imprimiram em Londres, e que foi muito apreciada a sua *Marcha funebre para o enterro do general inglez Wilson* que ainda não tivemos ensejo de vêr. Tambem ignoramos a data do seu obito; mas parece-nos que pouco precedeu a supressão das Ordens Religiosas.

D. Miguel Lott Mayon



ALGUMAS DAS REPRODUÇÕES À VENDA NA EXPOSIÇÃO DE ARTE
DA RENASCENÇA PORTUGUESA



OUTRO ASPECTO DA LIVRARIA DA RENASCENÇA PORTUGUESA

A EXPERIÊNCIA E O SIMBOLISMO DO PENSAMENTO



EXPERIÊNCIA por uma lei geral da vida, que é a diferenciação, faz-se por vários órgãos e agrupamentos diferentes.

Cada ciência tem o seu campo experimental, de fronteiras mais ou menos elásticas, como o indicam os simples nomes de fisio-química, de física e química biológicas, etc.

A Arte é, por sua vez, um outro modo da experiência — é a vida que se ensaia em novas criações e formas.

Um ser integralmente diferenciado, sem plasticidade adaptativa, é o menor motivo de interesses artísticos.

A arte é um reflexo da vida, mas reflexo animado e diferente dando a vida simbolicamente por uma implícita intenção de harmonia.

O objecto da Beleza é a harmonia que se exprime, viva e comunicativa.

A Beleza é a comunicação, a concórdia, a presença duma grande Unidade, abraçando os seres.

E, se o ruído nos afasta da Beleza e a Solidão deia nos aproxima, é porque tanta vez só na Solidão conseguimos ser atentos a essa grande Unidade, que atravessa e enleia os mundos.

Nesse momento de Solidão nós sentimos, no seio da Unidade que nos toma, o frémito de todos os seres que convivem.

Ser artista é confundir o céu e alma, de tal modo que o céu seja um aspecto de alma e, na alma, brilhem, profundos, longínquos e misteriosos, os astros que nos acompanham.

Ligar fios condutores para todas as cousas, e saber que a nossa intenção de harmonia, começando por se fazer na geometria do nosso pensamento e corpo, se vai inscrever ao longe em concêntricas ondulações de acôrdo.

Atento a tudo o que chega, carinhosamente pronto a todas as solicitações, enchendo os mundos da amorosa ressonância da palavra.

Ir por um caminho fóra e a flôr, que olhamos, ser um infinito de ternura revelada, mil anseios mudos encontrando voz; o azul da pervinca feito luz interior, olhando longínquamente interminas suavidades.

Botões d'oiro, ramúnculos marginaes sob a carícia corredia da água; a aragem de certa manhã da memória sob o ósculo da infância, que foge!

O Sol, além montanhas, subindo sereno e imenso, o seu diluído

corpo luminoso enchendo o mundo, pintando cravos, papoulas, gerânios, sangue alvoroçado, e, dentro de nós, a forte alegria de viver espalhando a rubra tonalidade do seu canto.

O artista banha a sua alma na paisagem, na terra e no céu, vasto mergulho aeronáutico; mergulha o pincel nas tintas da alma e pinta a fisionomia dos mundos.

A arte é um estranho fenómeno de osmose entre o artista e o universo, a diferença de tensão dá o sentido da corrente, ora do artista para o mundo, ora do mundo para o artista.

É a comunicação contínua, a grande comunhão, uma transfusão eucarística das vidas.

O universo é uma sinfonia em que cada ser ou criatura fala e responde. Quando, à hora do crepúsculo, as cores se vão morrendo, há um murmúrio, singular da aragem, rio de sons carreando os anónimos apelos das cousas, o chamamento íntimo e amigo das criaturas.

É o artista visiona na aragem que passa, as formas das cousas que murmuram; cada flôr abre o ar em ondulações e gestos, que bem repetem as primeiras ondulações, com que o seu nascimento e crescimento se desenharam no espaço.

Se uma rosa abre, o ar a contorna e lá vai em ondas, por aí além, a notícia de um nascimento a aumentar a beleza do mundo.

O vento crepuscular, que a toma nos braços, aí vai com essa forma a murmurar o segredo da sua intimidade.

Quando, ao crepúsculo, junto a mim estremeceem na aragem as floristas do outeiro, a voz dos gados sobe a encosta e, lá na aldeia e aqui no monte, as mães chamam os filhos, eu bem sinto que o Mistério abriu os lábios e o meu coração derrama-se em puro e divino amor.

Hora sublime da eucaristia santa, hora da companhia, em que, meu Deus, bem sinto o bafo da tua presença!

A arte é a vida unindo-se para se expandir, a ascensão a Deus, clara consciência do entendimento das almas.

Desde a unidade aritmética até à unidade dramática do amor vai o infinito das possibilidades estéticas.

Isso explica que muitos espíritos sérios encontrem mais beleza nas sciências que nas obras intencionais da estética.

É que o acôrdo dos seres falantes pode fazer-se por simples palavras, as suas relações representadas podem ser uma gratuita e fácil cópia da sua vida de superfície.

É possível, por exemplo, tomar de três cardeais, pô-los a contar anedotas da mocidade e levá-los à conclusão que o amor é qualquer figura de retórica.

Tudo isto, gratuitamente, sem a mais ligeira beliscadura na epiderme da realidade, sem a mínima penetração no miolo das cousas.

Pitágoras, estudando as propriedades e relações dos números, obedecia a um sério e concreto desejo de unidade, a mais profunda e sólida manifestação do verbo criadór.

E, quando a música aparece submissa à lei dos números, é todo o universo que se lhe revela em harmonioso acôrdo.

A harmonia das esferas é uma segura apreensão da Unidade, uma visão estética garantida, estuante de pensamento.

Quem, com, efeito, poderá achar a silenciosa solenidade do céu menos real e unitária que as falsificadas palavras, que, sob a sua imensidade constelada, dois namorados troquem?

Quantas vezes, a estes, nem o amplexo da espécie está repassando!

Quando o geômetra vai descobrindo as propriedades duma figura é um instinto de ordem estética que o conduz, é um sentimento de beleza que o leva na continuidade do seu pensamento; sob o movimento de apreensão das relações especiais há uma unidade, que centraliza e domina.

Quando, ao pisar o chão, sentimos que êle se não furta, que à nossa pressão êle responde, que um desvairante abismo não nos tragará sem fim e sem remédio, sabemos bem que temos mais amizade para o planeta que para certas palavras vazias, berradas diariamente nas esquinas, na imprensa e em todos os sitios onde o homem fala para fingir que medita e sente.

Quem deixará de sentir o frêmito do sublime ao pensar o significado de universal sociabilidade que possui a lei de Newton?

A maravilha reciprocidade em que cada corpo *individualmente* se afirma no concerto de todos os outros!

As sciências naturais são uma bela forma de convívio, uma bela conversa do homem com todos os seres. E para os vegetais vai maior simpatia a cobrir o imenso afastamento sem voz, que nos separa. Quando classifico uma planta, tenho a clara impressão que trouxe, para o seio da *família*, um pobre solitário, isolado na mudez e na distância.

Obras de autêntica e eterna beleza perduram, enquanto as obras literárias de relações artificiais e truncadas fenecem nos aplausos com que a mediocridade se lisongeia aplaudindo os seus autores.

São belas, porque representam relações verdadeiras; e isto é um primeiro dever, que os artistas nunca deveriam desprezar.

A arte nunca deverá ser a mentira (1), mas simplesmente uma maior verdade.

Quere dizer que, onde a evolução é possível, a Arte compete criar a nova vida no sentido da verdade.

Se a verdade é uma adaptação social do pensamento e um corolário da liberdade, pode acontecer que uma dada existência seja, em consequência dum mau uso da liberdade, reconhecida como menos verdadeira.

O esforço para uma vida social mais verdadeira, em que melhor coexistam as liberdades, é um esforço artístico.

A arte é o prolongamento do impulso vital que levantou as formas, aparentadas por indeléveis sinais originários.

A arte, sendo uma obra de unificação concreta, e portanto social,

(1) Nos desconcertos, mais aparentes que reais, de Oscar Wilde, há sobretudo a impertinência da palavra.

será mais patente, ai, onde, com a vida, melhor se expõe a sociabilidade.

Mais patente, por isso mesmo, mais acessível e capaz de banalidade.

É o que acabamos de vêr.

As grandes linhas da Unidade que a ciência traduz são duma nobre e severa emoção; é o arcaboço da realidade, a ossatura dos mundos, a circumnavegação do olhar de Rómulo desenhando os muros da cidade eterna.

Esta primeira emoção artística é logo o nosso sêr tomado pela base e erguido em entusiasmo religioso.

É tam dentro de nós e implícita esta beleza, que, posta em evidência, é uma grande revelação religiosa. Raros a atingem, porém.

Nunca é uma repetição banal e insubsistente.

Quando a criança trepa às árvores, salta, etc., ela ensaia, sem uma mentira, as suas relações com o planeta.

É a melhor experiência estética e moral que a criança pode fazer.

Aqui, snrs. utilitários da hygiene que é consequência apenas, está o alto valor pedagógico da ginástica (!).

É mesmo o único motivo de convicção para a criança que a sua liberdade é solidária, quere dizer, condicionada.

Sem êste, que poderia resultar da nossa volubilidade para com elas, do nosso caprichoso código de proibições?

É êste o fundo sério do carácter das pessoas que nasceram no campo.

O mais é... romantismo.

A esta bela experiência, a cidade tenta (sem o conseguir felizmente) substituir a passividade perante o cinematógrafo, as revistas, ou os dramas dos escritores *celebrados*.

Daí a voz *exterior, anónima*, de metal abafado, que caracteriza os meninos da cidade, que o são convictamente e com o gáudio aclamativo das famílias.

É que à experiência estética de comunicação com a natureza (2) se substituiu uma desatenta e insignificante comunicação retórica com os homens.

Mas, para as almas sérias, a presença silenciosa da Unidade primitiva não basta.

O Silêncio é cheio de promessas; que fale, comunique e indefinidamente se alargue em vida e harmonia.

A alegria de falar e ouvir, de atender e ser atento, de levar à união etérea com a estréla longínqua um preenchimento de alma, que torne as distâncias contactos!

Êsse instinto de sociabilidade cósmica faz com que de olhos

(1) Aqui o escritor se ri do sócio das Pedagógicas várias. A actual ginástica é escolástica; o músculo é a sua retórica.

(2) Assim chamamos ao mínimo condicionalismo da universal sociabilidade.

fitos nos astros nos sentimos diluir, crescer, e, de volta com o ósculo da estrela remota, melhor compreendemos o calor do nosso lar.

E todo o espaço sideral é cheio da alma de Newton!

O longe e o perto feitos nossos, uma insofrida ânsia de união.

Assim partimos, mas, de regresso, trazemos um doloroso sentimento de insuficiência.

À nossa fome de unidade quantas respostas de separação!

O que une e o que separa, eis uma dualidade sensível, que, em certa metafísica, é Deus e Satanaz.

Esta dualidade é originária como o conhecimento, que é actividade própria elaborando matéria estranha.

Ser *um* e conhecer o *outro*!

Já o conhecimento é, pois, por sua natureza, dramático.

Mas o drama é belo; é, assim, porque a realidade é solidária, a palavra liberdade não *tem* singular, só as liberdades coexistem.

Só há verdadeira separação onde um ouvido se fecha à voz duma alma, onde uma liberdade se estiola longe do convívio das outras.

O conhecimento é dramático, porque a realidade é amorosa e só o amor une sem aniquilar.

A separação só existe onde as almas se encerram; mas, aí, uma alma pode aparecer que encontre a palavra de comunicação e as descerre e una.

É uma vida cedendo à beleza, à harmonia, que é também o *movimento da verdade*.

O cristianismo, por exemplo, é, antes de tudo, uma grande criação estética.

É belo porque é verdadeiro, porque nunca dos seres para os seres melhor se tinham ajustado os fios que unem, nunca tam firmes e bem caldeados tinham sido tais fios.

Nos velhos tempos anda a Morte, por entre os seres, de tesouras em punho, cortando as ligações; com o cristianismo elas, cortadas, renascerão, pois saem do próprio centro criador.

O que vem fazer a mentira à Arte?

A mentira é separadora; é o diabo, que, a desoras, quando desatentas as criaturas, troca e enreda as comunicações, e os amigos acordam desavindos, perturbados e trémulos.

Por isso a calúnia é sempre caricatural. O caluniador cortando as relações verdadeiras com os seres, amputa-se, grava-se uma máscara carcomida.

Uma voz de harmonia no meio deste caos é a própria beleza reatando as relações verídicas.

O caminho da Arte é, como o da ciência, da ligação confusa e afectiva para a união especulativa e desinteressada.

Os sentidos mais estéticos são também os mais intelectuais.

A arte e a ciência começam no olfacto e vivem pelos olhos e pelos ouvidos.

O Universo ressoa na pele dos animais inferiores, entra luminoso e alado pelas órbitas do homem contemplativo.

A matéria bruta é o primeiro contacto, o éter é, para a ciência e para a Arte, o grande oceano fraterno onde os corpos trocam as suas comições.

Ao conhecimento de afecção orgânica, de interesse vital imperativo, substitui a ciência o conhecimento intelectual, desinteressado do momento e espaço orgânico, cuidadoso do universal conjunto.

Não faz o mesmo a Arte?

A emoção orgânica da piedade, da ternura, do pânico, que ressoa nas vísceras, é, pela Arte, colorida de universalismo, feito o próprio amplexo dos seres que se conhecem e irmanam.

É o grande segrêdo da melhor literatura russa.

À Arte, mais ainda que à ciência, se deve a libertação (que quer dizer socialização) das criaturas.

O desaparecimento dos monstros jurássicos não será uma obra da estética imanente da natureza, substituindo à massa bruta, a agilidade e a graça?

O que arrancou a vida das pesadas carapaças, das conchas acasteladas, senão um mais largo ritmo comunicativo, de par com a intelectualização estética dos sentidos?

E o mesmo para o homem.

A história lendária e epopaica é a primeira manifestação literária dos povos.

O homem quasi só tem *eu social* e as suas relações com o mundo são funções dêsse *eu*.

A sua Unidade é quasi a fusão no *corpo social*, o conformismo, o ritual idêntico, hipnótico, imperativo e intolerante.

Um ponto da liberdade, ténue e fantástico, cria o conto de fadas, seres podendo tudo, actividades sem condições, por onde o pobre *eu* individual balbucia as primeiras incoerências.

Esse ponto de liberdade é astro nascente, ponto de luz a brilhar, a crescer no espaço, e a epopeia, movimento humano, é lirismo e drama, movimento cósmico, totalizante.

Do homem tipo para o homem cósmico, do companheiro de tribo para o companheiro do infinito.

É, pois, a Arte uma grande obra de simpatia.

A flôr anónima estremece a todos ventos, deita a haste débil na brisa que lhe passa os dedos, e o homem, a mais nominativa flôr do mistério, estremece e freme sob os olhos da noite, no corpo etéreo da luz, na solitária, imensa, subtil e inefável presença da Unidade.

Leitor que me ouves és *eu*, porque me entendes, sou *tu*, porque te falo.

Ah! mas que a Unidade nos não aniquile, identificando-nos; assim porque nos amamos.

● Há a desvaillante Unidade do Deserto, onde nem um grão de areia se destaca; dum Oceano sem vento, nem temperaturas, onde as águas se razam em uniforme corpo; dum Abismo sem luz onde o sorvedouro não atrai, o frio não aumenta e os astros não dealbam — é o panteísmo.

Cuidado, belos poetas da minha terra!

Há a sublime Unidade dos astros que giram sem atritos, obedientes e unidos; das almas, que se enleiam, humildes e amigas; das águas, que se buscam, encontram e separam, acorrendo, de rastos, a todas as sêdes do abismo, subindo em névoa, às sêdes das alturas — é Deus.

A arte, cônica dos seus pergaminhos, procura achar as relações universais dos seres, quer dizer que será a visão concreta e viva da realidade, sob a *espécie eterna* de Espinoza.

É, como a ciência, um *esforço* lamarckista *para a consciência*, uma darwinista *luta pela imortalidade*.

É o olhar de Heraclito, corredio, errante, mas mostrando no fundo, pela pupila dilatada, uma estrela de eterno e imutável brilho, que Platão irá colher — a Beleza pura.

É para além da fantasmagoria da pluralidade, diria Schopenhauer, o grau de objectivação da vontade essencial.

Flui e refluí o acidente, mas os seres, colocados nas relações verídicas, são acolhidos dos ciclones, que separam e dispersam, no próprio seio de Deus.

Este é que é o dever e a finalidade da Arte — o resto são vestes. Classicismo, romantismo, realismo são as refrações, que a ânsia de Unidade e de eterno sofreu através dos tempos.

A arte clássica procura a harmonia geométrica das linhas, é pelas leis da mecânica geométrica que explana a solidariedade do homem e da natureza.

Enche essa natureza de presenças invisíveis, dá modo que a água matando a sede seja também carícia e alago duma amável vontade oculta.

É um pluralismo sociável que troca sorrisos na luz do Sol, mas se perde, pálido e espasmódico, na sombra da Noite.

Não há Unidade que abrace e cinja os seres, uma vez os fios luminosos de Apolo quebrados, enredados pelo negrume da noite.

É assim que, ao lado da alegria helênica, do forte e sadio contentamento de viver, a tragédia grega é a mais desesperada e opaca, fatalista e separadora.

Os seres entendem-se sem saberem porque o fazem, comunicam sem a consciência da Unidade em que convivem, pesa sobre eles, por isso, o Acaso distribuindo os destinos e cada vida é a obra duma Fatalidade.

Luzem, ao de leve, pequenos inícios de bondade, procurando, para além das caprichosas relações dos deuses, uma unidade de justiça e acôrdo.

É a vontade prometaica de vida espiritual.

Vontade impotente, porque se não apercebe uma Unidade suficientemente forte e compreensiva para ligar e dirigir os pluralismos dispares.

Com o romantismo dá-se um curioso fenómeno de consciência.

O cristianismo revelára a verdadeira Unidade, o coração divino onde o amor permuta as verdadeiras palavras de comunicação.

Essa Unidade é apreendida naquele metafísico ponto em que as vontades autenticamente se irmanam na adoração do pai celestial.

A luz meridiana da revelação ofuscara os olhos mortais do homem, a tênue claridade das iniciações jorrou sobre o mundo em dilúvio etéreo e o mundo ficou deslumbrado e extático.

Há obras em que a arte não é clássica, nem romântica, nem realista, mas unitária, divina, clarividente.

O que é a «Divina Comédia»?

O trânsito duma alma pelo Mistério iluminado, cantando estática e humilde, filtrando, directa e submissa, a luz espiritual que a banha.

A onda do cristianismo, milagre da arte e da moral, ergueu a Vida a altitudes desmedidas e, *a posteriori*, um dia, do cume das altitudes, os homens começaram a contemplar os caminhos andados.

O romantismo é um olhar *retrospectivo* e *profano* da vida, que o cristianismo gerou. Há, nele, esquecimento e saudade de asas, nostalgia cristã e paganismo lembrado.

As almas do romantismo sofrem do abstracto escolástico, do universalismo da filosofia medieval. São géneros psíquicos mais que vontades pessoais, em drama de unificação.

Há o tipo do amor, da honra, etc., mais que o amor movimento da alma para a Unidade, que a honra lealdade (¹) duma alma perante o Infinito.

O realismo tem a sua razão no esforço do genérico para o individual, do abstracto apoucador para o concreto síntese, vida e acção.

A anedota prende-o, por vezes, no baixo, no trivial, na blasfémia; mas, mesmo aí, encontra notas altissonantes de desgraça clamorando justiça.

Unicamente, êsse grito se dirige aos homens e êles são cerrados ouvidos às vozes; que só para as almas tem caminhos.

Aqui a diferença dos realismos, que, na Rússia por exemplo, por um mergulho sem sonda nem prumo que bastem, atingem uma tam comovida piedade que as almas, de novo, cristãmente fraternizam em Deus.

A que escola pertence o «D. Quixote»?

Há livros que lembram escolhidos rumos de onde o olhar do homem tivera fixado, em largueza e fundo, o drama da vida; a tremulina de pupilas abrindo-se às ondas etéreas, que se reenviam; a gloriosa face da Unidade.

Isto os irmana nas Alturas.

Tudo o mais é apenas a meticulosidade com que o cego rebusca as diferenças do fato e pele, para distinguir, fazer catálogo e *crítica literária*.

É o arranjo do bibliotecário e crítico, que são a mesma pessoa.

O simbolismo é um equívoco que resulta da lei psicológica da metamorfose dos meios em fins, ou antes, da confusão dos mecanismos da consciência com a própria consciência.

(¹) O tipo religioso da lealdade é D. Alvaro Vaz d'Almada.

É claro que o pensamento estético é simbólico, é-o todo o pensamento de harmonia, conceptual; mas esse simbolismo tem a sua ordem e leis, não justifica um forçado simbolismo que consista em chamar ao Sol mancebo loiro, à lua virgem pálida e tudo dizer em artificial convencionalismo.

«Que a arte não deve dizer, mas dar sugestões», dizem certos gogos para desculpa pessoal.

A Arte diz como a sciência diz; mas ambas, dizendo, falam conceitos, que são potenciais psíquicos, sugestão para o dinamismo mental.

É claro que as sugestões artísticas são mais opulentas e animadas, porque a analogia, que na sciência é um momento preparatória da indução, é essencial e permanente na arte.

A animação universal, de todas as cousas, é um legítimo postulado da estética, e sempre a analogia alarga em indefinidos recessos as sugestões artísticas. Assim quando na sombra da Noite, à beira da floresta, onde sempre morou o terror sagrado, a pobre Coseça se sente grão de areia na tormenta, derrotada e nula, dobrada num farrapo sobre o balde d'água, cercado de uivos, pupilas de lobos e da Tenardier, é do Invisível, do sagrado terror da floresta, que sai a mão protectora de J. Valjean e a toma e a ampara.

Donde a mão que nos levante, quando, aniquilados e miseros, tombamos nos caminhos da vida?

A analogia amplia-se — a criança é o homem e a treva da noite é a solidão do Infinito, que só a mão de Deus pode encher.

Eis o verdadeiro simbolismo (1), e em Vitor Hugo, onde os tais criticos o devem estranhar.

O simbolismo, como o resto, só é belo, quando dá as relações verdadeiras dos seres e da Unidade.

A arte é uma criação superior de vida no plano do sonho, que à moral compete internar no plano da realidade.

A arte é criadora e todo o cristianismo é uma grande manifestação artística, *ajardinando* o mundo e as almas.

A própria moda nos mostra a acção da arte sobre a vida (2).

A selecção sexual fez, ultimamente, das mulheres da moda, animais digitigrados; ora, a locomoção modificada, os órgãos locomotores serão progressivamente influenciados, o que para os partidários duma fácil transmissão de caracteres adquiridos deve tomar assustadoras proporções.

A propagação por imitatividade de certas atitudes é um caso rudimentar de diversificação artística da vida.

Quando a arte se alia à moral para trazer o sonho à intimidade da vida, ela é então, mais ainda que a sciência, uma grande maré de comunicação e exprimibilidade em que o grande mar das criaturas sobe em êxtase à Unidade que as seduz e levanta.

(1) O meu filho de três anos dizia-me um dia, desenhando várias sinusoides paralelas: «Oh, papá! Olha o vento!» Simbolismo estético, como é fácil ver.

(2) Uma das verdades de Oscar Wilde.

É o momento em que o interior e o exterior se fundem e como somos o pégo por onde as águas referventes das alturas, atravessando, se precipitam no abismo; a cratera por onde perpassa o fogo dos céus, o espelho hiante onde as estrélas do alto buscam na profundidade uma imagem em que se conhecem e revivem.

O denso nevoeiro que cobre a terra antes da vinda do Sol é como uma camada dos sonhos das cousas humildes, sonhos ainda presos à origem, sonhos protectores da treva, fluidez em que os seres se prolongam e tocam quando a Noite vem a apagá-los.

O sonho artístico dos homens é uma névoa protectora da mudez e da indiferença que a natureza põe no rosto; é a *fome de eternidade*, que cada ser exprime, e se alimenta, viva, contente e ampliada, no seio da Unidade que a recebe e se *comove*.

A arte é a névoa dos mundos: as cousas brutas, definidas e separadas, fazem-se crescidas, ubíquas, activas presenças, e, sobre os mundos em névoa alada, flutua o Canto das criaturas.

(De «A Luta pela Imortalidade», a sair).

Leonardo Coimbra

O «SÓ» DE ANTONIO NOBRE

HÁ quasi cinco anos que no mercado livreiro se não encontra o *Só*, de António Nobre. E, contudo, nunca como nestes últimos tempos tem sido tão procurado o estranho livro dum dos maiores poetas portuguezes. Do Brasil pedem aos 100, aos 500, aos 1000. Prova-se. Em Portugal, todos os dias o *Só* é procurado pelas livrarias.

Porque é então que se não edita o *Só*, de António Nobre? Porque é que os herdeiros do Poeta se julgam no direito de escurecer assim a memória dum dos mais belos temperamentos líricos da nossa lingua?

A «Renascença Portuguesa» que há cinco anos, pouco mais, andou envolvida no incidente que rodeou a 3.^a edição do *Só*, (1) não vem fazer estas perguntas nem levantar esta

(1) Em 1913 a «Renascença» contratou com um dos irmãos do Poeta fazer a 3.^a edição do *Só*, seguindo-se a disposição da 1.^a, e dividindo-se os lucros em duas partes iguais pelos herdeiros e casa editora. Começou-se a impressão e logo a seguir appareceu annunciada em Lisboa uma outra 3.^a edição do mesmo livro. A «Renascença» levantou immediatamente a questão, e após mais dum mês de correspondência, alvitres e razões, foi o caso resolvido entre a «Renascença» e os snrs. Lelo & Irmão, a quem deram plenos poderes a casa de Lisboa e o Irmão do Poeta. Para esclarecimento do facto e para quebrar os dentes a muita calúnia que, desde então para cá, se tem bolido sobre a *Renascença* a propósito do *escandalosissimo* negócio, aqui se publica a última carta sobre a solução do incidente:

«Porto 14 de Julho de 1913

... Snr. Alvaro Pinto

N'esta

Em nosso parecer, e vistos os poderes que nos deu o Snr. Augusto Nobre, nós resolvemos por parte d'elle o assumpto da liquidação da edição do «Só», aproveitando a ideia suggerida na sua primeira carta de 9 do corrente, que é por tanto assim:

— As despesas de advogado e composição, etc., que V. calcula serem de 40\$, serão pagas, metade por cada uma das partes — Nobre e Renascença. —

— Os 448\$ dos 700 exemplares vendidos, serão igualmente repartidos por ambas as entidades.

— Quanto aos 800 exemplares, tambem cada uma das partes toma conta

questão moral, porque deseje ser a editora da obra. A «Renascença Portuguesa» solieitou, em tempo, essa honra e esse obsequio. Hoje, para poder falar com mais independencia, não solicita nem aceitaria a edição. Isso, porém, mais autoridade lhe dá para repetir, com o mesmo desejo de resposta breve e condigna:

— Porque se não edita o *Só*, de António Nobre?

Nós sabemos muito bem — seria simplesmente estúpido ignorá-lo — que ninguêem pode, perante a lei dos códigos, obrigar os herdeiros do Poeta a publicar-lhe a obra. Mas o caso não é um caso banal de propriedade ou de direitos de posse. O caso tem um aspecto mais alto, mais nobre e mais imperativo — e que é o aspecto moral. E sob êsse aspecto, ninguêem tem o direito — e muito menos a familia do Poeta — de lhe escurecer a memória, de evitar que a sua obra seja amada pelas gerações futuras como o tem sido pelas gerações passadas.

— Raridade bibliográfica? — Mas para isso lá está a 1.^a edição, hoje raríssima e que, por mais edições que se publiquem, nunca perde o seu valor. Façam 20, 50, 100 edições de Gil Vicente, de Camões, de Camilo a ver se as primeiras deixam de ter o valor que teem.

— Esquecimento, indecisão, outros motivos?

Seja pelo que fôr, a «Renascença Portuguesa» crê levan-

de 400, ficando desta maneira terminado o negocio e desligados de tudo o que a este respeito os havia unido.

Creemos assim dar uma solução inteiramente d'accordo com as combinações de nós conhecidas e de resto prevista na citada carta de 9 do corrente que V. nos dirigiu.

Somos com a maior consideração

De V.

Amigos obrigados

Lello & Irmão

Houve talvez na 3.^a cláusula excesso de esquarteramento à Salomão. Mas o assunto estava já tomando vulto de acontecimento nacional e porisso o concluímos concordando plenamente com o que fica expresso. Houve quem muito censurasse a «Renascença» por ter zelado até ao fim os termos do seu contracto. Houve quem lhe negasse o direito de participar na indemnização. E houve até quem quisesse que, com o produto dela, se erigisse uma estátua ao Poeta. Não é já tempo para discutir semelhantes pareceres. Apenas cumpre informar que a 31 de Julho de 1913 era posta à venda a 3.^a edição do *Só* entregue à «Renascença» e por esta modificada na capa, dedicatória e termo de impressão.

tar uma questão interessante e porisso chama para ela a atenção dos colaboradores da *Águia*, a fim de fazerem aqui o seu depoimento.



NAVARRO DA COSTA

DEPOIS duma *festa artistica* no famoso salão cinematográfico «Chiado Terrasse», lá se recolheu ao Brasil o habilitado pintor, snr. Navarro da Costa, que por aqui andou passeando os seus rendosos ocios, aproximando os capitalistas das suas telas *à la minute* e prometendo a meia duzia de admiradores promover-lhes a mesma sorte (menos a de adidos à embaixada) quando fossem ao Brasil.

Ao partir, parece ter confessado a alguns amigos que se ia embora desgostosissimo com a atitude ultimamente manifestada contra as suas meras habilidades de *adido* à Pintura. Sabemos, porém, que o motivo único da sua saída foi ir procurar melhor e *menos trabalhoso* lugar que o de Lisboa, o que ninguém lhe pode levar a mal.

Assim êle deixasse a Pintura em paz! A Pintura e as aproximações!



EXPOSIÇÃO DE ARTE DA RENASCENÇA PORTUGUESA

REABRE por todo o mês de Outubro esta exposição de Arte, em que estão representados os nossos melhores artistas com algumas das suas mais belas produções.

Continua a venda de reproduções em gesso de admiráveis trabalhos de Donatelo, Miguel Angelo e outros e, por uma concessão especial dos herdeiros de Soares dos Reis, a «Renascença» espalhará por todo o país, Espanha e Brasil reproduções das mais notáveis obras do genial Artista Português. Podem já ser obtidas reproduções do «Cristo», «Morte de Adonis», «Inglesa» e «Flôr Agreste».

O ENFORCADO — Novellas de Costa Macedo. Edição da Renascença Portuguesa. 1917.

«Um dos verdadeiros predados do escriptor é saber distinguir, na variedade de tantos milhares de formas literarias, qual seja propria para exprimir um certo assumpto.»

«Ter um estylo proprio da seus assumptos é achar para cada genero de literatura uma prosodia propria e uma syntaxe.»

FIALHO D'ALMEIDA.

Costa Macedo é portuguez e vive, ha longos annos, no Brazil. Mas a sua alma guarda e sua retina conserva todo o encanto da sua terra bemdita.

Portugal é um paiz maravilhoso. A sua posição geographica lhe outorga um clima sadio e uma natureza que se desdobra na variedade dos aspectos, na intermitencia das estações, num paraizo de conforto e belleza. Desde as regiões pitorescas do Minho até as pralaz erigidas do Algarve, das varzeas ardentes do Alentejo ás vertigens das serras toucadas de neve, das costas estrellas ao longo dos mares, onde as caravellas de outrora levaram a novos mundos a crença e o heroismo, palpita a alma de um povo simples, de uma raça caracterizada e forte, que vive de seus feitos, do orgulho de seus heroes, da altivez da sua fé, do gozo de seus sonhos, embalada nas suas lendas, na sua arte e na sua gloria.

Quantos nascem no seu ambiente e respiram, no berço, aquelle ar, quando de lá se apartam, trazem sempre a cantar dentro do peito as vozes da terra que deixaram. Camões a immortalizou no exilio; Garrett, da Inglaterra, ergueu um monumento a Camões; e, das brumas dos domingos protestantes de Stockholmo, Antonio Feijó derramou sobre Portugal o balsamo suave do seu lyrismo, numa unção de saudade e amor.

Costa Macedo, impulsionado, instintivamente, por estes sentimentos, compoz o «Enforcado», seu ultimo livro agora publicado, que apezar do afastamento e da distancia em que foi escripto, nas suas paginas farialha o sopro quente da vida portugueza. Nelle vibram as manifestações multiplas das terriolas simples de Portugal, onde a par da alegria — a angustia, a tristeza, a agonia, a volupia e

a dôr de tantas almas humildes torturadas pelo infortunio fatal de suas origens, explodem, em crimes tragicos, em revoltas intimas, refreando odios, carpindo doloras.

O estylo de Costa Macedo se emoldura nos conceitos luminosos de Fialho d'Almeida acima citados e apresenta, na contextura viril de suas novellas, no transbordo violento dos periodos, um novo poder de expressão, uma ancia ignota de vida. A fluencia expontanea dos rythmos, na tecedura larga dos entrecchos, nos lances tragicos das scenas, ou nos quadros de ternura, revela a serenidade de um artista consciente que observa, sente e compõe, livremente, sem as preoccupações ridiculas de imitar.

Ao traçar uma novella, Costa Macedo começa por atirar-se abruptamente ao leitor. E como os seus assumptos são regionaes, elle procura, com propriedade intencional, vestil-as com a syntaxe e a prosodia proprias da região respectiva, conservando, contudo, limpida a fórma e castiça a linguagem.

O seu estylo colleia o velo do assumpto: tem o colorido calido para as paisagens de horizonte amplo, manhãs claras, sol ardente escaldando encostas, tisanando frentes, fustigando escarpas; o tom dolorido e baço para os crepusculos diluindo em angustias; onduloso e aspero para os dialogos picantes e atrevidos; e, vibrando, em aguas fortes, nas scenas tragicas, nos arremessos de colera e na furia da vingança.

As oito novellas que enicixam «O Enforcado» estão magnificamente synthetizadas pela arte de Correia Dias, nos frisos que illustram a obra. Ellas têm entre si, no fundo, uma unidade de concepção e seguem um methodo brilhante. A narração fluente vae-se distendendo e os typos surgem bem definidos e fomam naturalmente seus logares. A paisagem alterna os quadros, compõe e completa as scenas. A trama do enredo flue, a principio, serena, calma, com alegria, esperança e muita luz, como a gloria de um amanhecer. Progressivamente as illusões se esvaem, toldam-se as consciencias, as almas se apertam e esboça-se a tragedia.

Depois é o desespero, a alucinação, o occaso sangrento das vidas.

Os seus typos demonstram o psycho-

logo audacioso que devesse as almas boas, as rudes, as perversas, onde se encarceram sentimentos torpes, ancias criminosas, rugindo em ondas de volúpias, ardendo em odios no inferno das paixões.

Desde a sua estrela Costa Macedo tornou-se um escriptor victorioso. Ao publicar uma das suas primeiras novellas, teve os applausos de Fialho d'Almeida que, entre outras coisas, lhe dizia: « Nas suas historias admirei primeiro a lingua já forte, sonora e tersa, em que muito me lembram uns autores de letras portuguezas que havia outr'ora e estão rareando por cá. » Estas linhas têm uma expressiva significação. Costa Macedo é um raro cultor da nossa lingua, com uma individualidade definida, destacada pelas qualidades nobres do estylo, aljortada por uma cultura brilhante.

As suas paginas, tanto as de *O enforcado*, como as dos livros anteriores *Miss Dolly* e *Zagala*, trazem o fluxo das grandes almas voltadas para as grandezas imperceptiveis da vida dos seres infelizes e anonymos que se arrastam pela terra amortalhados na miseria de sua inconsciencia, deixando apenas da sua passagem um rastro immenso de dôr.

VIEIRA DA CUNHA.

LETTRES PORTUGAISES

Alberto Amado — *Vida Americana*; *Renascença Portuguesa*, Porto. — Capitaine Auguste Casimiro — *Nas Trincheiras da Flandres* (1917); *Renascença Portuguesa*, Porto.

Quando on jettera plus tard impartialement les yeux sur les phénomènes d'ordre moral survenus durant cette guerre, on ne pourra manquer de se montrer surpris devant les lointaines répercussions des méthodes allemandes sur l'évolution des sympathies entre nations, qui jusqu'alors s'ignoraient mutuellement, ou se considéraient avec hostilité manifeste. Ainsi, les Républiques de l'Amérique du Sud, ayant à leur tête l'immense Brésil, ont tout à coup fait taire leur défiance vis-à-vis des Etats-Unis du Nord et, par voie de conséquence, nos amis Yankees se sont avisés de l'importance insoupçonnée que pourrait prendre le Portugal dans l'organisation du monde de demain. Le témoignage nous en est précieusement

fourni par M. Alberto Amado, qui vient d'écrire, à l'usage de ses compatriotes, de substantielles pages linéament observées sur la Vie Américaine. Non que les Etats-Unis songent à déferer au vœu de certains insulaires séparatistes, en s'incorporant les Açores, que l'Allemagne au surplus convoite; mais, portés au premier plan de l'action mondiale par la mise en pratique de leur idéal de liberté, ils se sont proclamés champions du droit des peúts nations, à l'encontre du principe prussien de domination universelle, et ne veulent à leur effort d'autre rémunération que la garantie d'une autonomie inviolable pour tous.

On a cherché à prouver que l'intervention américaine ne pouvait avoir que des nobles intérêts. L'erreur est grande, et M. Alberto Amado nous la dénonce, en insistant sur l'esprit profondément altruiste des Américains. Et puis, comment ne pas s'apercevoir que les entités spirituelles, invoquées contradictoirement par les deux groupes de belligérants, ont fini par domestiquer les intérêts purement matériels, et par combattre au-dessus des armées à la façon des dieux d'Homère?

Certes, l'Amérique aura beaucoup d'argent à placer après la guerre, et elle peut à bon droit chercher un terrain d'action dans les pays qui auront intérêt à se rapprocher d'elle, au Brésil, par exemple, et aussi au Portugal, encore que ce dernier pays soit l'allié de l'Angleterre. Le Portugal, en effet, possède d'immenses territoires coloniaux à mettre en valeur, et dont la victoire des Alliés doit lui garantir la possession.

Mais ce n'est pas sous ce point de vue que le Portugal peut intéresser maintenant les Etats-Unis. Les Açores sont pour eux à mi-chemin de l'Europe et de l'Afrique, et la situation géographique de cet archipel est tellement importante que, si l'Allemagne pouvait y établir une base inexpugnable de sous-marins, la victoire des Alliés pourrait devenir douteuse. C'est pourquoi il est nécessaire que les Açores restent entre les mains d'amis de l'Amérique, afin que les navires des Etats-Unis puissent y trouver un abri sûr et des dépôts de charbon. En outre, la possibilité de convois aériens a cessé de être une utopie. Déjà l'on a esquissé un itinéraire où les Açores ont une importance spéciale. A ce propos, il convient qu'une entente étroite soit conclue entre les Etats-Unis et le Portugal. Dorénavant, l'Amérique entrera en sérieuse concu-

rence sur les marchés européens; elle aura besoin d'avoir un pied en Europe, et il n'y a pas de pays qui soit mieux placé pour jouer ce rôle d'intermédiaire que le Portugal. De même que pour le Brésil il ne saurait surgir de rivalités industrielles ou commerciales entre les deux nations. Le rapprochement luso-américain satisfera tous les intérêts, et il n'en saurait résulter non plus aucun froissement pour l'Angleterre alliée.

A bon droit, M. Alberto Amado insiste sur les particularités de la psychologie et de l'éducation américaines, sur le grand rôle joué par les femmes dans la vie sociale, sur l'immense bénéfice à chaque instant retiré par une communauté intelligente de la collaboration des nombreuses colonies étrangères, présentes sur le sol des États-Unis. Encouragement et protection son assurés là-bas à toutes les initiatives, et c'est à un Portugais, João Philippe de Souza, qu'est échu l'honneur d'occuper le premier rang parmi les chefs d'orchestre et musiciens de l'Union. La souplesse de ses institutions a fait de celle-ci une sorte de synthèse des énergies créatrices du monde entier, et le livre si documenté de M. Amado vien proférer une fois de plus cette affirmation consolante: l'Amérique n'a pu entrer dans la guerre que pour vaincre.

Quant à l'organisation du monde après la victoire, elle devra s'appuyer d'abord sur cette idée de liberté qui est le fondement de la démocratie américaine; mais, dans l'adaptation aux œuvres de futur, cette idée devra emprunter quelque chose à la culture propre de chacun des Alliés d'aujourd'hui.

En ceci, il n'y aura pas lieu de négliger la contribution des petites nations. Celui qui conçoit est rarement, en effet, celui qui exécute et, comme le remarque justement M. Antonio Corrêa de Pinto, auteur d'une thèse originale sur *L'Armée internationale, garantie de la paix et du droit*, l'on ne saurait contester, par exemple, que le progrès matériel de l'Allemagne ne dérive, pour la plus large part, du progrès réalisé par la France dans le domaine de l'Esprit. Ainsi, la méthode préconisée par M. Corrêa de Pinto, pour l'organisation d'une Société des Nations vraiment stable, ne pourra être mise en pratique que par la force des États-Unis, et le Président Wilson lui-même, s'il ne la connaît déjà, aurait intérêt à méditer la thèse de M. Corrêa de Pinho.

Mais d'abord il faut vaincre. Et telle est la puissance des intelligences-mysté-

rieuses qui poussent les nations malgré elles vers les destins préparés par l'évolution historique que le Portugal eut beau faire une révolution appuyée sur le dessein secret de limiter l'effort militaire, la conscience nationale triomphe peu à peu des répugnances individuelles. On comprend que l'inertie équivaut au suicide; on oppose moins généralement l'Allemagne invincible à l'Angleterre égoïste, et le sens des destinées de la Race, en face de l'effort français, combiné avec l'aide américaine, réintègre les âmes.

«Le Portugal n'existe pas: il n'existe que des partis!» s'écriait naguère douloureusement Teixeira de Pascoaes.

Il y eut, hélas! en Portugal, comme en Grèce et chez la plupart des neutres, une heure de snobisme germanophile. Cette heure est passé. Peut-être n'y a-t-il pas de haine contre l'Allemagne; mais le peuple sent que l'existence des petites nations ne peut être que précaire aux mains de ceux qui ont martyrisé la Belgique. Et puis, le Portugal doit affirmer aux yeux de ses alliés eux-mêmes sa volonté de vivre.

C'est bien l'âme nationale qui s'exprime toute entière dans les notes de campagne du Capitaine Augusto Casimiro: *Dans les Tranchées de Flandre*, un des livres les plus vibrants qu'ait suscités la guerre. Livre de poète, du reste. Dans certaines pages on retrouve un sentiment de sacrifice analogue à celui qui distingue les lettres d'Alan Seeger, le légionnaire américain mort au service de la France, et il est curieux de comparer le sonnet de ce dernier: *De retour au front, après une permission* avec les réflexions d'Augusto Casimiro sur l'accueil fait par ses compatriotes aux soldats qui reviennent de France.

Le chapitre intitulé *De mon Catéchisme* serait à rééditer séparément à l'usage des officiers de toutes les armées. Ce son des pensées droites et un peu dures, telles que les âmes de lutte et de foi aiment en formuler. Citons:

— Ceux qui se battent pour l'Avenir du Monde sont les rédempteurs, les Christes de l'Age nouveau.

— L'ennemi vaut toujours moins que toi, si tu sais le vouloir.

— Entre ta blessure et celle de ton ennemi, n'hésite pas: soigne ton ennemi.

— Être jeune et ne pas être brave, quel blasphème!

— Fais de ton amour l'esclave heureux de ton devoir.

Les dernières pages du livre sont, en

mêmes temps qu'un hommage à la France dressée avec la claire conscience divine de sa force éternelle, un hymne passionné à la Patrie portugaise, qui participe de Dieu et qui s'est assise enfin à la Table-Ronde. On voit par là que du Barrésisme au Wilsonisme et au Rollandisme les nuances sont infinies, et ces nuances se reproduisent dès qu'il s'agit d'apprécier le caractère de l'œuvre d'art.

Pour nous, qui n'avons jamais songé à nier l'utilité des échanges, nous dirons volontiers avec Roosevelt que «le bénéfice d'assimilation d'une culture étrangère doit consister dans le développement de l'esprit qui l'assimile, en sorte qu'il puisse utiliser sa force neuve en des créations conformes au génie de son propre pays». La plus grave erreur d'art est donc de rompre délibérément avec la tradition nationale.

Or, c'est vers cette tradition que se sont tournés les véritables rnovateurs des lettres portugaises. Cette tradition a un sanctuaire entre tous révéré; Coimbre, la Florence lusitanienne, et tous ceux qui veulent saisir le véritable caractère du lyrisme portugais devraient y faire pèlerinage. Là coule de délicieux Mondego, là mourut la douce Inês de Castro.

PHILÉAS LE BESQUE.

(Du *Mercury de France*, de 16-IX-018).

○

Alberto Amado: *Vida Americana*. — Un volumen de 219 páginas, de 12 × 18 centímetros. — Oporto, «Renascença Portuguesa», 1918.

El viaje tiene en nosotros un gran poder de evocación, hasta el extremo que al coger un libro cuyo fin y objeto es darnos a conocer las modalidades de la vida de un país extraño, nosotros, imaginativamente, nos adelantamos y tenemos la visión de costumbres y hábitos distintos a los nuestros; costumbres y hábitos en los que se mezclan el conocimiento de las múltiples perspectivas que de ellos hemos adquirido con la lectura y con la vida.

Todo autor que se propone llevar a nuestro conocimiento la percepción de una vida extraña y nueva tiene que realizar una labor de preparación y depuración en el ánimo del lector, para que

quede limpia y precisa la imagen de aquellas cosas que ha de darnos a conocer.

En el libro que nos ocupa, el autor coge de la mano al lector, y sin saltos bruscos, de una manera paulatina y lenta, le va iniciando en la vida y costumbres que quiere enseñar.

Para conseguir esto, no trasplanta rápidamente al lector al país americano, sino que empieza por trazarle de una manera vigorosa la visión emocionante del mar que baña las costas portuguesas, para después ir describiendo la vida a bordo de los grandes transatlánticos. De esta forma se va preparando el ánimo del que lee, y así, sin una gradación brusca y deslumbrante que le haría tener una falsa impresión del país a que se llega, en el transcurso del viaje va acostumbrándose al conocimiento de vidas y tipos distintos a los que ordinariamente se dan en la península.

Una vez llevados y conducidos por la potente mano del autor a Norte América, lo primero de que se preocupa es de mostrarnos la psicología de sus habitantes pudiéndola concretar en los términos que manifiestan un pueblo de una gran actividad, ligada a un espíritu de independencia, y a una confianza inquebrantable en sí mismo, que se traduce en una plena satisfacción en el presente y una fuerte seguridad en lo futuro.

Después de estudiar el exhibicionismo norteamericano y sus costumbres de *sport* dedica un capítulo, tal vez el más interesante de la obra, al estudio de la religión y filantropía en Norte América, surgiendo en él como nota culminante la apreciación de la ausencia absoluta de fanatismo que hace compatible la coexistencia de todos los credos, de todas las teorías y de todas las hipótesis, fundamento de las religiones.

Al terminar la lectura del libro de Alberto Amado, queda en nosotros un ansia de mayor y más perfecto conocimiento de un pueblo que un espíritu artista nos ha sabido presentar en sus aspectos más interesantes y menos conocidos. — M. F.

○

REVISTAS:

PELA GREI — Lisboa, N.^{os} 3 e 4 e Programa de Fomento (Suplemento n.º 1) 1918. — Estão publicados mais dois números e um suplemento da bela Revista

dirigida por António Sérgio. Os terríveis sintomas de todos os dias são de molde a não esperar para muito breve o ressurgimento nacional. No entanto, e como o termo da Guerra Grande deve trazer uma profunda transformação a todas as sociedades, de crer é que também o nosso país receba o benéfico influxo purificador, de que tanto necessita. Nestes números a colaboração é de António Sérgio, Ezequiel de Campos, Jaime de Magalhães Lima, Raul Proença e Pedro José da Cunha. O suplemento «Para um plano de política nacional» divide-se em V capítulos: Agricultura; Crédito e Finanças; Indústria; Comércio, Transportes e Navegação; e Educação.

TERRA PORTUGUESA—Lisboa. N.ºs 24 a 26. Janeiro, Agosto e Setembro de 1918.—Traz, entre outra, colaboração de Luis Keil, Mendes Correia, Mesquita de Figueiredo, Afonso Lopes Vieira, Raul Lino e Virgílio Correia, e continua à frente das melhores revistas portuguesas.

AGROS—Lisboa. N.ºs 3 a 5. (2.º ano) Março a Maio de 1918.—O interessante e valioso boletim da Associação dos Estudantes de Agronomia e Periódico de propaganda agrícola, insere no seu último fascículo de três meses colaboração de D. Luís de Castro, Azevedo Gomes, Egidio Inso, Mário Pato, J. de Aguiar, António Gonçalves Rasquilho, António Matos Torres, José A. P. Rebelo, Ladislau Piçarra, Freire de Andrade, Ferreira Lapa e Cândido Duarte.

ATLANTIDA—Lisboa. N.º 32. Junho de 1918.—Traz colaboração de Jaime de Magalhães Lima, Coelho de Carvalho, Vicente Arnoso, Aquilino Ribeiro, Carlos Ramos, vários retratos e um bellissimo desenho de António Carneiro.

O INSTITUTO—Coimbra. N.ºs 5 a 8 (vol. 65). Maio a Agosto de 1918.—Artigos principais: Pereira Coutinho—O sr. dr. Júlio Henriques e a sua influência no estudo da Botânica em Portugal; Bento Carqueja—Diante de um velho livro; Gonçalo Sampaio—Psorotichia Henriquesi; Joaquim Rasteiro, Blas Lagarto e D. Luís de Castro—Artigos sobre o Doutor Júlio Henriques; Teixeira de Carvalho—Da Saudade e de outras mais alegres flores; Sousa Viterbo—Documentos sobre várias indústrias portuguesas; Gustavo Ramos—O Fausto de Goethe.

BOLETIM DE SEGUNDA CLASSE da Academia das Ciências de Lisboa—Fascículo n.º 1 (vol. XI). Novembro a Março de 1917.—Compreende os Actos e Pareceres durante aquele periodo e o discurso de Alberto de Oliveira sobre «Estudos brasileiros na Academia brasileira de Letras».

REVISTA AMERICANA—Rio de Janeiro. N.ºs 5 a 9 (Ano VII). Fevereiro a Junho de 1918.—Artigos principais: Rio Branco—Biografia do Visconde do Rio Branco; Austregesilo—O mal da Vida; Basilio de Magalhães—A Renascença e a sua floração artistica; Helio Lobo—Relações entre os Estados-Unidos e o Brasil; Ronald de Carvalho—A idade média e o renascimento na obra de Dante; Araujo Jorge—História diplomática do Brasil Holandês; Notas.

REVISTA DO BRAZIL—S. Paulo. N.ºs 28 a 30. Abril a Junho de 1918.—Artigos e poesias principais: Silva Freire—A Guerra e a produção Nacional; Mario de Alencar—Flor do Campo; Monteiro Lobato—As novas possibilidades das zonas calidas; Olavo Bilac—Diziam que...; Adalgiso Pereira—Camilo e Guerra Junqueiro; Medeiros e Albuquerque—Terra de Santa Cruz; Bibliografia; Resenha do mês.

ESTVDIO—Barcelona. N.ºs 67 a 69. Julho a Setembro de 1918. Artigos principais: Gregorio Diez—Consideraciones sobre la reconstitucion economica nacional; Pedro Guirán—Las ideas morales en Homero; Francisco Rodon—Barcelona y el regimen internacional de Exposiciones; Ciro Bargo—El language criollo; Felix Duran—La escultura medieval catalana; En torno a la guerra; Revista de Revistas; Bibliografia.

CERVANTES—Madrid. N.º 1. Agosto de 1918.—É uma revista hispano-americana que começa e que se apresenta com optima colaboração e magnifico aspectó. Do sumário devemos salientar; Eduardo Herrán—El *Codex Juris Canonici* de Benedito XV; Edmundo Blanco—La neutralidad activa; Cuentos espanoles e americanos, Bibliografia e Notas hispano-americanas.

REVISTA DE FILOLOGIA ESPAÑOLA—Madrid. Tomo V. 1918. Caderno 2.º. Abril a Junho.—Tem o seguinte sumário: Rafael Mitjana—Nuevas notas al

«Cancionero Musical de los siglos XV y XVI» publicado por el Maestro Barbieri; Vicente García de Diego — Divergentes latinos; Antonio Solalinde — El códice florentino de las «Cantigas» y su relación con los demás manuscritos; Miscelánea; Notas bibliográficas; Bibliografía; Noticias.

LA LECTURA — Madrid, N.ºs 211 a 213. Junho a Setembro de 1918. — Artigos principais: Felix Cascos — Impresiones y recuerdos de un viaje al rededor de Africa; N. Tassin — La revolución rusa; Eduardo Sanz y Escartin — Sobre un libro del señor Sánchez de Toca; J. Rouge — La «Parlamentarización» en Alemania; Revista de Revistas; Libros recibidos.

LA REVISTA QUINCENAL — Madrid, N.ºs 35-42. Junho a Setembro de 1918. — Artigos principais: Rovira y Virgili — La cuestión de Irlanda; Zaragoza — El postulado inicial de la Sociedad de las naciones; Rufino Blanco — Ideas modernas de educación física; Eduardo Nunes — La situación religiosa en Portugal; Blanco Fombona — La revolución de Hispano-América; Federico Valencia — La democracia en guerra; Vizconde de Eza — La política económica de la paz en España; Julio Broutá — Existe el progreso?; Revista de Revistas; Memento; Libros.

BOLETIN DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA — Madrid, Caderno XXIII, Tomo V. Junho de 1918. — Artigos principais: Alvaro de Aragón — Dramáticos españoles del siglo XVII; Julián Ribera — Los nombres de acción en el Diccionario actual de la Academia; Mariano Remiro — Vocablos y frases del judeo-español; Acuerdos y noticias de la Academia; Bibliografía.

LA REVISTA — Barcelona, N.ºs 66 a 72. Junho a Setembro de 1918. — Artigos e poesias principais: Lopes Picó — De mar a mar; Nicolau Otter — A l'entorn del Centenari Milanià; Martí Esteve — Els municipis catalans; Castellà — El predomini de les competències; Rucabado — Oració de la guerra i de la pau; Montellà — La política exterior d'Espanya; Rucabado — Moral de l'art, moral humana; Suñer — Política social; Llubera — El semitisme a Catalunya; Els llibres; Les Revistes.

CUBA CONTEMPORANEA — Havana, N.ºs 2 a 4 (Tomo XVII). Junho a Agosto de 1918. — Artigos principais: Au-

rella Castillo de González — Mujeres antes que Hombres; Raul de Cárdenas — La política de los Estados Unidos en el Continente Americano; Rafael Argilagos — Granos de Oro; Francisco Rodríguez — La Evolución de la Libertad; F. Falco — El Instituto Internacional de Agricultura y la Guerra Mundial; Henrique Ureña — José Henrique Rodó; Aurélla González — Maternidad-Infancia.

REVISTA CASTELLANA — Valladolid, N.ºs 25 e 26. 1918. — Artigos principais: Cristobal Espejo — Rentas de la agüela y habices de Granada; Agapito Revilla — Anotaciones a los «Extractos de los diarios de los Verdesotos de Valladolid»; Anales de la Escena española; Andrade Coelho — Flores que no mueren; Registro bibliográfico; Notas y comentarios.

LA ACTUALIDAD FINANCIERA — Madrid, N.ºs 819 a 834. Junho a Outubro de 1918. — Em todos os números se lê: Balance semanal; La semana del quinquenio; Información; La Propiedad industrial; Dividendos anunciados; Revista de Mercados; Revista de Bolsas; Sorteos de amortización.

MERCURE DE FRANCE — Paris, N.ºs 481 a 487. Junho a Outubro de 1918. — Artigos principais: Aurélien Digeon — Emerson et le Caractère Anglais; Rosny — L'Évolution des conflits ethniques et sociaux; Albert Dauzat — Les Faux Bruits et les Légendes de la Guerre; Arthur Langjors — La Révolution rouge en Finlande; Edmond Pilon — La Guerre jadis et de nos jours; Marcel Coulon — Le Problème de Rimbaud et la Solution; Paul Louis — Les courants politiques en Allemagne; Georges Prévôt — Remy de Gourmont et la Guerre; Georges Batault — L'Idée de Progrès et la Guerre, d'après Xénophon, stratège athénien; Revue de la Quinzaine.

MODERN LANGUAGE NOTES — Baltimore, N.º 6, Vol. XXXIII, Junho de 1918. — Artigos principais: Collitz — Early Germanic Vocalism; Mustard — Notes on Lyly's «Euphues»; Keller — Goethe's Faust; Reviews; Correspondence; Brief Mention.

EXPORTADOR AMERICANO — Nova York, N.ºs 1 e 3. Junho e Setembro de 1918. — A interessantíssima vida americana perpassa por estes fascículos com todo o seu admirável esplendor de gran-

deza. Aparelhado como está e depois de ter dado o último golpe na Guerra Grande, o povo americano há de exercer, dentro em pouco, uma enorme influência em todo o mundo.

AMERICA — Nova York. N.º 6. Tomo XX. Junho de 1918. — Órgão oficial internacional da Associação Nacional de Manufactureiros. Faz a propaganda das indústrias americanas, publicando bons artigos e numerosos anúncios.

EL COMERCIO — Nova York. N.ºs 1 e 4. Vol. 87.º — Periódico independente dedicado ao comércio, indústrias, sciências, artes e agricultura americanas. É como os dois anteriores um vasto repositório de anúncios do melhor trabalho americano.

OUTRAS PUBLICAÇÕES:

A Guerra Ilustrada — Londres. Janeiro, Abril, Maio e Julho. — Chega-nos de vez em quando um número desta primorosa revista ilustrada.

El Cami — Barcelona. N.º 5. Maio de 1918.

Boletim Pedagógico — Lisboa — N.º 24. Agosto de 1918.

Boletim do Abastecimento — Lisboa. N.º 1. Maio de 1918.

Messidor — Barcelona. N.º 9. Junho de 1918.

Preços correntes da Farmácia Homeopática de F. J. da Costa — Lisboa.

O Caso do «Correio Português». Folheto brasileiro.

Anuário da Casa Pia de Lisboa — 1916-7. Valioso repositório de quanto de útil se tem feito no estabelecimento dirigido pelo illustre homem de sciência Dr. Aurélio da Costa Ferreira.

Problemas económicos — José Domech. Barcelos, 1918. — Tem o opúsculo por sub-títulos: O fomento da riqueza nacional e a baixa dos cambios. Soluções tendentes a resolver estes problemas.

*Muse Vermelho — Antonio Afranches. S. Paulo, 1918. São versos de guerra e rebeldia, diz o Autor, cujo espirito exaltado termina por chamar a Revolta!

Noivado Extranho — É um interessante poemeto de Rodrigues Leal impresso em Lisboa em 1918.

Oração à Patria — José Esaguy. Lisboa, 1918. Vem tão graciosamente embalhada, que até seria sacrilégio abri-la...

Palabras Colombianas en honor de Francia — Bogotá, 1917. São uns poucos de artigos e poesias, de vários autores, exaltando o génio francês.

Les Lettres Parisiennes — Paris. N.º 2. Setembro de 1918. Nova prosa, nova poesia, novísimos desenhos. Mas acima de tudo, o incomparável espirito francês.

AS ESTRÉLAS NAS POESIAS DE CAMÕES

(CONTINUAÇÃO)

3—A estância, de que nos temos vindo a ocupar, é notável por dar uma prova bem característica da escrupulosa exactidão com que Camões gostava de fazer as suas narrativas. Da derrota da armada do Gama êle conhecia até o curso das lunações, registando as noites em que a luz da lua punha alegria, rutilando sobre as ondas que as proas das nossas naus iam cortando.

Para isso não lhe era preciso fazer cálculo algum. Bastava-lhe abrir o célebre *Almanach perpetuum* de Zacuto, tradução latina de José Vizinho, impresso em Leiria em 1496. Ahi se encontra uma seqüência de 31 tábuas de conjunções e oposições do sol e da lua, desde o ano de 1478 ao de 1508, isto é, os lunários para um ciclo de 31 anos, entre os quais se contam os de 1497 e 1498 da famosa viagem. Assim, para o ano de 1497 dá o *Almanach* as seguintes informações sobre as luas:

ANO DE 1497

Meses	Dias do mês	Dias da semana	Horas e minutos (tempo astronómico)	Luas
Junho	29	quinta-feira	18 h. 22 m.	lua nova
Julho	13	quinta-feira	21 h. 40 m.	lua cheia
"	29	sábado	1 h. 56 m.	lua nova
Agosto	12	sábado	12 h. 33 m.	lua cheia
"	27	Domingo	9 h. 29 m.	lua nova
Setembro	11	segunda-feira	4 h. 58 m.	lua cheia
"	25	segunda-feira	17 h. 44 m.	lua nova
Outubro	10	terça-feira	22 h. 14 m.	lua cheia
"	25	quarta-feira	3 h. 51 m.	lua nova
Novembro	9	quinta-feira	15 h. 9 m.	lua cheia

Deste quadro resulta que, quando a armada partiu do Restelo em 8 de julho de 1497, fôra quarto crescente na véspera de manhã, e portanto na primeira noite de caminho,

«que Deus noso Senhor leixe acabar em seu serviço», a lua brilhava sobre as naus, indo na passagem de quarto crescente para lua cheia, ou de *meio rosto* para *rosto inteiro*, como se exprime o poeta. Pela segunda vez o disco da lua brilhou inteiro em 12 de agosto, pela terceira em 11 de setembro, e pela quarta vez em 11 de outubro (tempo civil). Vasco da Gama, na altura da Serra Liôa, tendo-se despedido de Bartolomeu Dias, que seguia para a Mina, engolfára-se com as naus do seu comando no mar largo, em direcção ao sul. E tendo assim navegado os meses de agosto, setembro e outubro, logo que se julgou na latitude do Cabo da Boa Esperança, foi na volta da terra, com as prôas a leste, levado pelos ventos alisios do hemisfério austral. Não tendo, porém, voltado suficientemente ao sul, não dobraram logo o Cabo, indo ter á baía da costa ocidental africana que denominaram de S.^{ta} Helena, onde desembarcaram, demorando-se a limpar os navios e concertar as velas. Foi no dia 4 de novembro, pelas 9 horas da manhã, que avistaram terra. Tinha sido quarto crescente no dia 2 de manhã, e a lua ia portanto, pela *quinta* vez, na transição de meio rosto para rosto inteiro. Nesse dia viraram, na volta do mar, bem junto da terra, sem dela tomarem conhecimento. Na terça-feira, 7, vieram na volta da terra, indo Pero de Alemquer sondar no batel. Ancoraram por fim na baía, no dia 8, completando-se *quatro* meses desde a saída do Tejo. É rigorosamente exacta a contagem do tempo, feita pelo poeta, desde a partida de Lisboa até á chegada á baía de S.^{ta} Helena:

Mas já o planeta que no ceo primeiro
 Habita, cinco vezes, apressada,
 Agora meio rosto, agora inteiro,
 Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,
 Quando da etérea gávea um marinheiro
 Pronto co'a vista, «Terra, Terra!» brada:
 Salta no bordo alvoraçada a gente
 C'os olhos no horizonte do Oriente.

A explicação de comentadores que dizem que aqui se faz referência aos cinco meses decorridos desde 8 de julho a 4 de novembro é inaceitável, pois não ha possibilidade de decorrem mais de quatro meses entre estas duas datas. Camões regista, com uma bela e concisa precisão, um facto astronómico verdadeiro: quando a armada largou do Tejo ia a lua na

passagem de quarto crescente para plenilúnio, e o mesmo fenómeno lunar se repetia, pela quinta vez, quando chegaram á baía de S.^{ta} Helena.

Esta interpretação foi já por nós exposta em *A Astronomia dos Lusíadas*. Na benévola e generosa crítica com que se dignou honrar este nosso trabalho, o illustre astrónomo Snr. Frederico Oom, quando se refere a este ponto especial, acrescenta, depois de prestar calorosa homenagem ao escrúpulo scientifico do excelso poeta:

«Com tal exemplo, já pouco nos espanta termos (por curiosidade nossa) averiguado que também, surta a armada em Moçambique, se o poeta nos pinta, em quadro de tão sugestivo encanto, como

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argêntneas ondas neptuninas,

é que, de facto, nesses dias (entre 3 e 10 de março de 1498) havia luar, sendo lua cheia a 7 de março» (1).

Esta exacta e bem achada observação leva-nos a tratar também desta coincidência que, na verdade, não é casual. Assim veremos que um dos motivos porque o poeta, que navegou pelo Atlântico Austral e pelo Oceano Índico, tão acurada atenção prestava ao curso das lunações era saber bem como os pilotos ligavam as mudanças de tempo com as fases da lua.

É nas estâncias 45 a 95 do Canto I que Camões celebra os episódios da chegada e longa demora em Moçambique, a doentia povoação, que se tornou depois a mais nomeada escala da carreira da Índia, da qual Barros diz, em palavras que soam como dobre de finados, «que poucas cidades ha no Reino que de 50 anos a esta parte enterrassem em si tanto defunto, como ella tem dos nossos» (*Década* I, L. IV. C. IV).

A chegada a Moçambique foi na sexta-feira, 2 de março de 1498, segundo o conhecido *Roteiro* (2) da viagem do Gama:

«...E huuma quinta feira que foy o primeiro dia do mês de março, á tarde ouvemos vista das ylhas e terra que se ao diante segue. E porque era tarde virámos na volta do mar e pairámos até pella manham. E entam viemos em-trar em a terra syguinte.

(1) *Annaes scientificos da Academia Polytechnica do Porto*, vol. XIII, p. 51.

(2) *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama em 1497*, 2.^a ed., Lisboa, 1861, p. 23.

Á sexta feira pella manham, indo Nicollao Coelho por dentro daquella angra errou o canall e achou baixo, e em virando pera os outros navios que vinham detrás viram viir huuns barcos á vélla de dentro daquella ylha da povoaçam, o qual foy com muito prazer a salvar o capitão moor e a seu irmão

. E nós em pousando na lagoa daquella ilha domde vinha o barco, chegaram a nós sete ou oyto daquelles barcos e almadias, os quaees vinham tamjendo huuns anafis que elles traziam, dizendonos que fosemos pera dentro e que se nós quisesemos, que elles nos meteriam em o porto, os quaees emtraram em os navios e comeram e beberam diso que nós comiamos. . . . »

A descrição do poeta começa por esta vinda dos barcos, da ilha mais chegada á terra:

Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos bateis, que vem d'aquela
Que mais chegada a terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.

Os que, nas almadias, « anafis sonorosos vão tocando », sobem pelas cordas das naus e são humanamente recebidos pelo Capitão sublime, que manda pôr as mesas. Trocam-se as perguntas:

Comendo alegremente pèrguntavam,
Pela arábica lingua, d'onde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham:
« Os portugueses somos do Ocidente;
Imos buscando as terras do Oriente ».

Um dos mouros acaba por informar a respeito da ilha:

Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:
E por ser necessária, procuramos
Como propios da terra, de habitá-la;
E, porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

E tendo prometido piloto para a Índia e refresco da terra, retiram para os bateis. Findava aquelle feliz dia:

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia;
Do capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto Febo nas águas encerrou
Co carro de cristal o claro dia,
Dando cargo á Irmã, que alumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

A respeito da Irmã de Febo dá o *Almanach perpetuum* de Zacuto as indicações seguintes, para o ano de 1498:

ANO DE 1498

Meses	Dias do mês	Dias da semana	Horas e minutos (tempo astronómico)	Luas
Fevereiro	20	terça-feira	17 h. 23 m.	lua nova
Março	7	quarta-feira	17 h. 28 m.	lua cheia
"	22	quinta-feira	11 h. 10 m.	lua nova
Abril	6	sexta-feira	1 h. 56 m.	lua cheia
"	21	sábado	3 h. 34 m.	lua nova
Maio	5	sábado	9 h. 55 m.	lua cheia
"	20	domingo	17 h. 52 m.	lua nova

Deste quadro resulta que foi quarto crescente no dia 28 de fevereiro, e na noite de 2 de março a lua brilhava portanto sobre as aguas do mar, aproximando-se do plenilúnio, que atingiria no dia 7. Febo podia dar cargo á Irmã que alumiasse o largo mundo. Com inteira verdade continua o poeta, nas duas estâncias seguintes (57, 58), a descrição daquella alegre noite:

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria e não cuidada,

.....
Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argêntas ondas Neptuninas,
As estrêlas os Ceos acompanhavam
Qual campo revestido de boninas.

Neste dia tinham amainado as velas e deitado as âncoras a dois tiros de bésta da povoação. No sabado, 10, foram pou-

sar a uma légoa de distância, junto da ilha a que poseram o nome de S. Jorge, por Vasco da Gama ahi colocar um padrão deste nome. A razão desta mudança é explicada no *Roteiro*: «E huum sabado, que foram a dez dias do mês de março, partimos, e viemos pousar huuma legoa em maar junto com huuma ilha, pera que ao domingo disessem misa, e se confesassem e comungassem os que quisessem».

Estabelecido este novo pouso, armaram dois bateis, levando um a Vasco da Gama e o outro a Nicolau Coelho, para irem buscar um dos pilotos mouros que ficara na ilha de Moçambique. Sairam-lhes ao encontro seis barcos cheios de gente com arcos e frechas, «em som de guerra». Acudiu Paulo da Gama no *Berrio*, e os mouros fugiram. No domingo, 11, Vasco da Gama, temendo que, rompidas assim as hostilidades, lhe impedissem de qualquer modo seu caminho, fez-se á vela, depois da missa, seguindo sua via, com o outro piloto mouro.

Mas o tempo não era favoravel á navegação. Correntes contrárias fizeram-lhes abater caminho. E na quinta-feira, 15, de manhã acharam-se quatro legoas para trás de Moçambique, como se regista no *Roteiro*:

«...e quando vêo a manham achámonos a ree de Mamco-biquy quatro legoas, e aquelle dia andámos até a tarde e pousámos junto com a ilha onde nos dyseram misa o domingo d'amte pasado, e alii estevemos oyto dias esperando por tempo».

Assim, tendo pousado de novo junto á ilha de S. Jorge, por que motivo esperaram oito dias por tempo melhor? Ou antes, visto que afinal se demoraram mais, porque resolveram demorar oito dias? É o que nos explica Barros na sua narrativa (Década I, Liv. IV, Cap. IV):

«E vendo Vasco da Gama que lhe convinha esperar vento de mais força para romper esta das correntes, a qual mudança seria com a Lua nova (segundo o Mouro Piloto lhe dizia), foi surgir á Ilha de São Jorge, donde partira, sem querer ter comunicação com os de Moçambique».

A lua nova era oito dias depois, na quinta-feira seguinte, dia 22, como se vê no quadro atrás. Mas neste dia de lua nova não soprou o vento favoravel, annunciado pelo piloto mouro, e em vez de prosseguirem seu caminho, tiveram de entrar em Moçambique, para fazer aguada, como diz o *Roteiro* (pag. 30):

«E porquanto nos nom acudia tempo, nos foy necesario

entrarmos em o porto de Momcobiqy a tomar agoa que nos era necessaria, a qual estava da outra parte da terra firme..... Huuma quinta-feira entrámos em o dito porto...».

No sábado seguinte, 24 de março, teve logar o combate descrito nas estancias 86 a 93. Os mouros tinham feito uma palissada, e logo de manhã andavam pela praia, armados de azagaias e arcos e fundas, desafiando os portuguezes a que fossem lá a buscar água. Os nossos varreram-nos com artilharia:

A plúmbea péla mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assobia.

Tomaram depois quanta água quiseram. Na terça-feira, 27, foram pousar junto aos ilheos de S. Jorge, e por fim, em 29, largaram de novo a caminho da India:

«e á terça feira nos partimos d'ante a villa e viemos a pousar junto com os Ilheos de Sam Jorje, honde estevemos ainda tres dias esperando que nos dése Deus tempo, e á quinta feira que foram vimte e nove dias do dito mês, nos partimos dos ditos Ilheos» (*Roteiro*, pag. 33).

Foi pois no dia 29 de março de 1498 que, tendo-lhes Deus dado tempo concertado, partiram definitivamente de Moçambique, como se descreve na estância 95:

O capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Para ir buscar o Indo desejado,
.....
As velas manda dar ao largo vento.

O resumo, que acabamos de fazer, mostra-nos como as circunstâncias de tempo, que alongaram a demora em Moçambique, eram ligadas com as fases da lua. Camões sabia bem todos estes pormenores. A referencia de Barros não deixou de lhe chamar a atenção, e o *Almanach perpetuum* de Zacuto era seu conhecido. Os claros raios de luar que rutilavam pelas ar-

gêntes ondas neptuninas na chegada a Moçambique foram uma realidade de que êle estava bem consciente.

Concluamos, pois, que o estudo atento da estância 24 do canto V, bem como o da estância 56 do canto I, demonstram claramente o exacto rigor com que o poeta se refere ao curso das lunações durante a viagem do Gama, quer na travessia do Atlântico até á costa ocidental da Africa, em S.^{ta} Helena, quer depois ao longo da costa oriental. Assim como, com inteira verdade, diz na descrição do cerco de Lisboa:

Cinco vezes a Lua se escondera
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendêra
Ao duro cêrco que lhe estava posto,

também se desvelou em considerar as noites em que a lua se escondera, aquelas em que mostrou meio rosto, e quando com rosto inteiro refulgiu sobre as ondas, iluminando o caminho das naus do Gama na demanda da India:

Não podem ao nosso épico apontar-se as faltas de exactidão astronómica que tem sido notadas em mais modernas composições poéticas, como succedeu com a poesia que tão popular se tornou na Inglaterra, em que se descreve o entêrro de Sir John Moore, o general comandante do exército inglês que retirava diante do marechal Soult. Na batalha da Corunha, Moore, quando em pessoa dirigia o combate travado em torno da aldeia de Elviña, foi mortalmente ferido por uma bala de artilharia que lhe levou o hombro esquerdo. Transportado para a cidade, morreu com a satisfação de ver assegurado o embarque das suas tropas para o país natal, «na noite de uma batalha victoriosa», como fôra seu desejo. O entêrro do galante official, antes do amanhecer, num dos baluartes da Corunha, quando se efectuava já o embarque, inspirou a tocante poesia de Charles Wolfe, *The burial of Sir John Moore*. No meio do geral agrado com que ela foi acolhida pelo público inglês, não faltou quem observasse serem uma pura ficção os raios de luar com que o poeta ilumina aquella emocionante scena nocturna:

We buried him darkly at dead of night,
The sods with our bayonets turning;
By the struggling moonbeams' misty light,
And the lantern dimly burning. (1)

Era no dia 16 de janeiro de 1809. Tinha sido lua nova na noite anterior. Quando, pois, ao fim do dia, os ingleses ficavam senhores de Elviña, e os ecos dos últimos tiros morriam no fundo do vale, o fino crescente da lua descia, com o sol, sobre o mar. Não havia lua no ceu quando os militares ingleses revolviam a terra com as baionetas, deixando no túmulo o chefe querido, que ainda hoje repousa no mesmo local, longe do cemitério, num jardim florido, á beira do mar. E a lira galega comove-se junto do sepulcro branco do estrangeiro, em volta do qual as crianças brincam sem medo do morto.

..... Asin cand'eu morrer, podera
Dormir en paz, n'este xardin frorido,
Perto d'o mar... d'o cemiterio lonxe!...
Que ti n'escoitas en jamas jou, Moore!
Choros amargos, queixumbrosos rezos,
Ni-os outros mortos á chamar-te veñen,
Pra que con eles n'a calada noite
A incerta danza d'os sepulcros bailes.

.....
Descanz'en paz, descanz'en paz jou Moore! (2)

O Dr. Dreyer, fazendo a história dos sistemas planetários, observa que quem quisesse deduzir, da leitura dos poetas e romancistas do século XIX, o estado da ciência astronómica, concluiria que nada se sabia, acerca do movimento da lua, neste século, tão freqüentes são os erros que neles se encontram, como a lua nova a despontar, á noite, no oriente, e muitos outros. No nosso épico, homem da Renascença, sábio e artista, amante e observador da natureza, nota-se sempre a maior exactidão.

(1) Enterramo-lo obscuramente pela calada da noite, / revolvendo a terra com as baionetas, / á luz dos raios da lua que a custo rompiam pela neblina / e da lanterna que ardia com clarão mortiço.

(2) Rosalia Castro, *Follas Novas*, Madrid, 1880, pag. 117.

4—Por cima da esfera da lua moviam-se os ceus dos outros seis planetas. As sete esferas das estrelas errantes, os antigos sete planetas, estão admiravelmente enumerados pela sua ordem, a partir do Firmamento para a Terra, na estância 89 do Canto X:

Debaixo deste grande Firmamento
Vês o ceo de Saturno, Deos antigo,
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, belico inimigo;
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Vénus, que os amores traz comsigo,
Mercúrio, de eloquência soberana;
Com tres rostos debaixo vai Diana.

Esta mesma seqüência inspirou a Camões a deliciosa Canção, onde a cada planeta vão sendo subordinados nove versos, segundo a ordem natural: Saturno, Jupiter, Marte, Sol (Apolo), Vénus (mãe do Amôr), Mercúrio e a Lua (Diana):

CANÇÃO

Nem rôxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno e da verdura,
Colhida entre outras mil,
Foi nunca assi agradável á donzela
Cortês, alegre e bela,
De sua mãe cuidado e glória pura,
Como a mi foi a inculta formosura
Natural, que podera
A Saturno render na sua Esfera.
Natural fonte agreste,
Não lavrada d'Artifice excelente,
Mas por arte celeste
Derivada de rústico penedo,
Não fez jamais tão ledô
Cansado caçador por sesta ardente,
Quanto o cuidado a mi me fez contente
Do vêr tão descuidado
Que faz sereno a Jupiter irado.
Fructa, que sem concôrto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acôrto;
A quem pintada a vê de sangue e leite,
Não lhe dá o deleite,
Qu'essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma formosura,

E o toucado sem arte,
 Que tornara pastor ao bravo Marte.
 A manhã graciosa,
 Que derramando sae dentre os cabelos
 A flôr, o lírio, a rosa,
 Sem ajuda d'ornato, ou d'artificio,
 Não faz o beneficio
 Que faz a luz dos vossos olhos belos
 A quem os vê tão puros e singelos;
 E esse inocente riso
 Por quem Apolo o Tejo torna Amíriso.
 Outeiros coroados
 Das árvores que fazem a espessura
 Com os ramos copados
 Alegre, que mão destra os não cultiva,
 Graça tão excessiva
 Não teem na sua natural verdura,
 Quanta na desses olhos, clara e pura,
 Deposita a esperança,
 Com que Amor gôsto, a Mãe tormento alcança.
 Dos simples passarinhos
 A música sem arte concertada,
 Dentre os verdes raminhos,
 Tão suave não é, tão deleitosa
 A quem na selva umbrosa
 Com mente ouvindo-a está toda enlevada,
 Quanto a mi essa fala doce agrada.
 E o natural aviso
 Que roubam a Mercúrio scetro e siso.
 De frescos rios água,
 Que clara entre arvoredos se deriva,
 Caindo d'alta frágua,
 Esmaltando de pérolas no prado
 O verde delicado,
 Com brando som aos olhos fugitiva,
 Não nos alegra quanto a graça esquiva
 Dessa luz soberana,
 Que faz cortês a rústica Diana.
 A tal luz (ó Canção, que ousaste vê-la!)
 Vendo estás já prostrado
 Saturno triste, Júpiter irado,
 Bravo Marte, áureo Apolo, Venus bela,
 E Mercúrio, e Diana, e toda estrêla.

Depois das sete estrêlas errantes, o remate «e toda estrêla»
 inclui também as do oitavo ceu, ou Firmamento. A mulher
 que o poeta canta vence as estrêlas dos oito ceus. Parece ou-
 vir-se a música das esferas acompanhando este hino á formosura.

A contemplação de uma mulher formosa transporta Camões através das esferas celestes. Para êle, como para Platão, o mundo, o Cosmos, é a divina obra de arte; e uma humana formosura é sombra daquela ideia, «que em Deus está mais perfeita», como afirma quando, tomando na mão a «lira santa e capaz de outra mais alta invenção», se inspira no salmo de David *Super flumina Babylonis*:

Sôbolos rios que vão
Por Babilónia me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
E quanto nela passei.

.

E aquela humana figura
Que cá me pode alterar,
Não é quem se ha de buscar;
É raio da formosura,
Que só se deve d'amar.

Que os olhos, e a luz que ateia
O fogo que cá sujeita,
Não do sol, nem da candeia,
É sombra daquela ideia
Qu'em Deus está mais perfeita.

.
Tanto pode o beneficio
Da graça que dá saúde,
Que ordena que a vida mude:
E o que eu tomei por vício,
Me faz grau para a virtude;
E faz qu'este natural
Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular beleza
Para a beleza geral.

(Continúa).

Luiz de Camões

REGRESSO

A Joaquim Manso

Do fim do dia as horas derradeiras
Esmoreciam;
Sobreiros, azinheiras,
Symbolicos, na tarde, refulgiam.

Ao vento do deserto,
Muda, minha alma demandava o Incerto,
Espavorida!

E tudo era suprema despedida...

Qual mar profundo,
As vozes cavas dos Maioraes
Irrompiam das bandas do outro mundo,
Concertadas num côro de igneos ais,
Toando, pelas herdades,
A musica infinita das saudades!

Num côro triste como o fim do dia,
De vôo em vôo,
Minha alma adormecia...

Oh tardes idas, horas milagrosas,
Ceus do crepusculo em festões de rosas,
Quem me acordou?

Mario Bairo

FRANCISCO DE HOLLANDA

(MAIS NOTAS — DEZEMBRO DE 1918)



URANTE a impressão da edição recente, sahida em Out., juntei algumas notas supplementares, que hoje offereço ao leitor.

1. Devo advertir que o ponto de partida para a nova ed. foi a edição do Porto (1896), combinada com os materiaes impressos sómente na *Vida Moderna* (1890-92), semanario do Porto, hoje *introuvable*. Esses materiaes são de grande valor; envolvem p. ex. toda a *Primeira Parte* do *Ms. da Pintura antiga*, preciosissima!

Para o leitor portuguez a ligação das duas partes era indispensavel; realisando-a, colloquei a nova edição (1918) no primeiro plano, e superior até mesmo á edição allemã de Viena, quanto ao texto. No *Commentario* é esta ultima preferivel; d'ella vou extrahir novos elementos que completam e corrigem a minha recente publicação.

2. Antes porém, chamarei novamente a attenção para a ed. de Vienna d'Austria (1899), porque não descobri que ella merecesse uma só linha da critica portugueza, nêem que alguém a estudasse com attenção. É o unico trabalho que me foi pago em 48 annos de vida litteraria; e foi um governo estrangeiro que m'o pagou...

Fôrma o volume IX^o da nova Serie das *Quellenschriften für Kunstgeschichte* (1). Foi o Snr. Dr. Albert Ilg que me pediu a edição. Depois da sua morte o Snr. Dr. Camillo List renovou o pedido, tomando a edição maiores dimensões pelo augmento dos seguintes elementos:

1.^o Ao texto portuguez novamente revisto e cuidadosamente corrigido, juntei a traducção allemã; uma larga *Introducção* historica, Pag. I—CXXXIV; doze *Appendices*, Pag. CXXXV—CLIX; *Notas*, abundantes, onde condensei assumptos novos, que darão que fazer á proxima geração, de estudiosos, por muito tempo Pag. 185-231; emfim, um *Indice* geral dos nomes citados Pag. 232-240.

(1) Wien. Verlag von Carl Graeser, editor das *Quellenschriften*, publicação que não tem rival, subsidiada pelo Governo austriaco! Fontes (proximas e remotas) para o estudo da Historia da Arte. A 1.^a Serie abrange 18 vol.; a 2.^a Serie quasi outro tanto; na edição do Hollanda (Porto, 1896, pag. XIX a XX da *Introducção*) publiquei os titulos das obras de ambas as series; para essa lista interessante remetto o leitor. Preleccionar ou escrever sobre a Historia da arte antiga, medieval e da Renascença, sem um estudo d'estas series fundamentais, afigura-se me uma impossivel empreza para um prelector que se respeite e respeita os seus alumnos; hoje teria de completar a lista com os volumes publicados de 1896 a 1912, que assignei, II, e extractei.

Não contente com este serviço publiquei em 1896 um estudo sobre o Codice de Desenhos do Escorial com o título: *Antiguidades da Italia* por Francisco de Hollanda. Descrição critica dos desenhos do Escorial. Lisboa, Imprensa Nacional. Extrahido do *Archeologo Portuguez*, Vol. II, n.º 2 Fevereiro. São 16 paginas, assignadas; Porto, Dezembro de 1895. Hoje (Dezembro de 1918) teria de ampliar muito o commentario aos Desenhos do Escorial.

No estrangeiro os meus novos trabalhos provocaram a primeira *tradução franceza* completa dos *Dialogos* do distincto philologo Léo Rouanet (Paris, Honoré Champion, éditeur, 1911, Preço 5 francos) a que fiz devida justiça (*Commercio do Porto* de 14 de Dezembro de 1910). Rouanet falleceu em Novembro de 1911. A sua obra, muito cuidada, tem algumas illustrações valiosas.

O retrato interessantissimo de Miguel Angelo por Hollanda já tinha sido divulgado por Charles Graux — Correspondance d'Espagne em *Revue Hispanique*, Vol. XIII, (1905) pag. 583 a 585.

Fui autorisado pelo editor Monsieur Honoré Champion a usar das illustrações da ed. de Paris; mas posteriormente renunciei a essa amavel concessão (que cordealmente aqui agradeço) porque segui plano diverso.

Rouanet escreveu sobre os meus trabalhos grandes louvores, que resumirei; da critica nacional não sahii uma unica apreciação fundamentada. Não tive até á sua morte relações com o critico e erudito francez, nem com os seus amigos:

« Si les œuvres de Francisco de Hollanda n'ont pas encore été réunies en une édition de bibliothèque, un écrivain portugais de beaucoup de réputation et de talent, M. Joaquim de Vasconcellos, a publié séparément chacune d'elles dans différents recueils périodiques, avec tous les éclaircissements nécessaires ».

Segue a lista dos meus trabalhos sobre o Hollanda desde 1879 até 1896, que omitto:

« Mais le savant éditeur ne s'en est pas tenu là. Il faut citer encore deux éditions des *Dialogues* publiées par ses soins:

La première (*Quatro dialogos da pintura antiga*), tirée à cent exemplaires seulement, a paru à Porto en 1896 dans le format in-folio, sans nom de libraire ni d'imprimeur.

La seconde (*Francisco de Hollanda. Vier Gespräche über die Malerei geführt zu Rom 1538*, Vienne, Carl Gröser, 1899, in-8.º) contient, en regard du texte portugais, une traduction allemande. Elle est accompagnée de préfaces et de notes qui la rendent indispensable à quiconque veut étudier consciencieusement la vie, l'œuvre et le temps de Francisco de Hollanda. J'ai beaucoup emprunté à la vaste érudition de M. de Vasconcellos ».

3. Pela valia do serviço dou o terceiro logar n'estas *Notas* a Eugenio do Canto.

Louvor incondicional merece a fidalga generosidade do moderno editor do tratado *Medidas del Romano* de Sagredo, o meu

querido amigo e confrade nos Açores, Eugenio do Canto. Agradei-lhe o insigne serviço em 28 de Agosto de 1915, mas receio bem que elle não chegasse a ler o agradecimento. No meu retiro de Aguas Santas li sem demora, com a devoção e o carinho que sempre me mereceram as suas preciosas impressões, o Sagredo, reproduzido em *fac-simile*. A morte levou Eugenio do Canto ainda em Agosto. Bastou uma lembrança minha, enunciada a medo, em carta, para que se fizesse uma nova edição; e logo o generoso amigo não só a empreendeu, mas quiz dal-a em *fac-simile*. Além d'isso vinculou o meu nome á edição com expressões de tão extremada cortezia, n'elle de resto habitual, que sou levado a pedir a seu irmão o Sr. José do Canto e aos seus restantes parentes nos Açores que aceitem, embora tarde e de tão longe, o testemunho de profunda gratidão e inextinguível saudade que Eugenio do Canto deixou em duas casas — a de Cedofeita e a de Aguas Santas — onde o seu nome era e é quasi diariamente citado.

Não tenho lugar mais digno para a sua memoria e para a confissão da minha divida ao illustre confrade e generoso amigo do que esta edição do Francisco de Hollanda, que é o remate de quarenta annos de estudos desinteressados.

Nos proximos artigos as *Notas* devem abranger os seguintes assumptos da historia da arte, relacionados com a vida litteraria e social dos sec. XV e XVI.

1. Posição de Gil Vicente perante a arte dos sec. xv e xvi.
2. André de Resende no sequito de Pedro Mascarenhas.
3. Festas de Bruxellas, o *Jubileu de amor* (1); embaixadores e feitores.
4. Os serões vicentinos nas côrtes amigas de Portugal.
5. Como se formaram os cenaculos de arte dos filhos de D. Manoel; o Cardeal D. Afonso na Quinta de Valverde; o Cardeal D. Henrique no Paço de Evora; o Infante D. Luiz no Paço de Salvaterra e no Crato.
6. Mestre Nicolau (Chatranez) em Coimbra, S. Marcos e em Evora; outros artistas da eschola de Coimbra em viagens continuas, por ex. os Castilhos e João de Ruão; officinas ambulantes (2).
7. Viagens dos Reis e Infantes em romaria aos Santuarios da peninsula; as offertas d'arte. Hollanda, guia do Infante D. Luiz. Os Brandões Pereiras, a sua hospedagem opulenta no Porto. Impor-

(1) O *Genethliacon Principis Lusitani in Gallia Belgica celebratum* (ed. original de André de Resende) mense Decembri M. D. XXXII é ex. da minha collecção. Foi comprado ao livreiro Rodrigues da travessa de S. Nicolau em 1871, n'uma Miscelanea do mesmo Resende, toda de ed. suas, do sec. XVI.

(2) Chatranez é o *Nicolas Cantarus* da Carta supplementar inédita, que devo ao favor de M. Victor Chauvin et A. Roersch. Louvain, 1902 pag. 13 nota 2. (Extraits du *Musée belge*. Tome VI). Damião de Goes é a eminente figura que liga todos os cenaculos que cito, entre si, inclusive com o ultimo em data, a que preside Jeronymo Cardoso (Cartas latinas inéditas, da minha bibliotheca). O excellente estudo do Sr. Dr. M. G. Cerejeira traduz a Carta de N. Clenardus a Jeronymo Aleandro, Arcebispo de Brindisi, onde veem as passagens relativas a Chatranez e á sua vida artistica em Evora; pag. 31 e passim.



OLAVO BILAC

De Antônio Carneiro.

tantes estudos do Snr. Braamcamp Freire sobre esta familia de poetas — feitores e financeiros (1).

8. Nicolau Clenardo, Damião de Goes e André de Resende, discutindo — Arte, archeologia e erudição classicas nos cenaculos de Evora e da Quinta da Manisola.

9. Holbein, Dürer e Erasmo, outra trilogia popularisada por Goes, Resende e Jeronymo Cardoso.

10. Gravuras allemãs da Eschola Düreriana, em honra de Nossa Senhora de Belem; exemplar único de uma edição portugueza da *Vida da Virgem Maria*, em meu poder (2).

11. As influencias flamenga, allemã e italiana fundem-se n'uma corrente geral hispanica.

12. A grande arte da Hespanha, unificada pelos Reis catholicos, triumpho em labores prodigiosos, apesar de correntes antagonicas.

13. O profundo saber dos seus theoreticos, traduzidos em edições francezas, inglezas e allemãs. O livro capital do Sagredo.

14. As officinas dos *mudéjares* e as universidades, de mãos dadas: Toledo, Barcelona, Saragossa; com Alcalá e Salamanca alliadas.

15. Os grandes artistas hespanhoes (i. é. castelhanos e portugueses) espalham-se pela Europa, pelo Velho e Novo Mundo.

16. A ideia do Hollanda em Arte é sempre *hispanica*; e com justa razão; tudo o mais são invenções de pseudo-patriotas, que servem, com louvaveis intuitos, *mentiras de occasião*, aos seus leitores.

(Continúa).



(1) Os Brandões Pereiras tem logar preferente na ed. do tratado de tirar retratos: *Do tirar polo natural*, em fórma de dialogo, discutido no seu solar da rua da Alfandega velha, solar *patrioticamente* demolido no proprio anno do centenario do Infante D. Henrique (1893). Salvou-se uma photographia, que possuímos e será reproduzida.

(2) Será reproduzido brevemente n'este logar.

EGAS MONIZ

ACTO III

SCENA XII

Ouve-se fora um vozear alvoroçado e logo entram com uma chusma de peões e cavaleiros D. AFONSO, EGAS MONIZ, D. PAIO, MARINHO, BABILÓNIO e TAREJA AFONSO, num alegre tumulto.

A TURBA

ao principio fora e depois dentro da sala

Juntar! Juntar aqui!

— Aí vem!

— Vinde vós!

— Que foi?

— Egas que chega!

— E já?

— Vem trás de nós.

— Aí vem Egas Moniz!

Fernão e Elvira caminham com júbilo para a turba.

FERNÃO

Que venha em boa hora!

Entram todos invadindo a scena.

D. AFONSO

ansioso

Então?

EGAS

respirando cansado

O Imperadôr vai-se de pronto embora.

Ouve-se ao longe o rufar dos tambores.

BABILÓNIO

olhando por uma das janelas do fundo, com alegria

Ouçam: no arraial rufam os tambores

Mandando a retirada. Ora escutar, senhores!...

D. AFONSO

com surpresa quasi desconfiada

Mas, Egas, conta lá, maravilhado sou:

Como é que o Imperadôr tão de pronto abalou?!

EGAS

Senhor, disse-lhe assim: Oh! Rei, tendes mal feito

Em vir em som de guerra. Eu, por mim, faço preito

De que nunca o Infante houve alguma tenção,

Senão a de prestar-te inteira sujeição.

E, inda que hemos ali tudo bem aprestado

Para um cerco cruel, por teimoso e apertado,

Digo-te à boa fé: parte; não hajas medo:

Que D. Afonso há de ir às côrtes de Toledo

A pedir-te a tenência e a prestar vassalagem.

Podes nisto acordar: sou eu quem faz menagem.

Grande e desolado espanto em quantos escutam. Vozes iradas interrompem-o de súbito, quasi simultâneas.

D. PAIO

num arremêso de indignação

Foi-nos atraíçoar!

BABILÓNIO

Mais valia morrer!

D. PAIO

É mau caso! É traição!

BABILÓNIO

Senhor, pode lá ser?!

D. AFONSO

com cólera brutal

Egas, se foi assim, por Deus! ou te vendeste,
 Á má fé e à traição, ou vá, ensandeceste:
 Essa velhice ao fim turvou-te o siso; és tonto.
 Corre lá sem tardança e vai dizer de pronto
 Que tudo o que disseste é mui grande mentira.
 Antes a morte já! Antes eu me sentira
 Nos tormentos dum cêrco: a fome um ano inteiro,
 E por fim a tomada e após o cativeiro,
 Que desonrar-me a mim e às cinzas de meu pai!
 Egas, parte de novo; emenda o êrro, vai!
 Ou então, velho louco, ouve bem o que digo:
 Juraste: fique assim; mas não contes comigo
 Para cumprir a jura e o preito que fizeste!

EGAS

com fundo ressentimento

Oh! Rei, quão facilmente e logo te esqueceste
 Do que eu sou, do que fui nesta já longa vida!

com indignação

Se a menagem por mim agora prometida
 A êsse Imperador tu a fosses cumprir,
 Fôras um vil traidor, pois irias mentir
 Á tua terra, á grei, a ti, ao teu destino,
 E àquilo que esta boca, eras inda menino,

E grandes dias há, e sempre te ensinou!
 Como êsse entendimento, oh! Rei, imaginou
 Que quem te fez de pai, eu que sofri, lutei
 Toda uma vida afim de que tu fosses Rei,
 Por fraqueza ou velhice ou por temor da guerra
 De pronto te entregasse a ti e à nossa terra!

D. AFONSO

Porque então — não entendo — é que tu hás mentido?!

EGAS

com veemência sublime

Foi para te salvar, porque estavas perdido
 Tu e os teus naturais e a nossa terra inteira,
 Que outra vez, mau seu grado, ia ser estrangeira!
 Menti p'ra te salvar a ti e a Portugal;
 E ora nalguma coisa eu posso ser leal
 Com o Imperador. Eu irei a Toledo
 E lá — podes cuidar — de rosto erguido e ledo,
 Eu direi com orgulho êste grande pecado,
 E para o crime ser logo ali castigado
 Eu irei oferecer em paga a vida cara;

Tareja Afonso e Elvira correm para êle com aflição.

E, porque para culpa e ventura tão rara,
 Ver Portugal, a grei e tu livres de novo,
 Fazer de vós nação, tirar-lhe a êle um povo,
 Tenho que a minha vida idosa é pouco preço,

pondo as mãos sôbre a mulher e a filha

Estas irão comigo; estas também lhe ofereço!

*Os cavaleiros ficam mudos de espanto e admiração.
 Entroolham-se com pasmo. Fernão tem um arremêso para
 o grupo.*

D. TAREJA

suplicante

Egas, leva-me a mim; está bem, deve ser.
 Nem quero cá ficar, se tu tens de morrer.

indicando Elvira

Mas poupa a vida a esta: é quasi uma criança!

FERNÃO

Senhôr, é minha noiva!

D. TAREJA

carinhosa

Eram em tanta esperança!

D. AFONSO

já repêso das suas más palavras

Para êrro tão leve hei que a pena é demais...

EGAS MONIZ

inabalável, sublime, a toda a altura da alma

Ao menos sabereis num dia a quem falais!

Por vós salvar menti e o mentir desonrou-me,

E, por vós, desonrei os que usam o meu nome.

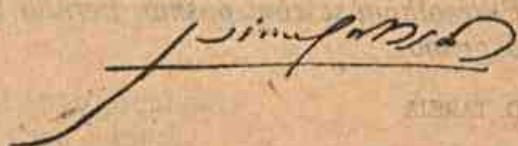
A minha morte só era pena ligeira:

A dêstes é que mata, é que é a verdadeira;

Êste sangue é que lava a palavra traída.

Pois que a honra morreu, para que presta a vida?!

FIM DO III ACTO



OS NOVOS TEMPOS E A SUA LITERATURA

XXVIII — UM HEROI AMERICANO

VICTOR CHAPMAN (1)



NÃO passa um dia sem que recebamos da America provas affectuosas, comovedoras, da simpatia que os homens desse paiz, occupados nos negocios da Europa, consagram á boa sorte dos aliados e particularmente da França. «Os francezes, escrevem eles (2), combatem hoje pelo mesmo ideal que amou La Fayette. Emancipando-se, reconquistando a sua plena autonomia nacional, é a Europa inteira que eles salvam de uma hegemonia odiosa; é a causa de todo e qualquer povo livre, é a liberdade e a lei, é a democracia e a justiça que eles mantêem no mundo».

Como são nobres estas palavras! Olhemos em redor de nós e veremos que não é apenas a generosidade americana que se prodigalisa em nosso favor com uma largueza inconcebivel; são os proprios cidadãos americanos, de entre os melhores, que em grande numero veem combater nas nossas fileiras, e intrepidamente, senão até alegremente, derramar o seu sangue pela nossa causa.

O aviador Victor Chapman, derribado a 23 de Junho ultimo num combate de aéroplanos perto de Verdun, era um desses valentes campeões americanos da França e da liberdade. Nascera em 1890. Seu pai, John Jay Chapman, descendia dum celebre refugiado huguenote, John Jay, que foi membro do Conselho Continental, e um dos autores da declaração da independencia; foi ele tambem que redigiu a Constituição do Estado de Nova-York.

John Jay Chapman é uma alma generosa e avida de justiça, penetrada da grandeza que a idea religiosa comunica á humanidade. Quasi no principio da guerra publicou um livro intitulado *Deutschland über alles or Germany speaks*, em que se encontram estas palavras: «Farei vêr como a consciencia teutonica chegou a separar-se do resto da humanidade, como o pangermanismo, em

(1) UN HÉROS AMÉRICAIN — VICTOR CHAPMAN, par Emile Boutroux, em *Le Temps* de 5-7-1916.

(2) WHY EUROPE IS AT WAR, New-York 1915, p. 54.

que apenas se quiz vêr um gracejo de mau gosto, era uma 'questão muito seria, o que quer que é como a sem-razão entronisada».

A nobreza de alma piedosamente conservada na sua familia penetrára profundamente no espirito de Victor Chapman; possuidor duma fortuna avultada, pensava contudo que a vida é feita para trabalhar e para servir a causa do ideal. Era vigo-

NA AMERICA



— Juntos, venceremos.

(Desenho extrahido do *Life*).

rosissimo e destre nos desportos. Mas nesse atleta havia uma alma candida e altiva; causava-lhe horror tudo quanto abate e escravisa o homem e, como por instinto, era recto e puro, era aquilo que os americanos designam por este termo tão feliz — *clean*.

Quando re-
bentou a guerra
já Victor Chap-
man, que se ha-
via formado na
Universidade de
Harvard, estava
em Paris estu-
dando architec-
tura desde 1913;
e logo se impoz
o dever de servir

a França. Nos fins de Agosto de 1914 entrou na legião estrangeira e escolheu a secção de metralhadoras, por causa do seu valor pratico. Passou o inverno de 1914-1915 no Somme, e entrou em varios combates. Em Abril de 1915 pediu para entrar no serviço da aviação, a fim de ser incorporado na esquadilha americana de caça que se estava organizando em França. O projecto dessa esquadilha tinha sido elaborado no Dezembro de 1914, em Marblehead, Massachusetts, por aviadores, na sua maioria formados em Harvard e Yale. «A nossa intenção, diz um d'elles, foi retribuir o cumprimento que La Fayette e Rochambeau dirigiram á America. Sentiamos que era um dever para os americanos prestar o seu concurso a uma republica envolvida num conflicto em que se jogava a liberdade de todas as nações».

Chegados a França, esses voluntarios seguiram os nossos cursos de aviação com um espirito de disciplina, consciencia, metodo e boa camaradagem que lhes captou as mais vivas simpatias de todos; por seu lado eles sentiam que ficavam pertencendo ao exercito francez, e isso ufanava-os. Assim se constituiu a esquadrilha franco-americana de caça, a qual compreende: um capitão francez, dois tenentes, um francez e outro americano, e alguns sargentos americanos, sendo que o seu character é especial, porque o piloto tambem é combatente.

Nesse corpo de elite entrou Victor Chapman em Abril de 1915, após uma aprendizagem de mais de seis mezes. Como ele se sentia feliz em poder assim empregar todo o seu esforço, trabalhando, combatendo, tornando-se útil! Reconheci-o na visita que me fez pouco tempo depois. Era encantador de bonomia e simplicidade. Como eu lhe elogiasse o seu francez: «Oh! responde-me ele, o meu francez é francez de *peludo*; não compreendo bem todas as palavras que digo e não sei se todas elas são admitidas em boa sociedade; falo naturalmente como os meus companheiros». Era impossivel aliar mais alegria moça e serena, mais doçura, mais limpidez de sentimento a maior elevação de ideas, decisão, energia e character. Victor Chapman possuia no mais alto grau o espirito militar; num serviço em que cada qual fica entregue a si mesmo, era a encarnação do dever; só pensava em produzir, com desprezo de todos os perigos, a maior quantidade de trabalho util. Extremamente intrepido, nunca contudo perdia o sangue frio e a presença de espirito absolutos, apesar da violenta tensão nervosa que causam essas expedições.

Tornara-se notavel pela sua audacia. Combatendo para os lados de leste com a esquadrilha americana, quebraram-se-lhe debaixo d'ele sete aparelhos nas ultimas seis semanas. Logo de começo recebeu a medalha militar e a cruz de guerra. Foi ferido duas vezes, a ultima a 17 de Junho ultimo, no pericraneo, e soube-o por lho dizerem uns operarios que lhe viram a face ensanguentada quando aterrava; não quiz porém ir para o hospital.

Como se sabe, na tarde de 23, tendo partido depois dos seus camaradas, foi encontrá-los nas alturas de Verdun, envolvidos em combate com aviatikos alemães superiores em numero. Atacou dois que se voltaram contra ele, e ferido nos ares foi cair com o seu aparelho nas linhas alemães. Se sentiu que morria, só teve por certo este pensamento: «Assim sêja; morro pelo direito e pela liberdade». E este foi o sentir de seu pai quando lhe deram a fatal noticia; disse apenas — *Good!* «Está bem! morreu por uma nobre causa».

Tais são as dedicações, a altura de vistas, a grandeza simples e verdadeira de que é capaz a alma americana; tais a estima e o amor profundo, entusiasta, que a França inspira a homens que são a honra da humanidade. Que recompensa dos nossos esforços pode egualar esse testemunho prestado por tão nobre gente? Não, os grandes interpretes da consciencia humana não se enganaram: morrer, em logar de trair a causa do direito e da justiça, não é morrer, é immortalisar-se; e não é apenas sobreviver na imaginação dos vin-

douros, é deixar atrás de si uma semente de fé e de virtude que, mais tarde ou mais cedo, garantirá o triunfo do bem.

EMILE BOUTROUX.

XXIX—COM A COMISSÃO INDUSTRIAL AMERICANA (1)

Algumas das suas observações.

Um engenheiro-quimico: «Acabo de visitar um dos locais onde se fabricam materias inflamaveis e explosivos. Estão, como convem, defendidos pelos reservatorios de agoa, necessarios para serem inundados no caso de alarme, mas que se abrem apenas sob a acção de cabos instalados no interior dos edificios. Entre nós ha um outro cabo no exterior e já se deram casos em que este serviu. Os snrs. teem tambem o que nós chamamos *la mare*, uma grande tina ou piscina aonde os operarios vão lançar-se quando o fogo os envolve. Não vi porém os corrimões conductores que nós temos e que guiam um homem com os olhos fechados, desde o seu logar até á piscina — corrimões faceis de seguir á mão, até correndo, porque, no genero de desastres que aqui podem produzir-se, a primeira necessidade que se impõe muitas vezes, é fechar os olhos».

Um architecto: «Os snrs. estão construindo aqui, sem olhar a economias, um hospital que será pratico e magnifico; parece-me contudo que, adoptando um processo mais moderno e sensivelmente menos caro, poderiam executá-lo, em metade do tempo, sem lhe diminuir as qualidades. Constroem-no com blocos de cimento fabricados no chão, levantados e postos no seu logar por meio de maquinas. Nós teriamos levantado uma torre-bomba que, aspirando o cimento ainda mole, o lançaria por uns tubos em moldes de madeira colocados sobre as paredes, moldes que fariamos subir á medida que o cimento vai secando».

Um engenheiro-mecanico, numa fabrica de latas de conserva, cheia de mãos femininas habilissimas: «É lindo para ver, elas são

(1) AVEC LA COMMISSION INDUSTRIELLE AMÉRICAINE. (*De notre envoyé spécial*) por H.-P. Roché, em *Le Temps* de 8-10-1915.

Esta comissão foi mandada á França para apreciar o estado de avanço em que se achava o trabalho profissional francez; e compreende-se a importancia que os americanos, desde o principio da campanha, ligaram a isso, atento o caracter que a guerra tomara e lhe imprimiam os progressos da tecnica industrial. E compreende-se tambem que, da visita dessa comissão, resultassem as decisões tomadas pela America, quando entrou em França com os seus exercitos, procedendo a uma serie de installações de portos, linhas ferreas, linhas telegraficas e telefonicas, estabelecimentos de hygiene, hospitaes, etc., que maravilham os francezes pela sua grandiosidade, novos processos e rapida execução.

muito dextros. Mas os snrs. empregam aqui uma metade ou dois terços de mão de obra a mais. A primeira vista noto que podem imaginar máquinas para suprir um certo numero de operações efectuadas agora manualmente. Esta mulher, e aquela e a outra mais além seriam substituidas por alguns pedaços de ferro fundido e de aço ligados entre si, os quais trabalharão durante quarenta anos. Não me digam que é mais economico servirem-se da mulher do que da maquina; isso não é verdade, nem desde já (os snrs. dispõem de capitais), nem de aqui em diante. Esta mulher, liberta dum serviço pouco util, pode ser empregada, na sua casa, em produzir labores femininos, ou continuar a ser utilizada industrialmente, mas num serviço necessario em que deixará de ser uma peça de maquina para passar a conduzi-la. Com o mesmo pessoal humano podem ampliar as suas industrias actuais e crear outras novas. Pensem na falta de mão de obra que vão ter depois da guerra, no esforço a realisar e no facto de cada um dos seus industriais ter de estudar o meio de reduzir a mão de obra de que carece. Os snrs. teem um amor exagerado ás suas máquinas, prolongam-lhes demasiadamente a existencia; porque uma maquina qualquer, após um certo numero de anos, é uma perda constante de energia. Dizia um *urbanista*, antigo aluno da nossa Escola de Belas Artes, que «a materia deve ser digerida com regularidade, sem choques «tanto por uma officina como por uma cidade», e não deve efectuar-se o menor transporte inutil de cousas, nem de pessoas. Antes da execução tudo carece de ser previsto num plano fundamental, porque, sem ele, o maior engenho reduz-se a um fraco paliativo. Os snrs. são os nossos mestres na architectura considerada sob o ponto de vista estetico; reconhecêmo-lo e vimos estudá-la nas suas escolas. Mas quanto ao lado pratico das cousas, áquilo que nós designamos pelo nome de *urbanismo*, o desenho das aglomerações tão desenvolvido ultimamente entre nós e tão intimamente ligado com muitas questões sociais e morais, quer-me parecer que, se mandassem alguns dos seus rapazes ás nossas escolas, eles aprenderiam lá alguma cousa».

Num certo momento achamo-nos diante duma meza ou lona sem fim, em que alguns homens vinham lançar sacos pesados descarregados de uma carroça, e eu não percebi bem porque os americanos tanto atentavam no caso. «Entre nós, diz-me um deles, este tipo de carreção deixou de existir, razão pela qual os estavamos observando. Esta meza sem fim é rigida de mais e não tem paragens. Hoje deixou-se de transportar ás costas para apenas guiar. Veja a cara desses homens que durante toda a vida só realisam um mesmo esforço: não tem a firmeza de traços que se adquire na industria, e perderam o que quer que é da sua natureza humana» (1).

(1) As observações aqui feitas relativamente aos carreções — *les forts de la halle* — e aos operarios empregados no trabalho dos metais, revelam os principios fundamentais do *Taylorismo* cuja propaganda se tem tornado muito intensa nos Estados Unidos da America. Como se sabe, foi sobre esses dois campos do operariado que mais incidiram os estudos de Taylor. Este engenheiro faleceu em 1915, na Filadelfia, mas os seus colaboradores e herdeiros do seu sistema constituem hoje uma

Num que outro ponto encontramos pormenores ineditos para os americanos: as cadernetas, os metros usados pelos empregados — e eles tomam nota do nome dos fabricantes e das dimensões.

«Porque não vêem os snrs. fazer isto no nosso paiz? perguntam eles; todas as nossas portas estão francas, entrem por toda a parte, vejam tudo. Ha muito tempo que, exceptuando poucos artigos, nós deixamos de acreditar em segredos de fabricação. Uma das condições de saúde das industrias em geral é que uma invenção nova deve ser comunicada, sem demora alguma, aos interessados.

«Na vossa bela França ha pouca *information*, até a seu respeito. É preciso que ela corra a flux, que irradie por toda a parte, que vá lubrificar o mecanismo da oferta e da procura, a verdadeira circulação do sangue do paiz.

«Permitam-me aventar uma solução, talvez pouco pratica, para este estado de ignorancia relativa e de não classificação das vossas proprias riquezas: crear um grande jornal das camaras de comercio.

«A guerra demonstrou que os snrs. são capazes de acção colectiva: que os seus progressos se tornem colectivos e instantaneos como entre nós, que não se isolem, nem provoquem desconfianças ou invejas.

«A França deixou de ser uma nação que foi batida na ultima guerra. Os snrs. já não receam as correntes de ar. Abram pois de par em par as suas portas!»

Passava deante de nós uma possante locomotiva, fazendo grande estrondo. «Aqui têm uma amostra do seu passado de ontem: uma maquina construida na Alemanha segundo um projecto francez».

Deante dum corte de terra, levantou o indicador com ar severo. Alguns operarios descarregavam vagões á pá, lançando o carvão para o chão e de aí outros operarios atiravam-no para dentro de carros: «Que pecado contra a gravidade, a fluidez de toda a materia e a economia do trabalho humano! Vagões de bascula, um plano inclinado e estes homens ficam emancipados de tão grosseira tarefa».

«Os snrs. mostraram-nos aqui e além fabricas que são especimens de perfeição moderna; agora urge construi-las em quantidade sufficiente.

«O que nós admiramos sem reserva alguma é o espirito, o caracter, a alma do vosso povo. Esse é o grande reservatorio do futuro e nele pômos, com os olhos fechados, toda a nossa confiança.

«A viagem de um mez que fizemos através da França tambem nos causa um grande bem, oferecendo aos nossos olhos os nossos proprios problemas com variantes. Maior é porém o que dela resulta para os francezes, porque nos leva a pôr o dedo no ponto nodal, no esforço da França, unanime, incansavel, e quasi alegre á força de bravura. Nós não pudémos distinguir o norte do sul, nem o centro

verdadeira escola que vai continuando a desenvolver a obra do mestre, adaptando-a a novas industrias, ao comercio e em geral a todos os ramos de actividade humana.

do oeste ou de leste; vimos que a união sagrada de todas as provincias, além de ser uma bela divisa, é ainda uma vibrante, uma constante realidade».

H.-P. ROCHE.

XXX. — O REGIMENTO DOS BILIONARIOS (1)

Um dos episodios mais comovedores da vida de La Fayette é sem duvida a viagem que o levou, quasi a tocar nos setenta, até á America do Norte, com o fim de tornar a ver o teatro das proezas da sua ardente mocidade. Embarcou no Havre a 13 de Julho, acompanhado do filho e de um secretario. Um mez depois, o paquete em que ia entrava na baía de Nova York e era ali esperado por uma esquadra de nove navios a vapor, a bordo dos quais seis mil cidadãos e cidadãs de todas as condições aclamavam entusiasticamente o libertador. A recepção prolongou-se durante quatorze mezes e foi uma festa ininterrupta: discursos, cortejos, comissões, banquetes, brindes e aclamações delirantes. O heroi dos dois mundos, a quem os parisienses haviam outróra lambido as botas e quasi canonisado o cavallo branco, ficára durante trinta e quatro anos sem gosar essas manifestações populares. Depois de ter conhecido as prisões austriacas, a proscricção durante o Imperio no seu solar de Grange-en-Brie, e o ostracismo e os receios da Restauração, voltava a receber além-mar os aplausos e os vivas que o embriagavam de prazer. A munificencia dos Estados-Unidos não limitou porém o seu reconhecimento a aplausos e discursos: no dia 20 de Dezembro, o Congresso adoptou por unanimidade um *bill* que compreendia uma oferta de duzentos mil dollars ao general, como recordação dos seus serviços, e a concessão de grandes terrenos na Luiziania (2). Os nossos amigos da America fazem bem as cousas.

No numero incalculavel de paradas militares realizadas em sua honra no decurso da sua marcha triunfal através dos vinte e quatro

(1) LA PETITE HISTOIRE — LE REGIMENT DES MILLIARDAIRES, par G. Lenotre em *Le Temps* de 8-12-1917.

Como se sabe, o francez *milliard* corresponde ao portuguez *bilhão*, ou seja mil milhões. Julgo pois dever traduzir *milliardaires* por *bilionarios*, por isso que tambem de *millionaires* se fez entre nós *milionarios*.

A. A.

(2) Ninguem ignora que o Estado da Luiziania procede de uma colonia fundada no seculo dezassete por francezes, na parte sul dos Estados Unidos e que o seu nome deriva do do rei de França, Luiz XIV. Pertence a este Estado a Nova-Orleans, grande cidade comercial, situada nas margens do enorme Mississipi, a 170 quilometros do golfo do Mexico. Fazer um francez proprietario nessa antiga colonia franceza equivale sem duvida a um duplo reconhecimento dos serviços outróra prestados, por gentes vindas de França, á America do Norte; e é uma prova de inexcidível gentileza.

A. A.

estados da União, a do 7.º regimento merece não passar despercebida. Este corpo tinha sido creado em 1806, para provocar entre os rapazes da plutocracia nascente o cumprimento dos deveres militares e, desde a origem, foi sempre extremamente «select». Nele só serviam — quer como officiaes, quer como soldados — os filhos de opulentos banqueiros e de industriais abastados; o uniforme era mirabolante para tentar o dandismo, e o armamento o mais moderno possível. Não se sabe que impressão recebeu o velho La Fayette quando passou em revista por entre as filas dessa tropa doirada; quero crêr porém que, nesse momento, se recordou da velha guarda nacional parisiense do seu comando, tropa burgueza tão mesquinamente equipada, e dos bandos de voluntarios da Virginia, sem munições, sem armas e sem sapatos, que ele capitaneava nos tempos de Rhode-Island e Yorktown. A America progredira desde essas épocas longinquas! Quarenta anos depois, maior era ainda o seu progresso: na guerra de Sucessão, o 7 era já «o regimento dos milionarios» e cobria-se de gloria na jornada de Goefenburg. Pertencia á famosa brigada de Nova-York, cujo contracto de seis mezes acabava no dia da batalha ao meio dia. Batera-se toda a manhã com heroismo e bravura; mas ao dar do meio dia, todas as unidades abrangidas por esse contracto, tão ciosas dos seus direitos como dos seus deveres, reuniam-se debaixo de fogo, formavam em linha, respondiam á chamada e, na mais perfeita ordem, ao toque dos clarins e bandeiras ao vento, regressavam a suas casas e aos seus negocios.

O pacto (1) americano, de simples riacho que era, converteu-se num grande rio: o 7.º regimento é o hoje «o regimento dos bilionarios». Num livro ha pouco publicado, M. Ferri-Pisani dá-nos preciosas informações acerca da sua organização e da febre guerreira que actualmente invade a America: ao «kolossal» dos boches responde ella com o «gigantesco» dos yankees. Ha «cidades de guerra» construídas em pontos onde tres mezes antes só se viam enormes florestas. Uma delas, Prompton-Lakes, a cidade da polvora, surgiu do solo como um palacio de magica, a um sinal do chefe maquinista. Á medida que cortavam arvores empregavam a sua madeira na construcção de casas: tribunal, egreja, farmacia, bares, hoteis, estações de caminhos de ferro, fabricas, tudo se erguia da terra ao mesmo tempo. Só uma companhia imobiliaria, á sua conta, construiu 1.200 casas de seis divisões cada uma: aluguer 6 dollars por semana. Era aos milhares de toneladas que os comboios ali despejavam os objectos indispensaveis á vida — moveis, utensilios caseiros, pianos, roupa branca, fato feito, gramofones. As primeiras lojas atulhadas de artigos pela manhã, estavam vacias á tarde e tornavam a encher-se de noite. O salario minimo, para o boy de 12 anos que limpa os escaradores dos escritorios, é de 5 dollars por dia — cinco escudos;

(1) Havendo algumas pessoas que ignoram a significação desta palavra, para ellas digo aqui que Pactolo era um aurifero rio da Lidia, á maneira do nosso epico Tejo; e que, em sentido figurado, significa — origem de grandes riquezas.

algumas mulheres fazem treze dollars em oito horas de trabalho — treze escudos; os manipuladores electricistas chegam a ganhar 150 dollars por semana e, se cada um d'elles não tem ainda o seu automovel, é porque Ford não chega para as encomendas. Quinhentos «torpedos» percorrem já a cidade; dentro de algumas semanas todos os operarios terão a sua carruagem — preço unico 500 dollars pagos a prestações. E olhem para o centro da praça: aquele edificio quasi terminado é o teatro lirico: não levará muito tempo que, em Prompton-Lakes, se ouça o Caruso. Mas não procurem essa terra no mapa: ha cem dias só lá havia arvores.

Como velho europeu que sou, a quem desorienta a simples narrativa destes prodigios, revejo no meu pensamento uma avenida de Amiens, ensombrada e tranquila, sob cujas arvores se ergue um monumento á memoria de Jules Verne. Se bem me lembro, representaram ali o fecundo escritor cercado de creanças absorvidas na leitura dos seus romances; e penso que talvez o mundo de hoje lhe deva alguma cousa. Parecerá absurdo admitir que um homem que, segundo dizem, toda a sua vida foi pacifico, um pouco timido até, e viveu confinado na sua casa da provincia, que esse homem tenha podido, apenas com os seus livros destinados a presentes de dias festivos, exercer uma fecunda influencia na sorte da humanidade? Mas porquê? Navios que mergulham, viagens aerias, fabricas de sonho, canhões monstruosos, cidades que vóam em pedaços, assaltos á lua, obstaculos invenciveis, tenacidade maravilhosa, paciencia sobrehumana, com tudo isso é que se encantavam ha meio seculo as sucessivas gerações de adolescentes, na idade em que o espirito se forma e a imaginação fermenta. Quem sabe se, na epopeia em que vivemos, não se reflectem inconscientemente essas viagens imaginarias, que familiarisaram as almas juvenis, com o extraordinario, senão até com o impossivel, e lhes insinuaram a ambição absorvente de rivalisar em façanhas notaveis com Hatteras, com o capitão Nemo, ou com Philéas Fog? A verdade é que, lendo o volume de M. Ferri-Pisani, imaginamos repetir a leitura desses romances da nossa mocidade, de tanto que ele nos lança no anormal e no inverosimil. E contudo são cousas reais observadas por quem sabe ver: *l'Interêt et l'idéal des Etats-Unis dans la guerre mondiale*, 1 vol. in-16. Até talvez que a sua visita ao quartel do regimento dos bilionarios não exceda, em fantasia, as mais surpreendentes congeminencias do pai de Kéran e de Gédéon Spilett.

M. Ferri-Pisani tinha notado no Metropolitan-Opera, nos salões dos «Quatro-centos» (1), em todas as reuniões que a plutocracia yankee honra com a sua presença, certos mancebos que, na lapela da casaca, traziam um pequeno algarismo 7, de ouro. Informou-se e veio a saber que é a insignia do corpo mais cotado do exercito americano. Apresentação a um dos officiaes, autorisação de visitar «o quar-

(1) Diz-me um americano autentico que devo substituir estes salões por *Hall of Fame*, e eu lamento contrariá-lo.

tel», encontro combinado para o dia seguinte. À hora marcada está ele deante da porta do edificio, construção massiça, paredes de torre feudal: não ha uma só sentinela, nem posto da guarda, nem toques de corneta... Põe o dedo no botão da campainha e a porta gira dóce e electricamente; um continuo, de cadeia ao pescoço, introduz o visitante no parlatorio, onde instalaram o museu da historia do regimento: vitrinas com despojos gloriosos, nas paredes retratos de antigos comandantes venerados, e em molduras papeis amarelentos, ordens de batalha, proclamações, programas de festas. As menores formulas teem um cunho de superior delicadeza: os soldados chamam-se *membros*, os exercicios *matches*, a formatura *meeting*. Naquella noite cabia á segunda companhia manobrar no pateo coberto, muito bem aquecido e iluminado como um teatro em recita de gala. Os profanos podem vêr os exercicios das tribunas dos antigos: porque a honra de pertencer ao 7 é perpetua, nem a propria idade priva dela um membro qualquer; os velhos continuam a figurar nos registos e é-lhes reservada uma parte do quartel. Quando o regimento partir para a Europa, os veteranos acompanharão a bordo os seus irmãos mais novos; vê-los-hemos formados em colunas de companhia, de chapéu alto caído sobre a orelha, e de bengala levantada, marcando o passo ao longo da 5.^a avenida (1).

Visitei a sala de honra, o mess, as carreiras de tiro no subsolo, o salão de dança, o teatro, a biblioteca; depois uma serie de casas de um luxo espantoso, cheias de objectos de arte, de quadros de mestre, de trofeus gloriosos. A guarda da 2.^a companhia está confiado um serviço de velho Sévres para cem pessoas; a sua cozinha «de todos os dias» foi considerada a mais saborosa de todas, durante as duas semanas que o regimento passa por ano no campo de manobras. Tal é o rancho; avaliem agora o resto. E conversou-se: «Fomos nós mesmos que construimos o nosso quartel, diz o official que acompanhou o visitante; o Estado tinha votado uma verba que não nos pareceu chegar, decidimos pois fazê-lo segundo um projecto nosso e á nossa custa; e como somos mil *membros actif* no 7, e cada um deu mil escudos, soma isso mil contos. Mas depois da guerra havemos de fazer mais. Os diferentes postos são obtidos por eleição entre nós; a nomeação dum cabo dá por vezes logar, no corpo, a manejos epicos. Para ser admitido como simples soldado é preciso provar que se tem de renda pelo menos 20.000 escudos. As eleições acontece serem muito renhidas. Na previsão da partida para França haviamos anunciado que se achavam vagos doze logares de enfermeiras nos serviços anexos ao 7. Em vinte e quatro horas recebiamos quatro mil requerimentos. Veja lá. Sempre é visitar esse Paris da guerra na nossa companhia, e quem sabe se na esperança dum casamento com qualquer dos nossos galuchos» (2).

(1) A mais elegante de Nova-York, habitada pelos grandes argentários.

(2) Diz-me um americano que nem toda a gente nos Estados-Unidos vê com bons olhos a organização e instalações do 7, e pelo contrario ha quem condene o espirito de uma tal instituição.



SÈRGIO DA SILVA

De R. Cristino.

M. Ferri-Pisani confessa que, ouvindo estas palavras e percorrendo o sumptuoso quartel, pensava nos nossos «pandegos», na Maison-du-Passeur, nas lamas do Yser, nas neves da Alsacia, nesses bravos camponeses e operarios da França cujas fileiras virá em breve engrossar o regimento 7 da livre America: pobres diabos e bilionarios lutando pelo mesmo ideal, suportando em comum as mesmas fadigas e perigos, e tendo as mesmas aspirações. Eu não sei, nem saberei jamais, com que olhos de ternura se encarará a vida quando a amenisam alguns milhões de renda; parece que ela deveria ganhar em encantos e que esses privilegiados reflectirão seriamente antes de se arriscarem a perder uma cousa de uso tão agradável. Mas isso é um erro, segundo afirmam os psicologos; e diz-se tambem estar averiguado por eles que o homem — singular animal — se prende menos á existencia quando está convencido de que a gosa sem fadiga, do que se tem de a defender com um esforço quotidianamente renovado; que despreza o que lhe não dá trabalho. E se tal acerto lhes parecer paradoxal em excesso, lembrem-se da facil resignação com que Vanderbilt, na ocasião em que o «Lusitania» se submergia, cedeu o ultimo logar vago no ultimo escaler a uma pobre creada de quarto, doida com a idea de morrer.

G. LENOTRE.

XXXI.—NUMA VILA DE PROVINCIA

AMERICANOS QUE PASSAM (1)

R. ..., Setembro de 1917.

É uma vila modesta onde nada sucedera desde que a guerra perturba o mundo; mas como assente dos dois lados duma grande estrada nacional, acontece que os comboios militares a atravessam por vezes e que, durante alguns minutos, ali se passa uma que outra das scenas vulgarizadas pelos nossos jornais ilustrados. Uma tarde ouviu-se rumor: automoveis e mais automoveis! Ah! são americanos. As mulheres saem para a estrada e põem-se a chilrear; o ferrador deixa cair a pata duma egoa que estava ferrando, levanta os olhos no nariz e contempla de boca aberta e martelo na mão; um bando de garotos deita a correr, os gatos esgueiram-se... É um nunca acabar de automoveis!... Vinte, vinte e cinco, trinta... O professor primario precipita-se pela escada abaixo da escola, com o seu bino-culo a tira-colo e, ofegante, balbucia:

— Cada vez mais!

(1) DANS UNE PETITE VILLE DE PROVINCE — UN PASSAGE D'AMERICAINS, por René Benjamin, em *Le Journal* de 11-9-1917.

São carruagens muito leves, todas eguaes, feitas á maquina, procedentes duma dessas fabricas monstros que produzem automoveis e locomotivas ás series, como as ha entre nós de cafeteiras; e bastou a passagem dessas maquinas, por aquela vila tranquila onde tudo é sempre feito pela boa mão do homem, para excitar os espiri-

OS AMERICANOS



— Tal qual, meus amigos: Eles cá estão, os Americanos, rapazes duma cana, valentes e resolutos como os nossos Breões e Normandos.

(Desenho de Leandre, em *Le Journal* de 4-6-1918).

fol E devem ser perigosos; mas que fazer? É a guerra.

Está uma luminosa tarde de verão. O sol, á maneira que vai baixando, irradia amor sobre as vinhas outoniças, e o coração de aquella gente, habitualmente reprimido, pulsa de curiosidade nessa hora cheia de uma vida nova, quasi violenta. Mas os americanos tinham feito alto e alinhado os automoveis na praça municipal. Passam a noite na terra!... O professor primario é o primeiro que chega, com o binoculo a bater-lhe nos rins; põe-se a rir, tira o bonet e diz de enfiada, sem esperar pela resposta:

— Os seus automoveis são admiraveis! — De onde veem? Vão para as linhas avançadas? E quanto tempo é preciso para construir uma dessas carruagens?

tos e o rapazio se pôr a gritar. Cada volante vem confiado a um americano, alto, sorridente e calmo, que conduz apenas com uma mão, e mete a outra no bolso; e tão estouvadas parecem dever ser estas pequenas carruagens, atento o á vontade dos chauffeurs, que as mulheres desatam a berrar: «Anda para casa! Não atravesses! Olha que ficas esmagado!»

Agarram os filhos, mas dão as boas tardes aos Sommies. Poderá! eles são temerarios, como todos os americanos; senão é ir ao cinematogra-

À ultima pergunta, o americano, que é de elevada estatura, responde nitida e energicamente:

— Cincoenta e cinco minutos.

— Cincoen... só isso?... para uma carrua...

— Ho... yes! Todas as separadas peças estar fabricadas, não é verdade? Basta aparafusar. Cincoenta e cinco minutos!... E para caminhos de ferro, uma locomotiva... quatro horas! Encomenda-se depois do almoço e dão-na para o jantar.

O professor fica todo assarapantado, cada uma dessas palavras suscita-lhe ideias novas, surpreendentes e affectuosas. Presta-se então a acompanhar esses «senhores» ao hotel, que é uma linda casa antiga, por sobre a qual passaram tres seculos de sol, ventos e chuvas, e onde dizem que Luiz XV, adolescente, dormira uma noite, como os americanos vão agora fazer, quando atravessou a França para ir casar-se á fronteira espanhola.

Os Sommiés são trinta e dois e ha quarenta quartos disponiveis; mas eles querem-nos todos. Para quê?

— Para dormir confortaveis, diz o que sabe um pouco de francez. Vai vê-los depois e acrescenta, com uma fleuma que repugna aos escrupulos da creada, receosa de que lhe manchem os parquets:

— Para tomar tubs!

Em seguida entra na cozinha, olha para tudo, fareja, sorri e pergunta:

— E que temos para jantar?

— Ah! meu senhor, responde a patrôa, a desviar de continuo o olhar inquieto, hoje não ha carne; só lhe podemos dar ovos.

— Yes, diz ele, e depois assado.

A mulher repete a resposta, mas ele insiste. Ela volta-se então para o professor e fala-lhe dos hospedes que tem, entre os quais o juiz de paz; diante dêles não lhe fica bem dar carne aos americanos.

— Deixe-se disso! exclama o mestre-escola que não cabe em si de contente. O juiz não vem cá hoje, janta com o sub-perfeito. Dê-lhes um bom assado, não tenha medo; esta gente não se priva de nada! Um automovel, fabricam um automovel em cincoenta e cinco minutos.

— Então bem, nesse caso dá-se-lhes tudo.

Veem algumas vizinhas ajudar, e o hotel enche-se de ruído, de calor e de pessoas que entram e saem a todo o momento; armam-se mezas, depenam-se aves, e lavam-se louças. E o professor, que anda pelo meio de toda a gente, a dar conselhos e a embaraçar tudo, diz em segredo á dona do hotel:

— Olhe que eles gostam muito de pepinos de conserva, creio eu... de coisas quentes, percebe?

— Ora essa! Aonde vai agora a gente arranjar conserva? replica ella muito vermelha, no topo dum degrau, a entrar para um armario.

— Eu não digo isto por mim, objecta o professor; nós cá, os hospedes, provavelmente não jantamos á mesma meza, não é assim?

— Já se vê!

— Mas podemos vê-los jantar?

— Pois sim! pois sim!

— É por causa destas senhoras, minha mulher e a esposa do escrivão que se interessam muito...

Neste momento aparecem elas. Observam tudo com muita curiosidade; e puzeram os seus anéis e pó de arroz.

Os trinta e dois americanos sentam-se á meza. São moços, fortes, alguns dêles lindos rapazes, não ha duvida. Pela larga janela que dá sobre o jardim, entram os ultimos raios de sol daquele dia creador, iluminando a toalha alvissima, irisando os cristais e enchendo de luz os olhos desses mancebos que, na sua maioria, os teem doces e ardentes.

— Raça admiravel, afirma o professor; e o escrivão e o secretario da camara confirmam acenando com a cabeça.

— Mas olhem. Eles fumam á meza; quasi todos deitam o fumo pelo nariz. Provam primeiro o vinho, só o querem espumoso; deitam fóra metade dos cigarros; teem quantos querem... Ouçam agora, vão cantar!

Entré a sopa e o assado um dêles levanta-se; é alto, bem feito, vivo e muito desembaraçado! A calça e o casaco são de um corte perfeito, as botas finas completam-lhe a elegancia; e naquela sala que cheira a escabeches, em que o detestavel papel das paredes já perdeu a côr, esse grande diabo, cheio de mocidade e de saude, dirige-se ao piano, velhissimo, a oscilar quando o abrem; e, pousando as mãos compridas e finas nas teclas amarelentas, põe-se a tocar uma marcha nacional do Novo Mundo. Pobre piano cauetico! esfalfa-se, mas dá quanto pode. Os trinta e um convivas acompanham cantando, o ar aquece, devem dizer cousas patrioticas; o seu canto estranho, um pouco selvagem, dispersa-se e some-se no jardim provinciano. E a mulher do escrivão, que estremece de intimo goso e os devora com os olhos, murmura, de cotovelos apoiados na meza:

— Que prazer para nós que elles cá tivessem parado!... Isto vale tanto... como uma viagem á America.

RENÉ BENJAMIM.

XXXII—COM OS SOMMIES

CHEGADA A FRANÇA (1)

São quinhentos californianos com um capitão. Trazem doze dias de travessia, mais quatro de caminho de ferro em vagons de

(1) AVEC LES SOMMIES—ARRIVÉE EN FRANCE, par René Benjamin, em *Le Journal* de 26-12-1917.

gado, a que eles deram o nome de «pullmen de corrediça» (1). Quando por fim lhes disseram que a viagem terminara, foi uma alegria infantil para todos: desataram a falar, a rir, a dar coronhadas uns nos outros, e o proprio capitão soltou varios «hos!» guturais. Acompanha-os um interprete francez, moço, de rosto fino, muito atencioso e deligente, e que se sente feliz com a satisfação de todos. Corre a casa do *maire*, e volta para fazer com que o capitão visite todos os alojamentos; indicadas as casas dos homens, conclue:

— O snr. fica aboletado no que cá chamam «o palacio».

Contentissimo, o capitão bate no peito e expele um «ho!» vibrante de alegria. Desde que entrou em França talvez só bebesse dois ou tres copos de vinho; tem contudo as faces encarnadas, o nariz luzidio e os olhos humidos. É um yankee muito alto que ri com estrondo. Sente-se feliz por ter uma farda nova, por vir fazer uma guerra leal e emfim por poder mexer as pernas. Apontando para as casas, ri; vê lamaçais e pantanos, e continúa a rir; chega ao palacio e dá enormes gargalhadas. Mas o interprete, misteriosamente, segreda-lhe:

Habita aqui um velho fidalgo... homem distincto: M. de Bonnechose... Se quizer, ao apresentá-lo, digo-lhe duas palavras da sua parte.

— Oh! responde o capitão, queria falar eu mesmo; depois o snr. traduz. Em primeiro logar apresento-lhe os meus homens e, em seguida, digo-lhe o que penso da França.

Esta ideia agita-o, deita os bofes pela boca fóra a dar ordens, e por fim manda alinhar diante da propriedade os seus quinhentos grandes diabos. O interprete vai á pressa prevenir M. de Bonnechose. É um velho seco, nodoso, enrolado num velho roupão que lhe arrastá nas costas. Trás um barrete de cardeal na cabeça, e uns pantufos azul-celeste. De sobrolho carregado e em tom azedo, começa por lhe dizer:

— Perdão... a autoridade militar impõe-me esse snr. de além-mar. A minha casa é requisitada: devo submeter-me. Portanto não me mexo... Sucede ainda, acrescenta com desgosto, que não costumo ter relações com as Democracias.

O interprete gaguejando:

— É que o capitão mandou formar os homens em sua honra.

O velho lança um olhar de aguia em direcção á janela e furioso replica:

— Que quer ele dizer-me? Eu não sei uma palavra da sua lingua.

E depois desce zangadissimo. O interprete nota que ha flores de liz em toda a escadaria.

(1) *Pullman car* é a carruagem de luxo dos caminhos de ferro americanos, e corresponde ao *wagon-lit* dos francezes.

À voz de sentido o capitão corteja. O velho resmunga: «Exercito republicano!... sem disciplina... sem firmeza!...» Depois fica á espera, e o capitão, entusiasmado (em inglez, felizmente!) começa a dizer umas quantas frases que podem resumir-se assim:

«Para salvar a Liberdade e restabelecer a Fraternidade dos povos, eis-nos emfim reunidas as duas maiores democracias humanas! Contra a tirania dos poderes absolutos, aqui tendes os nossos concidadãos independentes que veem afirmar ao vosso lado as suas legítimas reivindicações! Hurrá! e viva a França que emancipou o mundo! Hurrá! e viva o senhor de Bonnechose cuja fisionomia varonil revela uma consciencia senhora de si.»

O interprete tornara-se nervoso e apertava as mãos. Mas quando o capitão terminou, traduziu-o imperturbavel nos seguintes termos:

«Senhor de Bonnechose... o capitão diz, não é verdade? que a joven America, talvez prematuramente emancipada, saúda em vós a mais nobre tradição da velha França... êle... O capitão diz ainda que esta tradição mantem no mundo, contra as falsas liberdades... êle... tão temíveis para a humanidade como os mais crueis despotismos, mantem digo... emfim diz o capitão, o culto em primeiro lugar dum Deus todo poderoso, e depois o duma autoridade humana superior e necessaria... emfim duma bandeira branca e pura, que a nossa imaginação deve salvaguardar e defender como defende a dos nossos exercitos... Aqui tem... pouco mais ou menos, o que disse o capitão.»

M. de Bonnechose prestou-lhe toda a atenção e, de surpresa, tremeram-lhe os olhos: depois, comovido, tosse, cora, e por fim murmura:

— Senhor interprete... queira dizer da minha parte ao capitão... que, em nome do glorioso passado da velha França, saúdo tambem por minha vez a joven America.

O interprete volta-se e traduz:

— Meu capitão, o senhor de Bonnechose grita em sua honra: «Viva a União democratica universal e a Sociedade das Nações.»

O capitão exclama «Ho!... Ho!» e aperta as mãos do velho. Este conclue então, com voz um pouco tremula:

— Senhor interprete, convido-o para jantar, assim como ao capitão, afim de podermos continuar a nossa conversa, porque...

Subindo lentamente a escadaria exterior:

—... porque nós não conhecemos os americanos... Certos francezes teem ideas falsas... No fundo são pessoas muito hierarquizadas!

RENÉ BENJAMIN.

XXXIII—AS TRES MESURAS (1)

.....Era John Braidford que estava falando, um dos mais velhos «correspondentes especiaes» dos jornaes inglezes. Tornára-se celebre por «ter feito» a campanha dos Achantis, numa epoca de que a gente moça já quasi se não lembra; viveu a vida dos forçados da Siberia, ha vinte anos, para poder informar o *Daily Telegraph* ácerca da sua desgraçada situação; achava-se em Roma quando foi assassinado o ultimo rei de Italia; não houve um só grande acontecimento europeu, nos ultimos cincoenta anos, a que esta velha gloria da imprensa anglo-saxonia não tivesse assistido, conservando sempre a mesma preocupação de ser imparcial, impessoal e de compreender. Ha dias, a fumar no seu velho cachimbo de raiz, dizia ele:

«Confessem vocês os neutros, e os outros, todos os estrangeiros e tambem os inglezes que me escutam, a grandeza, a energia, a nobreza do esforço da França surpreendeu-vos, não é assim? Vocês não contavam com isso: artistas e bailarinas, tal era a opinião dos mais indulgentes; a grande prostituta da Babilonia, afirmavam os outros. E até vós mesmos, francezes de Paris, quasi não protestaveis. Só eu, talvez, no meu paiz e até fóra dele, só eu não pensava assim, ou melhor já não pensava assim. Porque, ao principio, tinha pensado como toda a gente... Mas a minha conversão vêm de longe.

«Remonta á epoca em que o presidente Krüger viu afinal o seu paiz desbaratado, após uma luta que foi muito longa e heroica. Reconheço-o com satisfação. E digo com satisfação, porque nada lisongeia mais o feitio desportivo dum inglez do que prestar homenagem aos seus adversarios; vocês sabem-no como eu. Krüger tinha feito o seu jogo, e fê-lo de uma forma superior; tanto assim que, para dominar o punhado dos seus boers, foi necessario que a Inglaterra, a velha e grande Inglaterra, lhe opozesse todas as forças de que ela julgava dispôr naquele momento—depois reconhecemos que podiamos fazer mais, muito mais até—e gastasse cerca de dez biliões. Mas finalmente ele era batido, abandonava a Africa contra sua vontade, e atravessando a França, após a primeira e ultima viagem que fez por mar, preparava-se para chegar á terra da Holanda. Queria pelo menos morrer entre gente que falasse a sua lingua.

«Eu não gostava do homem: era um inimigo, e nunca esqueço o dever de todos, de não desperdiçar amizade com inimigos; mas tambem não lhe queria mal por forma alguma. Como já disse, pensava que Krüger tinha feito o jogo que devia fazer, rudemente, valentemente, e enfim que fóra vencido. A vocês, francezes, é que eu queria mal. As aclamações de Marselha, aclamações de cem mil pes-

(1) Contes du *Journal*—LES TROIS RÉVÉRENCES, par Pierre Mille, em *Le Journal*, de 23-8-9116.

soas em delirio, dementadas por assim dizer, haviam-me enfastiado. Que tinham os snrs. que vêr com isso? Tratava-se do nosso imperio da Africa do Sul, tratava-se de um individuo e de um paiz a que o vosso inimigo hereditario, o imperador da Alemanha, déra o seu apoio moral. Porque envolverem-se nos nossos conflictos coloniais? (!) E que lhes era esse camponio corajoso e obstinado, mas que nada de comum tinha com a vossa raça, a vossa civilisação, os interesses da vossa civilisação? O entusiasmo da recepção que lhe fizeram parecia-me, a um tempo, inutil, excessivo e deprimente.

*...Era um velhote com carranca de leão, cortada a enxó num cepo de madeira encarnada; tinha as palpebras roídas, os olhos doentes, ameaçados de cegueira. Para lhe poupar a fadiga duma viagem directa de Marselha a Paris, haviam marcado uma paragem em Dijon ao trem especial que o transportava; passaria ali a'noite num antigo hotel secular, adaptado recentemente ao gosto do dia. Segui no mesmo trem, porque era meu dever de jornalista acompanhá-lo; e acompanhei-o, mas com repugnancia, confesso: todo e qualquer cumprimento que lhe dirigiam parecia-me uma censura feita á minha patria, e isso dificultava-me a tarefa. Em Dijon, com effeito, recommçaram as manifestações tumultuosas. Desde a estação até ao hotel era uma onda de povo que se esmagava, rugia e se precipitava para tocar no fato do «heroi», heroi placido, pesado, gigantesco, que arqueava os seus hombros enormes e, afinal de contas, parecia não ter o menor olhar para esse povo em delirio de admiração. Nesse momento—não quero occultá-lo e até para se entender o que segue, melhor é que o não occulte—nesse momento detestei um tal povo. Vinha-me á memoria tudo quanto de cruel, sangrento, odioso e infamante se escrevera contra êle, e saboreava com prazer essas calunias, considerava-as justas, fundamentadas, vingadôras. Uma turba que só sabia gritar, um bando de ignorantes alienados que faziam uma recepção idólatra a um protestante casmurro que apenas lera a sua biblia, em que para mais não acreditavam! Não, não, eles nunca teriam um amigo na Europa, e não mereciam tê-lo; era preciso deixá-los entregues ao seu alcoolismo, á sua degenerescencia, ao egoismo funesto dos seus calculos malthusianos. Que gritassem, muito embora; um dia deixaria de existir a França e seria justo.

«Entrei atrás de Krüger no *hall* do hotel. Suponho que se encontravam lá o presidente da Camara municipal e o perfeito, os quais disseram umas quantas frases sacramentais, que me faziam encolher os ombros de impaciencia. Mas de repente produziu-se um grande silencio, um silencio vibrante, fremente; e de todos os que nos achavamos na sala, umas cem pessoas quando muito, nenhuma deixou de ter a impressão de que ia passar-se o que quer que é de grande. E contudo nada, ou bem pouca cousa era: a velha avó do

(!) Parece que a Inglaterra, a inocente Inglaterra, nunca interviêra na obra da colonisação franceza.

proprietario do hotel, que outróra havia dirigido a velha hospedaria, — quando esta era apenas uma velha e celebre hospedaria da velha França — entrava com passos miudinhos, vestida de preto e o seu veu de viuva sobre os cabelos brancos. Trazia na mão um mólho de chaves, para bem mostrar que era a dona da casa, que nunca deixára de o ser! E inclinando-se por tres vezes, fez as tres mesuras diante do bom vencido, o leão de carranca dura e obtusa: as mesmas que já havia feito noutros tempos, diante de Napoleão III e de Luiz Felipe, mesuras que vinham dos confins da França, da nobreza agrária franceza.

«E então, o que não poderam conseguir os entusiasmos de alguns centos de milhares de homens, conseguiu-o o gesto simples e sublime da velha avó: Krüger enxugou uma lagrima. Era assim que o teria recebido a dona duma das grandes propriedades rurais do *veldt*, rainha na sua casa e na sua terra! Assim, mas menos bem, contudo; não teria tanta nobreza, nem tanta simplicidade. Nessas tres mesuras profundas e nobres revelára-se toda a fidalguia tradicional duma raça antiga e sempre solida... Krüger chorava, o terrível e nodoso Krüger; mas tambem eu chorei como ele, e pensava: «Este povo existe sempre! este povo é indestructivel. Só na apparencia é que mudou, visto como as suas mulheres são ainda as mesmas: porque são as mulheres que fazem as raças».

«E foi a partir desse instante que eu repeti sem cessar aos que duvidavam: «Vocês verão, vocês verão! Não ha povo que menos tenha mudado do que o povo da França. São quarenta milhões de aristocratas. Ainda ha-de assombrar o mundo».

PIERRE MILLE.

(TRADUÇÃO DE A. ARROYO).

AS SANDÁLIAS DO POETA

I



MPÉDOCLES, a glória de Agrigento,
É mágico, filósofo e profeta.
Adora-o a cidade. Êle é o Poeta
Que deu logar, primeiro, ao Sentimento

No templo do Eterno Pensamento.
É êle o amado Mestre, o divo Esteta
Que fez do Amor, na harmonia secreta
Das Esferas, a nota-fundamento.

As multidões, frementes, o aclamaram.
Conservam as mulher's inda no peito
O ritmo que seus versos evocaram;

E, como num litúrgico preceito,
Vão oscular as pedras que beijaram
As sandálias preciosas do Eleito.

II

AQUELAS que no amor tentam prendê-lo,
Diz o Poeta: — «O Amor é caridade
Que abraça e une, é graça que persuade...
A Discórdia jamais pôde vencê-lo.

Com teus olhos, porém, não podes vê-lo.
Ele odeia a fatal Necessidade:
Mas que o céu e que a luz, é liberdade.
Os sentidos não sabem percebê-lo.

Não tem lábios que neguem o que é santo,
Não tem figura humana, não tem sexo,
Nem olhos que humedeça humano pranto:

É o Espírito, o inteligível nexa
Que atravessa, inefável, sacrosanto,
O Mundo, num universal amplexo.»

III

M^{AS} no peito do excelso italiota,
Do príncipe do Ritmo, do inventor
Da arte iluminante do orador,
A rubra flor do Orgulho um dia brota.

Da Grande Grécia à Cólquida remota,
Poeta algum, nenhum outro cantor
Se ornara desse mágico esplendor
Que Empédocles ostenta, na áurea rota:

É d'ouro, não de mirtos, a corôa
Sob a qual o cabelo se lhe inquieta
E à brisa do Mar Áfrico revôa;

São modêlo que invoca todo o esteta
As dobras, donde fluida graça escôa,
Da clâmide purpúrea do Poeta.

IV

BEM sabe o Poeta que as agrigentinas
 Usam guiar os passos pelos seus.
 Conta a Grécia, com êle, dois Orfeus.
 Anda-lhe o nome em bocas nacarinas . . .

Porisso êle ambiciona honras divinas:
 Quere mais do que ser rei — sonha-se deus.
 E, p'ra ganhar acesso junto a Zeus,
 Concebe mil acções diamantinas.

Um dia, sobe ao Etna clamoroso
 E na lava se arroja o divo Esteta . . .
 E a multidão se queda ante o Assombroso:

— Vulcano devolvendo à turba inquieta,
 Num regolfo possante, dadivoso,
 Intactas, as sandálias do Poeta.

(Do *Verbo Antigo*, no prélo).

Angelo Tinheiros.

JOÃO LUCIO



SENTIMENTO, que o nome do Poeta em mim acorda de pronto é o da saudade platonica, isto é, da saudade de lugares e cousas, que jamais viram os olhos do meu rosto.

Saudades do *seu* Algarve, que nunca visitei; mas de que guardo a imagem ideal, vista no fundo dos seus versos.

Este alargamento da saudade, que, para muitos, é o simples desejo de vêr o que foi nosso e se afastou, dá-lhe o verdadeiro e luminoso sentido.

Ela é a nostalgia do mundo invisível que o pensamento criou (1), é a aura de misterio que marca a interferencia da luz ideal do sonho com a crua realidade.

Toda a excedencia dum sêr pode dizer-se a sua saudade: a nevoa a saudade da agua, a agua a saudade do gelo, o perfume a saudade da flôr, a flôr a saudade da raiz. E assim os sêres ascendem e alargam o ambito da existencia.

A agua beija as raizes, ondula e abraça, e, de alongados dedos, vai em nevoa afagar os ramos; o gelo estabiliza os contactos, limita-os a uma presença geometrica, faz-se agua e corre a todas as sêdes, multiplica os osculos da sua corredia presença; a flôr solitaria faz-se perfume convidativo e é troca genesisca, acrescentamento da vida.

A saudade é o crescimento, cada sêr é uma *forma*, mas tambem uma materia de formas superiores, materia pejada, convulsa de tendencias.

Nas possibilidades de sêr, que em mim residem, existe a força de expressão que o Algarve poderá fornecer a certas mudesas convulsas tentando a forma.

É que ele é hoje, por virtude do Poeta, um pouco de minha excedencia, do meu sonho, ou seja, da minha saudade.

(1) Na doutrina esoterica dos Iniciados o pensamento *relembra* uma anterioridade celeste. Vêr a gnosologia platonica.

Tanto assim que ainda não encontrei a paisagem ideal, por onde meus sentidos passearam uma noite em sonho, e, no entanto, a essa paisagem eu refiro aquelas que me vão ensinando uma nova forma de vêr, de sentir a côr e a luz, o entrelaçamento da alma e das cousas.

Onde será essa paisagem, que uma noite vi em sonhos e jamais tenho encontrado?

Eram pequenas colinas povoadas de verdura, laranjeiras, amendoeiras, pequenas malvas rosadas, rosmaninho e alecrim, com casas muito brancas e juntas, fronteiras, reenviando de colina a colina as orações de cada lar, e regatos de prata no fundo, dando-se em oscuros de frescura á verdura das hervas, á sêde buliçosa das crianças e novilhos, á grande sêde pacífica e repousada dos bois e das arvores.

Era sobretudo o que eu não sei dizer: um rumôr, um entendimento de pensamentos e águas, de orações e perfumes, um infinito abraço de bondade metendo-nos dentro d'alma toda a alegria original das cousas, dos sêres, do sol e do lume, um acalentamento de universal e perfeita companhia.

Eu sonhei essa terra venturosa.

Edênica, de promessa?

Esse sonho é uma infinita saudade que me perturba e exalta e traz como de pé pelos cabelos e os braços em ensaios d'asa.

E o olhar da criança de encontro ao mundo!

Assombro? Recordação?

E o «Desterrado» de Soares dos Reis?

Saudade da Pátria? Nostalgia do Infinito?

Misterio, misterio, que é ainda sonho, excedencia, perfume de alma em flôr e cujas raizes são os sentidos penetrando, aprofundando o planeta, rebentando em feixes luminosos, a percorrer o espaço.

A via lactea é um entrelaçamento dessas raizes: são muitas almas bebendo o misterio.

Poeira de sonho: de sonho de mundos, cujas vozes se cruzam em pontos de acordo e são sois.

A flôr humana é infinita. Olhai as suas raizes, filamentos presos das Alturas, indo de Sol a Sol. Mas o seu perfume é a sua excedencia, a saudade, e mora nas almas, no sentido intimo de todo o sêr que quere penetrar, é para um pleno entendimento de amor que se evolva.

Os sentidos enraizam-se no Universo, mas a alma quere a compreensão interior, uma universal simpatia, *comovida* e atenta.

E como o planeta pede ás raizes o crescimento, tambem é

pelos sentidos que a alma se aumentá dando alimento á sua fome de companhia.

A vida da alma é a comunicação; para comunicar é preciso exprimir e os sentidos andam em busca da expressão.

O que ha de incoercível em mim só pode sêr dado a outro sêr por uma vibração telepática da sua alma, ou por uma relação indirecta comigo por um intermediario que *afecte* o nosso sentimento e *receba* o nosso desejo.

Esse intermediario é a natureza, por isso ela é a palavra que não sabêmos e nos põe em entendimento e acôrdo.

A vida universal enche a voz do homem que queira evitar o continuo morticínio de certas virtualidades psíquicas, que iam a abrir e feneceriam á falta de expressão.

O Poeta, cujos versos não brilham de luz sideral, não murmuram de agua humilde, não estremecem na aragem nem rodopiam no vendaval, é um gago e um sarcofago de mil mortes, que em si mesmo se permitiu numa desatenção mineral.

Em João Lucio ha um movimento, que ele ingenuamente chama *descida*, para o intimo das cousas e para a indefinida extensão das suas relações.

O seu primeiro livro — «Descendo» — é um movimento da alma em todas as direcções: na profundidade e altura dos sêres e na superficie ilimitada da realidade.

Movimentos ainda desarmonicos, pois que o Poeta se queixa da opacidade dos sêres, que desejaria transparentes:

Oh Luz, encarcerada, ao longe, nas estrellas:

.....

Porque é esse teu vôo superficial e estreito?

Porque não rasgas tu o ventre da montanha?

No entanto ele adora e comprehende a côr que não existiria na absoluta transparencia.

É a necessidade de comprehensão levando á pura identidade, á simples presença inapreensível, a par da necessidade de amar dese-

jando a pluralidade porque o amor não assimila, nem identifica, mas é vivo e livre, dá-se, mutua-se.

Esta essencia dramatica do conhecimento é a primeira forma da dôr criadôra do Poeta.

Outra forma dessa dôr é a consciencia do limite da nossa compreensão:

— Quantas notas p'ra que são surdos os ouvidos,
E a quantas emoções não podemos subir...

Esse limite da nossa sensibilidade tornado consciente dá-nos a ideia do Misterio em que vivemos e, se é um sofrimento para a avidéz da nossa sensibilidade, é também um grande horizonte rasgado á nossa esperança.

Quando as forças que nos cercam se fazem rebeldes á nossa intenção de amor e uma grande hostilidade, ou, peor ainda, uma grande indiferença maltrata os nossos melhores desejos, um grande mar de misterio nos vem abraçar, abrindo promessas de superior e melhor harmonia.

É o Ceu ao fim do sofrimento, a proporção reestabelecida, a certeza de que o desfecho do grande drama da existencia é no sentido do nosso mais atento, diligente e escolhido amor.

É esse grande Misterio, repassado de amoroso pensamento, que acode ao Poeta:

— Esta voz que nos falla, escuta e nos responde
As interrogações, e versos nos ensina,
Não sei d'onde ela vem, não sei onde se esconde,
Mas presinto que tem uma origem divina...

Outro grande motivo de dôr criadôra é, em João Lucio, a fuga heraclitiana da vida, começando para ele no fluxo dos sentidos a que ele, opondo, para angustiar o contraste, a duração de memoria, aponta o verdadeiro remedio — a realidade da memoria ou consciencia.

Essa memoria ou sêr intimo é que o Poeta já permeia em «Sombras» com as forinas concretas da vida natural.



MOINHO (GRANJA)

De Pedro D. Costa.

Os seus fantasmas são, todavia, como noivas mortas, simples insistências de vida sem crescimento, nem libertação.

No entanto já ele regressou á consciencia para olhar de novo o Misterio, e é já a mascara humana uma eterna reveladôra.

É lêr essa magnifica composição «Cá dentro».

Volta a fraternidade exterior, mas repassada de simbolismo, de intima humildade, nessa irmanação *do pó* de todas as cousas e sêres.

A grande Unidade, que no principio e no meio do livro é a tentação nirvanica dum Monismo de pura identificação, faz-se na poesia — «O Silencio» — a grande Presença Divina, a Unidade amorosa das almas que comunicam, aquele grande amplexo que sentimos sustentar-nos e fixar as estrelas no cristal do firmamento.

Assim o Poeta, desenhando o abraço exterior que cingisse os mundos, chega ao invisivel centro de amor, donde eles receberam a graça da existencia.

É assim que o seu Algarve é depois um livro, que, colocando a sua provincia na beleza natural do planeta, a coloca igualmente na beleza espiritual do Universo.

O Algarve cobre-se de brancas flôres de amendoeira tapetando o corpo da terra, enquanto perfumes das arvores e das almas se evolvam juntos no Espaço.

Nesse livro tem o Poeta as suas mais perfeitas composições, onde paisagens de memoria e paisagens do Algarve se fundem em immaculado corpo de beleza. São as lendas, como essa preciosissima de Marim, que se acabasse no verso «Andam ambos a cantar» seria mais perfeita e com mais razão o que já é — uma das mais autenticas belezas da poesia lusitana.

O trovadôr é um Orfeu que arrasta a agua atraz de si a abrir bocas que uma sêde milenaria cerrára.

— O alto poder de Allah
Auxiliara o amôr
A agua viera atraz
Dos olhos do trovadôr —.

Orfeu da Frescura, como fresca é a recordação infantil das moiras encantadas no solo de Portugal!

E João Lucio continua «Na asa do Sonho» a embeber a vida

de misterio, a servir, á sua fome de expressão, as côres, os perfumes, o movimento.

Neste livro ha por vezes o requinte de quem prefere a magnolia á esteva: como uma hierarquização estetica das cousas, que advinho o reflexo inconsciente dum certo pathos de distancia, um certo aristocratismo do Poeta.

No entanto a piedade universal volta por vezes e ele é todo louvoro para a Noite que apaga as formas gritantes da Fealdade.

Sim; para a Noite, mas para a Noite fecunda, pejada de novas auroras, onde as proporções se refaçam e as harmonias se reencontrem.

É, tambem neste livro como em todos, o Poeta seduzido pela unidade psiquica aquem e alem dos sentidos e que ele tenta dar por uma penetração dos dados sensiveis — o som das côres, etc.

«Na asa do Sonho» o Poeta vê elevar-se toda a vida e um quixotismo estético o anima.

É que a Vida, sendo sonho e ascensão, é quixotesca e em todas as direcções. O seu quixotismo é, por vezes, descrente e o Sonho parece-lhe Ilusão.

Que importa? Havemos de sonhar e subir, e nossos corações só vivem, consumindo-se em universal, fraterno, humilde e religioso amor.

Leonardo Coimbra

ANTHERO DE QUENTAL



ANDAS, meu bom Anthero de Quental,
Nas regiões obscuras do Infinito.
Cá, eras meio atheu, mas lá, contrito,
Já te vês immortal, ante o Immortal.

Esse caso psicologico e fatal
Está de ha muito em livros d'oiro escripto:
Philosophia e crença não são mytho,
Uma irrisoria criação mental.

Sem vêres o phantastico Nirvana,
Alijaste Manú, e dizes triste:
«Não tem limites a cegueira humana!

«Na terra que fiz eu, de lança em riste?
Oh! como o pensamento nos engana!
De tudo que sonhei... só Deus existe!»

Z. S. P. R.

(Das *Ultimas Rimas*, a sair)

FOLK-LORE PORTUGUÊS

BRUXAS

EXCERPTO DO «DICIONARIO DO FOLK-LORE PORTUGUEZ», EM VIA DE PUBLICAÇÃO



CUMPRE, antes de tudo, accentuar a differença entre duas designações que, tanto entre o povo ignorante como em pessoas de certa illustração, se confundem a cada passo. Essas designações são *bruxas* e *feiticeiras*.

A feiticeira exerce uma *sciencia*, a bruxa cumpre um *fado*.

As feiticeiras, diz Leite de Vasconcellos (1), não passam de simples adivinhadêiras com o poder de fazer *feitiços*, (em questões de amor, etc.); as Bruxas são mais alguma cousa do que isso, porque podem soffrer metamorphoses, tornar-se invisíveis, chupar creanças, etc. As feiticeirãs, como me disse uma mulher do povo, operam por arte do Demonio, emquanto que as Bruxas operam por fado que Deus lhe deu, posto que andem ligadas tambem ao Demonio. As feiticeiras, representam por ventura o vestigio de alguma antiga sacerdotisa; as Bruxas o de alguma divindade decahida.

O fallecido professor do Curso Superior de Letras Z. Consiglieri Pedroso escreveu uma interessante monographia *As bruxas na tradição do nosso povo*, que no decorrer d'este artigo será repetidas vezes citada, e cujo objecto era apresentar aos leitores o que o nosso povo crê hoje ou acreditou no passado com relação a bruxas. «Não era seu intento, dizia, fugir á historia de uma crença e das consequencias sociaes que ella produziu e de que são entre outros um exemplo, alguns dos nossos mais celebres processos de feitiçaria, julgados pela Inquisição. Esse trabalho, se bem que interessante no mais alto grau, pertence mais propriamente á Historia, e alem d'isso, ainda que na linguagem vulgar (não popular) se confunda muitas vezes *bruxaria* com *feitiçaria*, estas duas concepções são diversas, e correspondem a dois factos, analogos sim, mas nem semelhantes,

(1) *In Trad. pop.* p. 311.

nem de identica extensão. A crença nas bruxas entrou como um dos elementos de feitiçaria em Portugal, mas na feitiçaria entra outra ordem de elementos, que nada tem que ver com esta crença. A feitiçaria mesmo pelo modo especial como se apresenta entre nós, tem, considerada no seu conjuncto, um character muito menos popular, do que a crença nas bruxas. Não ha duvida que os nossos feiticeiros, como pode ver-se pelos processos da Inquisição, admittiram, submettendo-as a uma especie de systematisação, muitas crenças e superstições verdadeiramente populares. Porem, ao lado d'ellas encontram-se praticas e formulas, não só de uma procedencia — digamol-o por analogia com o que se dá na linguagem— *erudita*, mas mesmo completamente alheia ao genio nacional. A lingua latina é por vezes empregada nessas formulas, e ainda quando expressas na lingua vulgar, são as reminiscencias biblicas e apocalypticas que lhes constituem o fundo. Não ha duvida que como os notarios da Meia Edade, copiavam os traslados já feitos, e identicos ou os mesmos em todos os paizes, os dizeres dos seus instrumentos officiaes, assim tambem os feiticeiros, em todos os povos da Europa, tinham modelos tradicionaes de que se serviam para as varias cerimonias do seu culto. Nada mais alheio ao espanto popular, do que, por exemplo, os textos das diversas *cartas de tocar* (talismans) empregados pelos nossos feiticeiros (1), o contheudo de muitas formulas, a disposição de diversas cerimonias e invocações. Pelo contrario a crença nas bruxas é uma superstição genuinamente popular embora não seja exclusivamente nacional, e se encontre em muitos povos, sobretudo, e sem contar os latinos, entre os germanos e os slavos (2).

A bruxa não é tão pouco a *fada*. Esta concepção do maravilhoso do nosso povo tem principalmente uma ideia benefica. As fadas nos contos populares são uma verdadeira providencia para os desgraçados e innocentes. Descobrem thesouros, dão riquezas, livram de perigos, casam as orphãs ou as abandonadas com principes millionarios, salvam as creanças expostas, dão talismans, etc.

A bruxa é uma entidade muito diversa. Ainda que por vezes, e nos proprios contos populares ella se confunda com a fada, o seu character é essencialmente malefico. Nas fadas ha um vago echo de uma concepção de justiça. Assim, se castigam, é como punição de

(1) Cf. Proc. ms. do Luis de La Penha. Arch. Nac. da Torre do Tombo, maç. 841 n.º 8179.

(2) Cf. J. Grimm. *Deutsch Mythologie*, e Ralston — *The songs of the Russian people*.

um delicto e nunca como manifestação de um sentimento de maldade. A bruxa, pelo contrario, é um genio malfazejo, e o mal que faz vae recair sobre os mais inoffensivos entes, como acontece com as creanças de mama, ás quaes chupa o sangue. Não trataremos de investigar se esta concepção das bruxas, é o resultado da transformação por que o christianismo fez passar a reminiscencia das antigas sacerdotisas pagãs, depois de ter reduzido os deuses, a cujo culto ellas estavam ligadas, ao typo do Diabo medieval.

É provavel que o seja. A estricta dependencia em que, com effeito, as bruxas estão do Diabo, na concepção popular, é entre outros um argumento a favor d'esta hypothese.

Já acima dissemos que *bruxaria* e *feiticaria* eram duas expressões que não deviam confundir-se. Do mesmo modo não se deve confundir a *bruxa* com a *feiticeira*. Aqui é mais talvez uma differença de grau que uma differença de essencia que separa essas duas concepções.

«Nenhuma pode ser Bruxa, sem sobir pelos degraos de Feiticeyra e Alcoviteyra» (1) diz-se n'uma copia de um ms do seculo XVI.

A feiticeira é uma mulher, de ordinario velha e hedionda, que tem communicação e pacto com o Diabo, sem perder comtudo a forma humana, e sem possuir poderes illimitados ou extra-humanos, a não ser a evocação do seu patrono ou dos seus delegados, e o conhecimento das drogas, ingredientes e feitiços, com que realisa os prodigios da sua arte. Assim, o typo que Gil Vicente nos apresenta no *Auto das Fadas* e na *Comedia de Rubina* é o da feiticeira e não o da bruxa. Apesar do maravilhoso de que se cercam, não deixam de ser mulheres, em nada mais do que na sua sciencia, differentes do resto dos mortaes. Pouco se distanciam das nossas actuaes *mutheres de virtude* a não ser pela extensão dos seus poderes.

A bruxa porem, tal como ainda hoje nella acredita o povo das nossas aldeias é muito mais do que isto.

Segundo a tradição as bruxas começam por ser feiticeiras, e depois de terem communicação com o Diabo (2), este as induz com falsas promessas a serem bruxas, exigindo para isso dellas um certo numero de votos e juramentos. Estes juramentos são feitos com toda a solemnidade sobre um livro negro, no qual não ha uma unica

(1) Confissão de humas Bruxas que queymarão na cidade de Lisboa, anno de 1559. Pelo Juizo Secular em huma devaça que mandou tirar a Rainha Dona Chate-rina. (Collecção Moreira — Sentenças mss da Inquisição, vol. I).

(2) Confissão de humas bruxas, etc.

folha branca. Dois demonios estão um de cada lado da neophyta, e um terceiro demonio sustenta o livro aberto sobre o qual ella deve pôr ambas as mãos. A figura sob que estes demonios costumam de ordinario apparecer é a de bode negro. A ella allude Gil Vicente na seguinte passagem, que põe na bocca de uma feiticeira:

Cavalgo no meu *cabraõ*
E vou-me a Val de Cavallinhos
E ando quebrando os focinhos
Por aquellas oliveiras, etc.

(Atto das Fadas)

Conforme o documento já citado (*confissão*, etc.), o interrogatorio que então tem logar, é como segue:

— Promettes e juras de nunca servires, nem adorares outro Deos senão nós? Pergunta-lhe o Diabo.

A bruxa responde — Sim, prometo.

— Arrenegas de Deos e do baptismo que recebestes?

— Arrenego.

— Promettes de nunca deixares de fazer o nosso mandado?

— Prometto.

— Promettes de não nomeares o nome de Jesus por nenhum modo, nem maneiras, e de nunca confessares a verdade, ainda que te confesses?

— Prometto.

— Promettes de te apartares de Deos, e de nunca teres amizade com elle e de lhe fazeres quanto mal poderes?

— Prometto.

Etc., etc.

A este interrogatorio chama-se *baptismo*.

Em seguida a elle tem logar o ajuntamento carnal da bruxa com o demonio que a interrogára.

A iniciação descrita por Alexandre Herculano (!) ainda que se applica mais propriamente á *feiticeira* do que á *bruxa* não differe contudo essencialmente da que apresentamos, a não ser pela particularidade de, finda a cerimonia, ter a noviça que passar trez vezes por debaixo do throno onde o Diabo está sentado, e de receber, como symbolo do pacto ajustado, um pandeirinho e um novello de linha fiado pela *mão do diabo*, cuja materia prima é pello do bóde. É n'esta occasião que o Diabo lhes põe um signal, ou no dedo mi-

(!) Panorama, vol. IV (1840) p. 138, seg.

nimo da mão esquerda ou no corpo, ficando d'ahi por diante sellado o pacto, e entendendo-se as bruxas com elle por meio de uma linguagem mysteriosa e intelligivel para os não iniciados» (1).

Ouçamos agora de Chesnal: (2)

O *Sabbat* é assembleia dos demonios e das bruxas, sob a presidencia, as mais das vezes, de Satan. Esta reunião tem lugar, d'ordinario, durante a noite, e só se occupam n'ella, de maleficios, de mysterios diabolicos e de tudo quanto seja prejudicial á Sociedade humana e sobretudo aos que professam a religião de Christo. O *sabbat* realisa-se sempre em lugar pouco frequentado, como n'uma encruzilhada d'um bosque, á beira d'um pantano ou d'um lençol d'agua. A sessão termina por uma dança infernal. Algumas vezes o *sabbat* faz-se á roda de um carvalho, de uma faia, de um castanheiro, ao canto de um prado ou n'uma penedia.

As bruxas vão ao *sabbat* a cavallo em rabos de vassoura e no momento em que partem repetem muitas vezes estas palavras: *Emen belan! Emen belan!* o que, no dizer de Delancre, significa: *Aqui e alli! Aqui e alli!*

Os feiticeiros iniciados no *sabbat* gritam tambem: *J'ai bu du tabourin, j'ai mangé du cymbale et je fais profés*, palavras cuja interpretação é esta, no dizer de Leloyer:

«Par le tabourin, on entend la peau de bouc enflée de la quelle ils tirent le jus et consommé pour boire; et par la cymbale, le chaudron ou bassin dont ils usent pour cuire les ragouts.»

«Poder-se ha acreditar, diz Fornari, que as feiticeiras pretendam dizer que se encontraram nos sabbats, sem se haverem mexido dos seus quartos nem das suas camas; que por meio de uma gordura e d'um unguento ellas se insensibilisaram e que durante o seu desmaio se transportaram ao *rendez vous* infernal e que imaginam ver e ouvir lá tudo o que toda a gente diz que viu e ouviu? Pois uma mulher assegurou perante a Inquisição que sim, que ia real e corporalmente onde quizesse ir, ainda que a prendessem e lhe pozessem guardas á vista, por mais distante que fosse o lugar onde a mandassem.

Os inquisidores ordenaram-lhe que se dirigisse a um determinado lugar, para fallar com certas pessoas, e trazer-lhes noticias d'ellas.

(1) C. Pedroso: Contribuições para uma mythologia popular portugueza in O Positivismo, 2.º vol. (1879-1880) p. 273 seg.

(2) Diet. de Superst. col. 1033 e seg.

Ella prometteu obedecer. Fecharam-n'a á chave n'um quarto. Ella deitou-se e ficou estendida como uma morta.

Foram ao quarto d'ella, sacudiram-na, mas a mulher conservou a sua immobildade e a sua insensibilidade.

Para experimentar a sua insensibilidade alguém chegou-lhe uma vela accesa a um pé, queimou-lho e a nada a mulher se movia. Pouco tempo depois accordou e deu conta do seu recado, dizendo que lhe tinha custado a andar. Perguntaram o que é que ella tinha n'um pé. Disse que lhe doia quando vinha embora mas que ignorava porquê.

Os inquisidores disseram-lhe então o que tinha succedido, que ella não tinha sahido do seu lugar e que a dôr de que agora se queixava provinha de a terent queimado com uma vela accesa.»

Outro exemplo. Um marido suspeitava de que sua mulher era feiticeira; quiz saber se ella ia ao Sabbat e de que forma ella arranjava a transportar-se.

Tanto a espreitou que um dia em que a viu untar-se com uma gordura especial, reconheceu que se havia metamorphoseado em ave, e que desapareceu, sem que elle dêsse fé, até de manhã, em que a achou junto a si, na cama. Fez perguntas e mais perguntas sem obter resposta. Por fim disse-lhe o que tinha visto e á força de pancadaria, forçou-a a revelar-lhe o segredo e a levar-o com ella ao sabbat. Chegado ao ponto, sentou-se á meza com os demais, e como tudo quanto comia era insipido, pediu sal. Passou muito tempo antes que lh'o trouxessem. Finalmente vendo um saleiro exclamou: *Graças a Deus! Até que chegou o sal!*

No mesmo instante, ouviu um ruido medonho. Tudo desappareceu e elle achou-se só em um campo, no meio das montanhas.

Foi andando, e quando encontrou uns pastores perguntou-lhes onde estava; soube então que estava a mais de trinta leguas distante da casa.

«Torquemada conta tambem que uma mulher, vindo do *sabbat*, transportada pelos ares, sobre o espirito maligno, ouviu de madrugada o sino tocar ao *Angelus*. O diabo, mal ouviu o som, atirou com o fardo e a mulher foi cahir n'um silvado, á margem do rio. Estava nua, e tinha o cabello esparso pelo peito e pelas costas. Viu um rapaz e tanto lhe pediu, que elle agarrou n'ella e levou-a até casa d'ella, numa aldeia vizinha. Fez-se muito rogada para dizer ao rapaz o que tinha succedido; presenteou-o bem, e rogou-lhe que não dissésse nada, mas a cousa sempre transpirou.» As historias da idade media abundam em narrativas d'este genero.

Completaremos esta noticia com o que nos diz Ch. Louandre no seu livro sobre Feitiçaria:

«A crença no Sabbat, universal na Europa, na Edade Media, remonta ao seculo 5.º, mais ou menos, e acha-se formalmente condemnada no seculo IX no celebre capitular sobre sortilegios e feitiçarias, de *Sortilegiis et sortiariis*. Este capitular é dirigido principalmente contra as mulheres que, exaltadas por allucinações, criam atravessar os ares com a deusa Diana, feita demonio *Dianum*, mas d'aquella epoca faltam pormenores; houve que esperar até ao seculo XIV para os achar circunstanciados e precisos, e então, em compensação, são em tão grande numero que ha a difficuldade da escolha.

As reuniões do *sabbat* eram de duas especies: geraes e particulares. O grande sabbat reunia todos os iniciados da mesma nação, e o pequeno sabbat todos os da mesma cidade ou da mesma provincia. O primeiro tinha lugar quatro vezes por anno, no principio de cada estação, o segundo duas vezes por semana, na noite de segunda e de sexta-feira.

As reuniões effectuavam-se em logares solitarios, no cume das montanhas, no fundo dos bosques, nas valas de defunctos dos campos de batalha, ás beiras dos caminhos e nos proprios logares onde se houvesse cometido assassinatos. A assembleia geral na Italia fazia-se no Vesúvio, que era considerado como um respiradouro do inferno e a da Alemanha sobre o Bloksberg. Os assassinos, os adulteros, os invejosos, os hereticos, as mulheres perdidas que começavam a envelhecer, as raparigas que anciavam por se perder, os renegados, os excomungados, numa palavra, todos os subditos do imperio infernal, formavam o publico ordinario d'estas festas em que Satan, como os monarchas e os barões medievaes, fazia as suas côrtes geraes e tribunal de justiça.

Para se ser admittido a ellas era necessario, como nos officios mecanicos, fazer o aprendisado e a obra prima, e nas ordens monasticas o noviciado.

Fazia-se um requerimento ao demonio, que mandava submeter o aspirante a um exame severo, até ficar completamente inteirado da sua capacidade para o mal. Se o exame satisfazia, o diabo escrevia o nome do candidato em um registo, ordenava-lhe que o assignasse e depois de o ter feito renunciar ao Baptismo e á Igreja imprimia-lhe no corpo a marca da unha do dedo minimo, como signal de investidura. Cumpridas estas formalidades, o feitiçeiro pronunciava os seus votos, obtinha o direito de assistencia e podia compartilhar de todos os prazeres e de todas as praticas.

Quando o diabo alliciava uma feiticeira, para não a aterrar, tinha o cuidado de lhe apparecer sob a figura d'um lindo rapaz e de mudar o nome rebarbativo de Beelzebub ou de Satan por outro mais euphónico, como *Joli Bois*, *Vert Joli*, *Verdelet* etc.

Quando o diabo queria que se reunissem os seus apaniguados, fazia com que apparecesse um signal nos ares, só d'elles conhecido ou então mandava-os prevenir em casa por um morcego, por uma borboleta nocturna, e, ás vezes, por um carneiro.

Uns iam ao logar designado montados em rabos de vassoura, parodia vulgar da setta maravilhosa que Apollo hyperboreo tinha dado a Abaris e sobre a qual elle atravessava os ares.

De Lanere informa-nos que quando se era conduzido sobre uma montada tão extraordinaria, para não se cahir da região das nuvens era necessario dizer repetidas vezes: *Emen, Etan* o que em gíria satanica queria dizer *Cá e Lá*.

Outros untavam-se com unguentos magicos ou com veneno lançado por um sapo aterrado e irritado e, o simples effeito d'estas drogas era o bastante para se acharem transportados, n'um apice, ao ponto de reunião.

Outras vezes ainda, quando o iniciado queria ir ao sabbat, despojava-se das suas roupas, e depois de se haver friccionado nos sovacos, nas curvas dos braços, nos punhos, nas solas dos pés com uma untura de que adiante damos a composição, trepava pela chaminé e lá ao cimo d'ella já tinha á espera alguém de grandes membros, negro, pelludo e com chifres que o transportava com a rapidez do pensamento até onde se realisava a reunião. Este alguém, como terão adivinhado, era o diabo que leva a sua complacencia a ponto de carregar com os iniciados, mas esta forma de condição não era isenta de perigo; dava-se muitas vezes o caso de, em meio da viagem, o espirito do mal, humilhado pelo papel de burro que fazia, ou pela simples phantasia de malfazer, se encabritar como cavallo respingão e fazer com que os cavalleiros desestribados partissem a cabeça na queda desde os ares. Na manhã seguinte eram encontrados dependurados nos ramos das arvores, ou deitados, ensanguentados, pelos caminhos com o seu traje do sabbat.

Foi isto, diz um demonógrapho, o que deu origem á crença de que havia chuvas de homens. Quando um feiticeiro era chamado ao sabbat e tinha o firme desejo de não faltar, poder algum havia, que obstasse a que fosse. Se o encerravam, passava pelo buraco da fechadura. Certo marido quiz um dia reter a esposa; atou-a á cama,

junto a elle. Pois a mulher, desenleou-se dos laços, transformando-se em morcego e fugindo pela chaminé.

Todos os feiticeiros eram obrigados a assistir ás assembleias geraes e só podiam justificar a falta, pela apresentação de um certificado em boa forma, que attestasse ter havido motivo plausivel a impedi-lo. N'estas assembleias, o diabo queria que lhe prestassem contas de todas as acções e de quantos maleficios houvessem praticado; acolhia-os tanto melhor quanto maior fivesse sido o mal que fizeram, e quando, por acaso, não o tinham podido fazer, increpava-os e açoitava-os.

Nas assembleias ordinarias, o ceremonial variava até ao infinito conforme o tempo e o lugar, mas, á parte, pequenos pormenores, o fundo era quasi sempre o mesmo.

Eis como as cousas se passavam :

N'estes dramas fantasticos observa-se sempre e severamente a unidade de tempo e de lugar. Uma lampada sem azeite, como as lampadas eternas que ardiam nos tumulos pagãos, espargia por sobre a assembleia o seu clarão mortiço e tremeluzente.

Satan preside, sentado no throno, sob a figura mais horripilante, como a de sapo coberto de lá ou de pennas; a de monstruoso corvo com bico de pato; a de bode fetido; a de homem branco e magreza transparente, deitando um halito que empestava; a de gato preto com olhos verdes e garras de leão.

A figura, de resto, variava conforme os paizes. Na Suecia o diabo presidia ao sabbat vestido de encarnado, meias encarnadas, barba ruiva, chapéu alto e ligas d'um comprimento desmesurado. Cada iniciado, quando chegava, depunha aos pés do diabo a sua *herva do sabbat*, isto é, qualquer planta de que se havia munido ao partir, fosse ella feto, agarico, fenchagem, artemisa, coentro, etc.

Satan tomava um punhado d'estaservas, fazia uma aspensão da sua urina por toda a assembleia e... está então aberta a sessão.

Isto feito, cada um tomava o papel que lhe competia: como de justiça, o mais importante pertence ao diabo e pode dividir-se em quatro partes: na 1.^a recebe as homenagens dos seus subditos; na 2.^a compõe, para distribuir, pós e unguentos magicos; na 3.^a faz conferencias e exhortações; na 4.^a parodiando cerimoniaes do rito catholico entrega-se ás profanações mais sacrilegas.

Não escreveremos as homenagens que o diabo exigia dos seus adeptos. O inquisidor Pedro Broussard que no seculo XV mandou

queimar os valdenses de Arras nem ousava fallar n'ellas, *pour doute, diz um velho chronista, que les oreilles innocentes ne fussent averties de si vilantes choses, tant il s'y commettoit des crimes puants et enormes.*

Tambem não fallaremos na missa diabolica cuja descripção faz Llorente na *l'Histoire de l'Inquisition d'Espagne.*

Basta-nos dizer aqui que tudo quanto uma imaginação mais torpe e mais monstruosa possa sonhar de mais obsceno e de mais impio se acha accumulado n'estas lendas que atterram pela sua perversidade.

Basta que apenas nos detenhamos na composição dos unguentos e nas exhortações.

Depois de ter feito a aspensão de que fallamos acima, Satan collocava todas as hervas trazidas pelos iniciados n'uma immensa caldeira, juntas, com sapos, cobras, varreduras dos altares, limalha dos sinos e creanças cortadas aos bocadinhos. Quando tudo fervia espumava a gordura d'este horripilante caldo e depois de ter pronunciado sobre esta gordura palavras sacramentaes, fazia unções aos assistentes e fazia distribuição d'ella, por elles, em pequenas vasilhas; era para os maleficios, o ingrediente de mais efficacia. Esta droga conservava na sua acção o quer que fosse da perversidade e do poderio de quem a preparara.

Os feiticieiros que recebiam o unguento comiam os restos das carnes que tinham servido para a sua composição e, em seguida, agrupavam-se em redor do throno a escutar as exhortações do seu Senhor. Este revestia-se, como para a missa diabolica, de uma mitra, d'uma alva e d'uma casula nova. Não se diz se, para esta nova cerimonia, retomava a forma humana porque a não ser assim, certamente ficariam muito mal n'um bode, n'um corvo ou n'um sapo. De pé sobre o throno de ebano. *Il les preschoit et leur defendoit d'aller à l'eglise, d'ouyr la messe, prendre de l'eau benite, et que, s'ils en prenoient pour montrer qu'ils fussent chrétiens, ils diroient: — Ne deplaise à notre maitre.*

Satan recommendava a seus vassallos que fizessem tudo quanto fosse reprovado pela Igreja e incitava-os ao assassinato, ao incesto, ao adulterio, á traição, a todos os grandes crimes. Para penhor da sua fé pedia-lhes horrosas blasphemias.

Os discursos eram entrecortados de imprecações tremendas, e em voz rouca e discordante. Mais parecia bramir que fallar.

Terminava a peroração dando signal para regozijo. Como nas festas mundanas consistia este principalmente em dansas e festins. O

menu d'estes ultimos era dos mais variados. Ora a mesa estava coberta de esplendidos manjares, preparados com extrema delicadeza, ora comia-se tão sómente pão negro e carne de creanças; mas esta carne e as comidas mais requintadas eram sempre d'um gosto insipido, visto nunca entrar sal na sua composição, porque a igreja se serve d'elle na benção da agua e no baptismo.

Por muito que os feiticeiros comessem e bebessem nunca chegavam a acalmar a fome ou a mitigar a sede, o que levava alguns demonographos a dizer que o diabo só dava aos seus convivas carnes e vinhos phantasticos.

Algumas vezes, para animar os seus hospedes Satan cantava, como os bobos nos festins dos ricos homens, romances bazeados nas lendas do Averno e finda a canção bebia-se á ruina da fé, á heresia ao anti-Christo.

Terminado o banquete ia-se ás dansas; cada homem devia arranjar uma mulher. Se, por acaso, faltava numero para completar as quadrilhas Satan perfazia-o chamando incubos e succubos, isto é, demonios do sexo masculino e do sexo feminino.

Pondo de lado o caldo de cobras, de sapos, de limalha de sinos e de todas as receitas em que acima fallamos, constataremos segundo testemunhos irrecusaveis que os feiticeiros, para ir ao sabbat praticavam realmente unturas magicas em diferentes partes de corpo, com diferentes drogas, e faziam uso de certas beberragens. Luciano e Apollen fallam de esta unção que praticavam egualmente os iniciados nos mysterios do antro de Trophoino. Ora, quando se lê em Porta, em Cardan e em alguns outros medicos e philosophos naturalistas da Edade Media ou da Renascença, a indicação das drogas que se empregavam para esse effeito, comprehende-se bem o Sabbat.

Estas drogas eram: o *stramonium* cuja raiz causa delirio acompanhado d'um somno profundo: o *solanum somniferum*, o meimendo e o opio. Desde este momento explica-se como se produz a visão. O feiticeiro apoz a unção magica ou o uso de bebidas prescriptas pela sua arte, cahê n'um somno febril, povoado de sonhos, ora terriveis, ora ridentes e ora voluptuosos. As ideias que o occupavam, em estado de vigilia, amontoam-se-lhe no espirito, e o somno dá realidade a todos os seus desejos, a todas as suas esperanças.

Existe ainda, sem duvida alguma um mysterio profundo, mas este mysterio é do dominio das leis ordinarias da natureza; e já

alguns espiritos serios e esclarecidos o estudaram no proprio periodo em que as crenças na feitiçaria estavam no seu auge.

Em 1545 os medicos do Pontifice Julio III quizeram experimentar em uma mulher atacada de uma doença nervosa, o effeito de uma pomada encontrada na morada de um feitiçeiro; o resultado foi ella cahir em um somno ininterrompido de trinta e seis horas. Quando conseguiram despertal-a, ella queixou-se de que a tinham arrancado dos braços d'um lindo mancebo. Contra uma serie de allucinações estranhas que o medico não hesitou em attribuir ao effeito natural das drogas e que ella attribuia á unção magica.

Outra experiencia similar fizeram em Florença no principio do seculo XVII:

Foi levada perante o juiz uma mulher que se dizia *feitiçeira*. O juiz que era homem de bom senso recebeu a accusação com a maior reserva e disse á mulher que não acreditava no que ella dizia. Esta, toda empenhada em provar o seu talento, mesmo que d'isso lhe proviesse a morte, disse que iria ao *sabbat* n'essa mesma noite se a deixassem ir a casa e praticar a unção. O magistrado consentiu. A mulher friccionou-se como quiz, e adormeceu acto continuo. Foi então attada á cama, e apezar de a picarem, de a queimarem levemente, dormiu 24 horas seguidas. Ao despertar, no dia seguinte contou com grande somma de pormenores tudo quanto tinha visto no *sabbat*, accrescentando que o diabo a havia espicaçado e queimado. Contavam-lhe então o que se havia passado, mas foi impossivel convence-la, e não obstante a sua obstinação mandaram-na embora, sã e salva. Gassendi experimentou em um camponez o effeito d'uma pomada analoga composta de meimendro e opio; o camponez cahiu em um somno profundo e quando despertou fez a descripção d'uma assembleia maravilhosa a que tinha assistido ».

Olyredo Farin

SÉRGIO DA SILVA

POUCAS pessoas já se recordarão de ter ouvido o insigne violoncelista, que ha mais de cinco lustros repousa sob os ciprestes, pois foi em 1890 que desapareceu, de entre os vivos, este virtuose do violoncelo, o tão difficil instrumento, que tanto se aproxima da voz humana e traduz, quando vibrado por consumado artista, os mais sentidos estados da alma.

Algumas palavras aqui alinharei a acompanhar o retrato de Sérgio da Silva, meu illustre tio paterno e se o fazemos tão tardiamente, é pelo facto de não se lhe conhecer ao tempo do seu falecimento qualquer reprodução fotografica, que se podesse publicar, para assim ficar perpetuada a fisionomia de mais uma autentica celebridade artistica portuguesa e cidadina.

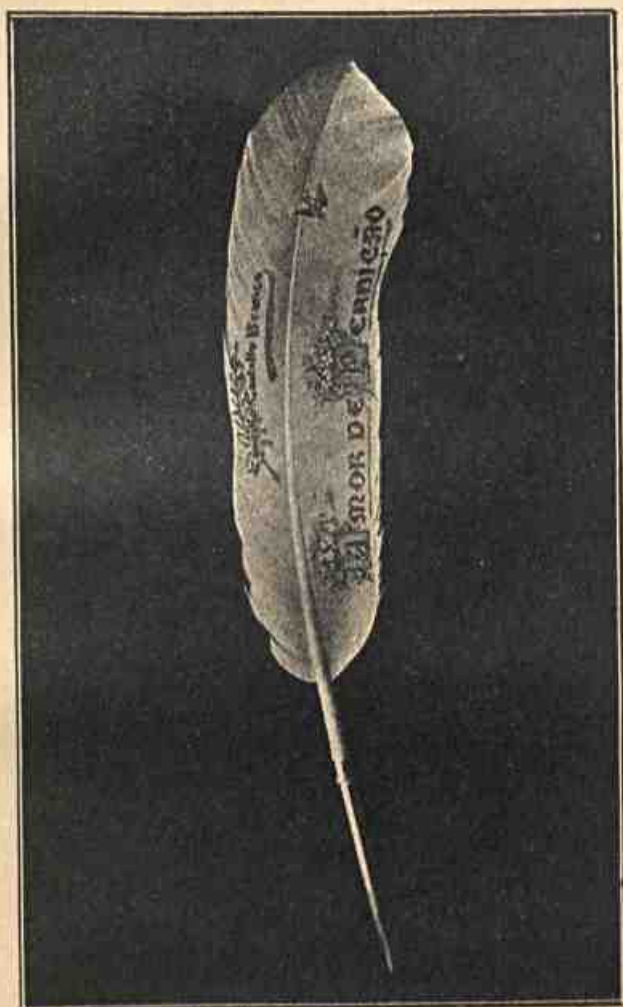
O ter obtido ha pouco, quem subscreve este artigo, uma já quasi apagada fotografia, vinda do espólio de um parente, motivou que podessemos desenhar e juntamente escrever estas linhas, recordando aquelle eminente solista, pois embora sejamos o mais incompetente para apreciar um artista musico, alguns dados anedóticos porém reunimos, por se tratar de um parente cujo talento foi estimado e admirado.

José Augusto Sérgio da Silva nasceu em Lisboa no ano de 1838, sendo filho de Antonio Paulino da Silva e de D. Maria do Carmo da Silva e era irmão mais novo de meu pae o illustre pintor e professor João Christino da Silva.

Paulino da Silva que era um laborioso e honrado industrial com fabrico de fitas e galões no Largo de Santa Marinha, teve o bom senso de não contrariar as diversas tendencias artisticas de aqueles dois seus filhos e assim se meu pae frequentou a Academia de Belas Artes, foi depois de revelar a sua habilidade, copiando vários quadros de azulejo dos Claustros de S. Vicente de Fóra; por sua vez meu tio Sérgio só foi a educar para o Conservatório de Lisboa, depois de a familia e visitas da casa se maravilharem de o ouvir tocar num flautim de feira, «tudo quanto queria», conforme me contava minha avó paterna.

No Conservatório foi Sérgio da Silva discipulo em violoncelo do notavel professor Jordane, artista de muito merito, o qual teve em Sérgio da Silva o seu melhor continuador.

Entrando ainda muito nóvo para a orchestra do teatro de S. Carlos, para o naipe de violoncelos, logo rapidamente ascendeu a tomar o primeiro lugar n'aquelle tão difficil e tão belo instrumento, lugar que occupou sempre com notoriedade até quasi ao fim da sua vida.



ÚLTIMO TRABALHO

De Raul Marçal Brandão.

Muitas vezes n'aquelle theatro quando n'uma opera acertava Sérgio tocar isoladamente, fazia-o por forma tão notavel, que os bravos d'aquella exigente assistencia irrompiam espontaneamente na grandiosa sala, ovações que lhe eram dispensadas com entusiasmo frenético, quanto por várias vezes tocava a sólo nos concertos anuaes em sua festa artistica, ou dos seus colegas, nos salões nobres de S. Carlos, do Nacional, antigo D. Maria II.

Em dois anos consecutivos foi tambem contratado para o teatro lirico de S. Fernando em Sevilha; em varias occasiões alguns titulares portuguezes, como os Duques de Palmela o convidavam a abrilhantar as suas festas; o proprio rei D. Luiz I amador de violoncelo, várias vezes mandava buscar Sérgio da Silva em trem, para no palácio da Ajuda tocarem em dueto, honra, que diga-se, a que me-tio se escusava sempre que podia.

Era unanime o elogio á virtuosidade de Sérgio, que fazia do seu instrumento predilecto — pois tambem tocava alguns outros, — *tudo quanto queria*, como dizia sua mãe; assim após um ternissimo adágio ou sentido lamento musical, que por vezes fazia brotar lagrimas, como mais de uma vez presenciei, provocava depois o efeito contrario em alegria e risos, ouvindo-se no violoncelo em imitativo perfeito, o chiar de um carro de bois, a nóra tirando agua, o zurrar de burro, ladrarem vários cães em desordem, velhas a ralharem, cantares andaluzes com bandurras e pandeirêtas, danças, tudo engraçadas imitações, que punha o auditório em hilariedade.

Era grande artista, mas assim como o Sol tem manchas e como outros talentos notaveis, tambem Sérgio da Silva as tinha, mercê da sua indole facilmente irritavel, exacerbada ainda com a intemperança alcoolica, pecha que para o fim da vida o meteu mais de uma vez em trabalhos judiciaes, de que o procuraram por diversas vezes livrar alguns amigos e admiradores.

Em 1889 uma desavença com o empregário de S. Carlos, por motivo de augmento de honorários, a que se julgava com direito, fel-o abandonar o teatro lirico, e para ganhar o seu pão e da sua familia, como ele disse em carta publicada no «Diario Popular», tomou contrato para um Café de «lépes» á carreirinha do Socorro, onde, acompanhado por Militão, um velho boémio e notavel organista, deliciava ás noutes os *habitués* da Mouraria, gente rude a quem o seu talento musical subjugava e que o aplaudia freneticamente, tal qual como os seus admiradores da alta sociedade lisbonense.

Foi ali que o grande prosador, que era Fialho de Almeida, o ouviu, para o que ia vestido de saioio, como ele me disse, e estudou o magnifico artigo dos «Gatos» dedicado a Sérgio, decerto um dos mais interessantes de aquella publicação de critica lisboêta e no qual com grande brilhantismo belamente definiu a grande arte de aquele musico extraordinário.

Várias anedotas todas atinentes a demonstrar o alto valor de Sérgio da Silva, eu poderia contar, mas na impossibilidade de entrarmos na técnica do notavel solista, cuja arcada no dizer dos entendidos, era de uma igualdade de som inexcedivel, limitar-me-hei a

referir um caso que me foi contado por mais de uma respeitável testemunha, ao tempo em que fui professor e director da Escola de desenho industrial de Leiria, em aquella hospitaleira cidade estre-mênha.

Num fim de uma tarde de verão, passeiavam em grupos, como é de uso, na Praça «Rodrigues Lobo», varios cavalheiros, officiaes do regimento, funcionarios civis, negociantes e operarios, quando se começou a ouvir partindo de um prédio de hospedagem, situado na praça, uns sons musicaes de rara maviosidade que a todos surpreendeu; era um violoncelo em que alguém tocava e como a musica continuava sempre ora terna, ora alegre, todas as pessoas instintivamente se foram aproximando do prédio intrigadas e surpresas. Quem seria?, quem não seria?, inquiriam de uns para outros; ninguém acertava porém, pois eram conhecidos os raros amadores locais de aquelle instrumento.

O grupo foi augmentando com outros transeuntes e o interesse tambem, pois o pasmo e admiração era geral; então quatro ou cinco mais decididos dos ouvintes, determinaram subir ao andar a inquirir do dono da hospedaria o que se passava; dito e feito, o interrogado, esclareceu então que quem estava tocando era um hospede, que chegara naquella tarde vindo das Caldas da Rainha.

Pediram permissão para o conhecerem e então todos ante o desconhecido souberam que era Sérgio da Silva, o primeiro violoncelista de S. Carlos, que se propunha a dar um concerto n'aquella cidade; houve entusiasmo, todos os circumstantes o felicitaram e quizeram abraçar e logo ali da janela foi dito ao grande agrupamento postado na rua, quem era o musico, que foi muito victoriado.

Dizer que meu tio Sérgio andou depois nas palminhas de toda a gente de Leiria, seria um pleonasmio e que o concerto, que realisou no teatro, resultou um triumpho, que deixou memoria nos amadores, da cidade, seria outro pleonasmio ainda maior.

Uma pneumonia apanhada á sahida do Café da Mouraria no seu já debilitado organismo, fulminou o insigne violoncelista em 5 de Janeiro de 1890, tendo cincoenta e dois anos incompletos.

Quando no Alto de S. João o seu féretro descia ao coval, alguns colegas que o acompanharam ao campo santo, fizeram ouvir uma plangente musica, despedindo assim para a eternidade um dos mais subidos cultôres da divina arte dos Sons.

Aqui fica pois exarada nestas linhas com o seu retrato a homenagem póstuma a Sérgio da Silva, para o que contribuiu com o lapis e a pena o seu sobrinho

Ribeiro Christino

OLAVO BILAC

O BRASIL acaba de perder um dos seus maiores poetas de todos os tempos, e um dos mais formosos cronistas da sua língua. Bilac ficará eternamente na memória brasileira, como um dos seus ídolos mais festejados. Irrequieto e estouvado, desperdiçou energias sem o mínimo recato. Como jornalista, como conferente, foi sempre dum brilho notável. A certa altura da sua vida, enfronhou-se na *Agencia Mercantil*, empresa patrocinada pelo governo brasileiro, e como director dessa Agencia passou à Argentina, onde fez numerosos discursos em... espanhol. Esteve em Portugal, não há muitos anos, desdenhando superiormente da pequenina obra que a «Renascença» estava fazendo, mas tempo depois enviava-nos a sua conferência sobre Bocage, autorizando-nos a publicação em livro. Há meses que uma doença terrível o ia minando até ao péssimo desenlace, que privou a literatura brasileira de tão grande Artista.

Pormenor curioso: Bilac era um espirito prático. E, apesar de viver modestamente e sempre como bohémio incorrigível, deixou uns 400 contos.



ANTONIO SERGIO E JAIME CORTESÃO

MERCE dos últimos acontecimentos políticos, que tão grande perturbação teem causado na vida portuguesa, estiveram em perigo de vida estes nossos queridos amigos, escritores ilustres e dois dos melhores propulsores da «Renascença Portuguesa». Jaime Cortesão, ainda mal curado dos gases que nas trincheiras da Flandres o prostraram, viu na Penitenciaria e Hospital Militar de Coimbra agravarem-se extraordinariamente os seus sofrimentos. Antonio Sergio, ferido nos funerais de 21 de Dezembro, só à custa de inexcedíveis disvelos cirúrgicos e familiares deve o estar já a caminho de restabelecimento.

A ambos saudamos com a mais fraterna amizade, ansiosos por que voltem depressa a dar-nos a porção de esforço que é uma das melhores glórias da obra em que nos empenhámos.

O SÓ DE ANTONIO NOBRE

POR melhores intenções que nós tivéssemos ao levantar a questão do *Só*, de Antonio Nobre; por mais que fosse digno pensar que apenas nos movia o desejo de que a obra do extraordinário poeta fosse editada e divulgada; por mais sincera que fosse a nossa declaração que nos não movia o mínimo interesse material — pois perentóriamente declarávamos que não queríamos editar o livro — claro está que apareceram suspeitas, perguntas duvidosas e sorrisos escarninhos. Podíamos prosseguir na nossa atitude e dar publicidade às respostas prometidas e desde logo recusadas. Não o queremos fazer. A «Renascença Portuguesa» tem já no seu activo um bom número de acções boas. Julgou que poderia praticar mais essa, sem melindre de ninguém. Vê que se enganou e não insiste. Se chegar, como muito bem espera, ao ano em que tenham prescrito os direitos de propriedade do livro, imediatamente o editará. Entretanto, que os bibliófilos guardem com avareza os poucos exemplares que existem.



NAVARRO DA COSTA

CONFORME prevíamos, o habilidoso pintor lá se anichou num bom lugar da Argentina, certamente *menos trabalhoso* que o de Lisboa, onde, para receber os seus honorários, lhe faziam a inqualificável desconsideração de o obrigarem a ir à embaixada. Foi, não consta que tivesse deixado simpatias ou saudades e, francamente, não é muito justo que nos estejamos a intrometer em vidas tão altas. Como, porém, criámos a responsabilidade de seguir até fim o romance do famoso artista, cremos natural acompanhá-lo até aos últimos passos, terminando por estranharmos que o governo brasileiro não lance em melhor campo as suas sementes de generosidade. É inteiramente louvável que queira proteger os seus Artistas, incitando-os a que procurem por esse mundo a tal *aproximação* que Mr. Navarro de forma tão lamentável andou desvirtuando entre nós. É louvável e nobre. Mas é ainda mais louvável e mais nobre proceder-se na escolha com absoluta justiça e inquestionável isenção. E toda a gente no Brasil sabia que Mr. da Costa era incompetente e nada merecedor.

GALERIA NACIONAL DE BELAS ARTES

DESDE Dezembro que no Palácio de Cristal se encontra aberta ao público uma exposição permanente de Arte e produtos de indústria artística. A exposição é verdadeiramente notável sob todos os aspectos, muito sendo para desejar que ela persista por longos anos e que todos os Artistas a impulsionem com o seu concurso e as suas boas obras.

Tal iniciativa está a primor nas velhas tradições do Palácio e afigura-se-nos que terá, cada vez mais, um êxito digno dos maiores louvores.

Dentre os trabalhos expostos, cumpre-nos especializar as reproduções das obras de Soares dos Reis, de que a «Renascença» obteve o exclusivo e que irão sendo aumentadas à medida que as circunstâncias o permitam.



RAUL MARÇAL BRANDÃO

Pouco depois de nos ter dado para a *Águia* a fotografia da pena que publicamos, morria Marçal Brandão, óptimo carácter e delicado Artista. Amigo de livros e de escritores, andava sempre o bom velho à procura das últimas novidades, de tudo o que fosse português, daquilo que pudesse dar-lhe ensejo para mais um dos primorosos trabalhos que a sua Arte de miniaturista por aí deixou espalhados. Foi um belo exemplo, dos que já não é corrente encontrar.

BIBLIOGRAFIA

HUMUS—de Raul Brandão. Edição da «Renascença Portuguesa».

Este singular romance que, durante toda uma noite, ora absorveu, ora chocou, em bruscas intercedências de drama e de farça, de monstruosidades e de belezas, a minha sensibilidade, é evidentemente a afirmação dum dos temperamentos mais extranhos e originaes da nossa litteratura. Não lembra ninguém, não traz reminiscências de nenhuma escola ou de qualquer Mestre consagrado. O seu processo de ideação e de realização não se confunde com nenhum outro.

Em Portugal e no Brasil, onde, com excepções cada vez mais raras, cada volume que vai surgindo não é mais que a deformação gaguejante ou a *pastiche* servil do estrangeiro, este livro, sem duvida imperfecto, incoherente por vezes, mas d'uma vibração emotiva tão intensamente vivida, da primeira á ultima linha, assignala, com dominante relevo, uma individualidade que se impõe pelo seu peçoalismo exclusivo.

Não se filia nem no epicurismo lapidar de Anatole France, nem na esthetica modelar de qualquer dos modernos escriptores francezes. Apesar das afinidades que a espaços revela, não é tampouco um decalgador de Edgar Poe, o sombrio visionario dos *Contos extraordinarios*, ou de Dostoiéwsky, o soberano evocador dos *Humilhados e offendidos*, que parece ter amalgamado em sangue e lagrimas toda a dantesca amargura da vida subterranea, para crear as figuras frementes da mais divina tragedia da piedade e do sofrimento humano.

Tanto este livro *Humus*, como a *Historia d'um Palhaço*, a *Farça*, *Os Pobres*, todos os de Raul Brandão, são bem a expressão latejante da sua propria alma, concentrada e chymérica, violenta e lyrica, sarcástica e dolorosa. É o proprio estylo, sem reminiscências de Camillo, de Eça ou de Fialho, como o de quasi todos os mais—é igualmente a expressão inconfundivel d'uma mentalidade singular de aguafortista da prosa, que não pudesse aperceber os aspectos senão através do claro-escuro das penumbras crepusculares,

em que as linhas tomam configurações extranhas de allucinação, sem, no entanto, perderem a realidade das linhas essenciaes. O seu descriptivo é feito um pouco á maneira das pinturas impressionistas—mancas atiradas ao acaso da luz e da sombra, sobrepostas em pastas de cor, cuja violencia chocará certamente os *amadores* para quem a arte suprema se resume nos triviaes e modicos limites do chromo ou da agurela.

Desconcertantemente original, a sua visão não se preoccupa com miniaturas e detalhes frivolos, com annotações patientes e bem arranjadinhas de episodios galantes e maviosos. Apenas o interessa o vertiginoso tumulto da vida interior, o momento de acção dramatica em que as mysteriosas forças occultas do instincto irrompem e as almas, saindo da banalidade apparente do quotidiano, de subito surgem no relampago fulgurante das paixões, a latejar de odios ou d'ambições, retransidas de dor recondita ou enfiarradas de ternura, na sua intima verdade nua.

Quem, n'este livro, ou n'outro dos seus volumes—que não são bem novelas, senão pela dramatização fragmentaria dos episodios, onde quasi não ha um fio de enredo prendendo as figuras—quizer encontrar uma d'essas obrasinhas methodicas, amaneiradas e delambidas, que não fazem pensar, mas distrair, vá procurar em tantos outros esse gozo ameno.

A obra de Raul não pertence a esse genero de litteratura burguzinha e bem penteada, que se senta á nossa cabeceira, conversa amavelmente um instante com a nossa preguiça e, quando as palpebras se certam, nos faz coegas na cabeça, para o somno ser suave e sem pesadelos. A d'elle é das que nos sacodem bruscamente, nos fazem perguntas e nos deixam sem respostas, nos obsidiam e arrastam, aos sacões, dominados e revoltados, com os nervos a vibrar, através de brumas e de mares de miragem, para as regiões mais invias da Imagnação. É uma romagem soluçante e dolorosa, em que a cada passo surdem enigmaticas visões de espanto, voluteantes figuras de terror, perfis de santos e rictus de bruxas, bocas adolescentes que nunca sorriram, bocas crispadas de odio, que nunca beijaram,

mascaras de velhas sinistras, cujas metallicas pupilas luzem na escuridão como as dos corvos, olhos melancolicos de orphãs e de sacrificadas, alheadas num extase ignoto, vitreos olhos de crime e de suicidio que o fogo das lagrimas cegou... E toda esta ronda nocturna e segredante rasteja, perpassa ao longo das paginas, ascende de capitulo em capitulo, como na escalada dum calvario fantasma, grita, reza, uiva, implora, estendendo as mãos lividas, em esgares de pavor, em gestos espectraes de supplica e de maldição — como no tumultuario lundo dum d'aquelles dantescos *carvões* em que Domingos Sequeira evocou a léva humana, sob a derradeira luz do mundo, no *Juizo Final*.

Dir-se-ia que, de livro para livro, as figuras que elle visionou são todas irmãs — da immensa frmandade da angustia e da miseria humanas. São sempre as mesmas magras velhas grotescas e encolhidas no trapo negro do mantelete de vidrilhos, escondendo os odios e as invejas nos sorrisinhos adocicados de beatas, á porta das sacristias, á mesa do quino, sob o reflexo do abat-jour esverdeado. Humildes typos de criadas de servir, desageitadas, feias e rotas, de quem todos os patrões riem; mas, no coração innocente trazem, como miraculosa flor desabrochando num tronco resequido e toco, o luminoso amor, que, a irradiar na sombra, sem ninguem o ver, todas as desgraças beija, sem que ninguem lh'o retribua, e consolando todos os que soffrem, sacrificando-se por todos os que jamais dellas se lembram, escorçadas de porta em porta, vão por fim morrer, ao vento gelido da noite, de mãos postas, como santas rusticas, á beira da cova d'uma criança que nem sequer é filha dellas.

Desigual, obscura, ás vezes desconnexa, mas nunca banal, a sua obra tem um poder de emoção que a faz latejar, como um coração vivo. Que importa que a Critica, de olhos indignados, a julgue na effubulação imperfeita como romance, alheia a todos os moldes gastos do genero? Em vez desse equilibrio ponderado e facil, que o autor lhe teria dado se apenas quizesse fazer uma novela naturalista, o que justamente, para mim, lhe transmite mais vibração, é o fremito de vida nervosa que de cada uma das suas paginas irresistivelmente se contagia á nossa sensibilidade.

D'uma intensidade de psychologia morbida, raras vezes attingida nas nossas letras, essa sombria historia, em que sangra o coração dum poeta que gaguejasse

sob a garra do Delirio, ancias de infinito que são soluços estrangulados, dir-se-hia riscada impetuosamente em accessos de febre por um doído que escrevesse, num relampago de lucidez, as suas memorias.

Afflictivo de analyse dolorida, pairando na atmosphera turva da sagrada loucura, a macabra e aguda symphonia que nessas paginas freme, suggere a espaços, como lhes disse, Dostotewsky e Poe — mas com um não sei que de mais vago e lunar, que é o timbre pessoal deste lyrico da Allucinação.

Ha alguma coisa d'esta imagem, na impressão que me dá a sua arte. A visão torturada da Vida reveste-se, neste pessimista, que é tambem um commovido idealista e um doce elegiaco, dum halo espirital de sonho. Lembra, a um tempo, n'essa estranha analogia, os pesadelos d'opio, de Quincey, e os *Amores dos Anjos*, de Moore, os *Caprichos*, de Goya, e as *Sonatas* de Schubert, frementes como lamentos d'almas errantes em florestas lendarias.

A sua Musa é uma Ophelia nostalgica que endoideceu de sonhar e traz ainda, como a de Hamlet, no espanto da demencia, as virginaes flores de idyllo que colheu nos prados feericos onde as fontes somnambuladas cantam as baladas do luar. O emblema symbolico que este gentilhomem das letras poderia usar no sinete, seria uma açucena de pureza, brotando da gangrena d'uma caveira esburgada pelos vermes. Assim, as sofredoras figuras que creou, mesmo quando sob os pés descarpados vão deixando pégadas sangrentas na lama dos caminhos da Miséria e da Desgraça, passam aureoladas de claridade, com as cabeças engrinaldadas de estrelas divinas.

Na ala dos novos escriptores portuguezes e brazileiros, mais notaveis pela originalidade do temperamento e da esthetica, Raul Brandão está na vanguarda. A sua obra, intensamente subjectiva e viva, porque é intimamente sentida, caracteriza-se pelo relevo d'essa prosa só d'elle, acetangula e febril, que parece feita aos bruscos rasgões dolorosos. Forma ductil e nervosa, como nenhuma outra apta para stenographiar o drama complexo desta era de revoltas e de ancias, em que a chymera metaphysica de novo ergue as azas de chama para os nebulosos horizontes do *au-delá*.

Pela commovida interpretação da belleza immaterial do sonho e pela comprehensão philosophica e poetica do sentido da Vida, traspoz a Realidade em sym-

bolos eloquentes e desvendou os intermundios do mysterio, onde a vida transitoria dos homens se prolongou na vida eterna da natureza, e ás proprias coisas inertes dá voz e lagrimas a sublime Dor, mãe do Universo.

E, se para que uma obra valha e fique, é preciso que seja o reflexo da natureza e da vida n'uma alma creadora d'artista, a de Raul Brandão não será de certo ephemera. — JUSTINO DE MONTALVÃO.

(Do Paiz, do Rio de Janeiro).



ACTIVIDADE LITTERARIA

No meio desta repousada mandria que é todo o resumo da actividade nacional, alguma coisa heroicamente se manteve a discordar do cabecear commum: foi a producção litteraria. Por honra dos que se entregam ás altas occupações do espirito, nem as saladas da politica, nem a miseria das paixões, nem a mesma carestia do papel conseguiram pôr estorvos ao movimento litterario, que teve neste 1918 que está a findar um dos seus annos mais fecundos. Acabo de enfileirar nas minhas estantes algumas edições da «Renascença Portuguesa», e só agora, que as vi juntas, reparei na sua valiosa, na sua preciosa contribuição, porque não é só a quantidade, mas a qualidade de aquillo que se editou que merecem um louvor e um registo que nunca serão excessivos. O volume da «Pintura Antigua», de Francisco de Hollanda, commentado preciosamente por Joaquim de Vasconcellos, um dos nossos criticos mais auctorizados e um dos nossos eruditos mais illustres, foi, por exemplo, uma das publicações mais felizes da «Renascença», e não lies mentirei se lies disser que o recebi com verdadeira gula. Outro volume, de alguém que sabe pensar e reflectir para além da medida commum, é a *Lucta pela Immortalidade*, de Leonardo Coimbra, em que com lições proveitosas ha paginas admiraveis, a começar na dedicatória — *A tua dôr era toda do nosso filho: a minha dôr era a delle e a tua...* Ainda outro, a *Nova Teoria do Sacrificio*, de José Teixeira Rego, que com rara probidade e perfeita independencia submette o seu trabalho ao exame dos estudiosos, num elevado culto pela verdade. Outro ainda, *Dom Pedro*, de Coelho de Carvalho, verdadeiro livro de Historia, ao contrario do que o auctor affirma, e de Historia no

que, especialmente para nós, portuguezes, ella pode ter de mais interessante. Mais outro, *Vida Americana*, de Alberto Amado, um dos melhores livros que sobre o grande povo que tanto contribuiu para a victoria da Liberdade se tem escripto em portuguez, enfileirando esplendidamente com a *America do Norte*, de Alfredo de Mesquita. Mais outro, *Nas Trincheiras da Flandres*, de Augusto Casimiro, livro de um soldado e de um artista, precioso depoimento sobre o valor não extinto ainda, da raça portugueza. *Entre giestas*, de Carlos Selvagem, quadro excellente da vida rural, que as plateias galardoaram e a critica applaudiu. *O ensino como factor do ressurgimento nacional*, notavel conferencia de Antonio Sergio, em que o problema do ensino é tratado com uma segurança perfeita. E enfim os dois volumes de Ezequiel de Campos, *A evolução e a revolução agraria*, e *Leivas da minha Terra*, que nenhum portuguez, verdadeiramente interessado na grandeza do paiz e na sua independencia economica, devia deixar de lêr, de meditar e de seguir.

Como se vê, não ha uma obra futil, não ha uma ninharia, não ha uma dejectanfancia, como tantissimas que ahí diariamente aggravam a crise do papel, e esta selecção, este criterio de escolha, este escrupulo, não são das coisas que com a audacia do numero menos mereçam o mais caloroso applauso, pois que a orientação litteraria bizarramente corresponde a actividade editorial.

Mas a acção da «Renascença Portuguesa» não foi isolada. Vei-o-hemos a seu tempo. — GUEDES DE OLIVEIRA.

(Do Primeiro de Janeiro).



L. A. Pereira da Silva — *A Astronomia dos Lusíadas (L'astronomie des Lusíades)*. Un vol. in-4, de XIV-230 pages, avec nombreuses figures et 8 illustrations hores texte.

De tous ces grands voyages de découverte, voyages de circumnavigation du globe, comme ceux dont nous venons de parler, et voyages antérieurs accomplis dans le but de rechercher des voies maritimes pour les Indes, un seul a eu la chance et l'honneur d'être longuement chanté par un des plus grands poètes du monde. On ne peut certes pas accepter le

poème de Camoens (Camões) pour une fidèle chronique du voyage de Vasco da Gama, en sorte que si nous faisons abstraction de sa valeur artistique, nous ne pouvons guère en faire une source scientifique d'histoire de la géographie. Mais les grands poètes, précisément parce que ce sont des esprits supérieurs, peuvent offrir des côtés que intéressent l'historien de la science, et c'est ce que nous trouvons en effet chez Camoens. Dans un siècle, où, en Portugal et ailleurs, l'astronomie nautique était en plein développement, il était naturel qu'un poème consacré principalement à des faits concernant la navigation vers des terres inconnues contint de nombreuses idées astronomiques. Et c'est ce que nous montre précisément M. Pereira da Silva. Mais l'auteur du beau livre que nous avons devant les yeux ne se borne pas seulement à cela: il nous montre aussi la valeur astronomique des citations de Camoens et, examinant les sources et le développement de l'astronomie contemporaine, il donne un tableau exact et complet de l'état de cette science, surtout dans ses applications nautiques, peu de temps avant la grande révolution qu'y ont opérée les travaux de Copernicus et des coperniciens. C'est ainsi que M. Pereira étudie les ouvrages, importants alors, de Pedro Nunes, le traducteur portugais de Sacrobosco et de Peuerbach et auteur d'ouvrages originaux; passe en revue d'autres traités et almanachs contemporains et, ayant toujours pour guide et pour source les passages astronomiques des *Lusiades* et les opinions de Camoens, il nous parle des conceptions sur la nature de la grande machine du monde, sur le mouvement de la huitième sphère, des connaissances relatives aux étoiles et aux planètes, de l'usage des astres dans la détermination des temps et des lieux, des instruments alors en usage, surtout pour des fins nautiques, et plus particulièrement de l'astrolabe dont se servaient les Portugais; et enfin du nouveau ciel méridional qui put finalement être exactement connu, grâce aux voyages dans l'hémisphère Sud. Le dernier chapitre, où l'auteur confronte l'astronomie de Dante et celle de Camoens, offre un intérêt spécial. A cette occasion, il discute longuement une question qui a fait l'objet d'une longue étude de F. Angelitti publiée dans «*Rivista di Astronomia*» (nées 1912 et 1913) et dont il donne de nombreuses citations. On sait qu'en sortant l'enfer et immédiatement avant de rencontrer Caton, Dante observe quatre étoiles, «non viste mai

fuor che alla prima gente»; de ces étoiles il parle encore plus loin lorsque, 14 heures environ plus tard, il vit la place où elles avaient été, occupée par trois autres étoiles différentes. On disputa beaucoup pour savoir quelles furent ces quatre étoiles qui embellissaient tant le ciel méridional de Dante, et de récents commentateurs pensaient généralement, jusqu'il n'y a pas longtemps, qu'il s'agissait de la Croix du Sud. Il semble pourtant que que cette opinion ne soit pas fondée, surtout après les calculs de visibilité, longs et compliqués, institués par M. Angelitti et cités par M. Pereira. Il ne semble pas davantage possible d'identifier les quatre étoiles avec d'autres effectivement existantes, si bien que M. Pereira arrive à la conclusion que les sept étoiles doivent être un produit de l'imagination de Dante qui les identifie respectivement avec les quatre vertus cardinales et les trois vertus théologiques. En somme, et à part la divination présumée de Dante, c'est aux Portugais que revient le mérite d'avoir dans les dernières années du XV^e siècle, distingué à part la Croix du Sud, de s'en être servi pour des déterminations horaires comme dans le même but on se servait de la Petite Ourse dans l'Hémisphère Nord, et c'est à Camoens que revient le mérite d'avoir le premier mentionné ce fait dans un grand poème. *Roma, Università.* — A. MELI.

(Da *Scientia*).

○

VIDA HERÓICA

Acabamos de receber um livro que vale alguma coisa mais que as insulsas páginas que escritores sem destino terrestre delinido e sem uma intuição larga dos ritmos da existência, derramam pelas redações, esperando encontrar, junto dos jornalistas prodigos, os adjetivos que a sua triste fome reclama. É seu autor Augusto Casimiro que o escreveu, á luz da sua fé patriótica, sentindo o génio da raça a cantar-lhe no coração as estâncias rutilas do Epico.

Intitula-se *Nas trincheiras da Flandres* e embora seja bastante irregular na linha flexuosa da sua composição, no entanto, anima-o um tão sincero sopro de verdade que ele parece concebido todo sob o mesmo fulgor de inspiração. É bem a alma generosa e forte de Augusto Casimiro que translucidamente se revela, afo-

gueando os hesitantes e os tibios, incitando-os a sobreporem-se a passageiras incertezas, para mais alto colherem os fructos do seu esforço crente!

Quando a nossa participação na guerra era ainda uma hipótese, em torno da qual os morcegos esvoaçavam, desenhando no crepúsculo zigue-zagues confusos de pavor aziago, Augusto Casimiro, todo no amor da figura imaculada de Nun'Alvares, escreveu um poema que, sendo palpitante como o seu moço entusiasmo, tinha o vôo soberbo de uma profecia.

O seu livro de hoje, atravessando todas as provações de um ano de batalhas, reparte-se por «instantes» em que o soldado, sentindo a vida sempre às portas da morte, se concentra em si como numa fortaleza, para mais rijamente dominar o mistério do seu ser, criando a certeza invencível do seu braço.

— «No meu abrigo, nas horas de calma, nas longas noites brancas, o escrevi aos pedaços, esquecido da literatura e de mim. Ninguém procure nêle visões teatrais de epopéia. Não as vi na guerra. Só as vê quem nunca fêz a guerra, esta guerra, se-ñhores!»

Estas palavras mostram perfeitamente que Augusto Casimiro não se propoz metáforisar os temas de que usualmente os mestres de retórica belica costumam tirar os seus clássicos efeitos tamborecos. O seu intuito, aparentemente modesto, resulta muito mais nobre. Como soldado, quer conhecer as duras lições da guerra. Visa descer até ao amago do heroísmo, tal como as virtudes militares de hoje o praticam.

Interroga os seus companheiros e ouve-os religiosamente, quando êles desvelam o claro-escuro em que se agita o seu instinto de luta, colhendo confissões que valem como documentos raros da aspera realidade que umas vezes se afigura pesadelo, outras se apresenta nítida como a superfície de um espelho. Quão belas notas êle não regista, ouvindo o silencio das coisas que assistem ao grande drama, na angustia da sua dôr sem palavras!

Dizia Epicteto que, em qualquer parte do mundo que nós estejamos — masmorra, deserto ou mar tormentoso — sempre nos podemos achar em comunhão com o resto dos homens. A nossa simpatia aproxima-nos rápida das selvas dos povos.

Augusto Casimiro, escrevendo na trincheira, encontra no seu pensamento um incomparável agente de ligação. Não é um isolado que, na solidão, se delicia em viver só, fechando-se sobre si próprio,

para mais de perto medir a vastidão do seu egoísmo.

O seu espirito desabrocha-se em eternecimento humano; projecta-se através todas as barreiras para afirmar esta verdade — que um soldado que na guerra combate por uma causa nobre, em face da sua consciência, coloca-se no vertice do sacrificio, a fim de que o seu corpo e a sua alma sejam um compendio de perfeita humanidade. — JOAQUIM MANSO.

(De O Efemero e o Eterno).

O

LETTRES PORTUGAISES

Leonardo Coimbra: *A Luta pela Imortalidade*; Renascença Portuguesa, Porto. — José Teixeira Rego: *Nova Teoria do Sacrificio*; Renascença Portuguesa, Porto. — Memento.

Au regard de la crise actuelle, qui doit aboutir à constituer définitivement la Conscience humaine sur des bases universalistes, les idées de M. Leonardo Coimbra, et spécialement son nouveau livre: *La lutte pour l'immortalité*, marquent un progrès certain sur tous les systèmes antérieurs, tous plus ou moins entachés de statisme et d'absolutisme. Pour lui, la vie est relation, l'amour est relation, Dieu est la relation de chaque âme avec toutes les âmes. Il réclame, au nom de tout être aspirant par nature à se surmonter lui-même, une mémoire intellectuelle volontaire qui réalise progressivement l'unité entre les multiples composantes de la sensation. Cette mémoire atteint dans l'homme le haut degré de la conscience personnelle.

«Or, l'homme emplit désormais les mondes de sa présence, et toutes les irradiations du spectre dessinent dans l'Univers l'image de l'Homme».

Comme en voit, M. Leonardo Coimbra va plus loin que Bergson, qui superpose en quelque sorte à la mémoire pure une mémoire motrice et biologique, plus loin que Maeterlneck impuissant à découvrir la véritable relation religieuse avec le Mystère. Or, il ne convient pas de placer le Mystère au-dessous de la Conscience, mais de le pénétrer d'une volonté univer-

selle d'harmonie, d'une expressive et totale fraternité.

Dès son premier livre, *Le Créationnisme*, qui était un essai de synthèse philosophique, M. Leonardo Coimbra en arrivait, dans ses conclusions optimistes, à considérer le monde comme une société d'êtres spirituels impérissables.

Dès le début de son nouvel ouvrage, il insiste sur la nécessité de bien comprendre les relations de l'expérience scientifique avec l'expérience esthétique et morale. Celle-ci, du reste, ne peut jamais se séparer complètement de celle-là, et l'Art ne doit jamais devenir un messenger, mais simplement une vérité plus profonde.

«Les sensations, dit le penseur portugais, valent par elles-mêmes, quand l'attention peut s'attarder sur elles plus longtemps que pour connaître les activités dont elles sont le signe.

Là débute l'Art.

Dans la Science, la route suivie est celle de la sensibilité vers la conceptualisation, pour retourner à la sensibilité et confirmer la signification intellectuelle des signes sensibles; dans l'Art, le symbole intellectuel (car la Science elle-même est une symbolique) ne vaut que par le fond de richesse sensible qu'il contient».

La Vie, au reste, n'est qu'un continuuel mouvement d'action et de réaction.

«La Science, dit ailleurs M. Leonardo Coimbra, est dès l'origine une œuvre morale, puisqu'elle nous expose un pluralisme unifié, une harmonie d'êtres sociaux.

C'est un effort de la conscience, cherchant, au delà des relations fortuites les véritables relations universelles.

L'Art, respectant la gradation d'êtres que lui indique la Science, cherche une analogie correspondante, une relation sympathique des activités cosmiques. L'art est la Vie *repensée*; il est le complément de la morale; c'est par son intermédiaire que la sensibilité formule ses réclamations d'éternel, organise sa lutte pour l'immortalité.

C'est que la volonté de conscience pénètre l'abîme de part en part. La volonté se développe à travers un perpétuel effort d'harmonie.

L'homme voit, observe et choisit; voilà le moment éthique. La volonté morale est née au moment où elle s'est rendu compte de ses trésors et les a trouvés

inestimables au regard du monde purement phénoménal. Or, la loi sociale n'est pas autre chose qu'une relation de volontés. Elle est la vérité des démocraties. A la volonté isolée des despotes se substitue la Loi issue des volontés solidaires.

Aussi bien, quand une volonté s'affirme destructive des liens de la sociabilité universelle, le devoir est-il de nous dresser contre elle. Devant le crime allemand, ce devoir fut pour tous les hommes de bonne volonté, pour toutes les nations loyales un ordre divin».

Cette philosophie originale, qui envisage chacun de nos concepts comme un potentiel psychique et qui considère le monde comme une immense théorie d'êtres luttant pour leur immortalité, dans une aspiration éperdue de conscience, nous semble s'adapter mieux que toute autre à l'explication de certains phénomènes du temps présent.

Au centre de ces phénomènes est posé le problème redoutable du Bien et du Mal. Or, d'après M. Leonardo Coimbra, le devoir étant une pure option de la volonté, la morale ne saurait être un système de tabous ou d'impératifs sociaux. Faut-il donc recourir à l'idée d'un péché originel pour expliquer l'existence du Mal? En fait, la connaissance ne suffit pas à assurer la rédemption de l'homme: il y faut le sacrifice volontaire.

Un coup d'œil jeté sur nos origines en compagnie de M. Teixeira Rego, qui nous propose une *Nouvelle Théorie du Sacrifice*, peut nous aider à fixer quelques notions sur certains points délicats de notre sensibilité collective.

A la lumière des plus récents travaux exécutés dans le domaine de la préhistoire, de l'anthropologie, de l'histoire des Religions, du folk-lore, M. J. Teixeira Rego étudie les rites du sacrifice dans la tradition des différents peuples et les compare aux mythes religieux, dont ils sont la dramatisation. Or, le sacrifice est universellement répandu. La tradition correspondante doit donc l'être également. Cette tradition est précisément celle du péché originel, et il semble à M. Teixeira Rego qu'elle doive se rapporter exclusivement au changement de régime alimentaire, qui marqua le passage de l'anthropoïde à l'homme véritable. De frugivore, notre ancêtre devint carnivore. Aussitôt certains troubles apparurent dans son organisme; le système pileux, la périodicité sexuelle s'effacèrent; le cerveau se développa, les nécessités de la lutte ai-

gusèrent l'intelligence. La guerre naquit. Ce fut l'origine du bien et du mal. Ce grand événement aurait laissé des traces aussi bien dans la *Genèse* que dans les traditions orphiques et dans les mystères éleusiens, dans l'épopée assyrienne de *Gilgamesh* que dans le *Ramayana*, dans les légendes australiennes que dans les mythes égyptiens ou mexicains.

Aux traditions du Paradis terrestre se mêlent celles du Déluge à titre de châtiement; mais partout le thème de la Chute est le leitmotiv du sacrifice. Parfois la confusion des vocables dans les langues primitives a pu, dans certains mythes comme celui de la *Genèse*, faire substituer l'aliment végétal à l'aliment animal comme cause de la chute; mais il suffit d'étudier attentivement certains détails pour opérer la rectification.

Invariablement le Sacrifice se compose de trois éléments essentiels: 1° le fruit de vie qui représente l'alimentation primitive; 2° la victime qui représente l'animal originellement mis à mort selon les tribus et dont la figure s'est perpétuée dans les totemes; 3° le sacrificateur, l'ancêtre qui mit le premier en usage l'aliment nouveau. Par cet aliment animal, l'homme participait de la nature des dieux: il devenait plus fort; néanmoins l'horreur instinctive de tuer dut contribuer à donner à l'abattage des bêtes un caractère sacré. Pour M. Teixeira Rego la transformation physiologique qui résulte de ce mode nouveau d'alimentation fut si profonde qu'il n'hésite pas à y voir l'origine même de notre espèce. Ces transformations physiologiques durent se trouver complétées par l'invention des boissons fermentées, que l'on trouve également ritualisée dans les religions primitives. L'éminent penseur oublie cependant de rechercher quelles durent être les causes directes de ce changement de régime. A notre avis, le Paradis terrestre, emblème de l'âge d'or et de l'époque frugivore, se rapporte à l'époque tertiaire; l'arrivée des grands froids marqua la suppression brusque des aliments végétaux, récoltés sans peine en toute saison. L'homme dut se faire assassin. Il y gagna des énergies nouvelles: l'habitude du travail, la faculté de s'enrichir, la civilisation, que Rousseau lui-même dénonce encore comme néfaste... Et depuis lors, il n'a jamais cessé de faire la guerre, tout en gardant la nostalgie des âges de paix paradisiaques.

MEMENTO—Parmi les prosateurs portugais anciens, Francisco de Hollanda,

qui écrivait vers 1540, est l'un des plus originaux. Théoricien d'art, il évoque dans ses *Dialogues sur la Peinture*, naguère transposés en notre langue par M. Léo Rouanet, la grande figure de Michel-Ange. M. Joaquim de Vasconcellos édite aujourd'hui, sous ce titre: *Da Pintura Antigua*, l'ensemble de son œuvre.

Avec son minutieux travail sur *Dom Pedro, 8^e roi de Portugal*, M. Coelho de Carvalho nous ramène vers l'une des périodes les plus agitées de l'histoire de son pays. Nous apprenons ainsi à mieux distinguer les raisons qui ont empêché l'unification des peuples ibériques.

M. Carlos Salvagem, dans *Entre Giestas*, drame rural en trois actes, peint la vie des humbles de la terre, et fait parfois songer à Valle-Inclán. L'œuvre est pleine d'un âpre charme.

M. Ezequiel de Campos se consacre aux questions économiques dans la revue *Pela Grei*, et publie une étude éminemment démonstrative: *A Evolução e a Revolução agraria*, qui mérite d'être méditée longuement.

M. Antonio Sergio, dans *O Ensino como factor do Ressurgimento nacional*, préconise de nouvelles méthodes d'enseignement. — PH. LEBESQUE.

(Do *Mercurio de France*).



ANTONIO SÉRGIO: O Ensino como factor do Ressurgimento nacional.

— Un folleto de 53 páginas, de 12 × 18 centímetros. — Oporto, *Renascença Portuguesa*, 1918.

Es verdaderamente fuerte el latigazo que se recibe al leer la conferencia que el señor Antonio Sérgio pronunció en la « Liga de la Acción Nacional portuguesa », pues introduciendo en ella leves y ligeras modificaciones puede aplicarse todo lo que en ella dice a nuestra patria, en la cual los métodos y procedimientos pedagógicos adolecen de los mismos defectos que en la nación hermana.

En una y otra nación, para llegar a un verdadero y positivo resurgimiento, es menester una mudanza de costumbres y una profunda renovación de la estructura social, dándoles objetivos determinados; esta renovación ha de traducirse en reformas sociales, económicas financieras y jurídicas. El profesor ha de conocer con gran claridad esas necesidades del país,

la naturaleza de las reformas que ellas exigen, los fines nacionales que se persiguen para que su trabajo constituya una preparación eficaz de esta renovación de la Sociedad.

Don Antonio Sérgio aboga porque la nueva enseñanza sea instituida como una función que en íntima solidaridad con otras funciones concurre a promover el resurgimiento del país. Que la escuela reformada del futuro actúe sobre los adultos y no solamente sobre los pequeños escolares procurando para ello que dentro de la escuelas exista un gran espíritu de fraternidad, de cooperación y de tolerancia digno de un verdadero centro social, que es lo que debe ser la escuela: que sea en la más perfecta acepción de la palabra, una sociedad.

Todos los que intentem reformar la enseñanza sin mirar desde lo alto, con mirada serena, las necesidades de un pueblo y las del mundo después de la guerra, harán una labor de miopía y de incompetencia.

El deber, por tanto, de la escuela, según el señor Sérgio, es elaborar el ideal nacional y no el de una secta o de un partido. La elaboración de la idea nacional, del plano de vida del pueblo, compete especialmente a las escuelas superiores en las cuales no se debe enseñar solamente, sino que están obligadas a crear ciencia.

Los portugueses, según el conferenciante, carecen hoy de un plan de vida colectiva. Después de demostrar la necesidad de la organización de una orientación nacional, pasa a ocuparse del estado de la escuela en la República portuguesa, dando con toda sinceridad una impresión verdaderamente lamentable del sistema escolar de Portugal, impresión de la que nos permitimos traducir algunos párrafos para conocimiento de nuestros maestros, pues los juicios un tanto duros que el señor Sérgio emite sobre las escuelas portuguesas pueden muy bien aplicarse a las nuestras, en donde todavía se siguen los mismos procedimientos rutinarios que en aquéllas:

«La escuela general existente es una verdadera calamidad pública y una de las causas más poderosas de la triste situación en que nos encontramos; mas como todo en la sociedad es al mismo tiempo causa y efecto, podemos decir que en la escuela se revelan los males orgánicos fundamentales de la comunidad lusitana. La escuela da a la sociedad lo que

ésta le pide. A la escuela no se le pide educación, sino diplomas, y los que esto piden son los antiguos alumnos de las escuelas, es decir, los padres de la juventud que hoy se educa. Ni la sociedad, ni la escuela pueden tirar la primera piedra, y ninguna tiene la culpa de que en Portugal no hubiese surgido hasta hoy, a pesar de tanta revolución política, un verdadero movimiento de reforma social y pedagógica».

Una verdadera reforma pedagógica no puede obtenerse por la acción oficial del Estado exclusivamente, sino que requiere la asistencia, la ayuda, la cooperación del espíritu público, el concurso de todos.

El profesor Palyart, hablando de la situación de las escuelas, dice: «La enseñanza primaria en las escuelas de Lisboa, como en las de todo el país, es inferior, es pésima. Es rutinaria, libresca y dogmática. La memoria es la única facultad que se desenvuelve y el castigo corporal todavía no ha sido abolido. No se estudia la Gramática por la Lengua, sino la Lengua por la Gramática. Las lecciones de cosas no se dan a vista de las propias cosas. La Aritmética se estudia por el libro, la Geometría por el libro.

«Se enseñó así, se enseña ahora también, primero por ignorancia, después por falta de preparación, y por último por necesidad. Los escolares estudian Gramática y desconocen la Lengua, estudian Aritmética y no saben contar, estudian Geometría y no saben medir, estudian la historia de su país y terminan por no conocerla, estudian Geografía y no conocen la tierra que habitan, reciben lecciones de ciencias naturales e ignoran qué comen, qué visten y lo que les rodea. Esto es así porque los programas lo quieren, porque así lo ordena el profesor, porque el examen lo exige así, y con esto se tiene la consciencia del hecho de que se produce una nulidad y no un valor; que fomenta la decadencia nacional en lugar de combatirla».

De estos mismos defectos adolecen los liceos y los establecimientos de segunda enseñanza juntamente con las Universidades, pues según el criterio de ilustres profesores no se ha sabido crear todavía el espíritu universitario, y por lo tanto la verdadera Universidad que, según afirma el ilustre profesor Celestino da Costa, «no es en la realidad más que una serie de meras fórmulas burocráticas sin conciencia de su misión».

Después de analizar los distintos métodos de enseñanza hoy más conocidos, y después de estudiar todas las ventajas y deficiencias que en sí tienen, el autor se pronuncia por un método de enseñanza que tenga como base estos cuatro puntos:

Primero. El estudio del uso o examen e información propositiva sobre un objeto o un hecho concreto o individual.

Segundo. La escuela de los elementos de esas experiencias utilizables en el porvenir y unión mental de la cosa estudiada con otras cosas semejantes (abstracción y generalización).

Tercero. El establecimiento de la ley científica o del pensamiento general y comprensivo que rige esos casos semejantes.

Cuarto. Su aplicación o uso de la experiencia ya científicamente organizada, base de futuros desenvolvimientos.

Sostiene el señor Sérgio que las primeras lecciones en la escuela primaria no han de ser de lectura, sino lecciones de cosas, pero no a la antigua (descripción de los objetos y su fabricación), sino sobre todo el análisis de los fenómenos para que en los espíritus se realice la organización científica de la experiencia. Esto no quiere decir que sea preciso entrar en el interior de un hecho como afirma el señor Bergson, pues esto es, según el autor, una de las muchas metáforas confusas propias de la confusa filosofía de ese escritor francés.

Como resumen de la conferencia del señor Sérgio, podemos dar dos notas precisas y claras: Que para el resurgimiento del pueblo portugués es necesaria una modificación radical y absoluta de los sistemas y métodos de enseñanza; y que el primer paso para conseguirlo es actuar sobre la sociedad portuguesa e ir a la creación de un espíritu público organizado y activo que termine el divorcio tradicional entre el alma del pueblo y los gobiernos. — M. F.

(Do *Estadío*.)

○
 JOSÉ TELXEIRA REGO:
Nova teoria do Sacrifício.
 —Un volumen de 268 páginas, de 12×17 centímetros. Oporto, *Renascença Portuguesa*, 1918.

Este libro es, según el autor, como la introducción a un nuevo sistema de filo-

sófia, pero en la forma que se le ha dado tiene el valor de un ensayo que merece ser estudiado detenidamente.

José Telxeira Rego, autor del volumen que nos ocupa, espera oír las opiniones de la crítica autorizada y competente para dar la forma concreta y definitiva a la *Nova teoria do Sacrifício*.

El rito del sacrificio presenta el fenómeno singular de ser practicado por todos los pueblos, desde los tiempos más remotos hasta nuestros días. La causa que determina estas acciones ha de ser universal y hondísima para producir tal duración y tal generalidad.

Las hipótesis que tienden a explicar esta causa, algunas de ellas ingeniosísimas y con grandes apariencias de verosimilitud, como las de Tylor, Robertson Smith y la de la escuela de Durkheim, tienen el defecto común de justificar el sacrificio en algunos pueblos solamente.

En las primeras páginas del libro se establece un principio que puede servir de clave de la cuestión que se pretende resolver: «Cuando el hombre expone una idea, tiende a dramatizarla por actos». Este principio no sufre excepción y no pasó desapercibido a los sutiles psicólogos modernos.

La civilización va atenuando la exuberancia de los actos concomitantes con la enuncianción del pensamiento. La idea en el hombre del pueblo tiene una mayor dramatización que en el hombre de la ciudad; en el salvaje más intensa todavía que en el hombre del pueblo. Estos hechos, que se dan claramente para cualquier espíritu educado y observador, sirvieron de base a Paul Emile Lévi para una curiosa teoría de la educación de la voluntad. En virtud de esta tendencia que se observa, las primitivas tradiciones tuvieron, seguramente, riquísimos desenvolvimientos dramáticos representativos de las acciones en ellas referidas, que son, sin duda, origen de los ritos.

Los ritos son dramatizaciones de los mitos, esto es, de tradiciones adulteradas, mutiladas, interpoladas, que todavía conservan un núcleo que persiste o varía según determinadas leyes.

El autor apoya estas afirmaciones con el examen imparcial y sereno de innumerables mitos, tradiciones y ritos esparcidos en los poemas cosmogónicos, poemas épicos clásicos, griegos y latinos, y en los estudios sobre el nacimiento de las civilizaciones.

Sí, pues, se llega a la conclusión de que los ritos son representación de los

mitos y de las tradiciones, ¿a qué mito o tradición pertenecerá el rito del sacrificio?

Para hallar solución al problema planteado, el autor sigue el único camino que en buena y atinada crítica puede seguirse; a saber: primero, puesto que el sacrificio es universal, la tradición correspondiente tiene que estar universalmente esparcida; segundo, esa tradición, en su dramatización, ha de dar una forma arcaica del sacrificio de donde fácilmente deriven las diferentes modalidades con sus exageraciones y atenuaciones; tercero, esta tradición debe estar derivada de un hecho casi contemporáneo de la vida de la especie, puesto que el sacrificio aparece desde los más antiguos tiempos.

En una palabra: dada la acción, buscar la idea correspondiente.

Ya desde este punto, Teixeira Rego se lanza a través de los grandes poemas de la humanidad buscando la idea correspondiente a la acción del sacrificio.

El pecado original. Adán, comparado con otra serie de personificaciones parecidas que figuran en distintas religiones, son estudiadas hondamente por el autor. Después de este estudio, analiza la caída del hombre en virtud un alimento vegetal para llevar paso a paso al lector a la conclusión clara y definitivamente demostrada de la caída del hombre por el alimento animal relacionándola con la cuestión sexual.

Los muchos mitos del pecado original que se conocen dan la sensación de que el tema de la caída del hombre tiene en las diversas mitologías una considerable importancia.

Estudiando el otro aspecto del mito de la caída del hombre, encontraremos en seguida su rito, o sea su representación, y en ella las diferentes fases del sacrificio que Teixeira de Rego va siguiendo en todas las religiones para llegar a la conclusión que los mitos del pecado original no sólo de los hebreos, sino de los otros pueblos, eran ecos de la mudanza del régimen vegetal por el carnívoro.

Para probar esta conclusión hace un verdadero alarde de conocimiento de los poemas que nos dan a conocer los primeros aspectos de los pueblos, y de la comparación de los hechos que los poemas contienen, saca pruebas bastantes para documentar lógicamente la «Nueva teoría del Sacrificio», que no viene a ser más que la dramatización del primer pecado. — M. P.

O ENFORCADO — Novelas de Costa Macedo. Desenhos de Correia Dias. Edição da «Renasçença Portuguesa».

Excertos de jornais brasileiros:

«Resta apenas dizer o que me inspirou as reflexões que ahi ficam; foi o livro de novelas do Sr. Costa Macedo, *O enforcado*. Porque esse escriptor, com altas e absorventes responsabilidades de direcção em uma importante casa commercial, vive as maiores horas do seu dia em contacto immediato com as vulgaridades e as asprezas da vida. Esse permanente contacto, porém, nada destróe das suas profundas, radiosas qualidades de artista. Com uma larga visão das realidades tragicas da existencia, elle nol-as descreve, enquadrando-as, frequentemente, num prodigioso contraste, como neste volume acontece, com os risinhos campos de Portugal.

E na perfeição technica da urdidura, na exactidão do dialogo, no esplendor do seu colorido, têm essas novelas alto interesse e o maior encanto.

Aos artistas, realmente dignos desse nome, não ha difficuldades que possam conter e impedir as suas esplendidas affirmações.» — ABNER MOURÃO.

(Do *Páiz*, do Rio.)

«Houve-se o autor de «O Enforcado» galhardamente no desempenho da sua obra, na qual mostrou prezar o idioma vernaculo, mantendo-lhe a pureza compativel com o viver actual, e possuir os segredos da arte de escrever, por feição que as suas narrativas fazem sentir e pensar.

Agradeço-lhe reconhecido o exemplar com que me distinguio, e peço-lhe que me creia — Seu confrade admr. — SILVA RAMOS.

(Da *Gazeta de Noticias*, do Rio.)

«Livro de novellas portuguezas, com o mais accentuado caracter provinciano e campestre. O Sr. Costa Macedo é um escriptor convictamente, enlevadamente e quasi diríamos, impenitentemente regional. Os lustros que já passou no Brasil, as suas viagens, as suas leituras, nada o fez abandonar a predilecção daquelles assumptos e aspectos do torrão natal. Continua a amal-o, tanto com o coração como com a intelligencia. Está longe dele, mas é como se revisse a cada momento e de facto o observa e estuda, pela recordação. Assim, todas as novellas deste vo-

lume se passam entre terras de Minho e Douro, num pedaço de Portugal que elle conhece como as proprias mãos, nos typos, nos costumes, na paizagem. O seu estylo que, ao primeiro exame se afigura complicado e um tanto incerto, adquire depois uma linha methodica e deixa ver como os seus moldes são seguros. Pelo contorno chiello, opulento, de certos períodos e a impetuosidade de certas imagens, faz lembrar a prosa de outro escriptor portuguez e regionalista, o autor pujante dos «Contos da Montanha» e do «Dom Tarouco», Monteiro Ramalho. Outras vezes pela violencia audaciosa e o torneio excentrico da phrase recorda trechos de Fialho de Almeida... Na verdade, porém, não imita uma nem outra dessas fórmãs; e com as suas virtudes de vigor e de colorido, com alguns defeitos, entre os quaes resalta o de certas transições repentinas do preciosismo erudito para a expressão demasido rasteira e popular — é já um estylo definido e proprio, o estylo do Sr. Costa Macedo.»

(Do *Jornal do Comercio*, do Rio)

«*Carolina Augusta, Pobre Florinda, Por causa da capa, a Malfadada* são historietas empolgantes, dramaticas ou tragicas, mas commoivamente humanas.

O estylo, sem embargo de um gongorismo que deve ser ephemero, não consegue esmorecer os trechos mais vigorosos do livro.

Não fica fóra de proposito lembrar que ha poucos dias C. de Figueiredo contestou que em Portugal se pudesse escrever: Uma scena se desenrolou ao pé de si.

Havia em dito que essa era uma construção *portuguezã viciosa* e que ia passando ao Brasil.

O sr. Costa Macedo, que é portuguez, escreve n'este seu livro:

“De que lhe valeria a mãe? Ou, que viria a ser *de si* nas mãos da desgraçada mãe?”

Em Portugal e não no Brasil é que se diz ou se escreve assim: *Que viria a ser d'ella* — é como costumamos dizer. — JOÃO RIBEIRO.

(Do *Imparcial*, do Rio.)

O ESPELHO ENCANTADO

— por *Gomes dos Santos*. Edição da Renascença Portuguesa.

Excertos de jornais brasileiros:

«Seja como fôr, no delicioso livro do sr. Gomes dos Santos ha o espelho encan-

tado da sua alma generosa, reflectindo as coisas numa grande plenitude de luz, em linhas perfectas e tintas harmoniosas. Todo o livro é um encantamento: um rectângulo de prata nitida numa moldura de ouro purissimo.

Não é de hoje que o distincto jornalista gosa da fama de notavel escriptor, nem precisa era esta collecção de delicadas chronicas para lhe consagrar o valor da pena. O seu nome ha muito que entrou para o pouco numero rolo dos que sabem manejar os segredos da lingua e a escrevem com elegancia, clareza e precisão, como artistas da ideia e cinzeladores da palavra. Elle é, de facto, — além de jornalista de alta escola, desses raros que sabem e podem desempenhar cabalmente a sua missão complexa, compulsando todos os assumptos, ventilando todas as questões, esclarecendo e resolvendo todos os problemas, — um estylista de fina linha, com predicados pouco vulgares, para merecer tambem o titulo, tão malbaratado — porque tão ambicionado — de verdadeiro homem de letras.

A sua maneira de escrever é de uma distincção rara. A phrase sae-lhe lapidada, como que assacalada a esmeril, ondeante, fluente, nervosa, vivaz, melodiosa e harmoniosa, como a dos melhores mestres, lembrando talvez a de Ramalho, com um pouco do refinamento elegante de Eça, mas sobretudo talvez com a fidalguia e prosapia da de Anatole, que é o seu mestre incontestavel no modo de pensar, no modo de sentir e mesmo no modo de escrever.

Nessa forma esplendida e rica, mas sobriamente classica, encastoa-se uma philosophia suave em que ha um traço subtil de dilettantismo e um resajo de sceptica descrença. As vezes, a ponta leve do fiorete da ironia que arranha. Outras, o dardo vivo de uma critica que morde. Sempre, a amabilidade galante do artista e do philosopho mundano que tem o culto da elegancia e o respeito do publico que o lê.

E é numero so o publico que lê Gomes dos Santos. As suas chronicas espalhadas por varias publicações literarias despertam sempre o interesse. A sua assignatura, no fundo de um artigo, é uma imposição para os olhos desattentos. O que elle escreve lê-se e guarda-se, para se reler sempre com prazer.»

(Do *Diario Popular*, de S. Paulo.)

• Com este titulo foi editado em Portugal, no principio do corrente anno, um

livro de chronicas de nosso querido companhcero e brilhante escriptor, sr. dr. Gomes dos Santos. A edição, muito artistica, da Renascença Portuguesa, só agora foi posta á venda nas livrarias do Brasil, onde decerto, o publico lhe dispensará o mesmo gracioso acolhimento que o volume, com justiça, encontrou na linda capital das margens do Tejo.

A imprensa lusitana recebem o «O Espelho Encantado», com grandes e merecidos louvores. Os dois jornaes de maior circulação em Portugal, o «Seculo», de Lisboa, e o «Jornal de Noticias», do Porto, em artigos consagrados ao livro do nosso collega, assim opinaram:

«Eis um novo livro de chronicas. Não de chronicas maçadoras, crivadas de citações, mas leves e interessantes a um tempo, taes como o jornal as requer. O chronista brilhante, que é o sr. Gomes dos Santos, publicou-as primeiramente, salvo erro, em periodicos brasileiros. Depois, reunidas, estampou-as em volume, dando-lhe o titulo generico de «Espelho Encantado». O titulo é feliz, mas a prosa não o é menos. Paginas de bello recorte literario, fixam o risonho comentario ao quotidianismo das letras e das letras, esvoaçam em bizarras de paradoxo, accentuam idéas, surprehem attitudes e esboçam ironias. É um livro curioso, excellenté, que se lê com deleite».

(Do *Jornal de Noticias*).

«Livro de um jornalista distinctissimo, as suas trinta chronicas, de uma encantadora leveza, lêem-se num prazer crescente e são da maior oportunidade, pois que todas analysam e criticam acontecimentos dos nossos dias, muitos dos quaes prendendo-se á guerra, o mais importante delles».

(Do *Seculo*).

Muitos outros jornaes e revistas portuguezas consagram ao «Espelho Encantado» as mais elogiosas referencias.

O novo livro está já á venda em todas as livrarias de S. Paulo, sendo de esperar que obtenha o successo que sempre aureolou os trabalhos do illustre chronista».

(Do *Correio Paulistano*).

VIDA AMERICANA — Alberto Amado — Renascença Portuguesa — Porto — 1918.

A influencia que os norte-americanos estão exercendo no velho mundo faz-se sentir em Portugal tambem. Ha uma grande curiosidade por tudo quanto diz

respeito ao formidavel povo que parece destinado a chefiar d'aqui para diante o carro da civilização. E os livros de impressões da vida americana succedem-se transmitindo uns aos outros o condão de interessar vivamente o publico. Este do sr. Alberto Amado é mais um da já numerosa série. Estuda com sympathia todas as virts manifestações dos Yankees, e procura, frisando os contrastes, mover a rotina europea á adopção do regimen de vida social e moral do povo invejado. Seria possivel isso se fosse possivel tambem dar ao europeu, n'um «coup de baguette» á Mephisto, a viril mocidade de que gosa o americano.

(Da *Revista do Brasil*).

TRATADO DA PROPRIEDADE LITERARIA E ARTISTICA, (direito interno, comparado e internacional) — Visconde de Carnaxide — Renascença Portuguesa — Porto — 1918.

A complexa questão da propriedade litteraria e artistica merece cada vez mais a attenção de juristas e legisladores. A industria moderna creou taes processos mechanicos de reprodução, phonolas, pianolas, cinemas, gravura, moldagem, etc., e esta industrialização determina uma tal valorização das obras d'arte, que em todos os paizes se fez mister reformar preceitos obsoletos e crear leis novas que attendam ás novas relações creadas entre artistas e editores. Em Portugal, como entre nós, só ultimamente se tem curado disso, porque somente nos ultimos tempos é que se tem introduzido com algum elasterio este industrialismo artistico. A falta de obras que ventilem a questão é notoria, de modo que esta do sr. de Carnaxide vem prestar um evidente serviço não só ás letras juridicas portuguezas como tambem, subsidiariamente, ás nossas, inda mais pobres neste pormenor. Constitue um alentado volume de quinhentas e tantas paginas onde os estudiosos encontrarão abundante material para suas locubrções.

(Da *Revista do Brasil*).

NAS TRINCHEIRAS DA FLANDRES — Augusto Casimiro — «Renascença Portuguesa» — Porto — 1918.

O autor escreveu este livro nas trincheiras. Tem pois o valor das coisas vivi-

das. «Amontoado de notas sem linha geral ou intenção precisa, marca-o a sinceridade das coisas vividas. No meu abrigo, nas horas de calma, nas longas noites brancas, o escrevi aos pedaços, esquecido da literatura e de mim. Ninguém procure nelle visões theatraes de epopeia. Não as vi na guerra. Só as vê quem nunca fez a guerra, esta guerra, senhores! Eu não podia vê-las... E não quero merecer-me e aos meus camaradas de França, a indignação com que na tribocheira lêmos os logares communs dos chronicistas ausentes, palavrosos escrivães que não sabem o que seja a austera severidade dos que cumprem o seu dever na lama, no sangue, em luta consigo e com todas as forças tumultuosas e miseraveis... Perto da Morte, — essa que nos ensinou graves silencias...»

E o livro todo é assim ás soltas, fragmentario, de impressões ora alacres ora dolorosas, dando da guerra uma idéa bem diversa da corrente. Já o hoje celebre livro de H. Barbussé—«Le Feu», pintando-a com a crueza da verdade nua, muito contribuiu para espanejar-nos do espirito a impressão falsa que todos temos da guerra, oriunda do fariante e empenhado napoleonismo. Agora este, de Augusto Casimiro, vem trazer seu quinhão de desencantamento. Abençoados livros! Pintar a guerra tal qual ella é, é o meio mais seguro de combatel-a.

(Da Revista do Brasil).

DA PINTURA ANTIGUA— tratado de Francisco de Hollanda escrito em 1548 e agora publicado na primeira edição completa por Joaquim de Vasconcelos, Renascença Portuguesa, Porto, 1918, 352 pag., \$20.

O tratado da *Pintura antiga* cremos que seja um dos mais valiosos e estimaveis productos que vieram ao mundo de uma intelligencia portuguesa; e agora, que sofremos um eclipse de disciplina intellectual e de saber, e um auge de sentimentalismo chauvinista e de ignorancia charlatanesca, vem a proposito divulgar a obra de um legitimo representante dos belos tempos em que, aspirando á cultura universal e enciclopedica, a elite portuguesa — «estrangeirada» na mais bela accepção do termo — se iniciava no labor fecundo dos grandes centros da Europa culta, afirmando, nessa adolescencia magnifica que não chegou á virilidade plena, um luminosissimo ideal de disciplina de

razão. A universal cultura, o objectivismo, a intelligencia clara e disciplinada, o espirito critico discriminante (caracteristicas do homem verdadeiramente civilizado que convergem na realização de uma forte moralidade) tiveram em Francisco de Hollanda um campeão e um expositor dos mais cabais e admiraveis. Só nos compete falar da obra á luz do criterio desta revista, social e não estetico; e porisso diremos que os capitulos VIII, IX e X deveriam ser lidos por todos os Portugueses do nosso tempo. «Muitas sciencias e noticias — diz Hollanda — conveem ao pintor de quem falo para perfeição de sua virtude, e, quando não puder todas saber compridamente (que melhor seria) deve ao menos de não ser ignorante delas, e de cada uma por si ter boa parte de noticia» (p. 83). A cultura universal é pois a primeira caracteristica do ideal humano de Francisco de Hollanda¹; a segunda é o espirito objectivo; porisso o artista procederá «com tanta confiança naquilo (a observação) e com tão pouca em si nem nas outras obras que se fazem, que o que fará sem ser examinado pela verdade do natural, ainda que bem lhe pareça a ele nem a todos, este não creará nem terá por bom; e sómente se contente daquellas obras que vir serem ao proprio, ainda que bem parecessem impossiveis e falsas e sem tanto fingimento de galanteria como seriam de sua fantasia inventadas» (p. 88-89). Espirito critico, proporção, intelligencia, clareza, discriminação, constituem o terceiro rasgo do verdadeiro escol da humanidade: «d'all aprenda a grandeza e severidade de invenção; d'all a simetria e prudentissima proporção de cada parte e membro das suas obras; d'all a perfeição e decoro², dando a cada coisa o que seu é; d'all

1 Esse mesmo principio foi ha pouco defendido, num artigo da *Água*, por um artista «estrangeirado» dos nossos dias, o sr. Viana da Mota. E é ansejo agora, a proposito dos concertos no Politeama, de reconhecer em Viana da Mota uma autentica autoridade, um modelo de probidade intellectual e de verdadeira e sólida cultura, um mestre completo da sua arte. Cá no pais da Charlatania não devem perder-se as occasões — tão rarasimas! — de apontar casos destes.

2 Hollanda chama *decoro* á unidade de concepção e convergencia dos effeitos. Veja-se o cap. xxxviii. Os Portugueses de hoje, incorrigivelmente romanticos e primitivos, sentimentais e adversarios da lógica, devem ler, outrossim, as belas paginas de um grande artista contemporaneo, Carrière, nos seus *Écrits et lettres choisies*, ed. du Mercure de France. «Partout — diz Carrière — triomphe une logique consciente... Rien n'est hasard, tout n'est que logique... La logique est poète, l'incohérence est le caractère de ce qu'on nomme (en art) l'esprit bourgeois».

aprenda a repartir e eleger, e o fugir de mostrar tudo confusamente: d'ali aprendida a fazer muito pouco e muito bem... escolhendo sempre o mais pouco e o melhor entre o melhor, e o despejado e os espaços, fóra dos entricamentos da confusão e do mau eleger» (p. 20). E todos estes dotes e faculdades, todas estas disciplinas intellectuais, toda esta soberba força de espirito e virtude de intelligencia, — teem um fim moral em que convergem: «tudo para doutrina e exemplo nosso... Deve o pintor ser muito discreto e advertido, virtuoso e moderado, tanto em todas as suas cousas e conselhos como na razão das suas obras... A idea na pintura é uma imagem que ha-de ver o entendimento do pintor com os olhos interiores em grandissimo silencio e segredo, a qual ha-de imaginar e escolher a mais rara e excelente que sua imaginação e prudencia puder alcançar, como um exemplo sonhado ou visto em o céu ou em outra parte, o qual ha-de seguir e querer depois arremedar e mostrar fóra com a obra de suas mãos propriamente, como o concebeu e viu dentro em seu entendimento... assi que a idea é a mais altissima cousa na pintura que se pode imaginar dos entendimentos, porque como é obra do entendimento e do espirito convem-lhe que seja muito conforme a si mesma, e como istoilver, ir-se levantando cada vez mais e fazendo-se espirito e ir-se-ha misturar com a fonte e exemplo das primeiras ideas, que é Deus» (p. 84, 81, e 99-100).

Todos devemos agradecer ao sr. Joaquim de Vasconcellos¹ e á sociedade «Renascença Portuguesa» a edição da *Pintura antiga*.

¹ Já este distinto historiador de arte publicara o tratado *Da fabrica que fazeo a cidade de Lisboa*, Porto, 1879; *Da sciencia do desenho*, mesmo ano; e uma edição alemã do tratado, de 1899.

(Da *Pela Grel*)

CAMPO DE RUINAS — de *Augusto de Castro*. Lisboa, 1918. Dentre os livros que se tem publicado sobre a nossa guerra, destaca o do Sr. Augusto de Castro pelo brilho das suas impressões, descritas primorosamente no estilo tão proprio da *Cronica* e do Autor. E, sem duvida, um precioso documento que ficará na bibliografia da grande contenda como um dos mais belos e sentidos.

A AVALANCHE — por *Albino Forjaz de Sampaio*. Lisboa, 1918. Sobre o mesmo assunto, mas com caracter um pouco diverso, pois que a sua maior parte é constituida por artigos anteriores ao *front*, é igualmente interessante este volume, que o Autor dedica a todos que, por entre os maiores perigos e inclemencias, souberam lutar pela sua Pátria, honrando-a e honrando-se.

OSTEOMETRIA PORTUGUESA, I—COLUNA VERTEBRAL. NOVOS SUBSIDIOS PARA A ANTROPOLOGIA PORTUGUESA. — por *A. Mendes Correia*. São dois novos trabalhos do estudioso publicista, que tem já um bom nome na sciencia portugueza: aquele — separata dos «*Anaes da Academia Politecnica do Porto*», este — apresentado ao ultimo congresso de Sevilha.

UM NUCLEO DE TECIDOS — de *Sebastião Pessanha*. Lisboa, 1918. Como paciente coleccionador de tudo o que possa interessar a arte antiga, o Autor dá-nos neste lindo opúsculo um precioso catalogo dos tecidos da sua colecção, illustrando-o com esplendidas gravuras e optimas informações.

WOUNDED OF THE WAR — Lisboa, 1918. São estudos feitos por medicos illustres, no Instituto de Santa Isabel, sobre alguns mutilados da guerra. O opúsculo insere algumas gravuras elucidativas.

REMEMBRANCES — por *Paul Turall*. Barcelona. Numa linda edição, enteiixon o Autor alguns poemas de amor, repassados de emoções sentidas. Quasi todos pequenos trechos liricos, são duma beleza sobria e inspirada.

LA SOCIÉTÉ DES NATIONS — por *Paul Turall*. Barcelona. Estudando a situação da Catalunha perante a Espanha e a guerra, o Autor analisa a orientação idealista do internacionalismo e chega a uma serie de orientações gerais que podiam servir de bases a uma organização social integral e a regras de Moral Internacional.

LENDO ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA — Versos de *Brito Mendes*. Porto, 1918. Inspirado na maneira poetica do Autor illustre da *Ara*, o Sr. Brito Mendes compoz belas quadras, em que mostra o seu enranhado affecto pelas coisas portuguezas.

O MARIDO—*Eduardo d'Almeida*, Guimarães, 1918. É um pequeno episódio dramático em que se debate um caso corrente de amor e orgulho, complicado com um divórcio imposto pelo pai dela, que, afinal, morre de paixão. Há a nota no diálogo certa intensidade.

EL ALMA DE LAS PALAVRAS—por *Felix Restrepo*. Barcelona, 1917. No presente volume faz o Autor um erudito estudo de Semântica geral, definindo semântica a parte da linguística que estuda as palavras sob o ponto de vista da sua significação. Nesse sentido, divide o consciencioso trabalho em tres partes; necessidade do movimento semântico; modos do movimento semântico, classificação lógica; e influencias psicologicas e sociais. Todo o estudo é feito com uma copia extraordinaria de saber e exemplos.

VERSOS DE D. QUIXOTE—*Domingues de Almeida*. Bahia. Depois de immortalizado por Cervantes, o famoso fidalgo da Mancha tem dado razão para mil assuntos literários e tem dado aso a outros tantos processos de inspiração. Na *plquette* que estamos folheando, a figura do nobre cavaleiro anda como um espectro a animar os versos do Poeta.

MUSICA INDU—*Bernardino Gracias*. Lisboa, 1917. É muito curioso e interessante este opusculo, em que se estudam, no seu aspecto geral, os quatro sistemas musicais em voga na India.

O CORAÇÃO DE PORTUGAL—por *A. Campos*—Vizeu, 1917. Encantado pela maravilhosa paisagem da Beira, o Autor dá-nos brilhantes páginas cheias de cor e beleza. Faz grande falta num país como o nosso esta espécie de literatura em que se cria e desenvolve o gosto pelas maravilhas regionais.

ISTO—Versos de *António Maria d'Oliveira*—Lisboa, 1918—Num curto prefácio diz do livro o illustre escritor, Sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira: «Os versos revelam um espirito duma afeclividade simples, duma emotividade sã, dum impercionismo espontâneo, natural». Somos da mesma opinião.

ORAÇÃO DA RAÇA—por *Manuel de Figueiredo*.—Lisboa, 1918. Evocando nossas grandezas e tentações, o bem da nossa Esperança e o mal da nossa ambição, a Raça, ajoelhada e contrita de seus

erros, pede perdão e uma nova Alma. O Autor soube dar a esta oração uma forma simples e bela.

O INIMIGO—por *José Augusto de Castro*—Lisboa, 1918.—O Autor deste livro, que escreve sempre com o entusiasmo dos propagandistas sinceros, entende que o mal que nos corroe, e é indispensável combater por todas as formas, é o clericalismo. E nesse sentido, com factos e argumentos numerosos, procura demonstrar a sua tese. Absolutamente alheios a discussões desta natureza, apenas temos que verificar a convicção e honestidade com que o autor se apresenta.

CARDOS—Versos de *José Figueira Lopes*.—Porto, 1918.—Trata-se dum poeta novissimo, a quem os 16 anos de existência já deram emoção e lagrimas. Não devemos por enquanto estremar-lhe uma ou outra poesia. Há sem dúvida no presente livrinho uma bela esperança. Se, pois, o autor quer ouvir os nossos conselhos, dir-lhe-hemos que estude, que leia e releia os seus versos, que procure conhecer os grandes Poetas de todo o mundo, e nunca imagine que já sabe tudo, que é unico ou inexcidível. A mocidade d'hoje está quasi nesse pé de genialidade. Seja humilde e será alguém.

CANTARES—Quadras de *Belo Redondo*. Lisboa, 1918—É interessante esta desprezenciosa *plquette* em que o Autor nos dá algumas formosas quadras dum livro inédito.

PINGOS D'AGUA—Versos de *Erico Facó*—Rio de Janeiro, 1918—Não são nada famosos estes conceitos rimados, em que só de muito longe a longe esplesde uma fugitiva inspiração. Vejam, por exemplo este monumento:

Será porque a verdade é como a cega
Justiça, que é amada
De todos e de todos procurada,
Mas, vista á porta, a porta se lhe nega?

Semelhante a isto só estoutra quadra dum nosso semelhante *literato*, de nome Alfredo qualquer coisa Guimarães:

Ó alminhas do pinheiro
Padre Nosso, Avé Maria
Góus! Até um capião
Do 15 de Infantaria.

A desgraçada Poesia, tanto lá como cá, suporta cada um!...

URUPÊS — por *Monteiro Lobato*. — São Paulo, 1918. — É um livro de contos escrito com a exuberância e bizzarria de forma que caracteriza a maior parte dos escritores brasileiros. Há aqui e além passagens que, pela maneira especial da linguagem e especiais referências a termos locais brasileiros, não podemos compreender. No entanto, o dialogo é sempre vivo e afigura-se-nos que a elabulação deve ter autentico interesse.

LAS CIEN MEJORES POESIAS LIRICAS DE LA LENGUA PORTUGUESA — traduccidas directamente em verso por *Fernando Maristany*, Valencia, 1918. Seria mais próprio que o tradutor chamasse a esta recollha simplesmente uma antologia de poetas portuguezes.

É imensamente louvavel uma tal iniciativa, que só engrandece a litteratura portuguesa, dando a conhecer a multos milhares de leitores castelhanos alguns dos primores da nossa poesia, mas parece-nos que não haive o necessário estudo para se poder aceitar o titulo como verdadeiro.

O Sr. Maristany traduziu com optimo brilho, mas isso não basta. Dá-nos, por exemplo, poesias de autores desconhecidos, não falando sequer em Fausto Guedes, João Lúcio, Candido Guerreiro, Joaquim d'Almeida, e outros.

TERRA CONVALESCENTE — Versos de *Mansuetô Bernardi* — Rio de Janeiro, 1918. — É espontânea e clara a poesia do Sr. Bernardi, que parece apresentar-se nas letras com este livrinho simpático. Não exagera a expressão, não abusa do termo *difícil* e tem mesmo sonetos de mérito. Cmpre continuar.

10 DIAS DE PENITENCIÁRIA — por *Luis Filipe da Mata*. — Lisboa, 1918. — No pequeno opusculo descreve o Autor os precedentes e consequentes da sua prisão, por motivos políticos, em 8 de Dezembro de 1917 «quando, no cumprimento do seu dever, colhia informações no Hospital de S. José sobre as vítimas da revolução».

AS PERTURBAÇÕES MENTAIS NO TIPO EXANTEMÁTICO — por *A. de Pinho e Alberto Saavedra*. A recente epidemia deu aso a vários estudos e artigos publicados nas revistas da especialidade. A presente separata do «Portugal Médico» contém valiosas notas subscriptas por dois dos mais distintos e estudio-

sos alunos da faculdade de medicina do Pôrto. Há mesmo a salientar uma bella fórma literária.

VULTOS DO MEU CAMINHO — por *João Pinto da Silva* — Porto Alegre (Brazil), 1918. — Andamos tão pouco habituados a vêr a gente do nosso tempo prestar justiça aos seus contemporâneos, que é sempre com verdadeira simpatia que acolhemos livros como este em que se faz o elogio de autores ainda vivos ou falecidos há pouco. O Sr. João Pinto da Silva, que escreve bem, critica, entre outros, Vicente de Carvalho, Euclides da Cunha, Verhaeren, Alcides Maia e Mirbeau.

ANACRISIS HISTORIAL — Pôrto, 1918 — Proseguido na benemérita publicação de manuscritos inéditos, a Bibliotheca Municipal do Pôrto dá-nos agora o volume IV da 2.^a parte da Anacrisis historial, com os últimos capitulos do Episcopologio de la Sancta iglesia de o Pôrto.

VERDADES AMARGAS—A COMÉDIA DA VIDA—MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES — por *Oldemiro César*. — Lisboa, 1918. — São tres livros repletos da febre, azedume e ironia dum dos mais distintos jornalistas portuguezes que, no trabalho extenuante das gazetas de Lisboa, vem queimando dia a dia a sua mocidade e as suas aspirações. Em artigos de jornal, entrevistas, ou conferências Oldemiro César põe sempre a mesma elevação de pessoa digna, a quem as misérias sociais perturbam e agitam. É assim vai trabalhando incessantemente e cada vez melhor.

EUGENIO DO CANTO — Numa separata da Academia das Sciencias, o Sr. *Alvaro Neves* faz minuciosa noticia bibliografica do «nobre micaelense Eugenio do Canto que ao seu braço de armas adicionava o timbre de excessiva modestia».

QUADROS E ESCULTURAS existentes na Academia das Sciencias de Lisboa em 1834 e 1917 — é outra separata do Sr. *Alvaro Neves*, que no seu intelligente trabalho inventariou todas as peças iconograficas e artisticas em pintura, escultura, fotografia e desenho que ornamenta as salas da Academia.

RELAÇÃO DA EMBAIXADA A FRANÇA EM 1641 — *João Franco Barreto*. Reimpressa em 1918 por Carlos

Roma do Bocage e Edgar Prestage. O precioso volume começa pela inserção do parecer do Académico Coelho de Carvalho acerca da sua reimpressão. Traz a seguir um extenso Prefácio e Introdução, da autoria do general Bocage. Vem depois a *Relação* da viagem e logo após numerosos documentos elucidativos da responsabilidade do ilustre escritor inglês Sr. Edgar Prestage, que é também o autor dos apontamentos biográficos do pessoal da Embaixada. Completam o volume uma lista dos personagens e lugares citados, de Carlos Bocage, e um belo mapa do itinerário do Monteiro-Mór.

REVISTAS

PELA GREI — Lisboa. N.º 5, 1918. É o seguinte o sumário deste n.º da bela revista de António Sérgio: *Dextrigrados e Sinistrigrados*. A SITUAÇÃO ECONOMICA: *Falencia: Remedios da crise economica*, por Ezequiel de Campos. A SITUAÇÃO INTELECTUAL: *O ensino industrial como elemento intensificador da produção*, por António Arroyo. *Reformas de instrução*, por A. Celestino da Costa. A SITUAÇÃO MORAL E SOCIAL: *O morbo g-u-l-l-s*, por António Sérgio. COMENTÁRIOS: *Ideas e Factos*, por E. C. e A. S.

AGROS — Lisboa. N.ºs 6, 7, 8 e 9. Junho a Setembro de 1918. O sumário deste fascículo é: Sobre ensino agrícola — Azevedo Gomes; O Ministério da Agricultura — D. Luis de Castro; A economia agrícola — Alonso Ferreira Cabral; A cultura da amendoeira na região duriense — A. Massa; As águas e irrigação no Douro — Ezequiel de Campos; A criação duma adega regional — Caetano de Sousa; Museu comercial — Paula Leite; O affecto pela terra — Candido Duarte; O caminho a seguir — Candido Duarte; A questão do pão — Alfredo Borges; A frequência do Instituto Superior de Agronomia — Nuno de Gusmão; Consultas e respostas; Respostas ao Questionário: Nona — M. B. Braga e R. H. Franco; Restrição do plantio da vinha — Caetano de Sousa; Para um plano de politica nacional; Instruções; A classificação das madeiras — J. Gardé Alfaro Cardoso; Tractores — Freire de Andrade; Pelos prelos; Factos e notas.

BOLETIM OFICIAL DO MINISTÉRIO DE INSTRUÇÃO — Lisboa, n.ºs 20 a 22, Outubro a Dezembro de 1917. Sumário: P. J. da Cunha — Universidade de Lisboa — a sua missão oficial; F. Adolfo Coelho

— O ensino secundário; Goulart da Costa — Escola de História, Geografia, Língua e Literatura portuguesa em Honolulu; Escolas primárias existentes em 31 de Dezembro de 1915; Secção oficial.

REVISTA DO BRASIL — S. Paulo. N.ºs 31 a 34, Julho a Outubro de 1918. — Artigos e poesias principais: Oliveira Vianna — As pequenas comunidades mineiras; Firmino Costa — Vocabulário analógico; Mario Sette — Clarinha das rendas; Afranio Peixoto — A antiga e a nova medicina: a hygiene; Mario de Alencar — Poesias; Vicente de Carvalho — Luizinha; Mario Pinto Serva — O Algodão e o futuro do Brasil; Ricardo Gonçalves — Poesias; Bibliografia; Resenha do mês.

REVISTA AMERICANA — Rio de Janeiro, n.ºs 10 a 12 (Ano VII), n.º 1 (Ano VIII) — Julho a Outubro de 1918. Rio-Branco — Biografia do Visconde do Rio-Branco; Alvaro de Oliveira — Finanças brasileiras; Dario Galvão — A ponte; Araujo Jorge — Historia diplomatica do Brazil holandez; Hector Leguizamon — A Diplomacia do Brazil e a Guerra; Basilio de Magalhães — Deante do Mar; Clovis Bevilacqua — Pensamentos de Paz. Aspirações de Justiça; Renato Almeida — O memorial de Lichnowsky; Napoleão Reis — Geografia Selvagem; Notas.

MERCURE DE FRANCE — Paris. N.ºs 488 a 492. Outubro a Dezembro de 1918. Artigos e poesias principais: Rauger Maurice — L'Evolution des Methodes d'offensive de 1915 à 1918. F. Bain — Un Doigt de la Lune. Fernand-Gregg — Avant la Victoire; René Cruchet — La Crainte du Danger chez le combattant. Paul d'Olan — Les Rêves; Guillaume Apollinaire — L'Esprit nouveau et les Poètes; Blaise Cendrars — Le Film de la Fin du Monde; Jules Romains — Sur les conditions actuelles du Théâtre; Reve de la Quinzane.

BOLETIM DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA — Madrid. Cuadernos XXIV e XXV. Outubro e Dezembro de 1918. Artigos principais. Gisbert — Conocemos el texto verdadero de las comedias de Calderon?; Alemany — De la derivacion y composicion de las palabras en la lengua castelhana; Emilio Cotarelo — Dramáticos españoles del siglo XVII; Gaspar Remiro — Los manuscritos rabínicos de la Biblioteca Nacional; Acuerdos y noticias de la Academia; Bibliografia.

REVISTA CASTELLANA — Valladolid, n.º 27, 1918. Artigos e poesias principais: Alonso Cortés — Manuel del Palacio; José Sánchez Rojas — Sonetos; José Zurita Nieto — Las coplas de nueve versos en la poesía castellana del siglo XV; Luis Maldonado — De mis memorias: El cantón salmantino; Registro bibliográfico; Notas y comentarios.

IDEARIUM — Bilbao. N.º 13 a 15. Junho a Agosto de 1918. Sumario. Julio de Lazurtegui — Una distinguida personalidad Belga en Bilbao; F. de la Quadra Salcedo y Alcalá Galiano — La Cueva prehistórica de Basondo y sus pinturas. Esta revista é órgão do Circulo de Belas Artes e Ateneu de Bilbao.

REVISTA DE FILOGIA ESPAÑOLA — Madrid. Tomo V. 1918. Caderno 3.º Julio a Setembro. Sumario: Menendes Pidal — Sobre las vocables ibéricas *e* y *o* en los nombres toponimicos; Americo Castro — Alusiones a Micaela Luján en las obras de Lope de Vega; Miscelanea; Notas Bibliograficas; Bibliografía.

BOLETIN DE LA REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA — Madrid. Tomo LXXIII. Cadernos V e VI. Novembro e Dezembro de 1918. Artigos principais: Ramon Mérida — Antigüedades ebusitanas; Antonio Ballesteros — Un detalle curioso de la biografía de Alfonso X el Sabio; Creacion de Comisiones de Monumentos en la zone de Marruecos de influencia española; Vicente Lampérez — El Monasterio de Veruela; Variedades; Bibliografía; Documentos; Noticias.

LA REVISTA — Barcelona. N.º 74 a 78. Outubro a Dezembro de 1918. Artigos e poesias principais: Rucabado — Jurisdicciones; Miguel Ferrá — Elegía I de Tibullus; Divoire — Estrategia literaria; J. Crexells y Vallhonrat — La filosofia moderna y el pragmatismo; Manuel Reventós — La Guerra y el Parlar; Manuel Giral d'Arquer — Prosa literaria; Joan Estelrich — El sentiment trágic de Sören Kierkegaard.

LA REVISTA QUINCENAL — Madrid. N.º 43 a 46 e 48. Outubro a Dezembro de 1918. Artigos principais: Vizconde de Eza — La orientacion economica inglesa; Eugenio Griselle — El espíritu otomano en Alemania; Dr. Eduardo Nunes — La situación religiosa en Portugal; Carlos te Goffic — Shakespeare y Cervantes en

Iprés; José Subirá — La musica flamenca; Escuela Contemporanea; Ramon Carall — La propiedad literaria; George Blondel — Lo que piensan los alemanes; Revista de Revistas.

LA LECTURA — Madrid. N.º 214 a 216. Outubro a Dezembro de 1918. Artigos principais: Antonio Carballeira — Religion comparada: Religion y religiones; N. Tasin — La revolucion rusa; Romera-Navarro — La Prensa norte-americana y la liga de naciones; Adolfo Posada — El espíritu de Wilson y la politica española; Jorro y Miranda — La funcion docente del Estado; Rivera y Pastor — La Sociedad de las Naciones; Notas; Bibliografía.

CUBA CONTEMPORANEA — Habana. N.º 1 a 4. Tomo XVIII. Setembro a Dezembro de 1918. Artigos principais: Carlos Revilla — Leyes nuevas; F. Rodriguez — Clemenceau; Francisco del Valle — El clero en la Revolucion cubana; Willy de Blanck — Gotas de Sangre (Novela); Julio Villoldo — Rusia y la Democracia; Manuel Sanguily — La obra tribunicia de Sanguily. Juan Godea — Causas del derrumbamiento de Rusia; Mario Pereira — La contribucion en Cuba; Notas editoriales.

LA ACTUALIDAD FINANCIERA — Madrid. N.º 835-844 — Outubro a Dezembro de 1918. Revista de informaçao semanal, publicando em cada número: Balance Semanal; La Semana del quinquenio; Informacion; Dividendos anunciados; Revista de bolsas; Sorteos de amortizacion; Propiedad industrial; Revista de Mercados; Impresiones de Paris; Bolsa de «Actualidad financiera», etc.

ESTVDIO — Barcelona. N.º 70, 71 e 72. Outubro a Dezembro de 1918. Artigos e poesias principais: Edmundo Gonzalez-Blanco — Lamarck y el lamarckismo; Ricardo del Arco — Impresiones de Arte; Lirica bengali; El canto de la divina Mama — de Rabindranat Tagore; Carlos Lorenzana — La literatura colonial colombiana; Lirica portuguesa: Atardecer, de Candido Guerreiro; C. Montoliu — La reconstrucion cultural en Francia y en España; Andrés Gonzalez-Blanco — Eça de Queiroz; Lirica belga: Los hnespedes de diciembre, de Emilio Verhaeren; Alrededor de la Paz; Revista de Revistas; Bibliografía.

MODERN LANGUAGE NOTES — Baltimore, N.º 7 e 8, Vol. XXXIII. Novembro e Dezembro de 1919. Artigos principais: Moore—Robert Mannyng's use of 'do' as auxiliary; Upham—Rabelaisianism in Carlyle; Brown—Dialogue between a Clerk and a Husbandman; Tolman—Shakespeare Studies; Whitford—Madame de Staël's literary Reputation in America; Reviews; Correspondence; Brief Mention.

OUTRAS PUBLICAÇÕES — Relatório dos actos da trigesima direcção do Cen-

tro Comercial do Porto, relativo ao ano de 1917.

Dados astronomicos para os Almanaques de 1919, para Portugal.

A questão do calçado — inquerito sobre as causas do seu encarecimento mandado fazer pela secretaria do Interior.

O consumo em Lisboa dos principais generos alimenticios e combustiveis. — Inquerito pela secretaria dos Abastecimentos.

Relatório Geral dos actos da Junta Patriótica do Norte, desde o 15-3-16 até 31-12-17.

FIM DO XIV VOLUME

ÍNDICE DOS AUTORES

Alfredo Faria	136	Leonardo Coimbra, 65 e	129
Angelo Ribeiro	126	Luciano Pereira da Silva, 49 e	85
Antonio Arroio (Trad. de), 25 e	107	M. F., 81, 160 e	162
Antonio Carneiro, 16-A e	100-A	Mario Beirão	97
Correa da Costa	43	Mieli	156
D. Miguel Soto-Maior	64	Philéas Lebesgue, 79 e	158
Guedes de Oliveira	156	Pedro D. Costa	132-A
Jaime Cortesão	102	Raul Brandão	5
Joaquim d'Almeira	15	Raul Marçal Brandão	148-A
João Penha	135	Ribeiro Cristiano, 116-A e	148
Joaquim Mauso	157	Severo Portela (Filho)	32-A
Joaquim de Vasconcelos	98	Vieira da Cunha	78
Justino de Montalvão	156	Virgílio Correia	59

ÍNDICE DA COLABORAÇÃO

LITERATURA

Fialho d'Almeida	5	XXX—O Regimento dos bilionarios	113
Perfis:		XXXI—Numa Vila de Provincia	117
A Fiandeira	15	XXXII—Com os Sommes	120
Tecedeira	16	XXXIII—As Tres Mesuras	123
Lua	18	«Os Ultimos» do Visconde de Vila-Moura.	43
Moleirinha	19	As Estrelas nas Poesias de Camões, 49 e.	85
Pastora	20	Regresso	97
Mendiga.	21	Francisco de Holanda	98
Marujinho	22	Egas Moniz (Escerto)	102
Os novos tempos e a sua literatura:		As Sandálias do Poeta.	126
XXIV—O Terrivel Segredo	25	João Lucio.	129
XXV—O Pobre Inocentinho	30	Antero de Quental	135
XXVI—M. ^{me} Berge e a sua creada	34	Folk-lore portuguez—Bruxas e Feticheiras	136
XXVII—A Apologia de Kadir Bakch	40	Sérgio da Silva	148
XXVIII—Um Herói Americano	107		
XXIX—Com a Comissão Industrial Americana.	110		

ARTE

Entalhadores de Lisboa (Séculos XVII-XVIII)—Para a historia da <i>Obra de Talha em Portugal</i>	59	Musicos Portuguezes — III) — Fr. Antonio de S. Joaquim Almeida	64
---	----	--	----

ILUSTRAÇÕES

Retrato	16-A	Olavo Bilac	100-A
Prometeu.	32-A	Na America	108
Pax.	48-A	Sergio da Silva.	116-A
Algumas reproduções á venda na Exposição de Arte da «Renasçença Portuguesa».	64-A	Os Americanos.	118
Outro aspecto da Livraria da «Renasçença Portuguesa».	64-A	Moinho (Granja)	132-A
		Ultimo trabalho de Raul Marçal Brandão	148-A

SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

A Experiência e o Simbolismo do Pensamento	65
--	----

NOTAS E COMENTÁRIOS

O Sô de Antonio Nobre, 75 e	152	Olavo Bilac	151
Navarro da Costa, 77 e	152	Antonio Sergio e Jaime Cortesão	151
Exposição de Arte da «Renascença Portuguesa»	77	Galeria Nacional de Belas Artes	153
		Raul Marçal Brandão	163

BIBLIOGRAFIA

O Enforcado, 78 e	163	Entre Giestas, 156 e	160
Vida Americana, 79, 81, 156 e	165	O Ensino como factor do ressurgi- mento nacional, 156 e	160
Nas Trincheiras da Flandres, 79, 156, 157 e	165	A Evolução e a Revolução Agraria	156
Revistas, 81 e	170	Leivas da Minha Terra, 156 e	160
Outras publicações, 84 e	172	A Astronomia dos Lusíadas	156
Humus	154	Pela Grei	160
Da Pintura Antiga, 156 e	158	O Espelho Encantado	164
A Luta pela Imortalidade, 156 e	158	Tratado da Propriedade Literária e Artística	165
Nova Teoria do Sacrifício, 156, 158 e	162	Varios	167
D. Pedro, 156 e	160		